



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
E LINGÜÍSTICA

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA-BA: ANÁLISE DE <S>
EM CODA SILÁBICA

Salvador
2012

GREDSON DOS SANTOS

**O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA-BA: ANÁLISE DE <S>
EM CODA SILÁBICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Letras e Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota

Salvador
2012

DEFESA DE TESE

SANTOS, Gredson. *O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <s> em coda silábica*. 278 f. il. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Jacyra Andrade Mota (orientadora)

Professor Doutor Dante Lucchesi

Professora Doutora Josane Oliveira

Professora Doutora Norma Lopes

Professora Doutora Suzana Cardoso

Professor Doutor Alam Baxter (Suplente)

Professora Doutora Marcela Torres Paim (Suplente)

Defendida a Tese:
Conceito: Aprovada
Em: 21/ 12/2012

GREDSON DOS SANTOS

**O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA: ANÁLISE
DA VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA**

Salvador
2012

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Santos, Gredson dos

O português afro-brasileiro de Helvécia : análise da variável <s> em coda silábica /
Gredson dos Santos. - 2012.
280 f. : il.

Orientadora: Profª Drª Jacyra Andrade Mota.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2012.

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa - Português falado - Brasil. 3. Negros - Brasil.
4. Língua portuguesa - Palatização. 5. Língua portuguesa - Variação. I. Mota, Jacyra Andrade
II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 306.44
CDU - 81'27

A

Geisa, minha companheira do riso ao choro

AGRADECIMENTOS

Um verdadeiro batalhão esteve ao meu lado me incentivando todos esses anos para que eu concluísse este trabalho. As pessoas mais achegadas sabem e bem. Apesar de todas as limitações que existem no estudo, ele é fruto de um empenho grande e só foi possível em virtude do apoio persistente e generoso que recebi, especialmente nesses dois últimos anos, em que assumi funções acadêmicas que roubaram muito do tempo que eu deveria destinar aos estudos. Assim, **primeiramente registro um agradecimento especial à professora Jacyra Mota**, que tolerou muitos dos meus atrasos e ausências nas sessões de orientação, ainda que não deixasse de me cobrar aquilo que era devido. Além disso, ela sempre me foi muito generosa, destinando a mim seu tempo até em sua casa. Em muitas ocasiões, a serenidade dela me impediu de desacreditar que fosse possível concluir o texto. Agradeço especialmente também a Geisa, que é minha companheira no sentido mais precioso que o termo tem. Sem ela, diariamente ao meu lado, em momentos de euforia ou de quase depressão eu não teria conseguido. Agradeço ainda à minha mãe, Cidália, que é uma MÃE. Cizínio, César, Everton e Gessica completam a lista dos familiares que sempre me apoiaram e por quem sempre tive motivação para lutar. Não posso deixar de mencionar também os meus colegas da UFRB, que, em muitas ocasiões, assumiram tarefas que eram minhas. Dentre esses colegas, não posso me esquecer do companheirismo e do apoio constante de Ana Rita Santiago da Silva, assim como Tarcísio Fernandes Cordeiro e Dyane Brito Reis. Entram também na lista dos incentivadores que encontrei na UFRB Emannuele Felix, Fernanda Santos, José Raimundo, Karina Cordeiro, Kleisson Assis, Lucas Bonina e Robervaldo Correia dos Santos. Dentre os colegas de UFBA, agradeço a Vivian Antonino, Silvana Lima, Marcos Bispo pela amizade que construímos ao longo desses anos. Agradeço também ao professor Dante Lucchesi, que, por ocasião da qualificação, fez uma leitura atenta do texto e teceu críticas sem as quais eu não teria dado alguns passos fundamentais para o trabalho. Agradeço também à professora Josane Moreira Oliveira, pela sugestão que me deu para a comparação dos dados. Outras três pessoas merecem ser mencionadas aqui pela contribuição valiosa e decisiva que me deram desde o início da minha carreira, a quem serei grato sempre: Maridete Brito Cunha, Maria de Fátima Costa Leal e Jacson de Jesus Santos. Finalmente, agradeço a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e que não foram aqui mencionados.

Zumbi
(Jorge Ben Jor)

Angola, Congo, Benguela,
Monjolo, Cabinda, Mina,
Quiloa, Rebolo
Aqui onde estão os homens
Há um grande leilão
Dizem que nele há uma princesa à venda
Que veio junto com seus súditos
Acorrentados num carro de boi

Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver
Angola, Congo, Benguela,
Monjolo, Cabinda, Mina,
Quiloa, Rebolo
Aqui onde estão os homens
De um lado cana-de-açúcar
De outro lado, o cafezal
Ao centro, os senhores sentados
Vendo a colheita do algodão branco
Sendo colhido por mãos negras

Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver
Quando Zumbi chegar
O que vai acontecer

Zumbi é o senhor das guerras
Senhor das demandas
Quando Zumbi chega
É Zumbi é quem manda

Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver
Eu quero ver
Angola
Congo
Benguela
Monjolo
Cabinda
Mona
Quiloa
Rebolo

Noites do Norte
(Caetano Veloso)

A escravidão permanecerá
por muito tempo como a característica
nacional do Brasil.
[...]

You Don't Know Me
(Caetano veloso)

[...]
Nasci lá na Bahia de mucama com feitor
O meu pai dormia em cama, minha mãe no "pisador"
Laia ladaia sabadana Ave Maria
[...]

SANTOS, Gredson. *O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <S> em coda silábica*. 280 f. il. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

RESUMO

A tese *O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <S> em coda silábica* é um estudo de cunho sociolinguístico que tem por objetivos analisar a variação das consoantes fricativas em posição pós-vocálica e incluir, na medida do possível, os resultados da análise aos debates sobre a constituição histórica do português do Brasil. O distrito, situado no extremo sul da Bahia e pertencente ao município de Nova Viçosa, tem suas origens na fundação da Colônia Leopoldina, por volta de 1818, e foi declarado Comunidade Remanescente de Quilombo em abril de 2005. A principal hipótese que guiou o trabalho afirma que o modo como se apresentam os dados da variação de <s> em Helvécia está relacionado com a história de contato entre a língua portuguesa e as línguas africanas faladas pelos escravos que, a partir de 1825, começaram a compor a mão-de-obra da empresa cafeeira da região. A tese avalia também se à variação fônica em questão é possível aplicar parte dos princípios da hipótese da Transmissão Linguística Irregular (BAXTER e LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 2000). Integrante da base de dados do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* (www.vertentes.ufba.br), a amostra estudada foi constituída de 2.400 ocorrências de <S> em coda silábica, sem valor de plural, extraídas da fala informal de seis homens e seis mulheres sem escolarização, naturais de Helvécia, escolhidos aleatoriamente de acordo com três faixas etárias: faixa I, de 20 a 40 anos; faixa II, de 40 a 60 anos e faixa III, mais de 60. Os dados foram submetidos à análise estatística computacional pelo Programa GOLDVARB 2001. Os resultados mostram um quadro de mudança em progresso no sentido de implementação de <S> alveolar como norma da comunidade e abandono de formas típicas do português popular, como o apagamento de <S>. Esse quadro é visto como uma mudança de cima para baixo, nos termos de Labov (2008 [1972]).

Palavras-Chave: Sociolinguística. Português afro-brasileiro. Consoantes fricativas. Coda silábica.

SANTOS, Gredson. *O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <S> em coda silábica. (Afro-Brazilian Portuguese from Helvécia-Bahia: an analysis of the variable <s> in syllable coda)* 280 p. il. 2012. Dissertation (PhD in Language and Linguistics) – Language Institute, Federal University of Bahia, Salvador, 2012.

ABSTRACT

This dissertation, *Afro-Brazilian Portuguese from Helvécia-Bahia: an analysis of the variable <S> in syllable coda*, is a sociolinguistic study that aims to analyze the variation of fricative consonants in a postvocalic position and to include, to the extent possible, the results of analyses in the debates on the historical development of the Portuguese language in Brazil. The District of Helvécia, in the extreme south of the State of Bahia, belongs to the municipality of Nova Viçosa. Its origins date back to the foundation of Colônia Leopoldina, around 1818, and it became an official Remaining *Quilombo* (Maroon) Community, as of April 2005. The main hypothesis that guides this study is that the way the <s> variation data present themselves in Helvécia is related to the history of contact between the Portuguese language and African languages spoken by the slaves who, starting in 1825, became part of the labor used in the coffee industry from the region. The dissertation evaluated the possibility of applying some principles of the Irregular Language Transmission hypothesis to the sound variation in question (BAXTER & LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 2000). Part of the Project *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* (State of Bahia Popular Portuguese Language Trends) (www.vertentes.ufba.br) database, the sample was made up of 2,400 occurrences of syllable coda <S>, without plural value, extracted from the informal speech of six uneducated men and six uneducated women, born in Helvécia and selected randomly according to three age groups: age group 1, from 20 to 40 years old; age group 2, from 40 to 60, and age group 3, over 60. The data were submitted to computer statistics analysis by the program GOLDVARB 2001. The results show an ongoing change toward the implementation of the alveolar <S> as a community standard and the tendency to abandon the typical forms of spoken Portuguese, such as in <S> deletion. This state of affairs is seen as a top-down change, according to Labov's definitions (2008 [1972]).

Key words: Sociolinguistics. Afro-Brazilian Portuguese. Fricative consonants. Syllable coda.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1	Localização geográfica do município de Nova Viçosa	26
Quadro 1	Informantes da comunidade Helvécia	142
Quadro 2	Fatores favorecedores do apagamento em final absoluto – rodada sem os vocábulos <i>mais, mas, Deus e rapaz</i>	190
Gráfico 1	A realização alveolar de <S> em Helvécia segundo o fator faixa etária	220
Gráfico 2	A realização palatal de <S> em Helvécia segundo o fator faixa etária	222
Gráfico 3	A realização alveolar de <S> em Helvécia segundo o fator sexo	228
Gráfico 4	A realização palatal de <S> em Helvécia segundo o fator sexo	229
Gráfico 5	A realização aspirada de <S> em Helvécia segundo o fator faixa etária	233
Gráfico 6	A realização aspirada de <S> em Helvécia segundo o fator sexo	239
Gráfico 7	A variante zero de <S> em Helvécia segundo o fator faixa etária	243
Gráfico 8	As variantes de <S> em Helvécia em coda interna segundo o fator faixa etária	252
Gráfico 9	As variantes de <S> em Helvécia em coda interna segundo o fator sexo	253
Gráfico 10	As variantes de <S> em Helvécia em coda em final de vocábulo seguido de consoante segundo o fator faixa etária	254
Gráfico 11	As variantes de <S> em Helvécia em coda em final absoluto de vocábulo segundo o fator faixa etária	254

Gráfico 12	As variantes de <S> em Helvécia em coda em final de vocábulo seguido de consoante segundo o fator sexo	255
Gráfico 13	As variantes de <S> em Helvécia em coda em final absoluto de vocábulo segundo o fator sexo	255
Gráfico 14	Taxas gerais de realização alveolar e palatal de <S> em três normas do português brasileiro	259
Gráfico 15	Taxas gerais de aspiração e apagamento de <S> em três normas do português brasileiro	260
Gráfico 16	Taxas gerais de apagamento de <S> em três normas do português brasileiro	261

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição dos dados computados segundo a variante usada	38
Tabela 2	Realização do S em posição medial e final	93
Tabela 3	Distribuição das variantes de <S> em coda silábica em Helvécia	150
Tabela 4	Posição em que ocorrem as variantes de <S> em coda silábica no <i>corpus</i>	153
Tabela 5	Influência da variável <i>extensão do vocábulo em que se encontra a variável</i> para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	156
Tabela 6	Influência da variável <i>contexto consonantal subsequente</i> para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	157
Tabela 7	Influência da variável <i>contexto consonantal subsequente</i> para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia sem o item <i>mesmo</i>	158
Tabela 8	Influência da variável <i>sonoridade da consoante seguinte</i> para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	159
Tabela 9	Influência da variável <i>sonoridade da consoante seguinte</i> para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	159
Tabela 10	Influência da variável <i>classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável</i> para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	160
Tabela 11	Influência da variável <i>faixa etária</i> para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	162
Tabela 12	Influência da variável <i>sexo</i> para a realização alveolar de <S> em posição medial na comunidade de Helvécia	163
Tabela 13	Influência da variável <i>contexto vocálico e semivocálico antecedente</i> à variável para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia	164
Tabela 14	Influência da variável <i>contexto consonantal subsequente</i> para a realização alveolar de <S> em posição de vocábulo final	165

seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Tabela 15	Influência da variável <i>sonoridade da consoante seguinte</i> para a realização alveolar de <S> em final seguido de vocábulo de consoante na comunidade de Helvécia	166
Tabela 16	Influência da variável <i>faixa etária</i> para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido consoante na comunidade de Helvécia	166
Tabela 17	Influência da variável <i>sexo</i> do informante para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia	167
Tabela 18	Influência da variável <i>contexto vocálico e semivocálico antecedente</i> à variável para a realização alveolar de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	168
Tabela 19	Influência da variável <i>faixa etária</i> para a realização alveolar de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	169
Tabela 20	Influência da variável <i>sexo</i> para a realização alveolar de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	169
Tabela 21	Influência da variável <i>contexto vocálico e semivocálico antecedente</i> à variável para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	171
Tabela 22	Influência da variável <i>contexto consonantal subsequente</i> para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	173
Tabela 23	Influência da variável <i>sonoridade da consoante seguinte</i> para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	175
Tabela 24	Influência da variável <i>faixa etária</i> para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	176
Tabela 25	Influência da variável <i>contexto consonantal subsequente</i> para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia	177
Tabela 26	Influência da variável <i>sonoridade da consoante seguinte</i> para a realização aspirada de <S> em final seguido de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia	178
Tabela 27	Influência da variável <i>contexto vocálico e semivocálico antecedente</i> à variável para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de	178

Helvécia

Tabela 28	Influência da variável <i>faixa etária</i> para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido consoante na comunidade de Helvécia	179
Tabela 29	Influência da variável <i>sexo</i> do informante para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia	179
Tabela 30	Influência da variável <i>contexto vocálico e semivocálico antecedente</i> à variável para a realização alveolar de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	181
Tabela 31	Influência da variável <i>faixa etária</i> para a realização aspirada de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	182
Tabela 32	Influência da variável <i>sexo</i> do informante para a realização aspirada de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	182
Tabela 33	Influência da variável <i>tonicidade da sílaba em que se encontra a variável</i> para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia	184
Tabela 34	Influência da variável <i>classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável</i> para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia	185
Tabela 35	Influência da variável <i>contexto vocálico e semivocálico antecedente</i> à variável para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia	186
Tabela 36	Influência da variável <i>sonoridade da consoante seguinte</i> para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia	187
Tabela 37	Influência da variável <i>faixa etária</i> para o apagamento de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	188
Tabela 38	Influência da variável <i>contexto vocálico e semivocálico antecedente</i> à variável para o apagamento de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	189
Tabela 39	Influência da variável <i>dimensão do vocábulo em que se encontra a variável</i> para o apagamento de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	191
Tabela 40	Influência da variável <i>classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável</i> para o apagamento de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia	192

Tabela 41	Influência da variável <i>tonicidade da sílaba em que se encontra a variável</i> para o apagamento de <S> final absoluto na comunidade de Helvécia	193
Tabela 42	Influência da variável <i>faixa etária</i> para o apagamento de <S> em absoluto na comunidade de Helvécia	194
Tabela 43	Influência da variável <i>classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável</i> para a palatalização de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	196
Tabela 44	Influência da variável <i>contexto consonantal subsequente</i> para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	197
Tabela 45	Influência da variável <i>sonoridade da consoante seguinte</i> para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	198
Tabela 46	Influência da variável <i>contexto vocálico e semivocálico antecedente</i> à variável para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	200
Tabela 47	Influência da variável <i>faixa etária</i> para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	201
Tabela 48	Influência da variável <i>sexo</i> para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia	201

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFEGB	Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara
AFERJ	Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiPA	Atlas Linguístico do Pará
ALP	Atlas Linguístico da Paraíba
ALS	Atlas linguístico de Sergipe
APERJ	Atlas dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
APL	Aplicação
C	Consoante
CF	Confira/Confronte
CV	Consoante + vogal
CVC	Consoante + vogal + consoante
DID	Diálogo entre informante e documentador
Doc	Documentador
EF	Elocuções formais
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
NURC	Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana Culta
PB	Português Brasileiro
PR	Peso Relativo
PE	Português europeu
PEUL	Programa de Estudos do Uso da Língua
PP	Português de Portugal
PPB	Português Popular do Brasil
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QSL	Questionário Semântico-Lexical
VAR SUL	Projeto de Estudo da Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil

Sumário

1 INTRODUÇÃO	23
2 MODELOS TEÓRICOS DE REFERÊNCIA	29
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA	29
2.1.1 Principais conceitos da análise sociolinguística levados em conta neste trabalho	38
2.1.2 Aspectos metodológicos da pesquisa sociolinguística	44
2.2 O CONCEITO DE DIFUSÃO LEXICAL E A MUDANÇA SONORA	52
2.3 MODELOS MULTIRREPRESENTACIONAIS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	61
3 ESTUDOS SOBRE A VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	71
3.1 OS ESTUDOS SOBRE <S> EM CODA SILÁBICA NAS DÉCADAS DE 1970 A 1990	72
3.1.1 Callou; Marques (1975): <S> no Rio de Janeiro	73
3.1.2 Gryner; Macedo (2000 [1978]): a realização de <S> em Cordeiro-RJ	74
3.1.3 Mota; Rollemberg (1989a) a variável <S> na amostra NURC	77
3.1.4 Scherre; Macedo (1991): a variável <S> na amostra Censo	79
3.1.5 Mota (1994): a variável <S> no Nordeste	81
3.1.6 Mota; Rollemberg (1995): ainda <S> na área nordestina	82
3.1.7 Brandão (1995): a realização de <S> em pescadores do Rio de Janeiro	84
3.1.8 Callou; Leite; Moraes (1995): <S> no Brasil	85
3.1.9 Scherre; Macedo (2000 [1996]): restrições da realização de <S> na amostra Censo	85
3.1.10 Brandão (1997): voltando ao <S> na fala de pescadores	88
3.1.11 Mota; Rollemberg (1997): <S> no falar baiano	88

3.1.12 Brandão (1998): <S> num dialeto brasileiro.....	89
3.2 OS ESTUDOS SOBRE <S> EM CODA SILÁBICA NA DÉCADA DE 2000	90
3.2.1 Carvalho (2000): <S> na fala de Belém-Pa	91
3.2.2 Callou; Leite; Moraes (2002): um quadro da palatalização de <S> no Brasil	93
3.2.3 Mota (2002): a variação de <S> em Salvador em dois períodos	95
3.2.4 Martins (2003): <S> em Bragança-PA	99
3.2.5 Brescancini (2003): a palatalização em Florianópolis.....	101
3.2.6 Hora (2003): fricativas coronais em João Pessoa	102
3.2.7 Lima (2006): <S> no AFEBG	103
3.2.8 Hora (2007): a palatalização em João Pessoa	104
3.2.9 Almeida (2008): <S> no Micro-AFERJ	105
3.2.10 Brandão (2008a e 2009): <S> no Micro-AFERJ.....	106
3.2.11 Brescancini (2008): <S> em dados do VARSUL.....	108
3.2.12 Monteiro (2009): <S> em Macapá	108
3.2.13 Haupt; Berri (2009): a palatalização de <S> em Florianópolis.....	109
3.2.14 Santos (2009a): a realização de <S> em três cidades do Estado do Rio de Janeiro	110
3.2.15 Lucchesi (2009a): a realização de <S> no português popular de Salvador	111
3.2.16 Hora; Pedrosa (2009): a variável <S> no português do Brasil.....	113
3.2.17 Noll (2009): a origem do chiamento carioca.....	113
3.2.18 Razky (2010): a variável <S> em dados do ALiPA	115
3.2.19 Mota; Jesus; Evangelista (2010): <s> nos dados do ALiB	116
3.3 UMA NOTA GERAL SOBRE OS ESTUDOS EM TORNO DA VARIÁVEL <S>	118
4 A FORMAÇÃO DAS VARIEDADES POPULARES DO PORTUGUÊS DO BRASIL	121
4.1 A IMPLANTAÇÃO E A DIFUSÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL	122

4.2 ABORDAGENS SOBRE O CONTATO DO PORTUGUÊS COM LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL	128
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	141
5.1 O PROJETO VERTENTES DO PORTUGUÊS POPULAR DO ESTADO DA BAHIA	141
5.1.1 As comunidades e os informantes	142
5.2 O <i>CORPUS</i>	143
5.3 TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS	145
5.4 VARIÁVES ESTUDADAS	148
5.4.1 Variáveis independentes	149
6 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA DE SÍLABA NO PORTUGUES AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA	151
6.1 A DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES NO <i>CORPUS</i>	151
6.2 A REALIZAÇÃO ALVEOLAR DE <S>	155
6.2.1 <S> alveolar em interior de vocábulo	156
6.2.2 <S> alveolar em final de vocábulo seguido de consoante	164
6.2.3 <S> alveolar em final absoluto de vocábulo	168
6.3 A REALIZAÇÃO ASPIRADA DE <S>	171
6.3.1 A realização aspirada de <S> em interior de vocábulo	171
6.3.2 A realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante ..	177
6.3.3 A realização aspirada de <S> em final absoluto de vocábulo	181
6.4 O APAGAMENTO DE <S>	184
6.4.1 O apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante	185
6.4.2 O apagamento de <S> em final absoluto de vocábulo	189
6.5 A REALIZAÇÃO PALATAL DE <S>	195
6.5.1 A realização palatal de <S> em interior de vocábulo	196
7 A VARIAÇÃO FÔNICA EM HELVÉCIA NO CONTEXTO DE SUA FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA	204

7.1 HELVÉCIA: DA COLÔNIA LEOPOLDINA À ATUAL COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO	204
7.2 ABORDANDO O ATUAL QUADRO DE VARIAÇÃO DE <S> EM HELVÉCIA	214
7.3 DA REALIZAÇÃO PALATAL À ALVEOLAR EM HELVÉCIA	220
7.4 PROCESSOS DE ENFRAQUECIMENTO DA VARIÁVEL <S> EM HELVÉCIA COMO INDÍCIOS DE UM PROCESSO DE TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR	231
7.4.1 A aspiração de <S>	232
7.4.2 O apagamento de <S>	242
7.4.3 A variação em Helvécia e a aquisição fonológica com base em modelos multirrepresentacionais	246
7.5 UM RESUMO DAS TENDÊNCIAS DE MUDANÇA LINGUÍSTICA EM TEMPO APARENTE EM HELVÉCIA	252
7.5.1 A coda interna	253
7.5.2 A coda em final de vocábulo	254
8 CONCLUSÃO	258
REFERÊNCIAS	269

1 INTRODUÇÃO

Esta tese analisa a realização variável do fonema /S/ em posição pós-vocálica (doravante <S>) no português falado por habitantes da comunidade remanescente de quilombo de Helvécia, pertencente ao município de Nova Viçosa-Ba, no Extremo Sul do Estado. Os informantes foram contactados pelo Projeto de pesquisa *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* (daqui em diante, *Projeto Vertentes*)¹, sediado na Universidade Federal da Bahia e coordenado pelo professor Dante Lucchesi. Os dados que serão apresentados foram analisados sob a perspectiva teórica da sociolinguística de orientação laboviana, conhecida também como sociolinguística variacionista ou teoria da variação.

A variável <S> investigada é uma representação, no âmbito da Sociolinguística laboviana, das formas sob as quais pode se realizar o fonema /S/ quando este ocorre após vogais (coda silábica), tanto em sílaba interna quanto em sílaba final de vocábulos: uma consoante fricativa alveolar surda ([s]) ou sonora ([z]), uma consoante palatal surda ([ʃ]) ou sonora ([ʒ]), uma consoante laríngea surda ([h]) ou sonora ([ɦ]), resultante de uma aspiração no espaço glotal. Além dessas formas, o fonema /S/ pode deixar de ocorrer, caracterizando o que aqui será chamado de apagamento (∅). Assim, palavras como *gosto*, *desde* e *Deus* são realizadas variavelmente no *corpus* em análise, sob estas formas: *go[s]to*, *go[ʃ]to*, *de[z]de*, *de[ʒ]de*, *de[ɦ]de*, *de∅de*, *Deu[s]*, *Deu[h]* e *Deu∅*. Como será demonstrado mais à frente, as diversas realizações de <S> encontradas na amostra em estudo estão relacionadas a aspectos estruturais e aos fatores sociais levados em consideração durante a pesquisa.

Os principais **objetivos** do trabalho são: **1) investigar como se configura em Helvécia a variação de <S>** e tentar captar indícios de mudança na comunidade de fala no que respeita a esse fenômeno, que é de grande interesse para os estudos dialetais e sociolinguísticos do português do Brasil (PB); **2) observar se o atual quadro de variação de <S> encontrado em Helvécia pode ser associado ao seu contexto de formação histórica**, ligado ao empreendimento colonialista de produção de café, no século XIX, e, com isso, **3) avaliar se, para a interpretação dos dados relativos ao enfraquecimento de <S> em final de vocábulo, podem-se aplicar, em alguma**

¹ Para informações mais detalhadas acerca dos trabalhos empreendidos pela equipe de pesquisadores do *Projeto Vertentes*, visite-se www.vertentes.ufba.br.

medida, princípios contidos na hipótese que prevê que o português popular do Brasil (PPB) passou por um processo **de transmissão linguística irregular (TLI)**, conforme formulado em Baxter e Lucchesi (1997), Lucchesi (2000) e Lucchesi (2009b).

Com isso, espera-se que aspectos fonético-fonológicos variáveis no PPB possam ser incluídos, de modo mais sistemático, no debate mais amplo acerca da constituição histórica do português brasileiro, uma vez que, apesar de haver muitas análises que trabalham com essa perspectiva no âmbito do léxico e da morfossintaxe, pelo menos no que diz respeito ao fenômeno aqui estudado, não se conhecem, até então, análises em comunidades de fala inseridas no conjunto de normas que compreende o português afro-brasileiro.

Neste trabalho, a noção de “português afro-brasileiro” que está sendo assumida é a mesma apresentada em Lucchesi (2009b, p. 81), que o define como uma realidade heterogênea que faz parte de um *continuum*, em que, em um extremo, se encontram as variedades faladas por comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e mais afetadas pelo contato entre línguas (aqui está o português afro-brasileiro) e, ao longo dele, encontram-se comunidades rurais, mais nitidamente mistas, com um grande contingente de mestiços e brancos, até alcançar as comunidades com um percentual reduzido de afrodescendentes ou mesmo de índio-descendentes. Nesses termos, o que se chama de português afro-brasileiro, seguindo de perto a proposta de Lucchesi (2009b), diferencia-se do português rural na medida em que aquele é falado por comunidades cuja constituição histórica e a formação étnica é marcada pela presença forte de descendentes dos antigos escravos do empreendimento colonial brasileiro.

A principal **hipótese** que conduziu a realização da pesquisa que ora se apresenta foi a de que os padrões e a intensidade da variação de <S> em Helvécia conteriam (como tem sido apontado para alguns aspectos do léxico e da morfossintaxe), também, indicativos de que aquela comunidade passou por um intenso processo de contato linguístico em sua história. Ou seja: partiu-se do pressuposto de que **a formação histórica de Helvécia também deixou indícios, passíveis de serem descritos, no campo da variação de <S> em coda silábica.**

Neste trabalho, não se pretende fazer um debate sobre até que ponto fenômenos fonéticos podem servir de parâmetro para a compreensão dos processos de pidginização e criouliização² ou discutir as características fonológicas de pidgins ou de línguas

² Assumir-se-á aqui a definição de criouliização que propõem Baxter e Lucchesi (1997, p. 74): “um processo de transmissão irregular de L2 para L1 em que a L2 foi alterada devido a problemas de acesso à

crioulas³. Não será feita também uma revisão profunda sobre as raízes da polêmica acerca do debate da crioulização/semicrioulização do português do Brasil (PB) e as propostas mais recentes para o debate. Antes, este estudo se limita a a) tratar de um aspecto fonético variável em coda silábica, b) tentar compreender como fatores linguísticos, sociais e históricos (especialmente os da história do lugar) se conjugam para formar o quadro atual de variação na comunidade e c) propor que esses dados sejam vinculados ao debate sobre a constituição histórica do português do Brasil.

A proposta de que as variedades populares do português do Brasil têm seus traços mais marcantes devido a um processo de transmissão linguística irregular está inserida na controvérsia acerca das origens crioulas do PPB. Nesse debate, duas grandes posições conflitantes se destacam: uma, esboçada em Naro e Scherre (1993 e 2007), defende que as características que particularizam o português do Brasil em relação ao português de Portugal já estavam prefiguradas no sistema linguístico da língua portuguesa, seguindo o curso de uma deriva românica; a outra, formulada em Baxter e Lucchesi (1997), Lucchesi (2000, 2003 e 2009b), e em outros estudos desses autores, propõe que o PPB passou por um processo variável de transmissão linguística irregular do tipo leve, que não deu ensejo ao desenvolvimento de um processo de estável de crioulização, mas determinou a intensidade de uma ampla gama de processos de variação, especialmente no sistema de flexão verbal e nominal.

Os estudos que têm sido realizados pela equipe de pesquisadores do *Projeto Vertentes*, a fim de testar a hipótese da transmissão linguística irregular como um modelo apropriado para explicar as características variáveis do português brasileiro são todas no campo da morfossintaxe, não tendo sido empreendidas análises de cunho fonético-fonológico nas comunidades de fala que compõem o *corpus* do português afro-brasileiro. Isso justifica a tentativa esboçada nesta tese de olhar os dados da variação de <S> em Helvécia também sob a ótica das reflexões acerca do processo de transmissão linguística irregular.

língua alvo (isto é, à língua do grupo dominante) e, possivelmente, à influência das línguas maternas dos falantes desta L2. Nessas circunstâncias, no desenvolvimento, na aquisição/criação da nova L1 (a língua crioula em potencial), acontecem inovações orientadas por universais e pelas outras línguas maternas presentes. As inovações preenchem as lacunas ou opacidades causadas pela diluição do modelo para aquisição. Tal processo é variável”. Outras definições podem ser encontradas na coletânea sobre o assunto organizada por Kouwenberg e Singler (2008).

³ Uma discussão interessante a esse respeito pode ser encontrada em Smith (2008), que, a propósito, afirmou: “O estudo da “Fonologia crioula” poderia ser descrito como um campo negligenciado. No sentido de que relativamente pouco trabalho de qualquer profundidade tem sido feito sobre os sistemas fonológicos da maioria das línguas crioulas, isso que se disse pode ser considerado verdadeiro.” (p. 98, tradução nossa).

A escolha de Helvécia como fonte dos dados a serem analisados nesta tese se deve à importância para a pesquisa linguística que a comunidade ganhou desde que Ferreira (1994 [1969]) publicou *Remanescentes de um falar crioulo brasileiro*. Nesse importante artigo, Ferreira relatou os resultados de uma sondagem feita por ela em 26 de fevereiro de 1961, naquela localidade. Segundo a autora, dois inquiridores do *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)* estavam na fase final dos inquéritos e deveriam cobrir o ponto 50, Ibiranhém – dada a proximidade, elas partiram para Helvécia. Chegando ao distrito, entraram em contato com informantes que diziam que “havia muita gente que falava diferente ‘engraçado’, principalmente os mais velhos, e acrescentavam ainda que muitas vezes era difícil, para eles mesmos, filhos da terra, entenderem” (p. 23). Por meio da inquirição de dois informantes, um homem (80 anos) e uma mulher (75 anos), a autora registrou diversos traços fonéticos e morfossintáticos característicos do distrito. Entre os fonéticos, a autora destacou a monotongação de /ãw/, que se reduz a [õ] em palavras como *não*, *coração* e *sertão* e a ocorrência categórica de um tepe em posição intervocálica, em palavras como *barriga*, *garrote*, *arroz* e *morreu*.

O artigo de Ferreira (1994 [1969]) estimulou diversas pesquisas, muitas delas citadas ao longo deste trabalho, sobre o estudo da história social do português popular brasileiro e o desenvolvimento de hipóteses sobre uma eventual crioulição do PPB.

A atual comunidade de fala de Helvécia tem suas origens ligadas à fundação da Colônia Leopoldina, criada a partir do Decreto de D. João VI, de 25 de novembro de 1808, que doava terras a estrangeiros que quisessem formar colônias agrícolas no Brasil. O distrito pertence hoje ao Município de Nova Viçosa (a 133 km de Teixeira de Freitas e a 350 km de Porto Seguro), que foi fundado em 1720, pelo capitão João Domingos Monteiro, quando este atracou às margens do Rio Peruípe, dando à localidade o nome de Vila Viçosa, que mais tarde viria a ser chamada de Nova Viçosa, sendo um distrito da cidade de Caravelas. Sua emancipação viria a acontecer em outubro de 1769 (OBERACKER JR, 1975, GOMES, 2009 E CARMO, 2010). O mapa a seguir ilustra a localização do município de Nova Viçosa.



Mapa 1: Localização geográfica do Município de Nova Viçosa
 Fonte: *google maps*

No próximo capítulo, intitulado *Modelos teóricos de referência*, será feita uma exposição de aspectos que caracterizam o principal modelo teórico-metodológico de análise adotado nesta tese, a sociolinguística laboviana. Será feita também uma abordagem sobre os princípios da hipótese de difusão lexical, utilizada como parâmetro auxiliar para a interpretação de alguns casos relativos à realização aspirada de <S>. O capítulo contará, finalmente, com uma resenha sobre abordagens de aquisição de fricativas no português brasileiro com base na perspectiva multirrepresentacional, cujos resultados serão associados às situações de aquisição de elementos da coda silábica no PPB que se imagina terem sido as predominantes em Helvécia.

Em *Estudos sobre <S> em coda silábica no português do Brasil*, é feita uma revisão bibliográfica dos principais trabalhos sobre as fricativas em coda no PB nas últimas cinco décadas. O objetivo básico é evidenciar o desenvolvimento das linhas de abordagem que predominaram na análise do fenômeno nesses trabalhos e os principais resultados, para que se possa estabelecer, na medida do possível, uma comparação com os resultados encontrados em Helvécia.

O quarto capítulo deste trabalho, *A Formação de variedades populares do Português do Brasil*, retoma as principais propostas de explicação das características do PB relativamente ao papel que o contato com as línguas africanas teria desempenhado no sentido de dotar o PB de especificidades estruturais em relação à variedade europeia.

Ver-se-á também que, em geral, o debate fica restrito ao campo da morfossintaxe, o que enseja a necessidade de ampliação do debate ao campo fônico.

Nos *Procedimentos metodológicos* está traçado o percurso seguido para constituição do *corpus*, a seleção de dados e o tratamento dos mesmos dentro do que prevê a metodologia variacionista.

Em *Análise da variável <S> em coda de sílaba no português afro-brasileiro de Helvécia*, serão apresentados e discutidos os resultados do tratamento da variável mediante a análise estatística computacional feita pelo programa GOLDVARB 2001. Os resultados serão comparados, naquilo que é possível, com os encontrados por outros autores que investigaram o fenômeno no português do Brasil.

No último capítulo, *Variação fônica em Helvécia no contexto de sua formação sócio-histórica*, os resultados da análise do fenômeno, sobretudo aqueles relativos às variáveis faixa etária e sexo, são discutidos levando-se em consideração fatos da formação do distrito de Helvécia, desde a fundação da Colônia Leopoldina até os primeiros anos da década de 2000, e a hipótese da transmissão linguística irregular.

2 MODELOS TEÓRICOS DE REFERÊNCIA

O exame dos dados estudados neste trabalho, tanto quanto a constituição do *corpus* e o recorte da amostra estudada, foram feitos mediante os princípios da sociolinguística laboviana, que assume em termos gerais que a variabilidade é inerente ao sistema linguístico, cujo funcionamento é afetado tanto por fatores de ordem interna à língua quanto por fatores externos (sociais, estilísticos, demográficos, étnicos *etc.*). Além da sociolinguística, dois outros modelos serão utilizados como auxiliares à interpretação de alguns casos que ocorrem no *corpus* em estudo. Esses modelos, a difusão lexical e a aquisição de fricativas com base em modelos multirrepresentacionais, não são, em seus princípios, divergentes da análise sociolinguística, já que baseiam suas análises na língua em uso e tratam a variação como integrante da gramática de qualquer língua.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA

Num pequeno volume em que investiga como, no interior da linguística do início do século XX, se configura *a luta por uma concepção social de língua*, Calvet (2002) registra que já o linguista Antoine Meillet, ao resenhar o *Curso de Linguística Geral*, assume uma postura teórica que o colocava em posição antagônica à de Saussure acerca da dicotomia entre linguística sincrônica e linguística diacrônica. A posição assumida por Meillet implicava a inclusão do componente social na análise da língua – algo que flagrantemente divergia dos princípios postulados no *Curso*. Dessa forma, segundo Calvet (2002), esse tencionamento entre um modelo abstrato de língua – eminentemente sincrônico – e a ideia de Meillet de que os fatos da língua não podem ser explicados sem a inclusão de fatos da diacronia evidencia o desenvolvimento do conflito que dará espaço ao surgimento de uma corrente como a sociolinguística.

Num livro publicado em 1972, *Sociolinguistic patterns*, Labov teceu a seguinte crítica à concepção saussuriana de língua. Na tradução brasileira da obra, lê-se:

Saussure concebia a lingüística como parte de “une science qui étudie la vie des signes au sein de la vie sociale” [“uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social”]. No entanto, de modo bastante curioso, os lingüistas que trabalhavam dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da *langue* (LABOV, 2008 [1972], p. 217).

Labov (2008 [1972], p. 218) observa a existência do *paradoxo saussuriano*: “o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social”. Labov vai além e, nesse mesmo texto, considera ser, em princípio, redundante a expressão “sociolingüística”, uma vez que ele considera insustentável empiricamente operacionalizar um conceito de língua que não seja social.

No âmbito do estruturalismo saussuriano, a ideia de homogeneidade do sistema lingüístico era uma opção teórica – proposta inicialmente por Saussure – que consistia em garantir à ciência lingüística um método de abordagem de dados lingüísticos que fosse suficientemente estruturado para assegurar a autonomia da lingüística frente a outras disciplinas. Desse modo, a formulação de um conceito tal como o de *sistema de signos* tentava captar, em nível teórico, uma estabilidade no funcionamento da língua que seria resultante dos padrões de regularidades depreendidos pelo linguista das combinações dos elementos lingüísticos. Assim, a tarefa do linguista consistia em buscar compreender os padrões de regularidades que operavam no nível da *langue* – entendida no âmbito da teoria como a face autônoma da faculdade da linguagem, tal como esta era caracterizada por Saussure.

Apesar de a proposta saussuriana ter estabelecido as bases da lingüística moderna e ter pavimentado o caminho para o estabelecimento da corrente estruturalista, os próprios estruturalistas enfrentarão dificuldades em comprovar empiricamente a essência da *langue* saussuriana. Há, inclusive, autores que afirmam que no próprio estruturalismo estava o embrião de uma teoria sociolingüística:

Mais recentemente, os conceitos relativos ao estudo da linguagem em seu contexto social têm suas raízes históricas e metodológicas no estruturalismo, na tradição da dialectologia e no estudo das línguas em contato. (DITTMAR, 1976, p. 111, tradução nossa).

À medida que a teoria estruturalista foi sendo utilizada para o exame dos dados empíricos, foram-se evidenciando os pontos em que ela se distanciava –

demasiadamente – dos fatos. Isso obrigou os estruturalistas – como obrigaria qualquer outro cientista – a realizar operações de ajustes da teoria aos fatos que ela não comportava. Um dos exemplos cabais está na noção de *fonema*, entidade teórica que não era inicialmente escopo da teoria, uma vez que Saussure considerava os estudos fonológicos como uma ciência auxiliar à linguística, defendendo que “não é nunca a unidade simples que cria embaraços na Lingüística” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 62).

Em *Sistema mudança e linguagem*, Lucchesi (2004, p. 130) demonstra que a tentativa empreendida pelos estruturalistas de estenderem a análise estrutural à diacronia produziu uma contradição insuperável dentro da teoria, já que ir à diacronia era o mesmo que afirmar que a mudança linguística (inegavelmente produzida na fala) atinge o sistema – por si só, isso já anulava a oposição língua *versus* fala, tão cara ao arcabouço teórico saussuriano.

Lucchesi (2004, p. 117) argumenta ainda que a fonologia foi o único nível de estudo da língua em que “a concepção de sistema homogêneo e unitário se colocou, de forma tão transparente, como princípio unificador e ordenador do objeto de estudo, e, por conseguinte da própria análise lingüística”.

Os estudos da fonologia foram evidenciando que os fonemas de uma língua se organizariam conforme padrões de regularidades que se poderiam enquadrar naquilo que Saussure havia definido como um princípio organizador da *langue*: a noção de *valor*, segundo a qual os elementos de uma língua se caracterizavam por oposição a outro, sempre por meio de identidade e diferença. Isso obrigou os estruturalistas a incluírem os fonemas no escopo de sua análise. Entretanto, uma questão que precisava ser resolvida era como encarar o fato de que, em alguns casos, um mesmo fonema apresentava realizações físicas flagrantemente distintas mas o valor deles era idêntico.

Um ajuste da teoria aos dados – ou dos dados à teoria – resultou na formulação de conceitos como *fone*, *arquifonema* e *neutralização* – necessários para corrigir os desvios dos dados frente à noção fechada de *valor* linguístico. Ainda assim, essa operação deixava de fora vários outros aspectos referentes ao papel que os falantes têm para os valores que as realizações dos fonemas assumem. Essas e outras lacunas foram determinantes para o surgimento de abordagens que conseguiriam dar um tratamento mais abrangente àquilo que mais tarde seria considerado como um conjunto de variações, integradas e inerentes ao sistema linguístico.

Em suma, os questionamentos provindos de diversos linguistas e os problemas práticos que a teoria estruturalista encontrava ao se aproximar dos dados impulsionaram

o desenvolvimento da sociolinguística como disciplina autônoma, que, no dizer de Silva-Corvalán,

é uma disciplina independente, com uma metodologia própria, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e Canadá a partir dos anos sessenta, que estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variabilidade linguística, a sua inter-relação com fatores sociais e o papel que esta variabilidade desempenha nos processos de mudança linguística. (SILVA-CORVALÁN, 1998, p. 1, tradução nossa).

Essa visão será aprofundada e formalizada de modo mais sistemático, sobretudo a partir da década de 60 do século XX, quando algumas obras hoje consideradas clássicas começam a surgir. Em 1966, Labov publica *The social stratification of english in New York*. Em 1968, Weinreich, Labov e Herzog publicam *Empirical foundations for a theory of language change*, escrito para ser apresentado num Simpósio realizado na Universidade do Texas, *Directions for historical linguistics*, em 1966. Em 1972, Labov publica *Sociolinguistic patterns*.

Em No ensaio de 1968, Weinreich, Labov e Herzog expõem as principais linhas da proposta teórica que vê a variabilidade e a mudança das línguas como processos sistemáticos, regidos por regras tanto internas quanto externas ao sistema linguístico. No texto, os autores fazem uma revisão crítica das concepções da variabilidade e da mudança linguísticas contidas em trabalhos anteriores que se pautavam pelos princípios neogramáticos (postulados, sobretudo, na obra de Herman Paul), nas formulações saussurianas e nas orientações bloomfieldinas e chomskianas.

O principal argumento do ensaio é o de que a concepção segundo a qual a língua é um mecanismo imanente e a ideia de uma comunidade linguística homogênea, orientações predominantes nos estruturalismos linguísticos europeu e norte-americano e no gerativismo, não se sustentavam empiricamente. Além disso, apontaram que o que o gerativismo chamava de desvio de desempenho são regularidades passíveis de descrição da competência de um indivíduo (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968] p. 60)⁴. Outro ponto rejeitado pelos autores é a concepção de que as “exceções” à mudança fonética regular eram derivadas de fatores fortuitos e pouco previsíveis, como a ação do empréstimo dialetal e a analogia.

⁴ As referências ao texto de Weinreich, Labov e Herzog são as da edição brasileira, traduzida em 2006, por Marcos Bagno.

À medida que expõem e criticam os principais argumentos das correntes que defendiam uma concepção de língua assentada na imanência do sistema perante os falantes, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), com base em uma ampla gama de dados empíricos, encaminham sua linha de raciocínio para a formalização de que a pesquisa linguística precisa assumir como axioma que a língua é estruturada enquanto muda, ou seja, a heterogeneidade é inerente à estrutura linguística e é ordenada, governada e limitada por fatores internos e externos às línguas.

Após um detalhado tratamento de diversos trabalhos cujos dados analisados conduzem a resultados segundo os quais a variabilidade linguística não pode ser atribuída ao acaso ou exclusivamente a questões estruturais, a última parte do texto é dedicada à abordagem de cinco problemas (apresentados já na introdução) que os autores consideram fundamentais para um tratamento adequado da mudança linguística.

O problema dos *fatores condicionantes* (ou das *restrições*) da mudança linguística tem a ver com a determinação do “conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968], p. 121). Conforme Lucchesi (2004), essa primeira formulação do problema das restrições pode conduzir o linguista a sérios equívocos, sobretudo se se assume a busca por uma função teleológica da mudança. Lucchesi (2004) aponta também que o próprio Labov (1982 *apud* Lucchesi, 2004), em *Building on Empirical Foundations*, reconhece o equívoco e propõe que o problema das restrições deva ser fundido com o problema do encaixamento.

O problema da *transição* diz respeito a “descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968], p. 122). Nesse ponto, os autores sugerem um caminho da mudança segundo o qual ela se dá a) à medida que um falante aprende uma forma alternativa de dizer algo; b) durante o período em que elas existem em contato dentro da competência do indivíduo e c) quando uma das formas se torna obsoleta.

Em sua análise, Lucchesi (2004) destaca que esse problema remete à questão sobre se a mudança se dá por estágios discretos ou por meio de um *continuum*. Rompendo com a concepção estruturalista que, com base na noção de “estado de língua”, emprestava à língua uma homogeneidade difícil de comprovar empiricamente, a sociolinguística assume uma visão de que o desenvolvimento histórico de uma língua deve ser “concebido como um contínuo processo de variação e mudança dentro do

sistema heterogêneo inserido no contexto sócio-histórico e cultural da comunidade de fala” (LUCCHESI, 2004, p. 184).

O problema do *encaixamento* é uma questão que diz respeito ao fato de que as mudanças linguísticas devem estar encaixadas na estrutura linguística e na estrutura social. No que tange ao encaixamento na estrutura linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propõem que a mudança raramente é o movimento de um sistema inteiro para outro; em vez disso ela representa a alteração gradual dos valores funcionais de um conjunto de variáveis de um polo a outro. As variantes em alternância podem ter valores contínuos ou discretos, sendo que as frequências observadas na comunidade de fala são valores contínuos. Finalmente, a mudança, cujas variáveis são fruto da ocorrência entre fatores linguísticos e extralinguísticos, passa a fazer “parte da competência linguística dos membros da comunidade de fala” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968], p. 123). Quanto ao encaixamento na estrutura social, os autores concluem que “variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos na estrutura” (p. 123), pesando sobre a estrutura inteira. Uma vez que essa relação é desigual, os autores advertem que, diante disso, a tarefa principal do sociolinguista não é definir a motivação social de uma mudança, mas “determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato” (p. 123).

Numa avaliação dos avanços que a sociolinguística tem conseguido diante do problema do encaixamento, Lucchesi (2004, p. 176) observou que a formulação desse problema representou o estabelecimento de uma visão mais abrangente e adequada do “processo histórico de constituição da língua e da própria língua enquanto objeto de estudo da linguística”. Além disso, essa concepção passa a exigir o exame de uma quantidade agora maior de dados, exige uma visão mais refinada da rede de relações sociais em que a língua se atualiza e requer a definição precisa acerca da medida e do grau de intensidade acontece a covariação entre a variabilidade na estrutura linguística e os padrões socioculturais e ideológicos da comunidade de fala.

Se, por um lado, a formulação do problema do encaixamento representou o maior avanço da sociolinguística na abordagem da mudança frente aos modelos neogramático, estruturalista e gerativista, por outro, alguns desvios teórico-epistemológicos fundados na concepção causalista da mudança são identificados por Lucchesi (2004, p. 176) como impedimentos ao progresso da teoria: a) “a tentativa descabida de alguns sociolinguistas de fazer previsões sobre a produção linguística do falante individual”, resultante da confusão entre sistema linguístico da comunidade de

fala e a competência do falante; b) as análises qualitativas da relação entre língua e sociedade têm perdido espaço para uma abordagem empirista, focada, sobretudo, na descrição de grande quantidade de dados⁵; c) a colocação do problema em termos causais tem prejudicado mesmo as análises mais refinadas da interação entre estrutura linguística e estrutura social. Segundo Lucchesi (2004, p. 177), o balanço feito por Labov (1982), assumindo que o problema do encaixamento precisa ser dividido em duas partes distintas, pode ser interpretado como um reflexo da incapacidade da sociolinguística de elaborar uma teoria da estrutura linguística.

O problema da *avaliação* impõe à teoria da mudança linguística o dever de “estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968], p. 124). Em outros termos, o linguista precisa determinar o valor e o nível de consciência social atribuída a uma mudança pela comunidade de fala, que apresenta correlatos subjetivos mais estáveis e uniformes do que o comportamento individual. Esse problema representa uma negação ao princípio saussuriano de que o indivíduo teria um papel passivo diante da mudança linguística. Mais: muitos estudos posteriores comprovaram que a avaliação de formas linguísticas pelos falantes constitui uma evidência de que a estrutura linguística é também afetada por fatores que estão situados fora dos limites do sistema. Em *Sociolinguistic patterns*, Labov (2008 [1972], p. 356, 357), sintetizou alguns princípios derivados de trabalhos que tiveram a avaliação como foco: 1) “as avaliações subjetivas de dialetos sociais são notavelmente uniformes por toda a comunidade de fala”; 2) “as avaliações da língua não estão disponíveis, em geral, à eliciação consciente, mas são rápida e consistentemente expressas em termos de juízos de personalidade sobre falantes diferentes”; 3) “todas as pessoas adquirem essas normas cedo na adolescência, mas as crianças de classe média alta exibem uma reação mais forte e mais permanente”; 4) “falantes que exibem o mais alto índice de uso de um traço estigmatizado em sua própria fala espontânea tem a maior tendência a estigmatizar os outros pelo uso dessa mesma forma”.

O avanço na abordagem do problema da mudança levou ainda ao estabelecimento de uma tipologia de avaliação social da mudança linguística, definida em Labov (1972). Assim, os *indicadores* são aqueles traços que apresentam uma

⁵ Acrescente-se a isso o problema da generalização apressada do significado dos dados em diversos trabalhos. Quanto a alguns problemas que essa postura tem causado para o exame da realidade linguística brasileira uma discussão está em Santos (2009).

diferenciação segundo idade e grupo social, mas que não apresentam alternância estilística e têm baixo nível de avaliação; os *marcadores* exibem estratificação estilística e social, dando espaço a respostas consistentes e regulares em testes de reação subjetiva, ainda que os valores sociais estejam abaixo do nível de consciência; os *estereótipos* são aquelas formas socialmente estigmatizadas, fortemente sujeitas à discriminação social.

Outras generalizações acerca da avaliação estão postas em *Building on Empirical Foundations*:

Os estágios iniciais da mudança estão abaixo do nível da consciência social. Ninguém na comunidade se refere à mudança, e é difícil tomar consciência dela. (...) às vezes ela só é descoberta, num primeiro momento, por análises instrumentais.

Nos estágios posteriores da mudança, desvios estilísticos começam a aparecer, bem como a estratificação social. Testes de reação subjetiva revelam a avaliação social (...).

Nos estágios finais da mudança, há um reconhecimento social aberto, e os estereótipos podem aparecer. Com extraordinária consistência, essas reações são negativas. A correção é sempre na direção da forma mais conservadora, e os estereótipos são associados com atributos sociais negativos. Parece que, sempre que as pessoas tomam consciência de qualquer mudança sistemática na língua, elas a rejeitam. (Labov, 1982, p. 80 *apud* Lucchesi, 2004, p. 178).

Como se vê, essas observações colocam definitivamente os fatores sociais como elementos que atuam na estrutura linguística. O desafio da análise é, então, definir em que nível se dá essa atuação.

O problema da *implementação* tem a ver com o estabelecimento dos fatores que explicam a mudança. Conforme observa Lucchesi (2004, p. 179), a questão é basicamente “por que uma dada mudança ocorreu em um momento e em um lugar determinados, e não em outro momento e/ou em outro lugar”. Nesse ponto, o autor observa que esse é um problema que se relaciona com o que significa explicar algo em linguística, com base no entendimento de que os mecanismos de implementação da mudança envolvem uma relação de causa e efeito entre fatores linguísticos e sociais. Segundo o autor, essa é uma concepção que entra em conflito com a concepção do sistema linguístico como um fenômeno sócio-histórico e cultural, que, por sua natureza, não pode ser determinado por leis de causa e efeito.

Uma maneira de superar essa contradição seria

conceber o objeto de estudo da lingüística como um conjunto complexo de relações de determinação, constituído pela interação entre o processo de estruturação da língua e a realidade sócio-histórica em que esse processo se integra, numa relação de reciprocidade: ao tempo em que a estruturação da língua é uma resultante do processo histórico e social, ela é também um dos fatores intervenientes nesse processo. (LUCCHESI, 2004, p 179).

Essa visão consiste em, a um só tempo, demonstrar que a mudança é uma função do sistema linguístico, em que as variáveis linguísticas, em seu processo de variação, determinam e são determinadas pela rede de relações que há entre os elementos da língua – como Saussure entendia –, bem como evidenciar que, em grande parte e em níveis distintos conforme o tipo de fenômeno linguístico observado, a mudança é determinada por fatores sociais, ideológicos, políticos e culturais, os quais envolvem o uso de qualquer língua – essa concepção remete necessariamente ao encaixamento do fenômeno variável estudado na estrutura linguística e na estrutura social.

Após o tratamento desses problemas, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125-126) destacam que o objetivo do ensaio não é observar se o mecanismo particular das mudanças linguísticas do modo como foi formulado no texto pode ser verificado ou não, mas destacar algumas propostas acerca dos fundamentos empíricos da mudança linguística. Para isso, eles sumarizam algumas formulações gerais sobre a mudança que devem ser consideradas centrais para o exame dela no âmbito da sociolinguística:

- 1) a mudança linguística não é resultante de deriva aleatória; ela começa com a generalização de uma alternância num subgrupo de uma comunidade de fala, assumindo uma diferenciação ordenada;
- 2) o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle de estruturas heterogêneas, cuja variação se dá ordenadamente;
- 3) nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística resulta em mudança, mas toda mudança implica um estágio anterior de variabilidade e heterogeneidade;
- 4) a generalização da mudança linguística se dá através da estrutura linguística de modo não uniforme e não é instantânea;

- 5) como as estruturas variáveis de uma língua são determinadas socialmente, as gramáticas em que a mudança ocorre são gramáticas da comunidade de fala. Nesses termos, não há lugar para a concepção clássica de idioleto;
- 6) a mudança linguística é transmitida no seio da comunidade de fala como um todo, não estando confinada em etapas discretas dentro da família;
- 7) “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (p 126).

Essas são as principais bases sobre as quais se assentam os estudos sociolinguísticos que serão desenvolvidos a seguir, tanto por Labov e por pesquisadores mais próximos a ele quanto por um grande número de pesquisadores em todo o mundo. Assim, essa sistematização inicial dos princípios da sociolinguística contará com o desenvolvimento de trabalhos que passam a recorrer aos dados linguísticos com esse novo olhar teórico e metodológico. O próprio Labov aprofundará mais tarde essas reflexões em vários artigos e em duas grandes obras: *Sociolinguistic patterns* (1972) e *Principles of Linguistic Change* (1994), em que o autor dedica três volumes à investigação dos fatores internos, dos fatores sociais e dos fatores cognitivos e culturais da mudança linguística.

É em Labov (2008 [1972], p. 317), por exemplo, que será formalizado com mais vagar um dos pontos centrais do desenvolvimento da abordagem sociolinguística: *o princípio da uniformidade*: “Postulamos que as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de grandeza das que operaram no passado, há cinco ou dez mil anos”. É esse princípio que está na base da aceitação de que os estudos em tempo aparente fazem afirmações confiáveis acerca do rumo que toma a mudança linguística e permitem vislumbrar um estado da mesma num estágio anterior, ainda que não tenha sido possível o acompanhamento em tempo real da mudança linguística.

2.1.1 Principais conceitos da análise sociolinguística levados em conta neste trabalho

Num volume intitulado *Principios de sociolingüística y sociologia del lenguaje*, Francisco Moreno Fernández (1998, p. 17) abre o capítulo inicial afirmando que a

língua é variável e se manifesta de modo variável. Segundo o autor, os falantes recorrem a elementos linguísticos diversos para expressar coisas distintas, naturalmente, mas também existe a possibilidade de os falantes usarem elementos linguísticos diferentes para dizer as mesmas coisas.

O destaque dado a essa última afirmação de Fernández põe em relevo o que tem sido o princípio básico usado para definir a principal categoria da análise sociolinguística: o conceito de *variável linguística*. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 105) assim a definem: “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”.

Um exemplo pode ser visto no estudo que Duarte (1989) fez sobre a realização do objeto direto correferente com um sintagma nominal mencionado no discurso, o objeto direto anafórico, no português do Brasil. Estudando a fala de 50 paulistanos de três níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) e pertencentes a três faixas etárias (22-33 anos; 34 a 46 anos e acima de 46 anos), Duarte observou que, nos mesmos contextos, o pronome se realizava alternativamente por meio de quatro formas. A tabela abaixo, reproduzida do trabalho da autora, demonstra isso.

TABELA 1
Distribuição dos dados computados segundo a variante usada

Variante	Ocorrências	%
Clítico	97	4,9
Pron. lexical [SNe]	304 1.235	15,4 62,6
SNs anafóricos	338	17,1
Total	1.974	100

Fonte: Duarte (1989, p. 21)

A título de exemplo:

(1) ele veio do Rio só para me ver. Então eu fui ao aeroporto buscá-*lo*.

Na frase, o pronome destacado poderia ser substituído por, por exemplo, *ele*, por um nome ou nem ser realizado foneticamente. Essas possibilidades de uso alternativo de formas que traduzem a mesma informação semântica é o que tem sido chamado de variável linguística.

A ideia de que fenômenos como esse são gerais nas línguas e que eles fazem parte do funcionamento normal do sistema linguístico é o que constitui o axioma da sociolinguística, como já esboçado acima. Dessa forma, em sociolinguística parte-se do pressuposto de que a variação é inerente ao sistema linguístico. Isso encontra reforço nestas palavras: “a capacidade dos seres humanos de aceitar, preservar e interpretar regras com condicionamentos variáveis é sem dúvida um aspecto importante de sua competência linguística ou *langue*” (LABOV, 2008 [1972], p. 263).

Essa observação dá à variação um espaço que ela não tinha na teoria estruturalista: o fato variável passa agora a fazer parte do próprio sistema. Em outras palavras, ao tentar conciliar análise estrutural e análise social da língua, os sociolinguistas vão buscar demonstrar que “a variação faz parte do sistema linguístico, participa do seu funcionamento e interfere nos processos de mudança que se operam no seu interior (LUCCHESI 1996, p.74)”. Disso resulta que os aspectos do sistema funcional e social da linguagem não podem ser compreendidos senão de modo integrado. Assim, conforme Lucchesi (1996), a sociolinguística opera uma fusão entre os conceitos de sistema normal e sistema funcional – o que permite conceber o sistema linguístico como heteróclito, variável e susceptível a mudanças, formulação que não encontrava espaço na teoria estruturalista.

Nesse sentido, então, a sociolinguística entende a variação como normal e inerente a qualquer língua natural e propõe um método de análise que evidencia as regularidades dessas variações, mediante a sua correlação com fatores de ordem linguística e de ordem social, como faixa etária, escolaridade, sexo, classe social etc.

Esse tipo de compreensão resulta em que um estudo que se propõe a analisar o componente social da língua não pode prescindir do estudo da variabilidade dos sistemas linguísticos; variabilidade que é reflexo da própria diversidade dos grupos sociais. Partindo dessa suposição inicial, a Teoria da Variação foi formulada para assumir a validade do princípio de que a variação e a mudança linguísticas são sistemáticas e sistematizáveis e uma condição *sine qua non* para a “vitalidade” de qualquer língua natural.

Labov (2008 [1972], p. 239) alertava que, assim que os linguistas abandonassem a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, instrumentos formais para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala seriam desenvolvidos. Essa aposta de Labov assentava-se na ideia – largamente constatada adiante – de que o

fenômeno da variação linguística é altamente estruturado e regulado por fatores que podem ser controlados e evidenciados. Isso explica o surgimento de diversas ferramentas para o estudo da variação, entre as quais programas estatísticos como o GOLDVARB, que foi utilizado neste trabalho.

Posto isso, então, a comprovação de que a variação linguística possui um padrão de regularidade, o que lhe confere um grau de sistematicidade passível de ser estudado e quantificado, passa a ser uma das principais marcas do modelo sociolinguístico, que toma como central o *fenômeno variável* (ou simplesmente variável), que inclui a noção de *variantes*, entendida como cada uma das formas linguísticas alternativas e que possuem o mesmo conteúdo referencial. Dessa forma, o fenômeno variável que comporta duas ou mais variantes pode ser definido, para fins de análise, como uma *variável dependente*, já que a ocorrência das variantes que ela inclui não é aleatória, mas condicionada por um grupo de fatores. Esse grupo de fatores, que pode ser chamado de variável explanatória, uma vez que eles estruturam a explicação do fenômeno em variação, inclui condicionantes linguísticos e condicionantes sociais.

No que tange à questão da inserção da variável na estrutura linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 107) alertam que “uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará [sic.] simplesmente escancarando a porta para regras em que ‘frequentemente’, ‘ocasionalmente’ ou ‘às vezes’ se aplicam”. A observação dos autores implica considerar que o fato variável é uma unidade – no nível fonético-fonológico, morfológico, sintático ou até discursivo – bem delimitada em relação a outros fatos da língua. Um exemplo pode ser visto no estudo de Paiva (2003) sobre *O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real*. A autora define como regra a ser estudada a realização variável da semivogal anterior [j] no ditongo decrescente [ej]. Essa é uma regra variável porque a unidade em análise pode se realizar sob a forma do ditongo [ej], tal como em *peneira*, ou sob a forma de um monotongo [e], como em *penera*.

No que tange ao encaixamento da variável na estrutura social de uma comunidade, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) observam que, em geral, o valor da variável linguística está sujeito a diversos fatores linguísticos e sociais que interagem. Isso está evidenciado, por exemplo, no julgamento que falantes

escolarizados do português do Brasil, como demonstrou Scherre (2005), fazem da seguinte frase.

(2) **A programação** das grandes emissoras **refletem** sua linha de pensamento.

Em casos como esses, os falantes não avaliam negativamente, apesar de os gramáticos julgarem a frase como incorreta, o fato de a concordância verbal não ser feita com o núcleo do sujeito singular não-humano, mas com o nome pluralizado que faz parte do sintagma preposicional. Entretanto, esses mesmos falantes rejeitam fortemente formas como “eles vai” ou “os menino tudo foi”, sobretudo em contextos de grande formalidade. A explicação para a rejeição de uma forma ou de outra em função de sua conotação social bem como o uso de uma delas a depender da situação em que ocorre a interação revela um mecanismo altamente complexo de interação entre estrutura linguística e estrutura social que rege a realização da regra de concordância de número no português do Brasil e é um exemplo de como se atualiza na prática o *problema da avaliação*.

Como já foi discutido acima, o estabelecimento do princípio de que uma forma linguística pode estar sujeita a pressões de ordem social está necessariamente vinculado à ideia de que os valores dessas formas são forjados no interior de uma *comunidade de fala*. Registre-se que a própria noção de comunidade de fala, no âmbito da sociolinguística, revela um distanciamento do modo de compreensão e abordagem do fenômeno linguístico frente a teorias estruturalistas. *Comunidade de fala*, na Teoria da Variação, é definida como sendo um conjunto de falantes que compartilham não apenas uma língua, um sistema, mas utilizam uma mesma norma e possuem os mesmos padrões de avaliação acerca de um conjunto de fatos linguísticos. Fernández (1998, p. 19, 20) define assim comunidade de fala:

Uma *comunidade de fala* é formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, ao menos, uma língua, mas também compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, um mesmo critério na hora de julgar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos. Os hispanofalantes do México e da Espanha pertencem a uma mesma comunidade idiomática, mas não a uma mesma comunidade de fala. Os membros de uma comunidade de fala são capazes de reconhecer-se quando compartilham opiniões sobre o que é popular, o que é incorreto, o que é arcaizante ou articulado. (tradução nossa).

A inclusão do componente *avaliação* nesse conceito representa um esforço teórico de compreender o fato variável como determinado pelas reações subjetivas dos falantes. Além disso, essa caracterização coloca pela primeira vez, numa teoria linguística, o componente sócio-subjetivo como integrado à estrutura linguística, tornando-o algo que pode ser abordado objetivamente.

Vinculada à noção de comunidade de fala está a noção de *vernáculo*. Labov (2008 [1972], p. 244) afirma que o vernáculo é o estilo de fala em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. Evidentemente que esse conceito levanta problemas interessantes para a execução da pesquisa sociolinguística. Uma vez que se toma o vernáculo como objeto por excelência da análise sociolinguística, sua observação pressupõe sempre um contexto em que o grau de tensão na fala é nulo ou mínimo. Em oposição a isso, está a noção de formalidade, que, no âmbito da teoria, é definida a partir do fato de que “qualquer observação sistemática de um falante define um contexto formal em que ele confere à fala mais do que o mínimo de atenção” (LABOV, 2008 [1972], p. 245).

O princípio de que o vernáculo é a fonte ideal para o estudo da variação linguística coloca o linguista numa situação que Labov chamou de *paradoxo do observador*, ligado ao fato de que: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio de observação sistemática” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). A superação desse paradoxo requer a adoção de métodos que permitam assegurar a recolha de dados confiáveis e, ao mesmo tempo, que sejam reflexo dos padrões naturais/espontâneos de fala. Mais à frente esses recursos serão explorados.

Essa formulação parece aproximar bem mais a teoria sociolinguística dos dados que ela investiga. Ainda que não negue todas as noções estabelecidas no âmbito do estruturalismo, a sociolinguística re-enquadra muitas noções, adaptando-as à sua análise e enformando um método poderoso e elástico, capaz de abordar – ainda que com níveis diferenciados de adequação – dados da fonologia, da morfologia, da sintaxe e até do discurso.

2.1.2 Aspectos metodológicos da pesquisa sociolinguística

O corte que marcou o estabelecimento da teoria sociolinguística como um dos grandes paradigmas da linguística na atualidade se relaciona diretamente com o fato de a teoria ter demonstrado ser possível uma abordagem do sistema linguístico que conjugasse a noção de sistema – enquanto realidade sistemática, organizada e regular – ao fenômeno da variabilidade no interior desse próprio sistema. No entanto, Lucchesi (2004, p. 186-187) demonstrou que esse corte não representa necessariamente o abandono ou a negação geral do que a teoria estruturalista construiu em termos de análise linguística. Segundo o autor, a sociolinguística tem como mérito inserir as contribuições da análise estrutural num modelo mais globalizante de apreensão do fenômeno linguístico. Esse modelo tem como marca a prerrogativa de integrar relações estruturais no contexto sócio-histórico em que a língua acontece. Para isso, a teoria assume como condição básica de trabalho que é possível demonstrar empiricamente a covariação sistemática entre variável linguística e fatores sociais. Esse esforço teórico, uma vez que visava a uma conformação maior entre teoria e empiria, tem na busca aos dados e no tratamento a eles dispensado um dos seus principais pilares.

Como já se viu antes, um dos princípios assumidos pela sociolinguística é que a ideia de homogeneidade linguística não se sustenta empiricamente. Em função disso, o trabalho do sociolinguista precisa evidenciar que a descrição dos fenômenos linguísticos inclui necessariamente a descrição de fenômenos variáveis. Em outras palavras, o linguista precisa demonstrar que a heterogeneidade linguística não é um fenômeno errático, para usar as palavras de Silva-Corvalán (1988, p. 59).

Nesse sentido, a noção de regra variável é uma reformulação das noções de *regra opcional* e *variação livre* da teoria estruturalista. Nesse quadro teórico, a noção de

variação livre dá espaço à noção de variação condicionada, seja por fatores linguísticos ou extralinguísticos.

Para exemplificar, considere-se a variável que se estuda nesta tese. No âmbito da teoria estruturalista, o fato de o fonema /S/ em posição pós-vocálica poder se realizar variavelmente indicava ao analista a existência do fenômeno *alofonia*. Esse fenômeno indicava que um fonema poderia ganhar realizações diversas sem que o significado da palavra sofra alteração semântica. Essa perda de distinção é o que, para a teoria estruturalista, traduzia-se na *neutralização* dos traços distintivos de um fone em relação ao outro. No âmbito da sociolinguística, essa variação não pode ser devida ao acaso, de modo que é traduzida como uma regra variável condicionada por fatores linguísticos ou sociais.

Após a delimitação do fenômeno a ser estudado como regra variável, o sociolinguista procede à consideração de fatores que podem estar condicionando a variação em análise. Esses fatores, que podem ser linguísticos ou extralinguísticos, servem para delimitar a chamada variável independente ou explanatória, já que ela atua na determinação do fenômeno em causa. No estudo da variável <s> em coda silábica, os condicionamentos linguísticos e sociais do fenômeno podem ser dispostos assim:

- **Variáveis linguísticas independentes:**

1. posição da sílaba no vocábulo em que se encontra a variável;
2. tonicidade da sílaba em que se encontra a variável;
3. extensão do vocábulo em que se encontra a variável;
4. contexto vocálico e semivocálico precedente à variável;
5. contexto consonântico seguinte à variável;
6. grau de sonoridade da consoante seguinte à variável;
7. classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável.

- **Variáveis extralinguísticas independentes**

8. faixa etária do informante;
9. sexo do informante;
10. comunidade do informante.

Supondo que, após as análises, para a regra de aspiração, por exemplo, a pesquisa revelasse que, entre um dos fatores linguísticos condicionantes para o

fenômeno, está o contexto consonântico subsequente à variável, a regra poderia ser descrita da seguinte forma;

a'. Regra de aspiração:

$$/s/ \rightarrow [h, h^h] / V ___ \{\$ \} [m, tʃ, dʒ]$$

A regra afirma que a consoante fricativa pós-vocálica pode sofrer aspiração quando à vogal, em posição final de palavra seguido de consoante da palavra posterior, se segue uma consoante nasal bilabial, uma africada desvozeada ou uma africada vozeada. Através de uma análise estatística, o sociolinguista pode determinar o grau de probabilidade de aplicação da regra em função dos diversos fatores que ele supôs como condicionantes do fenômeno.

Uma vez definida a regra variável a ser estudada, o linguista precisa estabelecer diretrizes para a coleta dos dados. Labov (2008 [1972], p. 242) coloca como centrais para a pesquisa sociolinguística as questões referentes à coleta dos dados. Uma vez que, segundo ele, “a questão sociolinguística fundamental é suscitada pela necessidade de entender por que alguém diz alguma coisa”, os problemas relativos a como recolher os dados e à quantidade de dados podem ser desafiadores para o pesquisador e decisivos nos resultados de sua pesquisa. Em virtude disso, Labov (2008 [1972], p. 243-244) propõe a existência de cinco axiomas metodológicos resultantes do que evidenciaram alguns projetos de pesquisa e que levam ao chamado *paradoxo do observador*:

1. *Alternância de estilo*. De acordo o autor, os falantes não se expressam por meio de um só estilo. As alternâncias podem ser quantitativamente descritas, sobretudo a partir das autocorreções dos falantes.
2. *Atenção*. Segundo o autor, “os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestada à fala” (p. 244); além disso, os falantes exibem o mesmo nível de atenção para diversas variáveis linguísticas importantes na fala casual e na fala excitada.
3. *Vernáculo*. Labov (2008 [1972], p. 244) afirma que “nem todos os estilos ou pontos do *continuum* estilístico são de igual interesse

para os linguistas”. Em função disso, o vernáculo – que é o objeto por excelência da análise sociolinguística – vai ser definido como “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos fornece os dados sistemáticos para a análise da estrutura lingüística” (p. 244).

4. *Formalidade.* Neste ponto, Labov afirma que qualquer observação sistemática revelará que há um momento em que o falante confere mais do que o mínimo de atenção à sua fala. Por isso, o autor afirma que, numa situação de entrevista, o pesquisador há sempre que supor que, por mais que ela se aproxime da informalidade, o falante possui um estilo ainda mais informal.
5. *Bons dados.* Labov defende, neste ponto, que a melhor maneira de colher bons dados de fala é a entrevista individual, gravada, em que o linguista faz observações sistemáticas sobre o vernáculo do falante.

Após apontar esses cinco axiomas, Labov (2008 [1972], p. 244) destaca que o *paradoxo do observador* surge da necessidade de o sociolinguista obter do informante o dado mais natural possível, o seu vernáculo, que se traduz no modo como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas, tendo que observar esse falante sistematicamente.

Assim, para a coleta do vernáculo, o linguista precisa encontrar formas de desviar a atenção do falante de sua fala. Um dos meios mais utilizados pelos sociolinguistas é a coleta de entrevistas nas quais os informantes narram fatos de sua vida pessoal, sobretudo os mais marcantes. As entrevistas coletadas pelos pesquisadores do *Projeto Vertentes*, cuja base de dados é parte da análise feita nesta tese, seguem esse modelo.

Paralelamente à operação para a recolha dos dados, surge o problema da constituição da amostra, que, em sociolinguística, depende de vários fatores. O principal deles é o objetivo da pesquisa. Assim, uma pesquisa que visa a levantar dados, sobre, por exemplo, *a alternância nós/a gente nos quadrinhos: análise em tempo real*, como a de Menon, Lambach e Landarin (2003), pode se valer de dados coletados junto a uma revista em quadrinhos da década de 1950. Para essa pesquisa, o interesse das autoras era

verificar o alcance do fenômeno na língua escrita, já que este é bastante documentado na língua falada.

No caso de dados de língua oral, a configuração da amostra tem a ver, principalmente, com o perfil dos informantes e com o número deles. Do ponto de vista linguístico, dados de natureza fonético/fonológica costumam aparecer em abundância com poucos minutos de gravação, de modo que o pesquisador pode proceder à análise definindo um número x de ocorrências a serem analisadas, independentemente da duração da entrevista. Para dados de natureza morfossintática, muitas vezes o entrevistador precisa usar técnicas de eliciação para garantir a ocorrência do fenômeno em foco.

A escolha dos informantes numa comunidade pode ser feita de diversas formas. Novamente, os objetivos da pesquisa guiarão os procedimentos referentes a isso; entretanto, para que se garanta um mínimo de sistematicidade e confiabilidade na recolha dos dados, é importante considerar os seguintes problemas para a constituição da amostra, conforme Guy e Zilles (2007, p. 126): a) representatividade; b) comparações inapropriadas ou de categorias que se confundem; c) limites da amostra; d) métodos de seleção da amostra; e) vies.

Uma questão com que qualquer pesquisador se defronta, no que tange à representatividade da amostra, diz respeito ao número de indivíduos necessários por célula para garantir o mínimo de aproximação com o padrão médio de fala da comunidade. Nesses termos,

A questão do número ideal de indivíduos que assegure a validade e representatividade da amostra é ainda um problema não resolvido em sociolinguística. Tradicionalmente, os estudos linguísticos têm se baseado nas indicações de um ou dois falantes, comprovadas às vezes, ao menos no caso do espanhol, por meio de exemplos retirados da língua escrita. Em sociolinguística, por sua vez, a inclusão de dois falantes por célula (...) parece insuficiente, mas o número ideal de indivíduos é difícil de determinar. Depende tanto de questões teóricas como práticas, tais como a natureza do problema sociolinguístico que se deva resolver e os recursos que o sociolinguista tem à sua disposição para levar a cabo a investigação. Quanto maior for a amostra e maior o número de indivíduos por célula, mais variáveis sociais poderemos examinar e ao mesmo tempo assegurar a validade das conclusões, mas o ideal, frequentemente, não se consegue por limitações econômicas e de tempo. Parece, todavia, que cinco falantes por célula se considera um número relativamente adequado se cada célula representa um subgrupo socialmente homogêneo. (SILVA-CORVALÁN, 1988, p. 19, 20, tradução nossa).

Para além da quantidade de indivíduos por célula, importa considerar que esses sujeitos precisam estar agrupados segundo critérios que os coloquem em mesma condição. Nesse caso, questões como escolaridade, faixa etária, sexo e outros fatores precisam ser considerados.

Labov (2006 [1994], p. 78), após observar que a constituição da amostra é um problema importante para definir o grau de confiança da análise sociolinguística, destaca que “uma amostra verdadeiramente representativa da comunidade de fala tem que se basear numa amostra aleatória na qual cada um dos milhões de falantes tenha a oportunidade idêntica de ser selecionado⁶”. O autor ainda observa que os problemas na constituição da amostra podem ser chamados de “paradoxo da amostra”, que pode ser formulado assim: “quanto mais seguros estamos de que a amostra representa uma população, menos seguros estamos de a amostra pode explicar o comportamento dessa população” (LABOV, 2006 [1994], p. 81).

Um ponto que pode minimizar os problemas causados pelo paradoxo da amostra se relaciona com a comparabilidade dos dados. O pesquisador precisa lidar com uma amostra minimamente simétrica. Por essa razão, é bastante frágil uma comparação que leve em conta, por exemplo, dados da posição dos pronomes clíticos, tomando como amostras comparáveis uma em que haja cinco informantes de escolaridade superior de faixa etária entre 18 e 30 anos e outra que contenha um grupo de informantes de nível médio na faixa etária dos 45 a 60 anos.

No que tange aos limites da amostra, Guy e Zilles (2007, p. 131) consideram que “os limites da amostra devem **sempre**⁷ ser reconhecidos explicitamente pelo pesquisador”. Essa questão se relaciona com as outras duas anteriores na medida em que nem sempre a pesquisa se pode desenvolver sob as condições ideais. Como se pôde ver mais acima, Silva-Corvalán (1988) chamou a atenção para o fato de que questões de natureza prática interferem na delimitação da amostra. Entretanto, em todo caso, é recomendável que o pesquisador reconheça as limitações do trabalho.

Os métodos de seleção da amostra também se relacionam com questões como as colocadas anteriormente. Em muitas pesquisas, a escolha dos informantes obedece a critérios pré-definidos em função dos objetivos da recolha. Isso explica, por exemplo, as diferenças nos critérios adotados na constituição de banco de dados linguísticos.

⁶ Tradução nossa.

⁷ Grifo dos autores.

Guy e Zilles (2007, p. 133-134) destacam que o pesquisador precisa evitar ou minimizar a introdução de viés de qualquer tipo em sua amostra, já que, para a seleção da mesma, o viés vai no sentido inverso ao da representatividade. Uma maneira é a escolha aleatória dos informantes, como propôs Labov (2006 [1994]). Assim, se se estabelece que falantes de nível médio de certa região farão parte da amostra, o pesquisador, após definir a faixa etária desses informantes, precisa selecionar indivíduos ao acaso no universo pesquisado. Como destacam Guy e Zilles (2007, p. 134), se o pesquisador seleciona para a amostra indivíduos que são em sua totalidade amigos dele, isso provavelmente enviesará a amostra na direção de favorecer características do grupo social do pesquisador.

Um dos princípios básicos seguidos pelos sociolinguistas é a aceitação do axioma de que os processos de variação e mudança linguística no interior de uma comunidade podem ser observáveis em seu curso. Essa linha de compreensão dos fatos linguísticos impõe ao sociolinguista a tarefa de demonstrar, com coerência teórica e empírica, como um sistema linguístico funciona e varia ao mesmo tempo. Duas formas de empreender a observação dos processos de variação e mudança no interior de uma comunidade são a análise em tempo aparente e a análise em tempo real.

A análise em tempo aparente tem como pressuposto o fato de que diferenças linguísticas entre gerações diferentes de indivíduos podem revelar a dinâmica dos processos variáveis, se os fatores intervenientes se mantêm constantes (LABOV, 2008 [1972], p. 194).

Um estudo dessa natureza é feito quando o sociolinguista, ao pesquisar um fenômeno variável, estabelece células que contenham um grupo de falantes em função de diferentes perfis etários, tal como se faz aqui na análise de <S> em coda silábica.

A observação de fenômenos variáveis em gerações diferentes de falantes pertencentes à mesma comunidade de fala pode revelar padrões em que a implementação de uma forma inovadora se revele constante e se movimente em direção à sua generalização no sistema à medida que se comparem gerações mais velhas com gerações mais novas de falantes. Se, por exemplo, a curva de implementação da regra variável apresenta um padrão linear, em que a aplicação dela aumenta ou diminui em função do aumento ou da diminuição da idade dos indivíduos, isso aponta para um quadro em que uma mudança linguística na comunidade pode estar em progresso.

O estudo em tempo aparente pode também revelar um quadro em que a frequência média da regra variável em função da gradação do perfil etário dos

indivíduos apresenta um padrão curvilíneo, em que não se pode verificar a vitória de uma variante sobre a outra. Esse quadro é chamado na teoria de variação estável. Nesses casos, a variação registrada sinaliza a existência de um fenômeno cuja variação pode estar ligada às características que um grupo, dentro de uma comunidade, vai adquirindo ao longo do tempo. Assim, pode haver uma situação em que indivíduos em idade profissional adotem uma variante que será abandonada por eles quando estiverem numa faixa mais avançada, livres das pressões do mercado de trabalho, por exemplo. Considerando que esse seja o comportamento de um grupo (e não só de um indivíduo) em relação ao restante da comunidade, e que os outros indivíduos da comunidade tenham se comportado dessa forma, tem-se um quadro em que a variação é estável.

Outra maneira de flagrar o dinamismo da mudança linguística é a análise em tempo real, que pode ser de curta ou longa duração. Neste tipo de análise, o pesquisador estabelece comparação entre fases diferentes do sistema linguístico de dada comunidade.

Numa análise de curta duração, o pesquisador pode fazer um estudo do tipo painel, quando se comparam amostras de falas dos mesmos falantes em momentos diferentes do tempo. Um estudo dessa natureza pode revelar aspectos da mudança do indivíduo face à comunidade. Outra questão que envolve estudos dessa natureza é que eles não têm como prerrogativa a aleatoriedade da amostra, já que os indivíduos são os mesmos. Essa modalidade permite ainda uma comparação do fenômeno variável entre o perfil de dada geração e a mudança na comunidade como um todo. O estudo do tipo tendência compara amostras de fala de indivíduos diferentes definidas aleatoriamente e com base em fatores sociais em momentos diferentes da linha do tempo.

As questões apontadas acima se relacionam com o pressuposto geral em análise sociolinguística de que não é possível haver uma comunidade em que a variação linguística não se faça presente, já que ela é condição para a existência e o funcionamento da língua no seio da comunidade de fala. Evidentemente que o modo como essa variação deverá ser captada pelo linguista é o grande desafio da pesquisa sociolinguística.

Na próxima seção, serão apresentadas as principais linhas da abordagem difusionista da mudança sonora.

2.2 O CONCEITO DE DIFUSÃO LEXICAL E A MUDANÇA SONORA

Nesta seção, far-se-á uma revisão de propostas de abordagem da mudança sonora com base no modelo da difusão lexical, proposto por Chen; Wang (1975). Para isso, serão retomadas as linhas mais gerais do conceito de difusão lexical apresentado nesses dois autores e as formulações derivadas dessa proposta, contidas nos trabalhos de Krishnamurti (1978), Labov (1981), Oliveira (1991 e 1995). Outros trabalhos que investigam mudanças fonéticas na linha da difusão lexical, no âmbito da linguística brasileira, são os de Auler (1992), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), Oliveira (1992), Mollica (1992), Mollica e Mattos (1992) – esses últimos reunidos no primeiro volume da *Revista de Estudos da Linguagem*, da Faculdade de Letras da UFMG.

O objetivo desta parte do trabalho não é propriamente fazer uma discussão profunda e sistemática de todos os trabalhos mencionados acima, mas abordar como os mesmos se posicionam frente à proposta de que as alterações que afetam o componente sonoro das línguas tem um caráter discreto e atingem o léxico de modo gradual, o contrário do que previram os neogramáticos. Essas linhas gerais da proposta difusionista serão apontadas mais à frente como uma das formas de abordagem para a produção aspirada de <S>, que representa uma alteração do fonema /S/ em posição pós-vocálica no português brasileiro, mormente realizado como [s, z] ou como [ʃ, ʒ], vistas como formas mais antigas na língua portuguesa.

O conceito de difusão lexical foi proposto por Chen (1969 apud Chen; Wang, 1975) e aprimorado por Chen; Wang (1975), num trabalho intitulado *Sound change: actuation and implementation*, em que duas questões são discutidas: como uma mudança sonora se implementa? Por que um processo fonológico dado assume uma forma e um padrão de desenvolvimento particular? Diante desses problemas, o objetivo dos autores é investigar a mudança sonora a partir de dois aspectos: a sua implementação (como) e o que a fez acontecer (por quê)⁸. O estudo se baseia em dados históricos do Chinês (21 dialetos), do inglês e do sueco. Esses dados foram tratados com o apoio de dicionários etimológicos eletrônicos e recursos computacionais de tratamento estatístico.

Para responder à primeira questão, Chen; Wang (1975) propõem o conceito de *difusão lexical*, argumentando, contrariamente ao que previam os princípios

⁸ Chen; Wang (1975) usam a palavra *actuation*. Oliveira (1991) traduz o termo usando a palavra “disparo”. Em Oliveira (1995), o autor traduz como “mola mestra”.

neogramáticos, que a mudança sonora se propaga gradualmente pelo léxico, atingindo paulatinamente os morfemas. Quanto à segunda questão, Chen; Wang (1975) afirmam que os principais determinantes da mudança podem ser buscados nas limitações inerentes do aparato fisiológico e perceptual do falante. A visão de Chen; Wang (1975), especialmente no que tange à dimensão temporal do processo de mudança sonora, é uma contestação à hipótese neogramática.

Conforme aponta Oliveira (1991), a hipótese neogramática com relação à mudança sonora previa que: i) as mudanças sonoras não têm exceção; ii) elas são condicionadas apenas por fatores fonéticos; iii) as mudanças sonoras são foneticamente graduais e lexicalmente repentinas (ou abruptas), isto é, uma vez operada, ela atingiria todas as palavras em que o som alterado se fizesse presente. Segundo Oliveira (1991), em Osthoff e Brugmann (1878 *apud* Oliveira, 1991) se encontra a primeira das formulações neogramáticas sobre a mudança sonora, vista como sem exceções, já que apenas fatores fonéticos eram considerados como condicionadores da mudança fonética conferindo à mesma regularidade total. Em havendo contraexemplos, a explicação para os mesmos deveria ser buscada no processo de analogia ou no contato dialetal, através dos empréstimos linguísticos. Como demonstra Oliveira (1991), o terceiro princípio é, na verdade, uma consequência dos demais, já que a alteração de um som seria vista como algo que atinge todo o léxico de língua no momento em que o som muda – é basicamente sobre essa consequência da proposta neogramática que os trabalhos difusionistas vão concentrar maior atenção.

Com base em mudanças que atingiram as consoantes em final de sílabas, a fusão, a diferenciação de vogais longas e a nasalização em dialetos chineses, Chen; Wang (1975) mostraram que as alterações não podem ser explicadas com o recurso à analogia ou ao empréstimo dialetal e que as regras de alteração estudadas se propagam gradualmente pelo léxico, atingindo primeiro itens mais relevantes até que todo o léxico tenha sido atingido.

Um reforço à visão de Chen; Wang (1975) foi apresentado por Khrishnamurti (1978), em *Areal and Lexical Diffusion of Sound Change: Evidence from Dravidian*. O trabalho investiga o deslocamento de apicais em sete línguas dravídicas (Telugu, Kui, Gondi, Konda, Kuvi, Pengo e Manda). Como define Khrishnamurti (1978), o processo atinge consoantes alveolares e retroflexas que estão em posição de *onset* e de *coda* (*(C₁)VC₁__V), fazendo-as mudar de posição e produzir sílabas do tipo (C₁) C₁ V___. Apoiado numa análise computacional da etimologia dessas línguas, derivadas do proto-

dravídico, Khrishnamurti (1978) observa que a alteração se espalhou gradualmente no léxico dessas línguas, atingindo, num estágio comum, 12 itens lexicais e se espalhando em proporções diferentes em cada língua: 72% em Kui; 63% em Kuvi, Pengo e Manda; 20% em Gondi e Konda.

Em sua conclusão, Khrishnamurti (1978, p. 18) interpreta a difusão areal da mudança sonora como uma propagação lexical de uma regra inerente em línguas genética e geograficamente contíguas. O autor ainda argumenta que sua análise do processo de deslocamento apical nas línguas do grupo dravídico sustenta a hipótese da difusão lexical (“sound change spreads lexically”) e que um grupo de exceções da mudança sonora nessas línguas representa itens que ainda não puderam ser afetados pela mudança em um dado ponto do tempo.

Uma questão derivada da ideia de que as palavras são atingidas gradualmente no processo de mudança sonora é esta: que palavras são atingidas primeiro? Krishnamurti formula a questão do seguinte modo:

Que tipo de itens lexicais se tornam as primeiras vítimas de uma mudança sonora? Há alguma coisa no domínio semântico de certos itens lexicais, ou em sua frequência que os torna mais vulneráveis à mudança do que outros? O que determina a dinâmica da mudança sonora em sua difusão lexical? (KRISHNAMURTI, 1978, p. 16, tradução nossa).

Em seu trabalho, Krishnamurti conclui que nas línguas dravídicas, as palavras que revelaram ser atingidas primeiro são aquelas que estão no campo semântico dos conceitos fundamentais para a comunicação e a cultura dos grupos tribais, tais como “dois, lua/mês, sacrifício, abrir, entrar etc” (p. 16).

Como observa Oliveira (1991, p. 95), embora Krishnamurti sugira que frequência e domínio semântico são aspectos que parecem ser decisivos para determinar as primeiras vítimas da mudança, eles não são aprofundados no texto de Krishnamurti, uma vez que o propósito do trabalho é outro; no entanto, diversos outros trabalhos tentarão encontrar respostas ao problema, como os de Labov (1981), Phillips (1984), Oliveira (1991, 1992, 1995, 1997), Bortoni-Ricardo, Gomes e Malvar (1992), Mollica (1992) e Blust (2005 apud Oliveira, 1995).

Essa visão, que se contrapõe à proposta neogramática, desloca o foco de observação da mudança em seu estágio final (já instalada em todo o léxico) para a análise do momento em que ela começa e do período em que ela se implementa. No que

respeita a isso, é Labov (1981), em *Resolving the Neogrammarian Controversy*, que, assumindo uma posição cautelosa sobre a polêmica, como arrazoa Oliveira (1991), observa que o trabalho de Chen; Wang (1975) não se relaciona com o resultado final da mudança. Para Labov (1981), a oposição entre os dois modelos não pode ser simplesmente resolvida adotando um ou outro ponto de vista (“aqui mudam palavras; lá mudam sons”) – há casos em que a perspectiva neogramática é aplicável e há evidências também de que certas mudanças são de cunho difusionista:

Nós encontramos a regularidade neogramática nas regras do nível baixo de *output*, e a difusão lexical na redistribuição de uma classe abstrata de palavras no interior de outras classes abstratas. Eu não proponho que se resolva o confronto original dentro de uma simples dicotomia – lá mudam palavras, aqui mudam sons. Eu mostrei dois tipos polares, e analisei o conjunto de propriedades criadas por esses tipos. Todo o conjunto de variações sonoras, sem dúvida, mostrará muitas combinações intermediárias com traços de propriedades discretas, abstratas, condicionamentos gramaticais e condicionamentos sociais. (LABOV, 1981, p. 304, tradução nossa).

Labov (1981) aponta a cisão do *a* breve como um processo que, em virtude de suas exceções, sugere um modelo de difusão lexical. No entanto, o autor prossegue mostrando um conjunto de alterações vocálicas e consonantais que podem ser analisados sob uma ótica neogramática ou sob uma ótica difusionista, conforme o caso. Segundo Oliveira (1991), a proposta de Labov (1981) não resolve o problema acerca dos itens lexicais que podem ser atingidos primeiro num processo de difusão lexical.

Oliveira (1991) aponta que o modelo da difusão lexical não exclui a existência de regularidades no processo de mudança sonora, mas permite as irregularidades, ao incorporar a possibilidade de que há mudanças que podem ser condicionadas por fatores não fonéticos. Mostra também que a consequência dessa visão é que a unidade básica da mudança sonora deixa de ser o som e passa a ser a palavra.

Em seu trabalho, Oliveira (1991) fará uma análise do alçamento de vogais médias pretônicas no português brasileiro, sobretudo com base no estudo de Viegas (1987 apud Oliveira, 1991), para mostrar que o processo é de cunho difusionista e que a frequência alta de ocorrência de algumas palavras não parece ser o fator determinante para seleção dos itens lexicais que serão atingidos primeiro pela regra de alçamento das pretônicas.

Após a análise do trabalho de Viegas (1987 apud Oliveira, 1991), Oliveira (1991) defende que todas as mudanças sonoras são lexicalmente implementadas, não havendo mudanças sonoras de cunho neogramático, apesar de os resultados, a longo prazo, poderem ser neogramáticos, quando todos os itens do léxico tiverem mudado. Oliveira (1991) se baseia em quatro argumentos para sustentar sua posição: a) há mudanças que não se enquadram no esquema neogramático – o tensionamento do *a* breve do inglês e o caso do Chao-Zhou, por exemplo, mostrados por Chen; Wang (1975) e Labov (1981); b) há casos que inicialmente parecem ser de natureza neogramática, mas que sob um olhar mais atento se revelam casos de difusão lexical, como o alçamento de vogais pretônicas no português brasileiro; c) há casos que, hoje, não têm nenhum condicionamento lexical, mas que apresentavam esse condicionamento no passado (veja-se para isso Phillips (1984, p. 321-322); d) mesmo que o resultado final de uma mudança seja totalmente regular, isso não prova que o processo não tenha se implementado lexicalmente.

Quanto à questão sobre o porquê de algumas mudanças mostrarem uma total regularidade, Oliveira (1991) argumenta que uma mudança da forma $X \rightarrow Y/Z$ se Z fornece um ambiente fônico natural para Y , ou seja, para o autor, um ambiente fonético natural, com o passar do tempo, pode destruir as barreiras lexicais de uma mudança sonora. Sobre as barreiras para a implementação lexical de uma mudança, Oliveira (1991) considera que três fatores podem inibir as mudanças sonoras: nomes próprios (que ele considera o caso mais claro), reação contrária por parte de uma classe social e estilos de fala mais formais.

No que tange à questão levantada por Krishnamurti (1978), sobre as primeiras vítimas da mudança sonora, Oliveira (1991) esboça uma tentativa de resposta, propondo que são atingidas primeiro num processo de difusão lexical: a) palavras que são nomes comuns; b) palavras que oferecem um contexto fônico natural para a mudança $X \rightarrow Y/Z$; c) palavras que ocorrem em contextos informais de fala.

Em *Aspectos da difusão lexical*, Oliveira (1992), volta ao tema, abordando mais de perto as questões referentes ao condicionamento fonético da mudança sonora proposto pelo modelo neogramático, para, a partir daí, verificar a questão do tratamento das exceções à mudança fonética, dos itens mais vulneráveis a ela e de como a dimensão da variação pode ser enquadrado ao modelo difusionista. O fenômeno observado por Oliveira (1992) é o alçamento das vogais pretônicas, estudado num *corpus* constituído dos 150 dados iniciais de cada uma das entrevistas concedidas por 12

dialeto terá a sua própria lista de itens atingidos, independentemente de contexto fonético” (p. 36); b) uma vez atingido se submete à avaliação local, o que pode levar à reestruturação ou à flutuação fonética ou alomórfica; c) os casos de flutuação poderão ser revertidos (corrigidos) ou nivelados em termos de inovação, conforme o dialeto ou mesmo individualmente.

Quanto à questão sobre que tipo de itens abre as portas para a mudança, Oliveira (1992) revê a posição anterior, que colocava o contexto fonético natural como favorecedor de uma mudança, e passa a considerar que o ambiente fonético deve ser visto não como um condicionador, mas como um estabilizador de uma inovação, funcionando a nível lexical (Oliveira, 1992, p. 37). Passa a considerar agora que itens com o traço [- Elaborado] são os mais suscetíveis à mudança. Assim, palavras eruditas e especializadas seriam mais resistentes á alteração fonética.

Em sua conclusão, Oliveira (1992) aponta:

- a abordagem difusionista não se esquivava das regularidades fonéticas. Elas passam a ser vistas não como condicionadoras, “mas como um respaldo local para a fixação da inovação em determinados itens lexicais” (p. 40);
- “a flutuação alomórfica estável não se qualifica como caso de variação” (p. 40). os casos de flutuação fonética resolvidos em termos de especialização semântica também não são contados;
- “as razões que levam um item lexical a ser mais ou menos vulnerável a uma inovação ainda são obscuras” (p. 40);
- O comportamento individual deve ser checado para todos os itens. “A divisão da comunidade de fala em grupos (ou classes, ou estratos) não é, necessariamente, o último estágio da divisão” (p. 40).

Até aqui, já é possível fazer uma síntese das principais formulações da proposta difusionista. Em termos gerais, a hipótese da difusão lexical implica considerar que não há espaço para uma mudança sonora, vista como a mudança de um segmento, ou seja, a mudança sonora não pode ser concebida fora do item lexical. Em outras palavras, **a difusão lexical trata a mudança sonora como uma mudança de uma palavra**. Chen; Wang (1975, p. 256) destacam, a propósito da dimensão lexical: “uma regra fonológica estende gradualmente o seu âmbito de aplicação a uma porção cada vez maior do léxico até que todos os itens pertinentes sejam transformados pelo processo” (tradução nossa).

Após todo o léxico ter sido afetado, a regra se torna regular. Como resume Oliveira (1995 e 1997), isso significa dizer que a posição defendida pelos difusionistas estabelece que o léxico é o controlador principal da mudança sonora e a regularidade neogramática só será encontrada após todo o léxico ter sido afetado.

Oliveira (1991, 1992, 1995 e 1997) é da opinião de que todas as mudanças sonoras se dão por difusão lexical, já que “cada som é uma mudança em potencial, pelas suas propriedades individuais. Essas propriedades são de natureza fisiológica e perceptual” (p. 79). Oliveira (1995, p. 79) assume também que há sons mais propensos à mudança do que outros, proposição essa que foi feita por Chen; Wang (1975, p. 265-279), com base em 21 dialetos do chinês, com dados do inglês e referências ao latim clássico, ao francês e ao italiano. Esses autores observam também: “Estas mudanças inscrevem-se em duas categorias principais: a fusão e enfraquecimento de consoantes finais (p, t, k) e nasais (m, n), e a fonologização de contrastes nasalidade e alongamento de nasais após o eventual esvaecimento da coda consonantal” (CHEN; WANG, 1975, p. 266). Oliveira (1992, p. 38) afirma ainda que cada dialeto tem sua lista de itens afetados por uma dada inovação, resultando disso que as diferenças inter-dialetais, no que tange a uma inovação qualquer, serão sempre maiores do que as diferenças no interior de cada dialeto.

Quanto à questão sobre que palavras estão mais ou menos expostas à mudança sonora, os trabalhos vistos aqui não encontram uma resposta clara para o problema, que ainda merece um tratamento mais profundo. Algumas propostas são as seguintes. Khrishnamurti (1978, p. 1) fala em “itens lexicais que preencham as condições estruturais e sociais de substituição” (tradução nossa), adotando uma solução não-estrutural para o problema e concluindo que os dados das línguas dravídicas parecem mostrar que os itens lexicais que registram os vestígios mais antigos de deslocamento apical estão relacionados a conceitos fundamentais para a comunicação e a cultura dos grupos tribais (“two, moon/month, sacrifice, open, enter”). Quanto ao modo como a regra opera, espalhando a mudança, o principal fator é a generalização das condições estruturais que permitem a alteração. Não fica claro como se dá o exame desses “itens lexicais fundamentais para a comunicação e a cultura” se aplica a várias línguas e nem mesmo que itens exatamente cumprem essa função, tornando a proposta pouco objetiva.

Phillips (1984, p. 339) considera a frequência um fator importante para determinar que itens serão mais atingidos. Segundo ele, no que tange a alterações fisiologicamente motivadas (reduções vocálicas, assimilações e cancelamentos de *shwas*, por exemplo),

as palavras mais frequentes serão mais atingidas, já que elas agem sobre as “formas de superfície”; se as alterações em questão não são motivadas fisiologicamente, elas agem sobre as “formas subjacentes” (“underlying forms”), e afetarão, em primeiro lugar, as palavras menos frequentes. Quanto a esse último tipo de alterações, Philips entende que são aquelas ligadas à analogia, à tentativa que o falante faz de regularizar itens, a fim de estabelecer “uma forte correspondência entre som e significado” (p. 337) (tradução nossa).

Oliveira (1995) propõe que a frequência seja vista não como um traço absoluto do vocábulo, mas relativo ao contexto em que o item léxico ocorra “na ‘práxis’ linguística dos falantes individuais (ou de grupos de falantes) (p.87)”. Outro aspecto é a formalidade do item, que deve ser buscada na própria situação de fala, ou na “empatia entre o falante e a situação de fala” (p. 87). Quanto à questão dos nomes próprios, ele destaca que estes devem ser vistos como menos propensos a mudança se vistos isoladamente; “Contudo, se o ajuste entre dois falantes for marcado por um alto grau de empatia, não há nada que impeça que ocorram alterações exatamente nos nomes próprios” (p. 88).

Em artigo de 1997, *Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba*, que, como o título indica, é uma revisão do tratamento que o autor deu ao fenômeno em sua tese de 1983, de orientação laboviana, Oliveira faz uma interpretação do fenômeno numa perspectiva difusionista. Nas conclusões, o autor destaca que, no que tange ao comportamento dos indivíduos, “os resultados sugerem que eles não são meros reprodutores do comportamento dos grupos aos quais pertencem” (p. 55). Essa observação já havia sido feita pelo autor em Oliveira (1995), sugerindo que, para melhor compreensão do fenômeno da difusão lexical, o comportamento do indivíduo deveria ser visto separadamente em relação ao de sua comunidade de fala, já que aquele teria um comportamento mais homogêneo do que a comunidade.

Essas linhas gerais da hipótese da difusão lexical sinalizam para um conjunto de operações que visam a enquadrar as chamadas “exceções” à regularidade da mudança fonética no aparato das regras de variação de dado dialeto. Esse é um modelo que tem sido usado para explicar também alguns fenômenos de mudança que, estando em processo, atingem poucos itens lexicais de uma língua com uma frequência muito alta, sem que o fenômeno esteja generalizado a outros vocábulos que apresentam contextos fônicos idênticos. Um exemplo disso é o que ocorre com a aspiração de <S> em interior

de vocábulo, que, nos dados estudados nesta tese, teve um alto índice de ocorrência nos vocábulos *mesmo* e *desde*, ficando praticamente restrita a esses dois contextos.

2.3 MODELOS MULTIRREPRESENTACIONAIS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

O objetivo desta seção é fazer uma revisão de algumas propostas recentes na área da aquisição da linguagem que têm se voltado para o entendimento de como as crianças aprendem as regularidades de itens que se apresentam em variação. Essas abordagens, chamadas de multirrepresentacionais, consideram que, no período de aquisição, as crianças extraem informações da frequência da distribuição de variantes linguísticas em competição, o que lhes permite seguir os padrões do dialeto que fornece a base para sua aprendizagem da língua-alvo. Os achados nessa área são considerados mais à frente para a interpretação do fenômeno variável na comunidade de Helvécia.

Partindo do pressuposto de que a frequência e a informação distribucional são suficientes para processo de aquisição de regras alofônicas, portanto, da distinção fonêmica, Le Calvez; Peperkamp; Dupoux (2007) elaboraram um estudo com uma língua artificial e com fonemas do Japonês e do Francês baseados na hipótese de que a aquisição se dá unicamente de forma *bottom-up*⁹. Para realizar o estudo, os autores estabeleceram dois parâmetros: 1) um teste de confiabilidade estatística da amostra; 2) dois filtros para propriedades universais de regras alofônicas: a) os constituintes devem ser foneticamente semelhantes e b) as regras alofônicas devem ter natureza assimilatória.

O pressuposto básico, nesse caso, é o de que, já no seu primeiro ano de vida, portanto antes mesmo de terem um léxico e de terem aprendido a falar, as crianças aprendem muitos aspectos da fonologia de sua língua materna, inclusive os dados de variação. Assim, o mecanismo básico de aquisição envolveria a extração de regularidades fonéticas a partir da frequência de distribuição dos segmentos e das possibilidades transicionais dos mesmos. Em seus testes, por meio de um algoritmo

⁹ A hipótese de aquisição *bottom-up* prevê que aquisição de traços fonêmicos de uma língua se dá a partir das informações distribucionais do *input* disponível para aquisição. Nesse caso, durante a aquisição, a criança agiria extraindo informações sobre as regularidades estatísticas presentes no sinal da fala (BENAYON; GOMES, 2009; LE CALVEZ; PEPERKAMP e DUPOUX, 2007). Em seu artigo, Matzenauer; Miranda (2008) decidem testar essa hipótese, pois reconhecem que ela é controversa, já que há autores que defendem haver também a aquisição de fonemas e alofones de forma *top-down*, hipótese que prevê que a aquisição se daria com a ajuda do léxico, a partir das formas/representações abstratas das palavras (BENAYON; GOMES, 2009).

estocástico, os autores verificaram a influência de dois parâmetros: a) o tamanho do *corpus* (ou *input*) e b) o número de regras alofônicas. O teste com as línguas artificiais, utilizadas para simulação do algoritmo e comparação com os resultados das línguas naturais observadas, mostrou-se sensível a três fatores: a) a frequência do segmento; b) as interações entre regras alofônicas; c) a confusão alofônica, ou seja, a atribuição de um caráter alofônico a segmentos que são distintivos, criando o que os autores chamam de alofones espúrios. Já no teste com as línguas naturais, os filtros removeram quase todos os pares alofônicos espúrios. Além disso, a similaridade fonética dos segmentos e o fator distribucional se mostraram altamente relevantes para o reconhecimento da alofonia.

A pesquisa de Le Calvez; Peperkamp; Dupoux (2007) sugere que as crianças podem obter uma considerável gama de informações sobre seu léxico com base em um número reduzido de princípios – esse é um dos fundamentos dos modelos multirrepresentacionais de aquisição da linguagem. Esses modelos têm ganhado espaço na linguística brasileira.

Silva; Gomes (2007), em *Aquisição fonológica na perspectiva multirrepresentacional*, discutem como modelos multirrepresentacionais podem contribuir para a compreensão do processo de aquisição de fenômenos fonéticos variáveis. Após fazerem uma exposição sobre como esses modelos concebem a aquisição fonológica e qual o espaço da variabilidade fonética na arquitetura da gramática, elas levantam três questões para análise: o que constitui a unidade básica da fonologia e, conseqüentemente, da aquisição fonológica? Como o conhecimento fonológico é armazenado? Qual a relação entre abstração fonológica e variabilidade fonética? Note-se que essa última questão interessa de perto às análises que serão feitas nesta tese, que focaliza um fenômeno variável na gramática de uma comunidade de fala. Nesse sentido, uma primeira abordagem para Helvécia teria que considerar como a resposta a essas questões, que tratam da aquisição de L1, lançam luz sobre a aquisição irregular de L2 por indivíduos que fornecerão desses dados como referência para aquisição de L1 por seus descendentes.

A maioria dos estudos em aquisição da linguagem concentra suas definições dentro do quadro teórico do Estruturalismo, especialmente no que propôs Jakobson (1941/1968 apud Silva; Gomes, 2007). Nessa linha, o desenvolvimento da fonologia é visto como algo que segue uma ordem universal e inata de aquisição, regulada por um conjunto de leis estruturais. Sob essa perspectiva, as crianças têm um mesmo ritmo de

aquisição e são caracterizadas de modo passivo quanto ao seu desenvolvimento. E mais: do mesmo modo com o Estruturalismo retira do sistema a variabilidade, essa escola e outras abordagens formalistas concebem que as primeiras e mais importantes unidades de aquisição são, respectivamente, os fonemas ou os traços distintivos dos mesmos, de modo que a alofonia – a variação, de fato – não teria espaço como unidade de aquisição. Em outras palavras, a variação não faria parte da gramática de uma língua e estaria fora do processo de aquisição, já que este processo, em fonologia, se daria fundamentalmente pela aquisição de unidades (ou traços) mínimas distintivas.

Considerando evidências encontradas em diversos trabalhos Silva; Gomes (2007) farão suas análises numa outra perspectiva de estudo: a dos *modelos multirrepresentacionais*. Para esses modelos, a premissa básica é que tanto fonemas como alofones são relevantes na aquisição, já que, segundo essa proposta, os alofones expressam informações importantes sobre parâmetros distribucionais que são cruciais para a organização dos sistemas linguísticos.

Com base nisso, pode-se pensar que as informações fornecidas pelos adultos sobre, por exemplo, os segmentos e suas variantes que podem ocupar a coda silábica em português serão a base para que as crianças criem um modelo de licenciamento e bloqueio de consoantes candidatas a ocorrer naquela posição, já que, no período de aquisição, a criança não tem acesso global ao sistema da língua-alvo.

Silva; Gomes (2007) esclarecem:

Portanto, nesse modelo, as representações fonéticas são abstrações da fala e a fonologia emerge da organização da gramática cuja relação simbólica entre forma e significado sugere um léxico plástico e dinâmico. Existem evidências que apontam para o fato de que os níveis de abstração podem se desenvolver independentemente na aquisição (BECKMANN *et al.*, 2004), uma vez que características que diferenciam crianças com desvio fonológico e déficit específico da linguagem poderiam estar associados a problemas nos dois níveis de representação (nível fonético e nível de representação abstrata). **A aquisição da linguagem pode ser então entendida como um ajustamento da representação mental das formas sonoras das palavras conjugadas com os respectivos significados que propiciam a emergência das abstrações consolidando um léxico com propriedades importantes na gramática**¹⁰ (VIHMAN & CROFT, *in press*). (SILVA; GOMES, 2007, p. 183).

¹⁰ Grifo nosso.

Nesses modelos, no âmbito da arquitetura da gramática, o léxico é organizado multidimensionalmente, em função de similaridades fonéticas e semânticas, que são apreendidas a partir da frequência com que figuram nas formas que constituem o *input* para aquisição. Isso significa dizer que a variação linguística passa a ser considerada como fornecedora de parâmetros importantes para a aquisição, o que prevê uma Gramática maleável e dinâmica e implica considerar que a unidade básica de aquisição não é um segmento. Silva; Gomes (2007) defendem essa ideia argumentando que, de fato, num item como *tatu*, a segmentação que é feita intuitivamente é *ta-tu* e não *t-a-t-u*. De qualquer modo, para o que interessa a este estudo, convém considerar que a percepção entra em jogo na representação mental da gramática a ser adquirida – e essa percepção decorre da robustez dos dados e das informações fonotáticas/distribucionais que serão a base da aquisição.

Outro aspecto discutido por Silva; Gomes (2007) interessa a esta tese: como se conjugam, no processo de aquisição, a representação múltipla (= a variação, portanto) de formas fonético-lexicais e os padrões emergentes na gramática a ser adquirida? Com base nos estudos de Vihman; Croft (*in press* apud Silva; Gomes, 2007, p. 184), as autoras propõem que:

- segmentos são adquiridos em padrões lexicais específicos (*templates*) que refletem aspectos distribucionais de uma língua em particular que gerenciam o léxico de tal língua;
- modelos multirrepresentacionais permitem acomodar duas noções importantes:
a) detalhe fonético incorporado às representações (fonemas e alofones) e b) segmentos (sejam fonemas ou alofones) se relacionam com unidades maiores (sílabas e palavras) conciliando a organização básica da Gramática: forma e significado;
- abordagens multirrepresentacionais incorporam a variabilidade sociolinguística, propiciando uma Gramática dinâmica e maleável, com correlatos apropriados de uso – isso, segundo as autoras, serve para explicar alguns resultados aparentemente contraditórios entre trabalhos longitudinais de aquisição.

Adicionalmente, Silva; Gomes (2007) lembram que as abordagens baseadas nos padrões lexicais partem da hipótese central de que a estrutura segmental das palavras está representada em moldes (*templates*) fonotáticos que são específicos de cada língua.

Em outros termos, é possível dizer que esses moldes fonotáticos contêm as informações que criam as configurações consideradas prototípicas para, por exemplo, a constituição da estrutura silábica.

Sobre a organização desses moldes (*templates*, na terminologia dos autores), os achados do trabalho de Vihman; Croft (*in press* apud Silva; Gomes, 2007, p. 184-185) indicam que:

- diferentes línguas permitem a observação de como se organizam os moldes lexicais no léxico inicial da criança. Esses moldes são o resultado de uma abstração baseada no uso ou processo de indução, que se ancora tanto à prática do balbúcio quanto na experiência com os padrões dos adultos;
- os moldes resultantes constituem padrões que emergiram do primeiro repertório de padrões fonéticos da criança em interação com a estrutura fonológica implícita das palavras da língua ambiente que a criança tenta reproduzir – nas situações de contato, isso tem repercussões importantes (os processos de simplificação da coda entrariam aí);
- categorias fonológicas emergirão de forma gradual de diferentes maneiras para diferentes crianças. Tal padrão de desenvolvimento está em conformidade com aquilo “que também tem sido observado em estudos sobre a aquisição inicial da sintaxe, em que a estrutura em torno do verbo (*‘verb island’*) tem sido encontrada ao invés de uma gramática abstrata mais geral (TOMASELLO, 2000)” (SILVA; GOMES, 2007, p. 184);
- na gramática do adulto ou na gramática adquirida, as categorias segmentais fonológicas são melhor definidas em função de suas ocorrências em termos de posições nos moldes, e não como categorias independentes universais – nesse caso, o processo de construção da gramática da língua que está sendo adquirida sofre influência direta do ambiente;
- “Vihman e Croft (*in press*) encontram evidências segundo as quais as categorias fonológicas presentes “nos diversos níveis de generalização, do mais concreto (ocorrências do mesmo segmento) ao mais abstrato (categorias como consoante, vogal, etc) são definidas em função de uma posição num molde fonológico” (SILVA; GOMES, 2007, p. 185);
- assim, se é verdadeiro que as categorias das unidades segmentais fonológicas são definidas posicionalmente na palavra, então o molde lexical é a unidade

primária de representação fonológica e as categorias segmentais individuais são derivadas dela;

- a representação em exemplares, conforme nos modelos baseados no uso e na linguística probabilística, parece ser plausível para explicar a emergência de estrutura fonológica a partir de traços repetidos de memória.

Silva; Gomes (2007) concluirão que o modo perceptual é relevante na construção da gramática e na habilidade de uso desta pelas pessoas como sujeitos atuantes em suas comunidades de fala. A discussão teórica mobilizada pelas autoras permite dizer algo sobre como configuração da variável estudada neste trabalho pôde ser adquirida/percebida no período de aquisição por falantes de dialetos em contato.

Matzenauer; Miranda (2008), estudando dados do português brasileiro, propõem que a aquisição de regras alofônicas envolvendo plosivas coronais em posição de *onset* e fricativas coronais em posição de coda se dá de forma *bottom-up* e *top-down*. Para isso, as autoras se baseiam no que propuseram Le Calvez; Peperkamp e Dupoux (2007).

Matzenauer; Miranda (2008) partiram da seguinte questão: como se dá o processo de aquisição, pela criança, de fonemas e alofones no sistema-alvo? A criança pode, durante as etapas do processo de aquisição, tratar como alofones segmentos que têm valor distintivo na língua-alvo? Utilizando-se da terminologia estruturalista, propõem que fonemas são representações situadas num nível abstrato subjacente e os alofones integram um nível de superfície, formando um conjunto maior do que o inventário fonológico de uma língua. Assim como Le Calvez; Peperkamp e Dupoux (2007), Matzenauer; Miranda (2008) consideram haver dois fatores que levam ao reconhecimento de formas alofônicas nas gramáticas fonológicas: a similaridade fonética e a distribuição complementar. Nesse sentido, por exemplo, as fricativas em coda não são distintivas no português do Brasil porque recebem a especificação do traço [\pm voz] em função da consoante seguinte, por assimilação. O traço [\pm ant] para esses segmentos decorre de fatores extralinguísticos.

As autoras estudaram um *corpus* composto de dados produzidos por duas crianças, que foram acompanhadas longitudinalmente. A primeira foi acompanhada a partir de 1:1;22 (anos: meses; dias) até 2:0, e a segunda, de 1:4;15 até 2:8;09. Os resultados referentes à aquisição das regras de alofonia das fricativas em posição de coda silábica encontrados por Matzenauer; Miranda (2008) foram estes:

- a manifestação da alofonia em concordância com o sistema-alvo se dá desde o início do emprego de fricativas, sem alterações do traço [\pm voz];
- o sistema é *bottom-up* por que leva em conta o contexto assimilatório no emprego das fricativas em coda (já que as crianças podem ter o conhecimento mesmo antes de saber falar) e é também *top-down* porque há o uso do traço [\pm voz] sem valor distintivo somente na coda, após isso já estar estabelecido para as fricativas em posição de *onset*, sendo possível atribuir a distinção e a alofonia com base no significado que as palavras veiculam;
- em final absoluto, os dados das crianças identificaram-se com as formas dos adultos;
- pela etapa mais avançada da aquisição em que ocorrem, as fricativas em coda, quando se manifestam, tornam-se logo consistentes e conformes ao sistema-alvo do que as que estão em posição de *onset*, bem menos previsíveis.

As autoras finalizam a análise defendendo que, diferentemente do que propõem Le Calvez; Peperkamp; Dupoux (2007), para quem o modelo único de aquisição da alofonia é o *bottom-up*, a aquisição das consoantes e a consequente atribuição de valores fonêmicos e alofônicos, no caso das crianças brasileiras, se dá a partir dos modelos *bottom-up* e *top-down*, o que evidencia a interação dos processos no fenômeno de aquisição.

Benayon; Gomes (2009), em *Aquisição da fricativa em coda no português brasileiro: variação e propriedades distribucionais*, defendem também que as propriedades distribucionais das fricativas influenciam em sua aquisição. Sendo assim, quanto mais previsível é a ocorrência de um som, mais cedo ele poderá ser estabilizado na produção da criança. Nessa linha, as fricativas que estão em coda interna, já que são alofones em distribuição complementar, com sua ocorrência bastante previsível, se estabilizam antes das fricativas que estão em *onset*, que possuem traços distintivos.

Banayon; Gomes (2009) fazem um estudo que considera a variação observada no *input*, relativamente aos padrões distribucionais e à variação sociofonética na aquisição das fricativas sibilantes. Três são os objetivos das autoras: verificar a proposta de Oliveira (2002), que, baseando-se na Teoria da Otimidade, estabelece uma hierarquia de aquisição de fricativas sibilantes; verificar a aquisição das fricativas em coda e em *onset* considerando que o conhecimento fonológico envolve aspectos abstratos, as distribuições alofônicas e a identidade social; observar alguns mecanismos em que as

crianças se baseiam para a aquisição das fricativas em questão. A hipótese de trabalho prevê que quanto mais previsível a ocorrência de um som, mais cedo ele poderá ser estabilizado na produção da criança. Assim, a coda final, em limite de palavra, não seria tão previsível quanto a medial, já que sua ocorrência se relaciona com o item seguinte e a existência ou não de pausa. As autoras ainda consideram que “diferenças no *input* que envolvam frequência de ocorrência de uma dada variante e os valores sociais atribuídos a ela podem interferir no processo aquisitivo e também na representação” (BENAYON; GOMES, 2009, p. 131).

Os dados estudados por Benayon; Gomes (2009) foram coletados de crianças que compõem a amostra ARQUIVAR (PEUL/UFRJ), que forma um *corpus* de fala de 34 crianças residentes no Rio de Janeiro. As autoras estudaram um recorte dessa amostra em que apenas as crianças entre 1;9 e 3 foram analisadas. As fricativas foram estudadas considerando *onset*, coda interna e coda final. Os dados foram submetidos à análise estatística por meio do programa *R-project*, que, à semelhança do GOLDVARB, fornece p-valores (pesos relativos), que representam a probabilidade de obter um valor menor ou igual a 0,050. No que tange às fricativas em coda, os resultados encontrados foram estes:

a) para a coda interna

- a coda interna tem uma alta produção desde o primeiro ano;
- em todas as palavras analisadas, quando produzida, ela foi categoricamente realizada em conformidade com o dialeto carioca;
- os dados mostraram que a frequência com que uma variante é ouvida leva-a a ser considerada como exemplar prototípico – assim, a fricativa pós-alveolar seria a representação central para as crianças;
- à medida que a experiência com a língua aumenta as crianças armazenam mais itens lexicais, o que as permitem a abstração da variante;
- as variantes aspirada e zero possuem taxas menores que as de fricativa pós-alveolar (7% e 61%), respectivamente, mesmo em falantes de baixa escolaridade;
- o comportamento observado parece refletir os padrões de distribuição dessa sequência fonotática no léxico do português brasileiro;
- a análise demonstra que “a distribuição de padrões sonoros na língua ambiente tem um papel importante na aquisição da fonologia”. Dessa forma, “as crianças

armazenam mais itens lexicais que possuem a sequência coda fricativa surda + consoante surda, por este ser mais frequente no *input*” (p. 133);

- b) para a coda final (em limite de palavra e em final absoluto)
- as taxas mostraram instabilidade na produção da sequência coda fricativa-consoante surda em limite de palavra;
 - as crianças armazenam o item lexical e suas propriedades distribucionais em termos de contexto de ocorrência; como na coda em limite de palavra a informação do contexto está contida no primeiro segmento da palavra seguinte e ele não é tão previsível quanto em coda interna, a flutuação é esperada;
 - a sequência coda fricativa + consoante sonora apresentou maior instabilidade que na sequência fricativa surda + consoante surda;
 - a tendência de as crianças produzirem mais a fricativa surda, no *corpus* em estudo, se relaciona com o fato de o dialeto carioca possuir alta frequência de fricativa surda + consoante surda;
 - no ambiente de coda em final absoluto, a fricativa pós-alveolar surda foi predominante. Nesse contexto aconteceram casos de não realização da fricativa e de epêntese vocálica após a fricativa, que passava a *onset*;
 - o comportamento da fricativa pós-alveolar surda é semelhante em coda em limite de palavra e em final absoluto;
 - fricativa pós-alveolar sonora difere nesses dois contextos; há diferenças entre a produção da alveolar sonora no primeiro contexto e após-alveolar surda no segundo contexto;
 - a explicação para esses resultados: as crianças abstraem as estruturas sonoras a partir da armazenagem de itens lexicais e da frequência com que sequências fonotáticas ocorrem na língua. Assim a realização da coda em final absoluto utiliza o padrão mais frequente de coda – que é a surda, já que esse é o mais frequente em coda interna e na fala adulta da comunidade em que a criança está inserida;
 - comparando as fricativas em coda com as em *onset*, notou-se que a coda interna apresenta uma produção bem mais estável do que os fonemas em *onset*;
 - as fricativas em coda interna parecem se estabilizar antes dos fonemas.

As pesquisas acima destacadas foram aqui trazidas com o objetivo de motivar uma associação entre os achados desses trabalhos no campo da aquisição da linguagem e os processos envolvidos na variação da fricativa em coda silábica no português brasileiro, sobretudo os que conduzem ao apagamento de <S>.

Uma reflexão adicional tem a ver com o modo como os princípios propostos pela sociolinguística se relacionam coerentemente com a hipótese da difusão lexical e com achados das pesquisas de aquisição sob a ótica multirrepresentacional.

Em primeiro lugar, na medida em que os modelos da difusão lexical e de aquisição multirrepresentacional implicam uma concepção de língua que incorpora elementos da interação e inclui a variabilidade no quadro de fenômenos normais da língua, há aí um primeiro ponto de contato entre eles e a sociolinguística.

Em segundo lugar, a hipótese da difusão lexical pode ser considerada como um recurso auxiliar à interpretação da variação e da mudança nos casos que a sociolinguística não cobre. Um desses casos se refere a alterações fonéticas cuja ocorrência ainda é muito baixa no contexto da comunidade de fala, gerando os casos categóricos que acabam sendo descartados da análise variacionista – isso acontece, por exemplo, com a aspiração de <S> em coda interna no *corpus* que será examinado a seguir, cujas ocorrências ficaram restritas praticamente a um só vocábulo. Além disso, o fato de a análise via difusão lexical tratar de ocorrências ao nível do indivíduo, ao tempo em que olha o seu avanço tanto no léxico dialetal quanto entre os falantes, possibilita ampliar a visão sobre a expansão de determinado fenômeno de mudança – ainda que, como se faz neste trabalho, a difusão lexical seja vista como uma das formas de mobilizar uma interpretação para as ocorrências que não puderam ser bem analisadas no âmbito da metodologia variacionista.

No que tange a resultados encontrados por análises multirrepresentacionais de aquisição da linguagem, eles foram mobilizados aqui por permitirem uma leitura da variação de <S> do ponto de vista dos condicionamentos ligados aos aspectos históricos do contato entre línguas que não poderiam ser incluídos no quadro de variáveis explanatórias do fenômeno aqui analisado. Em outros termos, o modelo permite depreender princípios que operam na aquisição de fricativas em coda e das possibilidades de ocorrência dos segmentos que figuram como candidatos para a realização fonética da coda. Nesse caso, talvez seja possível relacionar isso ao princípio do uniformitarismo, tal como exposto em Labov (2008 [1972]).

3 ESTUDOS SOBRE A VARIÁVEL <S> EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo tem o objetivo de fazer uma revisão de trabalhos que abordaram a variação de <S> em coda silábica no português do Brasil, tanto em sua dimensão social quanto em seu aspecto regional. Os trabalhos serão comentados aqui com os objetivos de a) prover uma visão geral da pesquisa sobre o assunto, a partir do final da década de 70 do século passado até a atualidade; b) comparar, naquilo que é possível, os resultados desses estudos com os que serão apresentados nesta tese e c) considerar implicações dos resultados encontrados por essas pesquisas para o conhecimento dos fatores linguísticos e sociais que influenciam as ocorrências da variável <S> em coda de sílaba interna e externa.

De modo bastante geral, os estudos poderiam ser colocados em dois grupos: aqueles que fazem uma abordagem predominantemente diatópica do fenômeno, e aqueles que utilizam a metodologia variacionista para tratar da realização de <S> em uma área específica, sem se preocupar com a comparação com resultados de outras áreas. Outra observação que pode ser feita é que os estudos realizados entre meados da década de 70 e início da década de 90 do século passado eram predominantemente de cunho diatópico, utilizando, não raramente, instrumentos do método da geolinguística para prover os dados em estudo. Além disso, poucas eram as abordagens que faziam um tratamento estatístico mais apurado do fenômeno, já que a metodologia variacionista ainda não era muito acessível.

Data de 1975 o primeiro estudo em que a realização de <S> em coda silábica no Brasil foi analisada com o apoio de programas que faziam análise estatística: o trabalho de Gryner e Macedo, que teve uma reedição em 2000, numa coletânea de estudos em homenagem a Alzira Macedo. Esse é um dos estudos mais aprofundados e mais consistentes sobre o assunto realizado até hoje no Brasil, em que pese o seu pioneirismo em fazer uma análise variacionista do fenômeno utilizando a noção de regra variável para explicar as realizações de <S> em coda.

Outra observação bastante geral que esta revisão permite é observar em panorama o modo como a maioria das abordagens vem sendo feita. Em grande parte do território brasileiro, predomina a realização alveolar de <S>, com a realização palatal sendo a segunda mais utilizada, normalmente em função de contextos linguísticos

motivadores. Apesar disso, a maioria dos estudos – mesmo aqueles realizados em áreas de predominância alveolar – focaliza as variantes palatais, entendidas como resultantes de uma regra de posteriorização da realização alveolar, pronúncia esta reportada como mais conservadora na língua portuguesa. Por um lado, isso permite o entendimento de como se deu a expansão do fenômeno tanto em contextos pouco favorecedores quanto nas áreas em que ele ocorre; por outro lado, a ênfase na oposição alveolar X palatal deixa à margem questões relacionadas àquelas variantes que aqui são vistas como resultantes de um processo fonético de enfraquecimento da consoante /S/: o apagamento as variantes glotais ou aspiradas.

A seguir, a fim de permitir uma visão do desenvolvimento dos estudos sobre a variável <S> no português do Brasil, será feito um resumo dos resultados encontrados pelos trabalhos mais importantes no âmbito dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos a partir de meados da década de 1970.

3.1 OS ESTUDOS SOBRE <S> EM CODA SILÁBICA NAS DÉCADAS DE 1970 A 1990

Os estudos que serão resumidos a seguir, na sua maioria, trataram as ocorrências da variação de /S/ em coda em atlas linguísticos ou em esboços de atlas. Nesta primeira fase, foram predominantes as abordagens diatópicas acerca do fenômeno. As fontes de dados mais utilizadas foram os atlas: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (ALMG), *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALP), bem como as proposições do *Atlas Etnográfico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (APERJ), que não chegou a ser concluído. Os trabalhos que analisam <S> em coda nessa perspectiva são os de Mota (1994), Brandão (1995), Mota; Rollemberg (1995 e 1997), Brandão (1997 e 1998). Os trabalhos de Mota; Rollemberg (1989a e 1989b) e Callou; Leite; Moraes (1995) utilizaram dados do Projeto Norma Urbana Culta (NURC). Scherre; Macedo (1991) fizeram sua análise a partir de dados de uma amostra do *corpus* Censo.

3.1.1 Callou; Marques (1975): <S> no Rio de Janeiro

O –s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro, de Callou; Marques (1975), é o primeiro estudo sobre a consoante /S/ em coda silábica no português do Brasil. Examinando um *corpus* preparado especialmente para a coleta de variadas ocorrências do fenômeno em exame, os autores analisaram os fatores sociais e geográficos que determinavam as ocorrências de <S>. Seis foram as áreas examinadas: Campo Grande, Jacarepaguá, Madureira, Zona Norte, Centro e Zona Sul. Em cada área foram gravadas elocuições de seis informantes cariocas, homens e mulheres, filhos de pais cariocas, distribuídos em três níveis sócio-culturais, dentro da faixa etária de 20 a 45 anos.

O registro das ocorrências de cada falante foi obtido mediante cinco estratégias: i) respostas sobre a identidade e a biografia do informante; ii) contagem até trinta; iii) enumeração dos dias da semana e nomes dos meses do ano; iv) enumeração de partes do corpo e v) identificação de cerca de 50 figuras e perguntas esparsas. As realizações estudadas pelos autores estavam distribuídas em três contextos: i) em posição final absoluta; ii) em final de palavra, diante de consoante; iii) em posição medial, diante de consoantes.

Foi observado que, apesar de predominante a realização palatal (85,4%), ocorreram realizações alveolares (8,6%), realizações em que se nota uma transição articulatória de alveolar a palatal ou de palatal para alveolar (5,4%), a aspiração (0,4%) e realizações de aspiração + palatal (0,2%). Os autores observaram ainda que há o zero fonético em posição medial ou final de palavra (3,2%) – neste último caso, em vocábulos que “se reportam a um conceito indecomponível em que o –s, embora esteja por um morfema de plural, não corresponde à expressão marcada de mais de um ser” (p. 110).

Outros resultados indicaram que: i) diante de /m/ e /d/ nunca se registra a alveolar; ii) a aspiração só foi encontrada diante de consoante sonora: /v, m, n, d/; iii) a variante palatal predomina em todos os ambientes, mostrando que não está sujeita a condicionamentos de natureza fonética; iv) os dados revelam que a variação não estaria sujeita a fatores de contiguidade fonética, mas antes a fatores “de natureza individual e facultativa, e se faz mais marcante nos locutores do sexo feminino, nas áreas correspondentes a Madureira e Zona Sul” (p. 133).

Do ponto de vista diastrático, os autores notaram que a) praticamente não há flutuação no nível 1 (superior) entre homens e mulheres, que sempre usaram mais a

palatal; b) os falantes do nível 2 (médio) apresentam maior variabilidade; c) entre os falantes do nível 3 (primário) está o maior número de aspiração e redução a zero fonético; d) áreas como Madureira e Zona Sul, em que é mais acentuada a interação sócio-cultural e espacial, mostram maior variabilidade de <S>, sugerindo que é importante estudar a influência da fala de indivíduos de outras regiões do país sobre a fala carioca e a importância que pode ter uma tendência para imitar a palatalização carioca.

Os autores finalizam o trabalho destacando que mal se iniciaram os estudos sociolinguísticos no país, derivando disso a necessidade de outros estudos em que haja um aprimoramento na metodologia e no tratamento dos dados, a fim de que melhor seja compreendida realidade dialetal do português brasileiro no que respeita ao fenômeno investigado.

3.1.2 Gryner; Macedo (2000 [1978]): a realização de <S> em Cordeiro-RJ

Em trabalho de 2000, intitulado *A pronúncia do –s pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ*, Gryner e Macedo focalizaram dados da região de Cordeiro, que incluem entrevistas de falantes de Cordeiro, Cantagalo, Duas Barras e S. Sebastião do Alto, municípios que ficam na porção centro norte do Estado do Rio de Janeiro, limitadas com o norte do Rio de Janeiro e com o Estado de Minas Gerais, áreas estas com norma alveolar. Apesar de publicada em 2000, a pesquisa, que é um dos estudos mais sólidos sobre o assunto, foi realizada durante os anos de 1975 a 1978. A amostra, com 25 horas de gravação, foi constituída com entrevistas de 23 falantes de 13 a 70 anos, de ambos os sexos, com escolaridade primária, secundária e universitária. A distribuição das 5.401 variantes é esta: 2.935 alveolares; 1.665 palatais; 373 aspiradas e 429 apagamentos.

Nessa análise, Gryner; Macedo (2000 [1978]) estudaram apenas os casos em que <S> não possuía valor de plural. Foram ainda retirados os casos de <S> seguidos de [s], [z], [ʃ], [ʒ], [x], [h]; o vocábulo *mesmo* também foi retirado. O tratamento dos dados foi feito pelo pacote VARBRUL (SANKOFF, 1988). Ainda procedendo à operacionalização da análise, os dados foram estudados em duas etapas: a) “análise do uso separado de cada uma das variantes em relação ao total de dados” (p. 30); b) “análise do uso de uma ou mais formas em relação às hipotéticas variantes de origem” (p. 30).

As autoras levantaram hipóteses sobre os grupos de fatores que poderiam condicionar o fenômeno: 1) no dialeto carioca, a palatalização tende a ocorrer diante de consoante e pausa (ficando <S> alveolar diante de vogais). Além disso, a palatalização de <S> ao norte do Estado do Rio de Janeiro ocorre apenas diante de consoantes dentais, o que indicaria ser este o primeiro estágio do processo; 2) supõe-se também que variantes aspirada e zero também se relacionam ao contexto seguinte: nasais e laterais seriam favorecedoras; 3) sílabas fracas favoreceriam o enfraquecimento ou a queda de <S>; 4) morfema *-mos* favoreceria, em áreas rurais, o apagamento de <S>; 5) a posição de <S> na palavra seria um contexto suscetível à variação; 6) o grau de escolaridade do falante estaria correlacionado à pronúncia da variável; 7) diferenças etárias também estariam associadas à variação de <S>; 8) correlação de sexo do informante com variação de <S> revelaria tendências progressistas (*sic*) ou conservadoras da língua.

Para tornar mais prática a exposição dos resultados encontrados por Gryner; Macedo (2000 [1978]), destacar-se-ão a seguir os pesos relativos mais altos associados à ocorrência das variantes em função dos fatores examinados pelas autoras:

- quanto ao contexto seguinte, alveolares são favorecidas por vogais (0,72)¹¹; palatais e aspiradas são favorecidas por consoante (0,69 para as primeiras e 0,59 para aspiradas); o zero é favorecido por pausa (0,59);
- não coronais (/p, k, b, g, v, m/) favorecem alveolares (0,75) e o apagamento (0,62); coronais altas ([tʃ, dʒ] - 0,70) e não altas (/t, d, l, n/ - 0,57) favorecem as palatais; coronais altas favorecem a aspiração; não coronais favorecem o zero;
- aspiradas (0,79) e zero (0,73) são favorecidas em contextos sonantes e desfavorecidas em contextos surdos; para as palatais, os contextos surdos revelaram-se favorecedores (0,68). Para as alveolares, não houve polarização, mas uma distribuição gradativa dos pesos;
- consoantes contínuas favorecem as alveolares (0,63) e o zero (0,58); as palatais são favorecidas por não-contínuas (0,68). Para as aspiradas, os pesos ficaram muito próximos ao ponto neutro;
- a posição final favorece a ocorrência de aspiradas (0,58) e do zero (0,60); palatais são favorecidas em contexto interno (0,56);

¹¹ As autoras não falam explicitamente sobre se esses resultados incluem os casos de ressilabação; entretanto, é possível supor que não.

- apenas a variante zero aparece como sensível à tonicidade da sílaba, com peso de 0,60. O mesmo aconteceu quando se examinou a tonicidade da sílaba seguinte, em que o peso para a variante zero foi de 0,57;
- a variável tende a ser apagada na forma gramatical *-mos*, com peso de 0,69;
- entre os falantes com mais de 51 anos, há uma escala decrescente no uso das variantes: alveolar (0,56) > palatal (0,50) > aspiração (0,41) > zero (0,37). Excluindo-se a variante zero, a escala inverte-se entre os jovens de 13 a 30 anos. A faixa intermediária apresentou um maior uso de zero (0,59) em relação às demais variantes;
- as palatais (0,61) tendem a ser utilizadas por falantes de nível universitário, que rejeitam fortemente a variante zero (0,26), muito utilizada por falantes de nível primário, com peso de 0,73;
- o sexo do falante atua apenas sobre as aspiradas, com os homens tendo maior influência (0,65), ao passo que as mulheres a evitam, como demonstra o peso de 0,35.

Após a exposição desses resultados, Gryner; Macedo (2000 [1978]) fizeram uma interpretação dos mesmos considerando que três regras atuam na variação de <S>: uma regra de palatalização das alveolares, uma regra de enfraquecimento de <S> e uma regra de sonorização de alveolares e palatais..

Depois de discutir como as regras estariam operando, as autoras avançam nas generalizações que seguem. No que tange aos aspectos sociais, a palatalização, a aspiração e o apagamento – esse último menos – são formas inovadoras, próprias dos falantes mais jovens. Os falantes mais velhos, que concentram seus usos nas formas alveolares, apresentam os maiores índices de sonorização, o que resulta de sua recusa de utilizar aspiradas e zero. Ainda segundo as autoras, quanto à escolaridade, os falantes mais escolarizados, que recebem mais influência da capital do Estado, são justamente os que utilizam a variante inovadora mais prestigiada: a palatal. Eles evitam fortemente as variantes aspirada e zero. Esse quadro, segundo a pesquisa, indica que a mudança de <S> se dá em duas direções: a) no sentido da palatalização, obedecendo a uma tendência de mudança de “cima para baixo”; b) no sentido do enfraquecimento, aspiração e apagamento, seguindo a tendência de “baixo para cima”, já que tem início nos grupos de mais baixa escolarização e prestígio social. Quanto à influência do gênero, os resultados mostraram que a aspiração é própria dos homens.

Quanto aos aspectos linguísticos, Gryner; Macedo (2000 [1978]) fazem generalizações considerando que: 1) a palatalização resulta da assimilação do contexto seguinte, iniciando-se diante de coronal alta, expandindo-se adiante de outras coronais e, por fim, diante de não coronais. Foi observado também que a palatalização, que teve início em interior de palavra, ocorre predominantemente em contextos fortes, podendo ser interpretada como um primeiro passo em direção a uma posteriorização, que prosseguiria com a aspiração (glotal) e culminaria no apagamento; 2) a aspiração, do mesmo modo que a palatalização, é favorecida pela coronal seguinte, o que confirmaria o vínculo entre os dois estágios do enfraquecimento: a aspiração e o apagamento. Assim, a hipótese assumida pelas autoras é a de que a aspiração se dá a partir da pronúncia alveolar; 3) o apagamento é um fenômeno que constitui a segunda etapa do processo de enfraquecimento de <S>, iniciado pela aspiração e é fortemente associado a contextos mais fracos; 4) a sonorização é resultado da assimilação de alveolares e palatais aos contextos seguintes e, em Cordeiro, possui um caráter mais conservador (quando alveolar) e de prestígio (quando palatal).

Gryner; Macedo (2000 [1978]) concluem o trabalho tecendo considerações sobre a universalidade do fenômeno (associando-o a outros processos mais gerais de simplificação da coda silábica não só no português do Brasil) e sobre sua especificidade, considerando que a variação em Cordeiro repetiria um fenômeno geral das línguas indo-europeias, em que a articulação alveolar é mais antiga. Além disso, o quadro de variação observado obedeceria aos princípios mais gerais da mudança linguística, ao iniciar-se pelas classes menos favorecidas.

3.1.3 Mota; Rollemberg (1989a) a variável <S> na amostra NURC

Num trabalho de 1989a, intitulado *Constritivas implorivas na norma brasileira: alveolares ou palatais?*, Mota e Rollemberg tentaram entender a) como se explicava a ocorrência de variantes constritivas alveolares e palatais, em posição chamada de imploriva; b) se as realizações palatais nordestinas deveriam ser atribuídas à influência da realização majoritária na área carioca, ou se c) ao contrário, eram fruto de inovação independente da área carioca em determinadas condições contextuais (p. 671).

O trabalho apresenta resultados preliminares do projeto *As constritivas implorivas na norma culta brasileira*. O corpus que serviu de base para o projeto foi o

do NURC. A amostra analisada pelas autoras foi constituída de seis inquéritos, três do tipo elocução formal e três do tipo diálogo entre informante e documentador, com informantes distribuídos em três faixas etárias. As realizações consonânticas estudadas foram as que ocorreram nos 15 minutos iniciais das elocuições formais e nos trinta minutos iniciais dos diálogos entre informante e documentador. Como o número de ocorrências de zero fonético e da variante [h] foi bem pequeno, as autoras consideraram apenas os casos em que a variável <S> se traduzia nas variantes alveolares (1.223 casos) e palatais (549), que, juntas, somaram 1.772 casos.

Em distribuição final de vocábulo, diante de pausa, portanto sem qualquer condicionamento fônico, entre os 494 casos, as variantes não sonoras alveolares foram predominantes (como em *advogado[s]*), respondendo por 81,58% das ocorrências, contra 18,42% de palatais (como em *candidato[ʃ]*).

Em interior de vocábulo, as ocorrências não sonoras de <S> foram predominantemente palatais (57,66%) – tendo sido esse o contexto mais favorecedor da palatalização de <S>. Quando a variável precede consoante não-sonora de vocábulo seguinte (como em *ela[s] tem*), a realização alveolar não-sonora é majoritária, respondendo por 67,89% dos 383 casos.

Quando em sílaba interna diante de consoante sonora, o número de ocorrências da variável diminui: são apenas 54 ocorrências, das quais um percentual de 66,67% é de alveolar sonora. Antes de fim de vocábulo iniciado por consoante sonora, também prevalece a alveolar com um índice de 83,91% de um total de 404 realizações anotadas.

As autoras observaram que, do ponto de vista do condicionamento contextual, as variantes palatais ocorrem com percentuais mais elevados diante de constritivas palatais (/ʃ, ʒ/) e diante da oclusiva dental não sonora (/t/). Nos demais contextos, as realizações alveolares predominam, com índices entre 59,63% (diante de oclusiva labial não sonora) e 100% (diante de oclusiva velar sonora). A presença de /d/ não favorece a realização palatal, predominando, neste caso, realizações alveolares, com índice de 87,5%.

Considerando o número de casos em que as variantes palatais ocorrem diante de oclusiva dental não sonora (364), Mota; Rollemberg (1989a) afirmam que “é a presença da oclusiva dental não-sonora o fator condicionante do processo de palatalização d consoantes implosivas, na amostra analisada” (p. 674). Diante disso, elas propõem que os dados permitem constatar que a palatalização da variável <S>, possivelmente

deflagrado pelo contexto com oclusiva dental não-sonora, já atinge outros contextos na norma de Salvador (p. 675).

Após fazerem esse balanço da distribuição da variável <S> em coda para Salvador, Mota; Rollemberg (1989a) dedicam uma seção do trabalho à palatalização em outras áreas para mostrarem que a ocorrência de palatais diante de /t, d, n, l/ são documentadas no Ceará, em Sergipe, na Paraíba e em Natal – o que ilustra a abrangência do fenômeno e confirma a importância do contexto que aparece com condicionador dessa variante.

Em suas conclusões, assumem que “a palatalização das constrictivas alveolares implosivas é, na área nordestina, um fato inovador que se inicia em final de sílaba interna, em determinados contextos, estendendo-se gradativamente aos demais” (p. 675-6). Ao fim, as autoras deixam aberta questão quanto à chiante carioca: “não seria também ela uma inovação que se teria processado independentemente em Portugal e no Brasil?” (p. 676).

3.1.4 Scherre; Macedo (1991): a variável <S> na amostra Censo

Outro estudo que focaliza a variável <S> em coda de sílaba é o de Scherre; Macedo (1991), *Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico*. Diante do fato de que, na área carioca, embora seja predominante a realização palatal, há também outras realizações, as autoras conduzem o trabalho a partir de algumas questões: a realização variável de <S> é um processo de mudança? A mudança segue rumo a um enfraquecimento, com a conseqüente simplificação do padrão silábico CVC e CV? Há alguma relação entre as pronúncias do <S> não-morfêmico e o problema do <S> morfema de plural, que também pode estar associado à regra de concordância nominal, ligado a questões de ordem morfossintática e discursiva? A variação é devida a fatores de ordem articulatória, de fonologia natural, ou motivos de ordem lexical serão melhores para explicar o que acontece com a variável <S>?

Foram analisados 3.914 dados, produzidos por 18 falantes (9 homens e 9 mulheres) da amostra Censo, assim distribuídos: 6 informantes na faixa etária de 7 a 14 anos, 5 na faixa de 15 a 25 e 7 na faixa de 47 a 70 anos. A distribuição por escolaridade considerou 8 falantes do primário (1ª a 4ª série), 6 do antigo ginásial (5ª a 8ª série) e 4 do ensino médio. Os dados foram tratados com a utilização do programa VARBRUL.

Os grupos de fatores considerados na análise estatística foram sexo; idade; grau de escolaridade; segmento fonológico seguinte (vogal, consoante, pausa); sonoridade da consoante seguinte (surda, sonora, sonorante oral e sonorante nasal); posição da variável na palavra (medial e final); tipo de item léxico (mesmo, *-mos*); conjunção *mas*; advérbio *mais*; demais advérbios; outros; nomes próprios; nomes comuns e demais verbos; tonicidade da própria sílaba; tonicidade da sílaba seguinte a <S> (tônica, átona, inexistente); presença ou ausência de vogal /i/ ou semivogal /j/ na posição precedente a <S>; traço articulatório do segmento seguinte a <S> (não coronal, coronal não-alto, coronal alto, contínuo e não-contínuo).

O resultado mais geral apresentado em Scherre; Macedo (1991) indica que a variante palatal é mais frequente no *corpus*, com um percentual de 63% (2.448 casos). As variantes menos frequentes são as aspiradas (6% – 248 registros) e o zero (8% – 324 ocorrências). As alveolares (894 casos) são responsáveis por 23% das ocorrências.

No que tange aos fatores sociais que governam o fenômeno no *corpus* estudado, os dados mostraram que as mulheres (67% e peso de 0,56) usam mais palatais do que os homens (59% e 0,44), que utilizam, um pouco mais que as mulheres, as aspiradas e a pronúncia zero. Quanto ao papel da faixa etária, os resultados mostraram um cenário de mudança. Para as alveolares, o quadro de pesos relativos é este: faixa 1: 0,42; faixa 2: 0,48; faixa 3: 0,60. Para as palatais, o quadro é: faixa 1: 0,57; faixa 2: 0,54; faixa 3: 0,39. Complementando esses resultados, as autoras encontraram entre os falantes menos escolarizados o favorecimento das palatais, com peso de 0,56. Para os casos de aspiração e de apagamento, Scherre; Macedo (1991, p. 170), consideram ser difícil explicar o quadro encontrado: “mais aspiradas entre os do ginásial [0,62], menos entre os do primário [0,50] e do colegial [0,38]; um pouco mais de queda entre os do ginásio [0,56] e os do colegial [0,52], menos queda entre os do primário [0,42]”.

Do ponto de vista dos condicionamentos linguísticos, quanto à influência da posição, alveolares são favorecidas em posição final, com peso de 0,62; palatais são mais fortes em interior de vocábulo (0,64); aspiradas ficam próximas ao ponto neutro em ambas as posições (0,49 e 0,51) e a variante zero ocorre predominantemente em final de palavra (0,65). Quanto ao contexto fonético-fonológico seguinte, as alveolares ocorrem predominantemente diante de vogais (0,94); as palatais são mais frequentes diante de consoante (0,77) e pausa (0,80); a aspirada, diante de consoante (0,83), e a variante zero é favorecida quando o contexto possui uma consoante (0,61).

Os resultados mostraram ainda que a realização alveolar de <S> ocorre mais diante de /b, v, d, g/ (0,67); a realização palatal ocorre mais diante de surdas (/p, f, t, k/), com peso relativo de 0,72; aspiradas são favorecidas por /l/ (0,73) e o apagamento é favorecido por /b, v, d, g/ (0,60) e por /m, n/ (0,69).

Scherre; Macedo (1991) discutem a questão do apagamento envolvendo a variável <S> quando ela tem ou não valor de plural e observam que <S> não-morfêmico é afetado pela consoante seguinte, caindo mais diante de nasal e diante de /b, v, d, g/. Elas registram ainda que “isso quase não se aplica ao s plural. Quando houve, ela foi pouco polarizada” (p. 172). Diante disso, segundo elas, pelo menos no que tange ao apagamento, parece haver, na cabeça do falante, duas regras bem distintas quando a variável tem ou não valor de plural.

Em suas conclusões, as autoras destacam: 1) parece haver no Rio de Janeiro um reforço da palatalização; 2) “não podemos afirmar ainda com certeza se o fenômeno em pauta, variável, reflete processo de mudança na língua, no presente momento” (p. 178); 3) “as influências sobre realizações do s pós-vocálico em áreas de muita palatalização são diferentes se comparadas às influências em áreas de menos palatalização” (p. 178); 4) as realizações de /S/ pós-vocálico são influenciadas por tipo de item léxico. Quanto a esta última consideração, as autoras não respondem se a variável <S> é determinada por razões fonológicas ou lexicais, mas consideram que o estudo caminha na direção de permitir entender de que forma fatores lexicais e fonológicos se inter-relacionam.

3.1.5 Mota (1994): a variável <S> no Nordeste

Outro estudo que será trazido aqui é o de Mota (1994), intitulado *Consoantes constrictivas implorivas e vogais pretônicas no Nordeste*. O trabalho é uma análise de dois fatos fônicos presentes na área nordestina a partir de dados fornecidos por uma amostra do projeto NURC/Salvador em confronto com dados do NURC/Recife, com dados de Natal (a partir dos trabalhos de Pessoa (1986) e Maia (1986)) e com dados do falar rural recolhidos pelo APFB, pelo ALS e pelo ALP. Para esta revisão, destacar-se-ão apenas os dados referentes a /S/ pós-vocálica.

No trabalho, é registrado que, nos falantes de Salvador, àquela época, havia a co-ocorrência de realizações alveolares e palatais em todos os contextos, sendo que, de modo global, a predominância é destas últimas, com 61,40% das 6.517 ocorrências da

amostra, constituída por 12 diálogos entre informante e documentador (DID) e 12 elocuições em situação formal (EF). Mota (1994) observa ainda que, embora ocorra em todos os contextos fônicos por ela observados (sílabas internas, diante de consoante; em sílabas finais, diante de consoante da palavra seguinte e em sílabas finais de palavra, diante de pausa), é em sílabas internas diante de /p, t, k, f/ que se verificam os mais altos índices de realização da palatal (77,29%, de um total de 1.885 casos).

Quando compara com os dados de Recife, a autora observa que, nos falantes urbanos de nível universitário das duas capitais, o processo de palatalização das alveolares se inicia em sílabas internas, atingindo posteriormente as sílabas finais, sendo o fenômeno mais favorecido pela oclusiva dental /t/. Nos dados de Natal, Mota (1994) destaca que a realização palatal tem sua distribuição limitada a contextos internos em que estão presentes consoantes dentais /t, d/. Nessa capital, nas informantes semi-alfabetizadas, diante de /t/, em posição média, só se observam realizações palatais.

Quanto aos dados da área rural, na faixa do “falar baiano” (BA-SE) a realização é predominante apenas diante de /t/. Nos demais contextos, as alveolares prevalecem. Comparando dados do APFB com os do ALS, a palatalização está mais avançada em Sergipe, com 91,14% de ocorrências em final de sílaba seguido por /t/, ao passo que na Bahia o índice é de 63,64%.

Na Paraíba, o mesmo condicionamento fônico para a palatal é observado. Segundo Mota (1995, p. 235), “a análise dos dados da área nordestina parece comprovar que a palatalização das constrictivas alveolares implosivas é, nessa área, um fato inovador”. Nessas áreas, a palatalização pode ter-se iniciado em um contexto considerando ainda “mais favorecedor (diante de consoantes dentais, especialmente a oclusiva dental não-sonora), expandindo-se para outros contextos e, inclusive, para a posição final de vocábulo, na ausência, portanto, de fator condicionante” (MOTA, 1994, p. 235).

3.1.6 Mota; Rollemberg (1995): ainda <S> na área nordestina

Num estudo sobre as *Constrictivas implosivas em área nordestina*, Mota; Rollemberg (1995) voltam ao tema da variação de <S> em coda de sílaba. Dessa vez, as autoras investigam a realização palatal da variável em levantamentos do APFB e do

ALS considerando a sua distribuição em interior ou final de vocábulo e segundo a natureza do segmento fônico subsequente à variável.

Em sílaba interna, quando a consoante seguinte a <S> é não-sonora, o APFB documenta 382 casos, dos quais 208 (54,45%) são da realização alveolar, ficando as palatais com 37,43% (143 casos). Já no ALS, a predominância é das palatais: de um total de 154 casos, 104 (67,53%) são de palatais.

Quando <S> ocorre em sílaba final seguida de outro vocábulo, o número de ocorrências é diminuto, somando 13 no APFB, onde a realização alveolar sonora é a predominante, com 61,54%. Em Sergipe, dos 21 casos, 47,82% são de ocorrência de palatais. Em final de vocábulo seguido de pausa, nos dois atlas, registra-se a predominância de variantes alveolares, com índices de 64,54% (91 casos) no APFB e 72,62% (61 casos) no ALS. Considerados globalmente, os dados revelam uma predominância de alveolares na Bahia e apenas uma ligeira superioridade das palatais em relação às alveolares em Sergipe.

Na seção em que tratam das realizações alveolares e palatais de <S> associadas aos traços das consoantes seguintes, Mota; Rollemberg (1995) verificam que “antes de consoante labial e velar há maior frequência da alveolar; precedendo a consoante dental não-sonora figura majoritariamente a realização palatal” (p. 82). Nota-se ainda que em Sergipe, a palatal é mais frequente do que na Bahia, chegando a atingir quase a totalidade dos casos (94,19%).

Mota; Rollemberg (1995) procederam também a um estudo da relação entre a realização dental ou palatal de /t/ antes de /i/ e o tipo de realização das constritivas implosivas. Segundo elas observaram, “na área em estudo, não é a realização palatalizada da oclusiva dental subsequente [t] que favorece, como se poderia imaginar, a assimilação de traços entre a constritiva implosiva e a consoante que se lhe segue” (p. 83); antes, há uma dissimilação que governa o fenômeno fazendo com que a oclusiva dental /t/ favoreça a palatalização de <S>. O trabalho é finalizado com a observação de que a posteriorização das constritivas em posição de coda de sílaba é um processo que se encontra em fases distintas nas diversas áreas do território brasileiro, merecendo estudos mais aprofundados a fim de que se possa traçar um panorama mais claro da realidade dialetal do Brasil no que tange a esse aspecto.

3.1.7 Brandão (1995): a realização de <S> em pescadores do Rio de Janeiro

Numa apresentação do *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (região norte)* ao *XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, Brandão (1995) apresenta dados da variável <S> registrados na *carta n° 8: /S/ medial de vocábulo*. Para essa carta, foram observadas 1.377 ocorrências de <S> em interior de vocábulo, tendo sido considerados os fatores área geográfica, faixa etária, contexto fônico antecedente e subsequente à variável, intensidade da sílaba, número de sílabas do vocábulo e classe do vocábulo.

Com a frequência 61%, as alveolares constituem a norma da região norte. As variantes palatais somaram 27%, as glotais somaram 4% e os cancelamentos 8%. Diante desse quadro, Brandão (1995) focou a análise nos casos de realização alveolar, que chegaram a 1.217. Assim, consideradas apenas as realizações alveolares e pós-alveolares, as primeiras somam 69% do total de casos dessas duas variantes. Dentre as comunidades abrangidas pelo Atlas, Itacoara, com índice de 49% de alveolares, e Macaé, com 39%, apresentam falantes jovens (18 a 35 anos) com norma pós-alveolar, atingindo percentuais de 95% e 98%, respectivamente.

Brandão (1995) dá destaque ao fato de que, quando avaliado o peso relativo da área geográfica, por meio do Programa VARBRUL, verifica-se, na faixa litorânea, acima do rio Paraíba do Sul, uma zona mais propensa a variantes [+ant]. A autora ainda observa que na região como um todo, nas falas dos mais velhos, há 0,61 de probabilidade de ocorrerem [+ant], mesmo índice de probabilidade de ocorrência de [-ant] na fala dos mais jovens, o que estabelece uma situação de mudança de norma de concretização de <S> em contexto medial na direção [s]/[z] → [ʃ]/[ʒ].

No que tange aos condicionamentos linguísticos, Brandão (1995) viu que se mostraram favorecedores das variantes alveolares contextos em que à variável <S> se seguem consoantes com traço [[-cont][-cor]]: [p], [b], [m], [k], [g]. Para as variantes pós-alveolares, na mesma posição, as consoantes [t], [d], [tʃ], [dʒ], mostraram-se mais favoráveis. A autora conclui afirmando que, na fala dos pescadores do norte fluminense, há um processo de difusão das variantes [-ant] – atestado em ocorrências de vocábulos como [ˈpraʃtʃiku], [ˈsuʃtu], [aˈxaʃtu], [ˈdeʒdʒɪ], [ˈgoʃtu] – e de resistência de variantes [+ant] em formas como [susˈpẽdʒɪ], [ˈxazɣu], [kasˈkaʎu] e [ˈmezmʊ].

3.1.8 Callou; Leite; Moraes (1995): <S> no Brasil

Data também de 1995 um estudo realizado por Callou, Leite e Moraes em que a variação de /S/ em coda silábica foi analisada com vistas a traçar um panorama amplo da variação no português de falantes de escolaridade superior entrevistados pelo Projeto NURC. O trabalho é intitulado *Variação dialetal no português do Brasil: aspectos fonéticos e morfossintáticos*. Nesta revisão, apenas os dados referentes à isófono de /S/ serão destacados.

Os autores fizeram o exame da realização variável de /S/ nas cinco capitais em que o projeto NURC atuou. Dessa forma, foram encontrados os seguintes resultados: a) em São Paulo e Porto Alegre, a realização alveolar é predominante, atingindo totais correspondentes a 90% e 86%, respectivamente; b) no Rio de Janeiro (82,5%) e em Recife (69,5%) a palatal predomina; c) em Salvador, a distribuição revela-se equilibrada, com as alveolares totalizando 56% e as palatais, 44%. Esse quadro evidencia uma oposição sul/norte, em que a não-palatalização é norma na porção sul. Na porção Norte, de um lado estão Rio de Janeiro e Recife, com predomínio da palatal, e, de outro, Salvador, em que a distribuição das palatais cai a 44%.

Os autores ainda verificaram uma tendência consistente de palatalização em posição medial: há um aumento do índice de palatalização de 5% a 9% em São Paulo, de 3% a 23% em Porto Alegre, de 32% a 56% em Salvador, de 55% a 84% em Recife e de 75% a 90% no Rio de Janeiro – gradação que, para Callou; Leite; Moraes (1995), marca uma isófono que separa Porto Alegre e São Paulo do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife, corroborando em parte a divisão de áreas dialetais proposta por Antenor Nascentes (1953).

3.1.9 Scherre; Macedo (2000 [1996]): restrições da realização de <S> na amostra Censo

Outro estudo pertencente à coletânea que homenageia Alzira Macedo é o que foi produzido por Scherre; Macedo (2000 [1996]). Intitulado *Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -s pós-vocálico no Rio de Janeiro*, o trabalho é uma versão ampliada de uma comunicação realizada pelas autoras no 25º *New Ways of Analyzing Variation (NWAVE)*, ocorrido em Las Vegas, em 1996.

O objetivo das autoras no trabalho é discutir restrições que governam as realizações de <S>. A amostra analisada foi constituída de 9.600 dados do *Corpus Censo*, a partir de 64 entrevistas com falantes do Rio de Janeiro, contactados pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). Os falantes foram distribuídos em níveis de escolarização (27 de 1 a 4 anos de escolaridade; 24 de 5 a 8; 13 de 9 a 11), em sexo (24 homens e 24 mulheres) e em faixa etária (16 de 17 a 14 anos; 15 de 15 a 25; 15 de 26 a 49; e 17 de 50 a 71).

A distribuição das variantes é a seguinte: palatais: 5.880 = 61%, alveolares: 2.114 = 22%; aspirada: 635 = 7%; zero fonético: 900 = 9%. 71 casos, considerados como duvidosos, foram retirados da análise. Scherre; Macedo (2000 [1996]) também identificaram dois contextos em que não ocorrem todas as variantes: um é diante de vogal, contexto em que, em 92% (1.762/1.925) dos casos, deu-se a ressilabação, ocorrendo sempre uma alveolar sonora. Os outros 163 casos realizam-se como zero (155) ou como aspirada (8). O outro contexto envolve a predominância de palatais (95%) em final de enunciado. De um total de 62 casos, 59 foram de realizações da palatal.

Diante disso, foram submetidos à análise estatística um total de 7.500 dados, finalmente distribuídos assim: 5.792 (77%) realizações palatais; 351 (5%) alveolares; 625 (8%) aspiradas; 900 (10%) ocorrências de zero fonético. As variáveis linguísticas consideradas foram o contexto fonológico seguinte a <S>, o contexto vocálico e semivocálico precedente, posição de <S> na palavra, número de sílabas, tonicidade da sílaba em que se acha <S>, classe gramatical e itens lexicais específicos.

Utilizando a escala de sonoridade proposta por Jespersen (apud Clements, 1980, p. 36) as autoras observaram que: a) a variante palatal evidencia uma escala de ocorrência inversamente proporcional à escala de sonoridade: quanto mais baixo o grau de sonoridade, maior a ocorrência de palatais (0,64 diante de oclusivas surdas); quanto mais alto o grau, menos palatais (0,15 e 0,18 diante de lateral sonora e nasais); b) a variante aspirada ocorre em função da escala: 0,37 diante de surdas; 0,87 diante de nasais; 0,94 diante de lateral sonora; c) a variante alveolar apresentou comportamento similar à palatal diante de consoante surda e semelhante à aspirada diante de sonora. Mais algumas constatações são feitas:

- os resultados indicam semelhança de comportamento entre a pausa e as oclusivas surdas para as variantes zero (0,44 e 0,41), palatal (0,57 e 0,64) e aspirada (0,37 e 0,24), mas comportamento distinto para a alveolar (0,65 e 0,44);
- taxas mais altas da variante palatal (0,63) se ligam à presença dos traços [+alto, +anterior] e taxas mais altas de aspirada (0,72) e zero (0,74) se correlacionam à ausência desses traços;
- posições finais favorecem a variante zero (com pesos entre 0,77 e 0,90) ou variante aspirada (0,68). Interior de palavra favorece a palatal (0,66);
- ocorre mais aspirada em sílaba tônica (0,68) do que em sílaba átona (0,23);
- monossílabos favorecem menos a variante zero (0,77) do que polissílabos com -s em sílaba átona (0,90). Operando uma análise em que monossílabos são comparados com polissílabos com <S> em final de sílaba tônica e sílaba átona, foi possível ver que monossílabos desfavorecem a variante zero. Para a variante alveolar, os dados não indicam uma polarização, atestando ser a alveolar uma variante menos marcada;
- quanto ao efeito da classe, nota-se que palatais ocorrem mais com classes gramaticais que tendem a resistir a processos de enfraquecimento ou cancelamento: substantivo próprio (0,68), substantivo comum (0,59), numeral (0,76) e verbos (0,60). Aspiradas e zero ocorrem com itens específicos: aspirada com *nós* (0,77), advérbio *mais* (0,74), *mas* (0,65) e *mesmo* (0,71); zero ocorre mais com a terminação verbal *-mos* (0,85), com *mesmo* (0,88) e com *mas* (0,75). Em suma, predomina a presença de -s nos nomes e verbos que não envolvem prefixos relevantes.

Scherre; Macedo (2000 [1996]) ainda destacam que, no que tange a esses últimos resultados, são necessárias abordagens que levem em conta frequência e formalidade de itens, considerando a atuação de princípios de difusão lexical. Levantam a especulação de que provavelmente há advérbios que poderiam favorecer o entendimento da influência do léxico. Além disso, a atuação de certos itens como *mesmo*, *mais*, *nós*, *mas* sinaliza o papel do contexto consonantal precedente na seleção das formas pelo falante. Finalmente, propõem a reflexão de que o papel das classes na realização de variável é uma questão que “não pode ser resolvida na dicotomia simples de que ‘aqui palavras mudam; lá mudam sons’” (p. 62) – algo que abordagens futuras, dedicadas ao problema, podem esclarecer.

3.1.10 Brandão (1997): voltando ao <S> na fala de pescadores

Em 1997, Brandão, retomando dados de seu trabalho de 1995, comparou as ocorrências de <S> em situação medial de vocábulo (BRANDÃO, 1995) com ocorrências da variável em posição final de vocábulo, considerando 1138 dados de <s> sem valor de plural e 5.229 dados de <S> morfema de plural. O estudo, intitulado *Aspectos sociolinguísticos de um dialeto rural*, focalizou o dialeto rural norte-fluminense, trabalhando com falantes do sexo masculino, pescadores, de baixa escolaridade, naturais de treze localidades, distribuídos em três faixas etárias (A: 18-35 anos; B: 36-55 anos; C: 56-70 anos). Os seguintes resultados foram encontrados: a) a realização de -s sem valor de plural chega a 86%, com predomínio da variante alveolar; b) nos SN's o apagamento da marca de plural atinge 86% e 78% entre os constituintes nucleares e os modificadores, respectivamente; c) no cômputo geral as fricativas alveolares constituem a norma da região norte fluminense, embora se faça clara a percepção de que, entre os mais jovens, a norma está mudando em direção à posteriorização de <S>.

3.1.11 Mota; Rollemberg (1997): <S> no falar baiano

Em *Consoantes implosivas: áreas conservadoras no 'falar baiano'*, Mota; Rollemberg (1997) se baseiam em dados do APFB, do ALS e do EALMG para analisar a variável <S> em coda silábica e a consoante líquida lateral na área identificada por Nascentes (1953) como pertencente ao falar baiano. No que respeita às consoantes constrictivas, em termos gerais, na área Bahia-Sergipe, as autoras documentaram realizações alveolares, palatais, mistas (com transição articulatória de palatal para alveolar e de alveolar para palatal), aspiradas e também o zero fonético. Na área norte, nordeste e noroeste de Minas Gerais, as realizações alveolares são exclusivas, tanto em sílaba medial quanto final diante de pausa.

Os dados permitem ainda a identificação de subáreas mais conservadoras, em que a área mineira do falar baiano aparece com a mais conservadora, com realizações exclusivamente alveolares. A Bahia também é uma área em que as variantes alveolares são predominantes, tanto em posição medial (54%), quanto em posição final (64,64%),

enquanto que, em Sergipe, a variante alveolar predomina apenas em contextos menos favoráveis à palatal – final de vocábulo diante de pausa (72,62%).

Fazendo uma análise da distribuição areal da realização alveolar, Mota; Rollemberg (1997) notam que, em posição final diante de pausa, a área Bahia-Sergipe tem essa variante como única. Essa área compreende parte da região contígua a Minas Gerais – no Extremo Sul da Bahia (pontos 10 e 50), em Vitória da Conquista (24 e 25) e na zona da Serra Geral (34, 25 e 36) –, estendendo-se ao norte, até o ponto 31, na zona da Chapada Diamantina e às margens do Rio São Francisco (43, 42, 40 e 38, na Bahia, e 62 e 61 em Sergipe) e avançando a oeste, na zona de Barreiras (ponto 49). Na faixa litorânea, na direção sul-norte, a conservação da realização alveolar na Bahia compreende o Extremo Sul (nos pontos 12, 11 e 9), a Zona do Cacau (8 e 7), indo até o interior, na zona de Jequié (22). A alveolar aparece com única realização em quatro pontos entre o leste da Chapada Diamantina (30), passando pela sua encosta (28), pela zona de Senhor do Bonfim (27) e por Feira de Santana (18), e em Sergipe, na zona oeste (60 e 63). A análise é concluída com a ponderação de que, dentro do falar baiano existem subáreas dialetais ainda não claramente delimitadas.

3.1.12 Brandão (1998): <S> num dialeto brasileiro

Em *Sobre a palatalização num dialeto brasileiro*, Brandão (1998) faz uma análise da palatalização de <S> em posição medial e final de vocábulo e da palatalização de /t/ e /d/. Com base em dados do APERJ, a autora decidiu observar a produtividade do processo de palatalização, seus diferentes estágios e os fatores que o condicionam. O *corpus* estudado constituiu-se de um total de 3.939 vocábulos, extraídos dos dados fornecidos por 78 informantes das 13 comunidades abarcadas pelo APERJ. Brandão verificou que o apagamento de <S> em contexto final atinge altos índices quando a variável tem valor de plural; já a aspiração atinge índices pouco significativos, ocorrendo preferencialmente antes de [m] e [n]. Diante disso, ela observa que o contexto por excelência para avaliar a regra de palatalização é o medial de vocábulo.

Procedendo a uma análise apenas dos casos de alveolares e palatais, que, juntos, somaram 1.216 ocorrências, com predominância das primeiras, que atingiram 69% (837) das ocorrências, ao passo que as palatais somam 379 ocorrências (31%), a autora

observou que os contextos que favorecem a palatalização são: a) aqueles em que antes da implosiva se encontram as vogais [i] e [u], bem como [a] e [o], com pesos que oscilam entre 0,60 e 0,68; b) depois da variante ocorrem /t/ e suas co-variantes palatalizadas e africadas, com pesos entre 0,84 e 0,92. Por outro lado, a palatalização é inibida com a presença, na sílaba posterior, de consoantes labiais, das velares surdas (0,23) ou sonoras (0,26).

No que tange aos condicionamentos extralinguísticos, as localidades de Macaé e Itaocara são as áreas mais palatalizantes com pesos de, respectivamente, 0,91 e 0,80, seguidas de São Tomé (0,66) e São João da Barra (0,62). Na fala dos mais velhos há 0,61 de probabilidade de correrem as variantes palatais.

Em contexto final de vocábulo, Brandão analisou 2.562 dados, dos quais 1.148 sem valor de plural (em vocábulos como *nós*, *três*, *mês*, *dez*), e 1414 em que <S> era marca de número. Nesses casos, quando <S> não tem valor morfêmico, o índice de aplicação da regra de palatalização não passa de 0,19, o que pode significar que, nesse contexto, o processo se iniciou mais tarde.

3.2 OS ESTUDOS SOBRE <S> EM CODA SILÁBICA NA DÉCADA DE 2000

Metade dos estudos que serão apresentados a seguir é resultante de pesquisas feitas por seus autores em cursos de mestrado ou de doutorado. Os trabalhos de Mota (2002) e Brescancini (2003) resultam de suas investigações durante o doutoramento das autoras. Carvalho (2000), Lima (2006), Almeida (2008), Monteiro (2009), Santos (2009) apresentam resultados de suas dissertações de mestrado. Martins (2003) publicou dados do seu Trabalho de Conclusão de Curso. Callou; Leite; Moraes (2002), Hora (2003 e 2007), Brandão (2008 e 2009), Haupt; Berri (2009), Noll (2009), Razky (2010), Mota; Santos; Evangelista (2010) e Lucchesi (2010) publicaram artigos em revistas especializadas ou em livros.

Em todos esses trabalhos, a metodologia de análise estatística variacionista é utilizada. Em panorama, esses trabalhos revelam um refinamento da análise da variável <S> ao longo desses anos. Mesmo nos trabalhos em que a ênfase é diatópica, a análise multivariada foi utilizada como ferramenta para identificar fatores linguísticos e sociais que marcam a variação estudada e promover, assim, maior conhecimento dos mecanismos que regulam o fenômeno. Ao lado disso, os trabalhos trazem maior

detalhamento da análise da variável <S>, resultante das possibilidades oferecidas por programas como o VARBRUL em suas diferentes versões. A seguir, esses trabalhos serão resumidos.

3.2.1 Carvalho (2000): <S> na fala de Belém-Pa

Em dissertação de Mestrado, intitulada *Variação do /s/ pós-vocálico na fala de Belém*, Carvalho (2000) focaliza a variação na capital do Pará a partir de um *corpus* constituído, à moda do Projeto NURC, de 25 entrevistas e depoimentos do tipo Diálogo entre informante e documentador. Os informantes eram todos naturais de Belém e filhos de pais belenenses que não tivessem permanecido fora da cidade por mais de três meses. Os 42 falantes da amostra foram estratificados em escolaridade (sem escolaridade, com ensino fundamental completo/incompleto, com ensino médio completo/incompleto), faixa etária (15 a 25, 26 a 46, mais de 46), classe social (baixa – indivíduo com renda familiar até R\$1.000,00; média – indivíduo com renda familiar acima de R\$1.000,00) e sexo.

Os grupos de fatores linguísticos considerados para fins de análise estatística por meio do pacote VARBRUL foram: sonoridade do segmento posterior à variável, tonicidade da sílaba em que se acha a variável, tipo de vocábulo, ambiente fonológico posterior, características articulatórias do segmento posterior e grau de interação entre as variantes e as variáveis independentes. Os principais resultados encontrados por Carvalho (2000) serão resumidos a seguir:

- frequência global das variantes, que, juntas, totalizaram 3.955 casos: palatais: 69% (2766); alveolares: 23% (909); glotal: 3% (83); zero: 5% (197);
- vogais aparecem como o contexto mais favorecedor para a realização de alveolares, com peso de 0,96. Consoantes surdas internas (0,67), sonoras em junctura (0,64), surdas em junctura (0,73) e pausa (0,79) são os contextos mais favorecedores às variantes palatais. Consoantes sonoras, internas (0,93) ou em junctura (0,70) são as favorecedoras da glotal. Consoantes surdas internas (0,45) e vogais seguintes (0,27) desfavorecem o apagamento;
- sílabas átonas favorecem a ocorrência da palatal (0,56) e do apagamento (0,56). Sílabas tônicas favorecem a ocorrência de alveolares (0,58) e da glotal (0,71);

- o caráter surdo do segmento posterior condiciona a ocorrência de palatais (0,70), desfavorece o uso de alveolares (0,13), da glotal (0,09) e do apagamento (0,16) – essas últimas francamente ligadas à ocorrência de segmentos sonoros;
- quanto à classe dos vocábulos, os dados de Carvalho põem conjunções (0,68) e pronomes (0,62) como favorecedores da pronúncia alveolar. Em adjetivos (0,07) ela é fortemente desfavorecida. As palatais aparecerão em todas as classes, tendo nas conjunções (0,30) menos ocorrências. A única classe que aparece como favorecedora da glotal é o advérbio (0,68). O zero fonético ocorre fortemente associado a advérbios (0,83) e conjunções (0,75);
- para a análise das características articulatórias do segmento posterior à variável, Carvalho estudou separadamente zona e modo de articulação das consoantes e zona e altura de articulação das vogais. Os resultados que a autora registra para a variante alveolar são estes: a) consoantes palatais (0,57) favorecem realizações alveolares de <S>; b) velares (0,29) e palatais (0,20) desfavorecem fortemente a glotal; c) o zero ocorre com frequência alta diante de bilabiais (0,67) e alveolares (0,65). As variantes palatais não demonstram sofrer um condicionamento específico;
- quanto ao avanço da língua na produção da vogal, os dados de Carvalho mostram uma relação curiosa, já que, dentro do grupo de fatores, ou todos favorecem ou todos desfavorecem as variantes: os pesos associados às alveolares são estes: anterior: 0,95; central: 0,95; posterior: 0,96. Para palatais, os pesos dessas zonas são, respectivamente, 0,39; 0,43; 0,37. Para a glotal: 0,08; 0,09; 0,10. Para o zero: 0,26; 0,38; 0,36;
- quanto ao modo de articulação, as alveolares não revelaram nenhum condicionamento especial. Para as palatais, apenas as nasais aparecem como desfavorecedoras, com peso de 0,36. As fricativas e as nasais aparecem como favorecedoras da glotal, ao passo que o zero só é favorecido por nasais (0,89);
- outro resultado curioso diz respeito ao efeito da duração da pausa para a ocorrência das variantes. As análises de Carvalho (2000) encontraram os seguintes resultados, considerando, respectivamente, pesos de pausa breve ou longa: alveolares: 0,28 e 0,41; palatais: 0,92 e 0,86; glotal: 0,42 e 0,20; zero fonético: 0,58 e 0,50;

- para a altura da vogal, os pesos encontrados para vogais altas, médias e baixa, foram: alveolares: 0,88; 0,88; 0,84; palatais: 0, 41; 0,42; 0, 30; glotal: 0,68; 0,59; 0,49; zero: 0,47; 0,51; 0,28;
- no que tange ao sexo, que as mulheres usam mais alveolares (0,61) e palatais (0,68). Os homens usam mais a glotal (0,60) e o zero (0,56);
- para a faixa etária: os falantes da faixa 1 usam com maior frequência palatais (0,58), a glotal (0,57) e o zero (0,59). Entre os falantes da faixa 2, apenas a glotal é desfavorecida (0,31). Entre os falantes mais velhos, as palatais (0,59) e a glotal (0,64) aparecem como preferidas, sendo o zero (0,35) fortemente rejeitado;
- alveolares (0,59) e palatais (0,78) são favorecidas por falantes de classe média. O zero fonético (0,71) é fortemente favorecido por falantes da classe baixa. Quanto à escolaridade, ela se revelou importante para o uso de palatais entre indivíduos com o ensino médio (0,66). Entre os falantes com o ensino fundamental, os pesos mais altos ficaram com as palatais (0,59) e com o zero (0,56). A glotal (0,66) e o zero (0,59) são variantes favorecidas por falantes sem escolarização.

A autora conclui o trabalho destacando, entre outras coisas, que o falar amazônico, representado pela fala de belenenses, faz um uso maciço de palatais, que constituem a norma de realização de <S>.

3.2.2 Callou; Leite; Moraes (2002): um quadro da palatalização de <S> no Brasil

Em *Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil*, Callou; Leite; Moraes (2002) examinam variados processos de enfraquecimento de consoantes em coda de sílaba no português brasileiro: $s \rightarrow \text{ʃ} \sim h$; $R \rightarrow x \sim h$; $L \rightarrow \text{t} \sim w$. O objetivo dos autores é “estabelecer: (a) geolingüística desse(s) processo(s); (b) seus fatores condicionantes; (c) o tipo de mudança e (d) o estágio em que o(s) processo(s) se encontra(m)” (p. 537). Restringindo o trabalho à palatalização de <S>, os autores indagam se esta se trata de uma mudança de cima para baixo, entendendo eles que a pronúncia, considerada nobre no Rio de Janeiro porque herdada da corte portuguesa, “estendeu-se ao Nordeste, região para a qual o falar da antiga capital representava uma norma de prestígio” (p. 550).

A amostra analisada foi constituída de 9.026 ocorrências de <S>, em interior de vocábulo, distribuídas pelas cinco capitais que integram o banco de dados do Projeto NURC, conforme reproduzido na tabela abaixo, extraída de Callou; Leite; Moraes (2002, p. 539).

TABELA 2
Realização do S em posição medial e final

	Palatal		Aspiração		Alveolar		Apagamento	
	M	F	M	F	M	F	M	F
RJ	90	75	6	10	1	8	2	8
SP	9	5	0	0	88	91	3	3
POA	23	2	0	0	77	96	0	1
RE	84	54	5	7	10	34	2	5
SSA	56	31	4	9	39	51	1	9

Fonte: Callou, Leite e Moraes (2002, p. 539)

Os fatores que se mostraram significativos para o fenômeno foram a natureza do segmento subsequente, a dimensão do vocábulo, o gênero e a faixa etária. Do ponto de vista geográfico, o Rio de Janeiro, com altos índices de palatalização (90% / 0,91), apresenta uma curva de mudança no sentido da perda, em que as mulheres da faixa 3 figuram como as que mais influenciam na palatalização, com peso relativo na casa de 0,80. Em Recife, o padrão é de variação estável, também com altos índices de palatalização (86% / 0,86). Na faixa etária média, homens (acima de 0,80) e mulheres (0,10) mostram uma extrema polarização. Em Salvador, onde se registra um equilíbrio entre alveolares e palatais, com estas últimas com percentual de 53% e peso de 0,54, há uma curva de mudança em progresso, tanto para homens como para mulheres no sentido da palatalização. Em Porto Alegre e em São Paulo, a realização alveolar predomina, com percentuais/pesos de 23% / 0,23 e 9% / 0,9, respectivamente.

A hipótese de que a palatalização de <S> constituiria uma mudança de cima para baixo não pôde ser confirmada, já que a expansão da regra não é atestada historicamente. Outros aspectos gerais do estudo é que o gênero constitui uma variável relevante. Além disso, Callou; Leite; Moraes (2002) consideram que “a palatalização de S, por sua vez, não se encaixa em nenhum dos princípios acima mencionados [escala de sonoridade de Clements e princípio do menor esforço]” (p. 553). O fenômeno parece

tratar-se de um caso de mudança no sentido de imitar a pronúncia que seria de prestígio sem estar sujeita a princípios universais.

3.2.3 Mota (2002): a variação de <S> em Salvador em dois períodos

Mota (2002) faz uma análise das realizações de <S> pós-vocálico em Salvador. Intitulada *O <S> em coda silábica na norma culta de Salvador*, a tese, que é, certamente, o trabalho mais amplo e completo sobre o assunto, trata um conjunto de 15.000 ocorrências do <S> pós-vocálico. O *corpus* foi assim composto: amostra I: dezesseis inquéritos do tipo DID e dezesseis do tipo EF, realizados pela equipe do NURC/Salvador entre 1973 e 1978; amostra II: dezoito inquéritos do tipo DID, realizados entre 1993 e 1999, dentro do Projeto de Estudo da Variação em Tempo Real (PROVAR). Os informantes estavam distribuídos em sexo e nas faixas etárias 1 (25 a 35 anos), 2 (36 a 55) e 3 (acima de 55 anos), ficando a estratificação assim: 25 informantes de cada sexo, dos quais, oito pessoas se encontram na faixa 1, dezesseis na 2 e oito na 3.

Em cada inquérito, Mota (2002) recolheu 300 ocorrências da variável <S>, o que totalizou 15.000 dados, sendo 9.600 da amostra I e 5.400 da amostra II. Na análise das ocorrências, a autora relata que excluiu, entre outros, os casos em que <S> estava diante de vogal inicial da sílaba seguinte e diante de [s, z, ʃ, ʒ], resultando isso em quatro variantes de <S>, onze grupos de fatores internos e três grupos de fatores sociais, que foram tratados numa versão de 1992 do Pacote VARBRUL, para a quantificação dos dados, e numa versão enérea do VARBRUL, o MVARB, para uma análise conjunta das quatro variantes, em que o ponto neutro é 0,25.

Em virtude da extensão do trabalho, nesta revisão serão apenas sintetizados alguns dos principais resultados encontrados por Mota (2002), que faz uma descrição geral do *corpus* no capítulo 4 do trabalho. Alguns pontos são estes:

- as realizações palatais somaram 7.725 casos, correspondendo a 51% do total das ocorrências de <S>;
- as alveolares somaram 6.262 casos, correspondendo a 42% das ocorrências de <S>;

- consoantes laríngeas ([h, fi]), com 539 ocorrências, representaram 4% do total das variantes de <S>;
- o apagamento da variável foi fenômeno minoritário, acontecendo 474 vezes, 3% do total.

Quando se analisa a distribuição das variantes considerando-se separadamente as duas amostras, a distribuição revelou que, na amostra I (1970), as realizações alveolares somaram 3.284 casos (34%); as realizações palatais, majoritárias, somaram 5.766 (60%); as laríngeas, 322 casos (33%) e o apagamento, 228 casos (2% do total).

Na amostra de 1990, a II, o quadro se inverteu e a configuração ficou assim: alveolares somaram 55% (2.978 casos); palatais atingiram 36% (1.959 casos). As laríngeas (539 casos, 4%) e o apagamento (474,3%) continuaram sendo variantes minoritárias.

Mais alguns resultados, esses referentes à influência das variáveis linguísticas para as ocorrências de <S>, são resumidos a seguir. Para as variantes coronais, majoritárias no *corpus*, a autora registra:

- nas duas amostras, as variáveis mais importantes são: a posição do segmento no vocábulo, a natureza do segmento seguinte e a faixa etária;
- quanto à posição no vocábulo, as variantes palatais ocorrem com maior frequência e peso relativo em interior de vocábulo. Em posição final absoluta, as alveolares são predominantes;
- quanto à tonicidade, as variantes palatais são favorecidas em sílabas acentuadas, com pesos de 0,58 e 0,61, nas posições medial e final de vocábulo, na amostra I, e pesos de 0,62 e 0,58, nas posições medial e final, respectivamente, na amostra II;
- quanto ao contexto fônico, Mota (2002) observou que as palatais são favorecidas, em posição medial por [tʰ] (0,71), [dʰ] (0,56) e [t] (0,55), na amostra I; na amostra II, os pesos também são altos para essas consoantes, respectivamente: 0,94, 0,56 e 0,55. Essas mesmas consoantes são as favorecedoras quando <S> está em posição final seguida de vocábulo;

- no que tange à sonoridade, as consoantes palatais ocorreram mais diante de consoantes não sonoras, em ambas as amostras, tanto em posição medial quanto em posição final diante de consoante;
- quanto ao valor morfológico da variável, Mota (2002) observa que, quando o segmento não apresenta valor de plural há maior frequência de palatais, o que se relaciona com o fato de a palatal ocorrer mais em posição medial;
- a maior frequência de palatais está na posição medial, tanto na amostra I (74%), quanto na amostra II (62%);
- a laríngea relaciona-se à presença de consoante subsequente, independentemente da posição;
- o apagamento ocorre com muito maior frequência em final de palavra, com pesos, para esta posição de 0,65 para a amostra I e 0,53 na amostra II;
- quanto à tonicidade da sílaba em que se encontra a variável, a autora considerou que, para as variantes consonânticas, em ambas as amostras, os pesos estão acima de 0,25. Em sílaba inacentuada, os pesos aumentam apenas para o apagamento.
- predomina a laríngea diante de consoantes soantes, com pesos de 0,74 e 0,73, para as amostras I e II, respectivamente; diante de não-sonantes não-sonoros, em ambas as amostras, prevalece a palatal;
- no que tange às variáveis externas, a autora observou que “as diferenças encontradas são, em geral pequenas” (p. 327). Assim, em relação ao gênero, há uma pequena diferença quanto à presença de palatais entre homens (0,54, para a amostra I e 0,58 para a II) e mulheres (0,46 para a I e 0,44 para a II);
- quanto à faixa etária, na amostra I, as palatais prevalecem entre os jovens da faixa I, com frequência de 75% e peso de 0,64, apresentando um quadro de mudança em progresso, já que os mais velhos usam sempre menos a variante. Na amostra II, sobressai maior uso das palatais entre os falantes da faixa II;
- considerando o tipo de texto, Mota (2002) observou que nas EFs há maior índice percentual (69%) e maior peso relativo (0,55) para o uso das palatais do que nos DIDs (59% e 0,44).

Depois de apresentar os dados referentes às variantes majoritárias, Mota (2002) passa à análise das ocorrências das variantes minoritárias. Para variante não-coronal ou aspirada, os fatores condicionadores são os que seguem:

- na amostra I, a posição medial favorece a aspirada, com peso de 0,75; na amostra II, o peso da posição é de 0,69;
- a posição acentuada tem os maiores pesos, tanto na amostra I (0,69) quanto na II (0,67);
- vocábulos monossilábicos pesam mais para a realização laríngea, tanto na amostra I (0,68) quanto na amostra II (0,65);
- consoantes sonoras favorecem a aspiração, tanto na amostra I (0,97) quanto na amostra II (0,97);
- quanto à classe do vocábulo, tanto na amostra I quanto na II, respectivamente, favorecem verbos (0,63 e 0,70), pronomes (0,69 e 0,72), advérbios (0,66 e 0,73), determinantes (0,61 e 0,53) e nexos (0,71 e 0,62);
- segmentos sem valor de plural têm mais força para a realização da variante aspirada, com pesos de 0,60 (amostra I) e 0,66 (amostra II).
- A faixa etária II se mostra favorável, com peso de 0,67 nas duas amostras. O tipo de texto também se mostrou favorável, na amostra I, para a aspiração, com peso de 0,65.

Para a variante zero, mostraram-se favoráveis as variáveis que seguem:

- a posição final de palavra seguida de consoante apresenta-se, nas duas amostras como favorecedoras, com peso relativo de 0,79. Em posição final absoluta, os pesos ficam em 0,69, para a amostra I, e 0,63 para a II;
- quanto à tonicidade, verificou-se que sílabas átonas favorecem a ocorrência do zero, com pesos de 0,63 (amostra I) e 0,61 (amostra II);
- vocábulos não-monossilábicos apresentaram as maiores taxas de apagamento, com pesos de 0,57 (amostra I) e 0,55 (amostra II);
- a sonoridade da consoante subsequente é fator favorecedor de apagamento em final de palavra, com pesos que variam entre 0,63 e 0,75;

- a vogal [u] e suas correspondentes semivocálicas oral e nasal aparecem como favorecedoras do apagamento com peso de 0,70 na amostra I e 0,73 na II. A vogal [a] surge como favorecedora na amostra II, com peso de 0,73;
- favorecem o apagamento verbos (0,67, na amostra I, e 0,77, na amostra II), nomes (0,56, na amostra I), adjetivo (0,61 e 0,63), advérbios (0,58 e 0,77) e nexos (0,85, na amostra II);
- quanto ao valor morfológico da variável, os valores se invertem nas duas amostras: na amostra I, segmentos com valor de plural favorecem o apagamento, com peso de 0,67; na amostra II, segmentos sem valor de plural aparecem como favorecedores, com peso de 0,64;
- no que tange às variáveis externas, apenas o cruzamento dos fatores gênero e faixa etária mostraram-se significativos. Nesse caso, na amostra I, aparecem como favorecedores os homens da faixa II (0,62) e as mulheres da faixa 3 (0,68). Na amostra II, apenas os homens das faixas I (0,59) e II (0,63) favorecem o apagamento. Quanto ao tipo de texto, os DIDs aparecem como favorecedores do apagamento, com peso de 0,61.

Na conclusão, Mota (2002) destaca que os dados analisados, extraídos de amostras coletadas em épocas distintas e com espaço de 20 anos entre uma e outra revelam mudanças na norma de Salvador que estão relacionadas às modificações socioeconômicas e culturais que atingiram a capital baiana.

3.2.4 Martins (2003): <S> em Bragança-PA

Revisitando o tema da variação de <S> no Estado do Pará, a partir do que foi colocado em Carvalho (2000), Martins (2003), em trabalho intitulado *A pronúncia do fonema /s/ pós-vocálico no município de Bragança-PA*, faz uma descrição do fenômeno na área nordeste do Pará.

O *corpus* estudado, composto de gravações de 14 informantes do município de Bragança-PA, é uma amostra da coleta realizada pelo Projeto ALIPA, em 1998. Os informantes foram divididos em sexo, escolaridade (sem escolaridade, ensino

fundamental e ensino médio), faixa etária (15 a 25, 26 a 45, mais de 46 anos) e renda (baixa e média).

Para a análise mediante o VARBRUL, foram excluídas as ocorrências da variável quando ela estava seguida de /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/, mas foram mantidos os casos em que se seguia à variável a constrictiva glotal /r/¹². Os números das diferentes realizações de <S> somam 5.431 ocorrências, assim distribuídas: 2.872 (52,88%) alveolares, 1.716 (31,59%) palatais, 581 apagamentos (10,69%) e 262 (4,82%) aspiradas.

O exame dos fatores linguísticos examinados revelou que: a) sílabas tônicas influenciam as realizações palatais (0,65) e aspiradas (0,53). As realizações alveolares não se mostraram sensíveis ao fato, tendo o peso no ponto neutro. O zero é favorecido em contextos átonos, com peso de 0,62; b) no que tange ao fator classe morfológica da palavra, os dados mostraram que alveolares são favorecidas por pronomes (0,57), preposições (0,60), artigos (0,58), numerais (0,62) e adjetivos (0,58); palatais são desfavorecidas quando ocorrem verbos (0,45), substantivo (0,44) e adjetivo (0,35); aspirada é favorecida por advérbios (0,79), pronomes (0,69), conjunções (0,84) e artigos (0,58); o apagamento, por substantivos (0,69), adjetivos (0,65) e verbos (0,76); c) quanto à sonoridade do segmento subsequente, os resultados mais importantes indicam que vogal em junctura (0,70) e pausa (0,61) são favorecedoras da realização alveolar; as palatais são favorecidas por consoante surda em junctura (0,61) e consoante surda interna (0,81). As aspiradas são favorecidas por consoante sonora em junctura (0,90), consoante sonora interna (0,96) e por vogal em junctura (0,60); o apagamento é favorecido por consoante surda em junctura (0,68), consoante sonora em junctura (0,82) e por pausa (0,60); d) quanto ao modo de articulação do segmento subsequente, as alveolares são favorecidas vogais (0,79), as palatais por consoantes oclusivas (0,65), constrictivas (0,69) e africadas (0,75). As aspiradas são favorecidas por nasais (0,83), laterais (0,78) e vogais (0,69); quanto ao apagamento, os contextos que o motivam são aqueles em que ocorrem nasais (0,68), laterais (0,73) e vogais (0,61); e) quanto à zona de articulação da consoante seguinte: alveolares são desfavorecidas fortemente por consoantes alveolares (0,20) e por palatais (0,29); palatalização é favorecida por alveolares (0,80) e palatais (0,89); a aspirada é favorecida por alveolares (0,68), glotais (0,88) e bilabiais (0,57); o apagamento é favorecido por consoantes labiodentais (0,69); f) do ponto de vista dos fatores sociais, os dados revelaram que há entre os jovens (15 a 25 anos) a preferência

¹² Embora seja corrente a representação da consoante constrictiva glotal com o símbolo [h], o autor a registra com /r/.

pelas realizações alveolar (0,56) e aspirada (0,56). O apagamento é mais presente na terceira faixa etária (0,54) e desfavorecida na faixa etária 2 (0,46). Quanto à escolaridade, o resultado mais significativo mostra que os informantes sem escolarização exibem um quadro de posteriorização de <S>, em que os pesos ficaram assim: alveolar: 0,37; palatal: 0,52; aspirada: 0,59; apagamento: 0,69. No que tange à renda, as alveolares são mais utilizadas pelos indivíduos de renda média (0,59).

3.2.5 Brescancini (2003): a palatalização em Florianópolis

Brescancini (2003), em *A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano: variáveis linguísticas*, discute o papel que os fatores linguísticos posição na palavra, traço [voz], acento, contexto precedente e contexto seguinte desempenham na variação de <S> em coda silábica no dialeto do centro urbano de Florianópolis e mais duas outras áreas afastadas do centro. A autora analisa uma amostra contendo 48 entrevistas da região urbana do município e 52 das regiões interioranas, totalizando 25.434 ocorrências de <S> em posição de coda. As entrevistas foram coletadas dentro do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil). Os dados foram tratados estatisticamente por meio do programa VARBRUL 2 S.

A frequência global das variantes, nos dados de Brescancini (2003), coloca a variante palatal como majoritária, respondendo por 83% das ocorrências. A realização alveolar foi a segunda mais documentada, com 12% de casos, ao passo que o apagamento e a fricativa laríngea representaram, respectivamente, 4% e 1% dos dados. No que tange ao peso das variáveis independentes para a ocorrência das variantes, Brescancini (2003) observou que, para a palatal a posição favorecedora é a medial, com peso de 0,60. Quanto à variante laríngea, a autora observou que ela é rara em qualquer posição.

Quanto ao traço [voz], os contextos seguintes [-voz] figuram como os grandes favorecedores da produção alveolar, com peso de 0,62. Tanto na posição medial quanto na final diante de consoante de palavra seguinte, a variável [voz] foi a primeira selecionada como relevante na análise progressiva *step up*. Quanto ao contexto seguinte, as consoantes como [ʃ] e [dʒ] são as mais favorecedoras da palatal, com peso de 0,67, ao lado de /k/ e /g/, com peso de 0,62. A partir de algumas considerações sobre as razões

fonológicas para isso, Brescancini (2003) destacou que o resultado indica que, para a variante palatal, são preferenciais os contextos seguintes [+anterior, -alto] e os contextos [-voz]. Quanto ao acento, os dados mostraram uma preferência da variante palatal por contextos produzidos com maior energia articulatória. Assim, os pesos evidenciam que os contextos anteriores à sílaba tônica são os mais propícios à variante: sílaba pré-tônica ([deʃ]cascava) – 0,64; pretônica ([xeʃ]peito) – 0,71.

Os resultados referentes ao contexto precedente indicam que a vogal dorsal [a] é a que mais favorece a ocorrência de variantes alveolares. Segundo Brescancini (2003), isso parece evidenciar que dois movimentos articulatórios são fundamentais para motivar a produção da variante palatal em posição de coda no dialeto de Florianópolis: “um certo grau de elevação da lâmina da língua, facilitada pela produção característica da vogal /a/ nesse dialeto e a retração do corpo da língua, evidenciada pelo peso relativo de favorecimento tanto de vogal e glide labial (0,56) (/w, u, o, ɔ/) quanto de vogal (/a/) (0,62) (p. 318)”.

3.2.6 Hora (2003): fricativas coronais em João Pessoa

Hora (2003), em *Fricativas coronais: análise variacionista*, estudando um conjunto de 9.517 ocorrências de <S> em coda silábica, focalizou a oposição [s, z]: [ʃ, ʒ] em contexto interno de vocábulo, com vistas a entender os condicionamentos da palatalização de <S> no dialeto de João Pessoa. O autor analisou dados de 60 informantes contactados pelo *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba* (VALPB). No conjunto dos dados, o autor observou a ocorrência de 109 casos de zero fonético e 564 casos da variante aspirada, que foram excluídos de sua análise.

Os informantes foram assim estratificados: 30 homens e 30 mulheres; 20 informantes para cada uma das três faixas etárias (15-25 anos; 26-49 anos; acima de 49 anos) e 12 informantes por anos de escolaridade (sem escolaridade; 1 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos; mais de 11 anos de escolaridade).

Os fatores sociais selecionados pelo VARBRUL, na análise de Hora (2003), como favorecedores da regra de palatalização foram faixa etária e escolarização. Segundo o autor, os números referentes à faixa etária, mostram um quadro de variação estável, em função de haver uma “identidade dos pesos relativos entre falantes da faixa etária de 15 a 25 anos e falantes da faixa etária de mais de 49 anos na aplicação da regra

de palatalização das fricativas coronais /s, z/” (p. 79). Quanto à escolarização, foi observado que quanto mais esta aumenta, a aplicação da regra é menor. Assim, nas quatro faixas de escolarização, os pesos são 0,53 (até 4 anos), 0,51 (5 a 11 anos) e 0,43 (mais de 11 anos), que indicam serem os universitários “os responsáveis pela inibição da regra na comunidade em pauta” (p. 79). Para o autor, isso pode estar ligado à consciência, entre esses falantes, de ser esta uma forma estigmatizada em seu grupo.

No que tange às restrições estruturais, Hora (2003) observou que o contexto fonológico seguinte foi selecionado como a mais importante de todas, seguida pela classe e pela extensão do vocábulo em que se encontra a variável. Entre as consoantes, as coronais /t, d/ favorecem a palatalização com peso de 0,86, evidenciando o processo dissimilatório que regula o fenômeno da palatalização em João Pessoa, que está num estágio intermediário, ao qual se segue o Rio de Janeiro, em que “a palatalização, já gramaticalizada, é indiferente ao contexto” (p. 82).

Outra variável selecionada foi a categoria gramatical do vocábulo, em que o verbo (0,56) aparece como favorecedora, ao passo que o substantivo (0,45) e o adjetivo (0,35) desfavorecem a regra. Além disso, a extensão da palavra foi selecionada pelo VARBRUL, que indicou que vocábulos menores favorecem a palatalização: com até duas sílabas: 0,55, de 3 e 4 sílabas: 0,48; mais de 4 sílabas: 0,34.

A conclusão do trabalho indica que o quadro em João Pessoa sintetiza uma polarização de dois usos nas regiões consideradas mais fortes do país. “E, em meio a isso, uma oscilação bastante variável condicionada tanto a restrições sociais quanto estruturais, mostrando a tendência de acomodação” (p. 87).

3.2.7 Lima (2006): <S> no AFEBG

Em *Atlas fonético do entorno da Baía de Guanabara – AFEBG*, Lima (2006), traçou como um dos objetivos do trabalho destacar resultados dispersos pelas cartas do Atlas referentes a diversos fatos fônicos que marcam o português do Brasil e que ocorrem naquela área do Rio de Janeiro.

No AFEBG, <S>, focalizada em 58 cartas, ocorre, em 31 delas, em coda interna e em 17 em coda externa, sendo que, dessas, 10 apresentam o segmento com valor de plural. Em coda interna, a distribuição das variantes ficou assim: 63 (10%) ocorrências de alveolar, 523 (82,6%) de palatal, 47 (7,4%) de aspiradas e nenhum apagamento. Em

coda final quando <S> não tem valor de plural, a distribuição é esta: 49 (13,2%) de alveolares, 299 (81%) de palatais, 05 (1,3%) de aspiradas e 16 (4,4%) de apagamentos. Em coda final com –s morfológico: 12 (6%) de alveolares, 99 (47%) de palatais, nenhuma aspiração e 99 (47%) de apagamentos.

Do ponto de vista geográfico, observa-se que a variável em sua realização palatal, em coda interna, predomina em todas as regiões: Nova Iguaçu – 76%, Duque de Caxias – 74%, Magé – 85%, Itaboraí – 88%. Nessas áreas, o emprego da palatal entre mulheres e homens e jovens e idosos não é muito diferente, não sendo possível estabelecer um cenário para mudança geracional das variantes de <S>. No que tange à sua ocorrência em coda externa, sem valor e plural, a distribuição por área é muito similar ao que foi visto para a variável em contexto interno: Nova Iguaçu – 75%, Duque de Caxias – 77%, Magé – 85%, Itaboraí – 84%. No que tange à comparação entre os gêneros, vê-se que as mulheres apagam mais que os homens, produzindo até 13% de cancelamentos entre os falantes mais idosos.

3.2.8 Hora (2007): a palatalização em João Pessoa

Em *Processo de palatalização das fricativas na língua portuguesa*, Hora (2007), após fazer uma revisão de alguns trabalhos que trataram do assunto, destaca os dados da variação de <S> no Estado da Paraíba, a partir da análise do *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba. Ao todo, foram avaliadas 9.699 ocorrências de variantes de <S>. Em função do baixo número de ocorrências de [h/f] (564 casos de me[f]mo e 19 de de[f]de) e de zero (109 casos de meømo), a análise centrou-se nos dados referentes às alveolares e às palatais em interior de vocábulo. Com o fim de estabelecer uma comparação com dados encontrados por Mota e Rollemberg (1994), Callou e Mores (1995), Brandão (1998) e Corrêa (1998), Hora deu destaque apenas aos resultados obtidos por ele referentes às fricativas surdas. Segundo o autor, esses dados permitem separar a consoante dental que segue a variável das demais consoantes. Assim, a presença de consoante dental é fortemente favorecedora da palatalização, com peso de 0,81 de correlação positiva. No que tange à oclusiva dental sonora, os dados também indicaram ser ela altamente favorecedora da palatalização, atingindo o índice categórico. Outra consoante altamente favorecedora é a alveolar /l/, com índice de 0,95.

O autor conclui destacando que a palatalização é um processo que tende a generalizar-se, tendo no contexto linguístico seu principal motivador.

3.2.9 Almeida (2008): <S> no Micro-AFERJ

Em *Micro atlas fonético do estado do Rio de Janeiro (micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*, Almeida (2008) focalizou a realização de <S> em falantes de três faixas etárias: 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e com mais de 56 anos. Das 306 palavras obtidas no questionário fonético-fonológico do Atlas, 58 contêm a variável <S> em coda silábica. Dessas, 27 em contexto externo, sendo que 17 com valor não morfêmico. A soma das ocorrências de <S> totalizou 4.062 dados, distribuídos assim: 53% (2.144) correspondem à coda interna, 30% (1.216), à coda externa sem valor morfêmico e 17% (702), à coda interna com valor morfêmico. Nesses dados, a pronúncia majoritária é a palatal, representando 46,1% (1.873) do total de ocorrências de <S>. A variante alveolar atingiu um percentual de 42,4% (1.722), ao passo que a variante aspirada somou 1, 7% (69) e o apagamento 9, 8% (398).

Outros resultados encontrados por Almeida (2008) dão conta de que, por exemplo, em contexto interno predomina a variante palatal, com 55% (1.187) das ocorrências nessa posição face aos 42% (899) de casos de alveolar. Em contexto final absoluto, quando <S> não tem valor de plural, é a variante alveolar que predomina, com 60% (738) das ocorrências contra 35% (422) das alveolares. Se <S> tem valor morfêmico, a tendência registrada pela autora foi a de cancelamento, fenômeno que ocorre 352 vezes (50% dos casos). Nesses casos, quando concretizado, a variante alveolar predomina, atingindo 36% (236) dos casos. Outros resultados são os seguintes:

- em coda interna, o ambiente mais propício à variante palatal é aquele em que à variável se segue uma consoante africada;
- realizações alveolares são mais frequentes diante de segmentos não-coronais (oclusiva velar ou labial, fricativa labial e consoante nasal);
- diante de oclusiva alveolar há um pequeno predomínio de das realizações palatais, mas é o contexto com africadas que realmente favorece a palatalização;
- a palatal constitui norma apenas em três localidades: Itaguaí, na Região Metropolitana, e Cachoeiras de Macacu e Cabo Frio, ambas na Região das baixadas litorâneas;

- a palatal já apresenta significativa produtividade em Santa Maria Madalena (41,6%), embora em Cantagalo, também na região serrana, seu índice seja ainda de 26%;
- os menores índices de palatalização foram registrados em Resende (14,3%) e Porciúncula (16%), localidades situadas nas regiões Centro Sul e Noroeste Fluminenses;
- a palatal tem baixa produtividade na região norte – São Francisco do Itabapoana (26,6%) e Quissamã (22%) –, na região Centro Sul – três Rios (20,3%) e em Resende (16%) –, na região do médio Paraíba – Valença (26%) – e na região da Baía da Ilha Grande – Parati (23%);
- a variante alveolar predomina em 75% (9 das regiões pesquisadas) do território fluminense;
- não constitui norma em localidades que possuem vínculos mais estreitos com a capital: Itaguaí, Cabo Frio e Cachoeiras de Macacu;
- na faixa etária 1, tanto homens como mulheres apresentam índices aproximados de alveolares e palatais em coda interna. As mulheres apresentam nítida preferência pela palatal: 62% na faixa 2 e 64% na 3;
- os maiores índices de aspiradas encontram-se entre os homens das faixas 1 (3,3% e 2 (2,8%).
- em coda externa com <S> não morfêmico, a alveolar predomina na fala de ambos os sexos em todas as faixas etárias, com índices que variam entre 57% e 64%;
- a variante aspirada ocorre mais frequentemente na fala dos homens. Quando <S> é marca de número, os homens são os que mais a cancelam: faixa 1 – 46,4%; faixa 2 – 63%; faixa 3 – 59,8%.

3.2.10 Brandão (2008a e 2009): <S> no Micro-AFERJ

Com base nas elocuições livres do acervo do Micro AFERJ (Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro) (ALMEIDA, 2008), Brandão (2008a) retoma a variação de <S> estendendo a pesquisa a cidades das regiões Metropolitana, Serrana, das Baixadas Litorâneas, do Médio Paraíba, Centro Sul e Norte do Estado do Rio de Janeiro – as mesmas investigadas por Almeida (2008) e relatadas acima. O objetivo da autora foi a

analisar os fatores condicionantes da palatalização de <S> em contexto interno e externo e comparar com os resultados encontrados por Almeida (2008) para o questionário fonético-fonológico do Atlas.

Foram levantados pela autora um total de 1.599 dados, dos quais 800 em contexto interno de palavra e 799 em contexto final. Em contexto interno, as variantes palatais somam 50% dos casos, ao passo que, em contexto externo, as alveolares prevalecem, com 60%. As variantes aspiradas ocorreram apenas 5 vezes em contexto interno e 11 (1%) em contexto externo. Quanto ao zero, 3% (24) em coda interna e 12% (96 vezes) em coda externa.

Quanto aos condicionamentos de <S> em coda interna, as consoantes pós-alveolares (0,90) e as alveolares (0,57) são as mais favorecedoras da palatalização. Considerando a ocorrência da palatalização por regiões, Brandão (2008a) notou que os maiores índices de palatalização ocorrem em áreas mais próximas da Capital do Estado. Assim, os pesos mais altos foram encontrados em cidades que estão nas regiões Centro Sul, das Baixadas Litorâneas e da área Metropolitana. Em todas as áreas, são as mulheres (0,63) as que mais favorecem a palatalização.

No que tange aos condicionamentos de <S> em coda externa, a variante alveolar (480 – 70%) predomina sobre a palatal (212 – 30%). Nesse caso, os índices de palatalização só se mantêm altos nas cidades que se destacaram em relação ao fenômeno em contexto interno. Novamente o ponto de articulação do segmento subsequente aparece como fator motivador da palatalização: alveolar – 0,53; pós-alveolar – 0,73. Além disso, a sílaba tônica atua como contexto preferencial para a palatalização com peso de 0,57.

Em 2009, Brandão retoma a realização de <S> em coda com base na fala de onze comunidades do Estado do Rio de Janeiro, em um trabalho intitulado *S em coda de sílaba interna à luz da geo e da sociolinguística*. Nesse estudo, assim como em Brandão (2008a), foram analisados dados de elocuições livres do APERJ (ALMEIDA, 2008). A autora encontrou 880 dados relativos a <S> em contexto interno. Retiradas as ocorrências das variantes zero (24) e aspirada (5), a amostra ficou com 771 dados, dos quais 51% (395) são de realização palatal e 49% (376) de alveolar. No que tange ao ponto de articulação da consoante seguinte, a variante palatalizada é favorecida por consoantes alveolares (0,57) e pós-alveolares (0,90). Quanto aos fatores extralinguísticos, as regiões mais próximas da capital tendem a usar mais a variante palatalizada. Os municípios de Três Rios (0,54), Cachoeiras de Macacu (0,82), Cabo

Frio (0,87) e Itaguaí (0,73). As mulheres são as que mais influenciam na palatalização, com peso de 0,63. A partir de uma comparação com os dados de Almeida (2008), Brandão conclui destacando que na fala mais monitorada, em ambos os estudos, os informantes tenderam a utilizar com mais frequência a variante palatal. A comparação também permitiu confirmar a pertinência do fator ponto de articulação para o fenômeno.

3.2.11 Brescancini (2008): <S> em dados do VARSUL

Focalizando os fatores região e faixa etária, Brescancini (2008) analisa os resultados de uma amostra do banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil) que foi constituída com 100 informantes. As ocorrências de <S> totalizam 21.259 dados em posição de coda. O tratamento estatístico foi realizado por meio do Pacote de Programa VARBUL 2 S.

Os resultados dão conta de que: a) a variante palato-alveolar é predominante, com 83% das ocorrências; b) quanto ao fator região, Barra da Lagoa, mais fortemente influenciada pela imigração açoriana, é a que mais produz a palatalização, com peso de 0,55; c) o fator faixa etária não tem um efeito significativo na produção ou não da variante palatal; d) nos distritos menos urbanos da Ilha de Santa Catarina, a variante alveolar tende à estabilidade e o ilhéu urbano da faixa entre 41-60 anos se mostra como o mais afetado pelo prestígio social dos novos moradores que invadiram a ilha nas décadas de 70 e 80, com um falar mais caracteristicamente alveolar.

3.2.12 Monteiro (2009): <S> em Macapá

Em *A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá*, Monteiro (2009) tenta traçar o perfil linguístico do falante macapense no que tange à realização de <S> em coda. A autora analisou 2.443 ocorrências, das quais 1.755 (71,8%) são da realização palatal, 473 (19,4%) da alveolar, 123 (5%) da glotal e 92 (3,8%) de apagamento. Excluindo as realizações minoritárias, a distribuição dos dados, que passou a totalizar 2.228 ocorrências, ficou assim: alveolares: 473 – 21,2%; palatais: 1.755 – 78,8%. Os resultados encontrados mostram que a área estudada é um local onde a palatalização predomina e que tende a generalizar-se ainda mais diante do fato de que os falantes mais jovens aparecem como os mais favorecedores da realização. Alguns

números referentes à palatalização que foram elencados por Monteiro (2009) são estes: a posição medial favorece a palatalização, com peso de 0,76, assim como as consoantes dorsais (0,71), coronais (0,60) e a pausa (0,60). Vogais labiais que antecedem a variável têm peso de 0,63 e falantes mais jovens (15 a 26 anos) palatalizam mais, com peso de 0,61.

3.2.13 Haupt; Berri (2009): a palatalização de <S> em Florianópolis

Haupt; Berri (2009), em *O processo de palatalização na fala de florianopolitanos nativos em corpus de fala espontâneo e controlado*, fazem um estudo da variável <S> em um *corpus* lido e o comparam aos resultados de Brescancini (1996 e 2003). O *corpus* estudado pelos autores incluiu um total de 1.833 palavras, que foram lidas por informantes nascidos em Ribeirão da Ilha, estratificados por idade, escolaridade e sexo. Em seus resultados, os autores observaram que o grupo de fatores mais significativo para a palatalização – norma da comunidade – foi a escolaridade. Nesse caso, falantes com até oito anos de escolarização têm peso de 0,75. No que tange ao contexto seguinte, apenas a vogal seguinte mostrou-se inibidora da palatalização, com peso de 0,07. O terceiro grupo de fatores selecionado foi o sexo, em que os homens aparecem como os maiores motivadores do processo, com peso relativo de 0,70. No que tange ao fator faixa etária, os falantes que têm entre 26 e 50 anos exibem peso de 0,65 para a palatalização. O último grupo selecionado foi o que inclui os fatores relativos ao contexto antecedente: vogais labiais (0,61) e dorsais (0,60) figuraram como favorecedoras da palatalização. Procedendo a uma comparação com os dados de Brescancini (1996), a fim de verificar se o grau de formalidade interferiria no fenômeno, os números encontrados pelos autores mostram que apenas em um aspecto o grau de formalização do discurso parece interferir: mulheres mais escolarizadas palatalizaram menos em contextos mais formais. No entanto, os demais resultados não mostraram diferenças importantes quanto ao fator estilístico, uma vez que a palatalização até ocorreu mais entre os homens e entre os falantes com até oito anos de escolaridade.

3.2.14 Santos (2009a): a realização de <S> em três cidades do Estado do Rio de Janeiro

Santos (2009a), em *A variação do /S/ pós-vocálico na fala de Petrópolis, Itaperuna e Paraty*, aplicou as questões do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e dos Temas para Discurso Semidirigido (DS) do ALiB para 18 informantes, naturais das três cidades cariocas, estratificados em sexo e faixa etária. A autora analisou separadamente os dados em coda interna e externa, tanto no QFF quanto no Discurso Semidirigido.

Quanto ao contexto interno no QFF, as variantes palatais ocorreram 296 vezes (39%) e as alveolares 467 vezes (61%). Os dados da análise binária revelaram que:

- o município de Petrópolis figura como aquele em que a palatalização é predominante, com frequência de 75% e peso de 0,91;
- a faixa etária 2 (36 a 55) é favorecedora da palatalização, com peso de 0,72, ao passo que as demais faixas desfavorecem o fenômeno;
- as mulheres são as que mais palatalizam, com peso de 0,60;
- quanto à sonoridade do segmento seguinte à variável, as consoantes com traços [-sonora][-soante] aparecem com maior peso: 0,54.

Para a palatalização do contexto interno do DS, os dados se distribuíram desta forma: 2.020 (60%) ocorrências de alveolar e 1.339 (40%) de palatais. Os grupos selecionados como favorecedores do fenômeno são estes:

- o primeiro grupo de fatores selecionado foi a região, em que aparecem Petrópolis (0,94) e Paraty (0,70) como favorecedoras da palatalização;
- os grupos etários 2 e 3 se distinguem do primeiro (0,34) com pesos iguais: 0,58;
- as vogais antecedentes que se mostraram favorecedores da palatalização foram [i] (0,51), [ε] (0,55) [u] (0,71), [w] (0,68), [ɔ] (0,52), vogais nasais (0,71);
- quanto ao ponto de articulação do segmento seguinte, apenas as consoantes velares (0,33) se mostraram desfavorecedoras da palatalização;
- as mulheres, com peso de 0,57, se mostraram motivadoras do processo;
- substantivos (0,54) e adjetivos (0,57) foram selecionados como classes motivadoras;

- consoantes africadas (0,70), laterais (0,79) e oclusivas (0,51) favorecem a realização palatal.

Também no contexto externo, nas respostas do QFF, há um predomínio da realização alveolar, que ocorre 243 vezes (58%), ao passo que a palatal ocorre 176 vezes (42%). Nessa amostra, foram selecionados como fatores favorecedores da palatalização a região (Petrópolis: 0,90; Paraty: 0,54), a faixa etária (F2: 0,64; F3: 0,58) e o modo de articulação do segmento seguinte (fricativas: 0,91).

Em relação ao Discurso Semidirigido, em que a alveolar também prevalece, com 1.774 ocorrências (72%), contra 677 (28%) da palatal, os fatores selecionados foram Região (Petrópolis: 0,96; Paraty: 0,79), impedimento à passagem de ar no segmento seguinte (pausa: 0,56), ponto de articulação do segmento seguinte (alveolar: 0,56; palatal: 0,79), faixa etária (F2: 0,56; F3: 0,59), gênero do informante (feminino 0,52).

Após essa ênfase ao processo de palatalização, Santos (2009) faz um rápido exame sobre a glotalização e o apagamento, variantes minoritárias no *corpus* em estudo. Em suas conclusões, destaca que números encontrados indicam que a glotalização é um processo que começou por itens lexicais específicos, mas o que se observa é que está se alargando para outros itens, já que palavras que não eram esperadas, como em nomes próprios, sofreram o fenômeno. Fatores linguísticos como sonoridade do segmento seguinte são os maiores motivadores do processo, que se apresenta como uma variação estável nas três regiões. Do ponto de vista regional, o quadro geral indica que, em Paraty, há uma mudança em progresso no sentido da despalatalização, ao passo que em Petrópolis a mudança é na direção da palatalização.

3.2.15 Lucchesi (2009a): a realização de <S> no português popular de Salvador

Lucchesi (2009a), em *A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador* observa o comportamento da variável <S> em coda silábica na fala de soteropolitanos com um a doze anos de escolarização, falantes do que o autor chamou de “português semiculto e/ou popular de Salvador” (p. 86). O *corpus*, com extensão de 10.800 ocorrências, foi levantado a partir de 36 entrevistas semi-informais, realizada entre 1998 e 2000, com pessoas do sexo masculino e feminino, nascidas e residentes na capital baiana e distribuídas em três faixas etárias: 25 a 35 anos (faixa 1), 45 a 55 anos

(faixa 2) e mais de 65 anos (faixa 3). O grau de escolaridade dos informantes foi também controlado: de um lado os que têm um a quatro anos de escolaridade e os que cursaram o ensino médio.

Do ponto de vista da distribuição das variantes no *corpus*, a realização alveolar atinge um percentual de 36%, a palatal atinge 34%, o apagamento alcançou 16% e a realização laríngea chegou a 14%. Para Lucchesi (2009a), o equilíbrio entre as realizações alveolar e palatal confirma a caracterização diatópica de Salvador feita por Callou; Moraes (1996) e, ao que parece, indica um uso ainda restrito das demais variantes, mesmo na norma popular urbana da cidade.

Entre os fatores linguísticos que mais condicionam as variantes, Lucchesi (2009a) observou que influenciam a variante alveolar: a) a posição final antes de vogal, com peso relativo de 0,93; b) a sílaba pós-tônica final, com peso de 0,60; c) vogal precedente com traço [+ anterior], com peso de 0,55, e semivogal precedente, com peso de 0,53; d) consoantes velares (0,62) e labiais (0,53) da sílaba seguinte; e) consoantes alveolares (0,73) situadas na sílaba imediatamente anterior; f) paralelismo formal, em que consoantes alveolares presentes na sílaba imediatamente posterior têm peso de 0,71.

No caso da variante palatal, os fatores que a influenciam são: a) a posição medial do segmento no vocábulo (0,77) e a posição final antes de consoante (0,59); b) sílabas pretônicas (0,55) e sílabas tônicas (0,53); c) vogal nasal antecedente à variável, com peso de 0,60; d) vogais posteriores antecedentes à variável: 0,57; e) consoantes alveolares, com peso de 0,59; f) consoantes palatais tanto imediatamente anteriores (0,81) quanto posteriores (0,74), configurando a atuação do princípio do paralelismo formal.

Para a variante laríngea, influenciam: a) a posição final da variável antes de consoante, com peso de 0,67; b) estar a variável em sílaba tônica, com peso de 0,70; c) vogal precedente [-alta]: 0,72; d) consoantes seguintes nasais (0,72), laterais (0,70) e africadas (0,58); e) consoantes seguintes sonoras, com peso de 0,78. Os fatores que influenciam o apagamento são: a) a posição final antes de pausa, com peso de 0,62; b) o valor de plural da variável, com peso de 0,62; c) quando a variável se encontra em elementos com função de predicativo (0,86), quando o segmento é o terceiro (0,86), o primeiro (0,83) elemento flexionável do SN, o que, para o autor, atesta que o apagamento é um fenômeno de natureza eminentemente morfossintática.

Quanto ao encaixamento social das variantes, Lucchesi, observando os dados relativos às variantes alveolar e palatal, observou que, no que tange à faixa etária, a

alveolar exibe uma tendência de recuperação entre os falantes mais jovens da variedade popular do português de Salvador. Esse quadro revela uma tendência análoga ao que acontece na norma culta. Ainda segundo Lucchesi (2009a), essa restauração da alveolar caracterizaria, em termos labovianos, uma mudança de cima para baixo. Considerando a variável sexo, esse padrão de mudança em direção a uma variante de prestígio parece também ser reforçado pelo fato de que as mulheres lideram o processo de reestruturação da pronúncia alveolar, indo na direção do que a literatura sociolinguística tem mostrado em relação à tendência de as mulheres serem mais sensíveis a formas de prestígio do que os homens.

3.2.16 Hora; Pedrosa (2009): a variável <S> no português do Brasil

Em *Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica*, Hora; Pedrosa (2009) decidem estabelecer o quadro variável que as fricativas apresentam no PB e propor um quadro comparativo levando em conta fatores históricos e dialetais. Para isso, revisam os resultados encontrados por Callou; Leite; Moraes (2002), Brescancini (2002), Hora (2003) e Ribeiro (2006). Após a comparação, os autores chegaram às seguintes conclusões: 1) em Porto Alegre e São Paulo prevalece a alveolar; já no Rio de Janeiro e em Recife, a palatal é predominante. Salvador fica a meio caminho, entre as duas variantes; 2) os dados de Florianópolis refletem a preferência da variante palatal; 3) Em João Pessoa, a preferência pelas palatais é só diante de oclusivas dentais. Com isso os autores destacam que subjacente a uma distribuição que pareça refletir a realidade brasileira está a fonotática que permeia cada uso.

3.2.17 Noll (2009): a origem do chiamo carioca

Num trabalho intitulado *O mito da origem portuguesa do chiamo carioca*, após um rápido retrospecto sobre abordagens em torno das semelhanças na realização de /S/ implosivo no português europeu e na variedade carioca, Noll coloca três questões que, para o autor, são básicas: 1) Quais os testemunhos históricos existem para o chiamo carioca? 2) Qual é a difusão do chiamo no português brasileiro? 3) Como explicar a semelhança do falar carioca com o chiamo europeu?

Segundo Noll, que atribui a Lipski (1975, 1976 apud NOLL, 2009) a definição mais detalhada da influência portuguesa no chiamento carioca, o problema das abordagens baseadas nessa hipótese é o fato de que “não se consultaram fontes linguísticas disponíveis, nem a questão sobre a difusão geral do chiamento no português brasileiro foi esclarecida suficientemente” (p. 308).

Após revisar trabalhos que noticiam o chiamento em Portugal e no Brasil, Noll (2009) argumenta que a hipótese do chiamento carioca a partir da influência lusitana deve ser rechaçada com base nas razões que o autor sintetiza:

- (1) A pronúncia portuguesa foi criticada no começo do século XIX por Pedra Branca de modo geral e, na sequência, por Paranhos da Silva, em especial com relação ao [ʃ].
- (2) Não existe nenhuma característica fonética do português europeu que tenha influenciado paralelamente ao falar carioca. Isso diz respeito, sobretudo, à redução das vogais átonas, típica do português europeu do começo do século XIX, que permaneceu estranha ao falar carioca. O fechamento ocasional do /a/ final [-ʌ] é um fenômeno contemporâneo que não se limita ao Rio de Janeiro.
- (3) No caso de uma influência de adstrato lusitano no falar carioca, o encontro -sc- (*descer, nascer*) deveria ser realizado como [ʃs], como ocorre no português europeu. No entanto, pronuncia-se como [s] no Rio de Janeiro, assim como em todas as outras regiões brasileiras que palatalizam o /s/.
- (4) No século XIX, não há qualquer testemunho para a palatalização do /s/ no Rio de Janeiro (NOLL, 2009, p. 312).

Após essas considerações, o autor afirma que há “no português brasileiro, uma disposição para o desenvolvimento próprio de um chiamento mais tardio, em comparação com o português europeu (p. 312)” e aponta, com base nos dados de vários trabalhos, que, no Brasil, basicamente três quadros para a distribuição do /S/ implosivo: 1) os Estados meridionais (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás, onde a realização de /S/ é alveolar; 2) uma área “intermediária no Nordeste, entre a Bahia e o Maranhão, que usa, com restrições [s] e [ʃ] como variantes livres em posição pré-consonantal” (p. 314); 3) o litoral de Santa Catarina, as cidades de Santos, Rio de Janeiro, Recife (tendencialmente), a Baixada Cuiabana e a região de Belém, com continuação na área do rio Amazonas, em que o chiamento é mais ou menos geral. Finaliza apontando que essa “constelação

geolinguística no Brasil deixa claro ser impossível que uma irradiação do chiamento possa ter ocorrido a partir do Rio de Janeiro para o resto do país” (p. 315).

3.2.18 Razky (2010): a variável <S> em dados do ALiPA

Em *Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável <s> em contexto pós-vocálico no nordeste do Estado do Pará*, Razky (2010) faz um exame da realização de <S> em Bragança-Pa e na capital do Estado, Belém. O autor focaliza as realizações alveolares e palatais e conclui entendendo que talvez seja preciso limitar o poder do conceito de *isoglossa* da geolinguística tradicional. Os dados foram recolhidos no interior do Projeto ALiPA e o *corpus* constitui-se de uma amostra de 14 falantes naturais do município de Bragança-PA. A análise estatística feita pelo autor retoma os dados apresentados por Martins (2003), que fez um trabalho de conclusão de curso sob sua orientação. A distribuição das variantes ficou assim: 1.625 (51%) de ocorrências da variante alveolar, 978 (32%) de casos da palatal, 328 (10%) de apagamento e 191 (6%) casos de aspiradas. Os resultados encontrados pelo autor, considerando as realizações alveolar e palatal, são estes:

- tonicidade da sílaba em que ocorre a variante: alveolares não se mostram sensíveis, ficando com pesos no ponto neutro; há leve condicionamento de sílabas tônicas (0,54) para a variante palatal;
- caráter surdo ou sonoro do segmento posterior: alveolares favorecidas por segmentos sonoros (0,56); palatais, por segmentos surdos (0,62);
- posição da variante na palavra: apenas as palatais se mostram sensíveis. No contexto interno, o peso relativo atinge: 0,65;
- natureza morfológica da variante: alveolares e palatais são favorecidas quando não têm valor de morfema, com pesos de 0,58 e 0,57, respectivamente;
- modo de articulação da vogal precedente: apenas a vogal alta (0,55) mostra ser favorecedora de uma das variantes, a alveolar;
- classe morfológica do vocábulo: para as alveolares, mostraram-se favoráveis pronome (0,61), adjetivo (0,53), preposição (0,61) e artigo (0,65); para as palatais favorecem pronome (0,65), numeral (0,67), preposição (0,71) e artigo (0,59);

- quanto ao contexto fonológico posterior, mostraram-se favoráveis para as alveolares vogal em junctura (0,88) e pausa (0,71); para as palatais, esses fatores são os que as desfavorecem, com pesos de, respectivamente, 0,05 e 0,42;
- modo de articulação do segmento seguinte: constrictivas (0,69) e laterais (0,58) favorecem alveolares, ao passo que oclusivas (0,57) e africadas (0,60) favorecem as palatais;
- zona de articulação do segmento seguinte: consoantes alveolares (0,19) desfavorecem realizações alveolares; consoantes alveolares (0,75) e glotais (0,58) favorecem a realização palatal;
- sexo: homens (0,56) favorecem alveolares; mulheres (0,67) favorecem palatais;
- faixa etária: para as alveolares, a faixa 2 (26 – 45) é a que apresenta o maior peso: 0,54; para as palatais, é a faixa 1 (15 a 25) que pesa mais: 0,54 também;
- escolaridade e renda: os números mostram um quadro instável entre as duas variantes, não sendo possível, segundo Razky (2010, p. 182), definir qual é a variante de prestígio na localidade.

Razky (2010) finaliza o estudo fazendo algumas comparações com Belém, a partir dos dados de Razky; Carvalho (2002 apud RAZKY, 2010), concluindo que, enquanto Belém favorece a ocorrência de palatais, Bragança tem a presença uma concorrência entre alveolares e palatais (p. 184) – o que por si serviria como indicativo de que generalizações sobre as áreas sem um estudo detalhado podem ser incorretas.

3.2.19 Mota; Jesus; Evangelista (2010): <s> nos dados do ALiB

Em *O <S> em coda silábica em capitais brasileiras: dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, Mota; Jesus; Evangelista (2010), utilizando dados da realização de <S> nas respostas válidas dos informantes ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e ao Semântico-Lexical (QSL), investigam as realizações alveolares e palatais da variável em 25 capitais brasileiras. Os informantes estão estratificados quanto ao sexo, faixa etária (1: 18 a 30 e 2: 50 a 65) e escolaridade (fundamental incompleto e universitário), conforme metodologia do ALiB.

O *corpus* analisado tem um total de 14.748 ocorrências, 8.592 em posição medial e 6.156 em posição final diante de pausa, produzidos por 199 informantes. Os

resultados mais gerais encontrados mostram que as capitais podem ser divididas em três grupos: a) áreas alveolarizantes (São Luiz, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Teresina, Campo Grande, Vitória, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia, Curitiba, Porto Alegre); b) áreas palatalizantes (Rio de Janeiro Belém, Florianópolis, Macapá, Recife, Manaus, Cuiabá, Salvador) e c) áreas intermediárias, que exibem uma distribuição equilibrada das duas realizações (Boa Vista, Rio Branco, Porto Velho, Aracaju, Natal). Outra observação é que, na posição medial, o contexto subsequente mais favorecedor à palatalização é aquele em que ocorrem [t] (0,87) e [tʰ, tʃ] (0,99), em palavras como *prostituta* e *estilingue*, esse último exibindo uma pronuncia palatal de <S> majoritária, mesmo em capitais onde a norma é alveolar, atingindo um percentual geral de 87%.

Mota; Jesus; Evangelista (2010) observaram que há capitais em que as variantes palatais apresentam índices mais elevados na faixa etária 1, nos contextos medial e final – Belém (0,97 e 0,98), Macapá (0,94 e 0,92) e Recife (0,81 e 0,71) – e com índices mais elevados na 2 – Florianópolis (0,94 e 0,93), Manaus (0,70 e 0,55) e Cuiabá (0,66 e 0,68). Há ainda aquelas capitais em que não há uma diferença significativa entre as duas faixas: Rio de Janeiro, Porto Velho, Fortaleza e João Pessoa.

Correlacionando os dados da variação diatópica com escolaridade, os resultados apontam que: a) há capitais com diferença significativa entre os níveis fundamental e universitário (Macapá, Salvador, Rio Branco, Natal e Aracaju – em todas essas, os falantes de nível fundamental são os maiores usuários das variantes palatais, nos dois contextos); b) há capitais em que as variantes palatais gozam de maior prestígio entre os falantes mais escolarizados: Recife, Manaus, Maceió, Teresina e João Pessoa; c) há capitais em que há diferenças de uso da variante palatal nos contextos medial e final (Florianópolis em Cuiabá); d) há capitais que não exibem diferenças entre os níveis de escolaridade: Rio de Janeiro, Belém, Boa Vista, Porto Velho, Fortaleza e São Luís.

As autoras finalmente observaram que há um grupo de capitais em que há a predominância de palatais na fala dos homens: Porto Velho, Maceió, João Pessoa, Salvador e Cuiabá. Entre as cidades em que há mais palatais na fala de mulheres estão Macapá, Manaus, Belém, Rio Branco e Florianópolis. Nas que seguem, não há diferenças significativas entre a fala de homens e mulheres: São Luís, Fortaleza, Natal, Aracaju, Rio de Janeiro.

3.3 UMA NOTA GERAL SOBRE OS ESTUDOS EM TORNO DA VARIÁVEL <S>

Os estudos acima resenhados fornecem um panorama geral da realização de <S> em coda de sílaba, tanto em contexto interno quanto em contexto externo, em diversas áreas do país. Como se viu, a maioria das análises foi feita com dados coletados nas décadas de 80 e 90 do século passado. Amostras mais recentes são a analisada por Lucchesi (2009a) e as que trabalham com os dados do ALiB, como exemplificado em Mota, Jesus e Evangelista (2010).

No que tange à metodologia variacionista aplicada nos trabalhos, alguns pontos precisam ser levantados. Um primeiro aspecto é que não é possível fazer uma comparação precisa entre os trabalhos, uma vez que, geralmente, cada autor considera na análise grupos de fatores que correspondem às suas hipóteses iniciais sem a preocupação de replicar *ipsis litteris* os passos seguidos em outros trabalhos – um exemplo disso está no fato de que alguns estudos, por exemplo, incluem as vogais entre os fatores do grupo *contexto fonológico subsequente à variável*, ao passo que outros as retiram em virtude do fenômeno da ressilabação, o que altera consideravelmente os resultados. Nesse caso, por exemplo, estão os trabalhos de Scherre; Macedo (1991), Gryner; Macedo (2000), Carvalho (2000), Martins (2002) e Razky (2010). Nesses trabalhos, o resultado é sempre o mesmo: vogais favorecem a realização alveolar, com pesos relativos que variam entre 0,70 e 0,96.

Nos trabalhos que incluem a vogal seguinte a <S>, o fator nunca é selecionado como favorecedor da palatalização, em virtude do evidente bloqueio de uma sequência *[ʒa] em *arroz azedo*, por exemplo. Uma correlação entre esse dado e a sonoridade da variante alveolar revela que a consoante assimila sempre a sonoridade da vogal e acaba passando à posição de ataque, devido ao fenômeno da ressilabação, que só não ocorre em casos muito raros e bastante difíceis de serem percebidos. Dessa forma, <S> não mais estaria em posição de coda, o que pode levar a uma constatação apenas aparente de que vogais seguintes favorecem as variantes alveolares de <S> em coda. Em função disso, é que Scherre; Macedo (2000) e Mota (2002) retiram de suas análises a vogal seguinte a <S>.

Outro aspecto que merece destaque é que, se, por um lado, a utilização dos programas de análise estatística permitiram um grau de detalhamento no estudo da variação, por outro, como é o caso da variável aqui estudada, alguns fatores comumente

incluídos nas análises são selecionados devido à sua alta frequência, mas sem um significado muito claro ou convincente sobre o quanto eles interferem na variável em estudo. Um exemplo disso é o fator classe morfológica do vocábulo. Incluído em vários trabalhos aqui resenhados e nesta tese, esse fator apresenta resultados que mais parecem ser aleatórios e frutos de sua frequência do que propriamente fruto de algum condicionamento estrutural – isso pode ser visto em Mota (2002), que considera o fator como pouco importante.

A título de comparação, se se observa, por exemplo, o papel de verbos e dos nomes para a realização palatal em vários trabalhos, os resultados são os que seguem. Gryner; Macedo (2000): substantivos próprios (0,68), comuns (0,59) e verbo favorecem a palatal; para Carvalho (2000), todas as classes favorecem, com exceção das conjunções (0,30); em Martins (2003), substantivos (0,45) e verbos (0,44) desfavorecem a variante; No trabalho de Hora (2003), verbos (0,56) favorecem a palatal, ao passo que substantivos (0,45) e adjetivos (0,35) desfavorecem-na; em Santos (2009a): substantivos são favorecedores, ao passo que os verbos desfavorecem a palatal. Esses resultados tão díspares evidenciam que um fator como esse não parece ser significativo do ponto de vista linguístico para a análise da variável <S>, apesar de selecionada pelos programas de análise estatística.

Ainda com relação a condicionantes linguísticos, considere-se que, do conjunto de análises feitas pelos trabalhos aqui revisados, alguns fatores linguísticos como o *contexto fonológico subsequente*, a *tonicidade da sílaba em que se encontra a variável* e a *sonoridade da consoante que segue <S>* figuram como os elementos que não podem ser descartados da análise variacionista de <S> em coda de sílaba. É fato que, em todos os trabalhos que incluem esses fatores, os resultados que eles produzem são similares e bem estabelecidos, independentemente da origem e do tipo da amostra utilizada, permitindo uma comparação entre as pesquisas que usam o método variacionista.

Quanto às variáveis sociolinguísticas, como é de se esperar, estas exibem resultados que mostram que as variantes estão associadas a valores e sistemas de avaliação diferentes em cada região, apesar de a realização alveolar ser majoritária na maior parte do território brasileiro, permitindo a identificação e diferenciação das comunidades de fala estudadas.

Finalmente, cabe a observação de que recentemente têm surgido alguns trabalhos que analisam a coda silábica e a variável <S> numa perspectiva que alia o tratamento variacionista a teorias fonológicas mais modernas, como é o caso dos trabalhos de

Pedrosa; Hora (2007), Hora; Pedrosa (2008), da tese de Pedrosa (2009) e do artigo de Hora; Pedrosa; Cardoso (2010), que estudam a variável considerando a possibilidade de a mesma ser um consoante em *onset* com núcleo foneticamente vazio e não propriamente estar na posição de coda. Nesta tese, em função de o foco ser a análise variacionista, não serão discutidos trabalhos que adotam outra perspectiva teórica.

4 A FORMAÇÃO DAS VARIEDADES POPULARES DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Inicialmente importa destacar que a expressão “variedades populares do português do Brasil” está sendo tomada aqui para designar a fala das comunidades de baixa ou nenhuma escolarização naquilo que elas têm de específico em relação ao que autores como Faraco (2008) e Lucchesi (2002) chamaram de norma culta brasileira. Essas especificidades dizem respeito a aspectos da morfossintaxe e da fonética que a pesquisa linguística tem fartamente documentado bem como ao próprio sistema de avaliações e julgamentos que esses falantes exibem tanto em relação à sua própria fala ou a de seu grupo social, quanto à fala de outros grupos.

A discussão sobre a formação e a difusão do português falado no Brasil, especialmente pelas camadas populares, é um debate que decorre, mormente, do problema relativo à caracterização da variante brasileira em relação à variante portuguesa. A tentativa de compreender as motivações – sejam linguísticas, sejam sociais – para o que o português do Brasil tem de específico em relação ao português de Portugal conduz os estudiosos a propor um cenário de menor ou de maior distância entre as duas variedades. Nesse quadro, pois, uma questão que emerge como inevitável diz respeito às consequências sociolinguísticas do contato da língua portuguesa com línguas indígenas e africanas durante o processo de colonização do Brasil.

De modo geral, a linguística brasileira, inicialmente com as primeiras investigações dialetológicas, esboçadas, por exemplo, em trabalhos clássicos como os de Amaral (1955 [1920]), Marroquim (1996 [1934]), Nascentes (1953) e Silva Neto (1963 [1951] e 1957), vem buscando o entendimento da fala das camadas populares do Brasil, que claramente se distingue da fala das camadas mais escolarizadas em aspectos como a realização de normas de concordância verbal e nominal, no emprego do subjuntivo em orações subordinadas subjetivas e substantivas e na realização fonética variável de grupos consonantais CCV, por exemplo.

Tanto é assim, que, há algum tempo, Teyssier (2004), em sua *História da Língua Portuguesa*, fez observações que, mesmo merecendo algumas ressalvas, ainda se aplicam ao quadro geral do português falado aqui: a) a de que, no Brasil, as diferenças dialetais são maiores entre falantes vizinhos mas de níveis sociais diferentes do que entre dois falantes residentes em regiões distintas mas pertencentes a uma mesma classe

social e b) a de que há uma série de níveis no “brasileiro” (sic.), em que, segundo o autor, está “no ápice, a língua das pessoas cultas (com gradações entre um registro oficial estrito e um registro familiar livre); depois, a língua vulgar das camadas urbanas gradativamente menos instruídas, e, finalmente, os falares regionais e rurais” (p. 65).

As observações de Teyssier, principalmente esta última, podem ser relacionadas, *mutatis mutandis*, com o que têm verificado trabalhos mais recentes que focalizam a fala de comunidades de fala urbanas ou rurais, com falantes escolarizados ou não. No caso de comunidades rurais, além do que a pesquisa dialetológica tem mostrado nos diversos atlas linguísticos regionais que se fizeram no Brasil, pesquisas mais recentes como as de Baxter (1997), Baxter; Lucchesi (1997), Lucchesi (2001, 2002, 2009a, 2009b), para citar algumas, têm mostrado que, naquelas em que há um caráter étnico mais claramente demarcado, como o caso das comunidades remanescentes de quilombo, as diferenças em relação à fala de camadas urbanas e mais escolarizadas são ainda maiores, pelo menos em alguns aspectos – entre os quais pode ser incluído o fenômeno aqui estudado, pelo menos no que tange ao apagamento de <S>, como será visto mais à frente.

4.1 A IMPLANTAÇÃO E A DIFUSÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL

A implantação da língua portuguesa no Brasil colonial se deu mediante a introdução de uma primeira política linguística pelos jesuítas, segundo a qual eles se dedicavam a aprender a língua dos “gentios” para mais tarde terem condições de convertê-los à fé cristã. O que chama atenção nesse período inicial da implantação da língua portuguesa no país é a quantidade de línguas indígenas que havia no momento. Segundo os cálculos de Rodrigues (1996 e 2006), havia, no início da colonização brasileira, em torno de 1.175 línguas indígenas. Segundo Mattos e Silva (2004), num trabalho em que a autora fornece *Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro*, mesmo com o multilínguíssimo massivo que marcou o território brasileiro, até meados do século XVIII, havia uma certa “homogeneidade” linguística e cultural entre povos indígenas do tronco tupi. Tal fato foi o que tornou possível a gramatização da “língua mais falada na costa do Brasil” pelos jesuítas, com importantes implicações para o seu trabalho religioso, bem como para o conhecimento – ainda que parcial – da situação linguística da época, uma vez

que, com seu trabalho, o Padre Anchieta torna possível o conhecimento do que vem a ser chamada de língua geral a partir do século XVIII.

É importante destacar que, para Rodrigues (1996 e 2006), o conceito de língua geral recobre três situações em que a miscigenação entre homens europeus com mulheres indígenas teve como resultado a formação rápida de populações mestiças cuja língua materna foi a língua indígena das mães. Nessas condições, Rodrigues (1996) aponta que houve a formação de três línguas gerais: a língua geral paulista, de base tupi, falada por uma população mestiça que a estendeu no século XVI por meio das bandeiras de mineração e captura de índios na região de São Paulo e Minas Gerais; o guarani crioulo, que se estendia do leste do rio Paraná, na antiga província de Guairá, que hoje corresponde ao atual estado do Paraná; a língua geral amazônica, que, desde o século XVI, acompanhou a expansão portuguesa na região amazônica. Essa língua até hoje é falada e é conhecida como nheengatu.

Assim, no início, a situação se configurava do seguinte modo: além das várias línguas indígenas, conforme apontam as pesquisas, havia duas línguas gerais bastante difundidas: uma paulista (de base tupiniquim e/ou guarani), falada no interior do Brasil, a partir do século XVII, que poderá ter sido a língua da colonização de São Paulo e de suas extensões interioranas; e uma amazônica de base tupinambá, cuja modificação resultou no nheengatu falado ainda hoje na região do Rio Negro, do Rio Xié, da Bacia da Içana e nas fronteiras do Brasil com a Venezuela.

Essa situação se tornaria ainda mais complexa: o multilinguismo inicial foi enriquecido com a chegada de populações do continente africano a partir de 1549. Mattoso (1990 [1979]¹³, p. 22 e 23 apud Mattos e Silva, 2004) faz um levantamento segundo o qual os escravos teriam vindo de várias áreas: a) ciclo da Guiné (século XVI), em que a maioria era composta de escravos sudaneses; b) ciclo do Congo-Angola, com a predominância da África Central e Equatorial; c) ciclo de Benin (século XVIII), com predomínio de escravos sudaneses; d) no século XIX, os escravos eram vindos de todas as partes.

As línguas faladas por esses escravos foram calculadas em cerca de 200 a 300 e se dividiam em duas grandes áreas: a) oeste-africana com maior número de línguas tipologicamente diversificadas e b) Bantu, área com línguas tipologicamente mais aparentadas. Tal quadro, por si, pode evidenciar a diversidade de línguas faladas pelos

¹³ MATTOSO, Katia. **Ser escravo no Brasil**. 3ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1990 [1979].

escravos. Dessa situação decorre também um fato que repercutiria mais tarde no português falado no Brasil: a aprendizagem da língua portuguesa por essas pessoas. É consenso que esta aprendizagem se dava sem normatização, uma vez que, aos senhores, bastava ensinar-lhes noções básicas para o cumprimento das tarefas diárias. Assim, um cenário que parece ter sido geral no processo de implantação da língua portuguesa no Brasil foi o contato das várias línguas indígenas, africanas e europeias que eram faladas àquela época no território.

A situação acima descrita parece ter perdurado por um período longo de tempo. Em algumas áreas, por exemplo, até meados do século XVIII a língua portuguesa era minoritária e ficava restrita aos usos de um pequeno grupo da elite europeia, sobretudo em usos oficiais. Em 2001, Lobo publicou um volume intitulado *Cartas baianas setecentistas*, entre as quais, se encontra um documento de 1794, em que oficiais da Câmara repúblicas de Olivença solicitaram do ouvidor interino da Comarca dos Ilhéus que provesse Manuel do Carmo de Jesus no cargo de Diretor de Índios, sob a alegação de que ele fora criado naquela vila e sabia a língua geral dos índios. A partir do exame dessa carta, Lobo; Machado Filho; Mattos e Silva (2006) publicaram o estudo *Indícios de língua geral no sul da Bahia na segunda metade do século XVIII*. No texto, os autores observaram que a maior razão do pedido expresso na carta era o domínio que Manuel Carmo de Jesus tinha da língua geral. Considerando que os fatos registrados na carta datam de 36 anos depois da criação e 4 anos da extinção do *Diretório do índios do Pará e Maranhão (1758)*¹⁴, que determinava ações para impedir o uso da língua geral e ampliar o uso da língua portuguesa, os autores levantam a hipótese de ter sido falada uma língua geral naquela região da Bahia.

Em suas conclusões, Lobo; Machado Filho; Mattos e Silva (2006) propõem um reexame do sentido da expressão “língua geral” e destacam que, isso sendo feito, é possível que, além daquelas indicadas por Rodrigues (1996), outras línguas tenham existido, como a que faz referência o documento de 1794.

As situações acima relatadas servem para ilustrar o quadro geral de dificuldade de acesso aos modelos da língua portuguesa por escravos ao longo de todo o período colonial. O desaparecimento quase total das línguas de base indígenas e o sucesso das políticas que visavam à eliminação das línguas gerais e à imposição definitiva da língua portuguesa em todo o território não significou um amplo acesso aos bens culturais das

¹⁴ O Diretório foi criado pelo Marques de Pombal, em 3 de maio de 1757.

elites portuguesas para as populações escravas, ainda que tenham sido esses escravos e seus descendentes os maiores difusores do português no território brasileiro, como mostrou Mattos e Silva (2004).

Considerando dados demográficos referentes ao período da colonização do território brasileiro e, por isso, lançando mãos de dados da pesquisa de Mussa (1991), Mattos e Silva (2004) desenvolve uma hipótese para explicar a generalizada difusão do PPB, que, segundo ela, tem como antecedente histórico o português geral do Brasil (PGB), falado por indígenas aculturados, africanos e afrodescendentes, que constituíam 42% da população em fins do século XVI, passando a 50% em 1808, de modo que os mais prováveis usuários do português europeu constituíam menos de 1/3 da população do Brasil, já que no fim da colonização menos de 30% da população eram brancos.

A partir desses e de outros dados, a autora lança a hipótese de que os africanos e afrodescendentes, maioria da população e no geral com história linguística familiar de língua não portuguesa, foram os responsáveis pela difusão do que hoje se chama PPB. Ela ainda reúne os fatores que podem sustentar sua hipótese: a) a presença massiva de negros e afrodescendentes ao longo de toda a colonização; b) a atuação constante dos escravos nas grandes frentes da economia colonial; c) a mobilidade geográfica dos escravos; d) o significado social e linguístico dos espaços ilegítimos da escravidão.

Assim, a situação de aprendizagem irregular por parte dessa massa dos padrões linguísticos da língua alvo, conforme considera a autora, projeta-se no presente. Considerando que o primeiro recenseamento geral do Brasil, em 1872, indicava que um total de 99,9% da população de escravos era composto por analfabetos (FAUSTO, 1994 apud Mattos e Silva, 2004) e, ao fim do século XVIII, a população de letrados no Brasil não passava de 0,5% (HOUAISS, 1992). Ela apresenta também os seguintes dados, extraídos de Ribeiro (1999): em 1890, 1900 e 1920, havia, respectivamente, um taxa de analfabetismo de 85%, 75% e 75%.

Esse cenário, rapidamente apresentado, serve para ilustrar a complexa rede de fatores que entraram em jogo na formação e na difusão da língua portuguesa no Brasil como língua da maioria dos falantes do território nacional hoje.

Se, por um lado, esse quadro de difusão, que reúne diversos fatores históricos parece encontrar algum consenso entre diversos autores, por outro, quando o que está em jogo é definir que características estruturais do PPB são o reflexo dessa conjunção de fatores os consensos acabam. Nesse sentido, no âmbito da pesquisa linguística mais recente que tem tomado as origens do português do Brasil como objeto de trabalho, pelo

menos quatro hipóteses mais gerais têm sido formuladas pelos especialistas que tratam da questão, nestes termos:

- a) o português popular do Brasil teria sido um crioulo que passou por um processo de descrioulização. Nessa linha de raciocínio, as marcas que o tornam típico em relação à norma-padrão e ao português considerado culto – especialmente na morfossintaxe de concordância – seriam indícios do processo anterior de criouliização. Guy (1981, 1989, 2005) aventou essa possibilidade com base em dados de concordância verbal da fala operária do Rio de Janeiro, considerando que a criouliização, que ocorreu no passado, deixou traços na fala popular no presente;
- b) o português popular do Brasil é um semicrioulo, resultante do contato prolongado de uma língua crioula de base portuguesa e uma não crioula (o português culto). Holm (1987¹⁵, 1992¹⁶ apud LUCCHESI, 2009b), que levanta essa hipótese, entende que diversas expressões presentes no que ele chama de português vernacular brasileiro encontra paralelo em línguas africanas;
- c) o português popular exibe marcas que são resultado de um processo de transmissão geracional do tipo leve. Nesse caso, a transmissão linguística irregular consistiria num processo em que falantes africanos de português L2 é que teriam fornecido os dados linguísticos primários do português L1 para seus descendentes – o resultado seria então, a depender de vários fatores, uma variedade da língua portuguesa mais próxima ou mais distante da norma culta. Essa posição está expressa, por exemplo, em Baxter (1997), Baxter; Lucchesi (1997), Lucchesi (2001, 2002, 2003, 2009b) e Lucchesi; Baxter (2006).
- d) as características do português popular do Brasil seriam fruto de uma deriva secular da língua portuguesa, resultante da confluência de vários motivos que teriam acelerado tendências latentes do sistema, desde a România. Seguem essa linha de raciocínio os trabalhos de Naro (1973), Naro; Scherre (1993, 2007). Tarallo (1993a, 1993b) é também um autor que discorda da suposição de que o português do Brasil tenha sido em algum momento um crioulo.

¹⁵ HOLM, John. Creole influence on Popular Brazilian Portuguese. In: GILBERT, G. G. (Ed.). **Pidgin and creole languages**. Essays in Memory of John E. Reinecke. Honolulu: University of Hawaii Press, 1987. p. 406-429.

¹⁶ HOLM, John. Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole. In: D'ANDRADE, Ernesto; KIHM, Alain (Org.). **Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa**. Lisboa: Colibri, 1992. p. 37-66.

Além dessas quatro linhas em que o debate tem sido mais forte, ou, pelo menos, mais polêmico, há também outros trabalhos, sobretudo no campo dos estudos do léxico, que tratam da questão. Bonvini (2008), Petter (2006, 2009, 2011), Castro (2006, 2009), por exemplo, são alguns desses trabalhos. Dentre esses, Bonvini e Petter são autores que consideram inadequado, ao menos no que se refere ao léxico, falar em “influência” de línguas africanas no português do Brasil. Os autores consideram que o que tem sido visto como influência é, na verdade, resultante do processo universal de empréstimos linguísticos.

Diante de todas essas considerações, é possível resumir que é justamente essa situação contraditória que está na base das polêmicas que envolvem a compreensão das especificidades do português Brasil frente à variedade europeia e o conhecimento do papel das línguas africanas na variedade brasileira: ao tempo em que eram alijados de todos os bens culturais valorizados pelos diversos setores da elite europeia que comandava a colônia e impedidos de aprender pela via escolar a língua portuguesa (ou por outras ações normatizadoras institucionais), os escravos eram obrigados a abandonar suas línguas e suas referências culturais e religiosas e se integrar na dinâmica de contato linguístico, interação e exploração do processo escravagista brasileiro – o que incluía aprender (ainda que muito precariamente) o português e transmitir aos seus filhos.

Na seção que segue, far-se-á a revisão de alguns dos trabalhos acima elencados com o objetivo de abordar com um pouco mais de detalhes as linhas principais das polêmicas em torno da formação e difusão do português popular do Brasil. Nos trabalhos que serão resenhados brevemente a seguir, será observado que, com exceção de Mendonça (1973 [1933]) os dados que são considerados como passíveis de discussão acerca de poderem ser resultantes ou não de processos de criouliização são os da morfossintaxe, sobretudo no campo da concordância verbal e nominal. De modo geral, os trabalhos que discutem a formação do português popular do Brasil não consideram que dados da fonética ou fonologia sirvam como argumentos fortes para o debate, já que, nesse campo, a universalidade dos processos não dá nitidez a processos tão específicos como os resultantes do contato entre línguas que formaram as línguas crioulas.

4.2 ABORDAGENS SOBRE O CONTATO DO PORTUGUÊS COM LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL

Num volume intitulado *A influência africana no português do Brasil*, publicado pela primeira vez em 1933, mas com reedições em 1935, 1948 e 1973, Renato Mendonça (1973) trata do que ele chama de “distinção entre elementos indígena e o africano na formação do dialeto brasileiro”. Sobre os falares indígenas, a posição de Mendonça (1973) é de que eles não tiveram maior influência no português do Brasil. Mendonça ainda considera que “é lastimável mesmo que fenômenos caracteristicamente negros da nossa fonética sejam aproximados do tupi, com menoscabo da verdade histórica (p. 59)”. Além disso, aponta que fenômenos fonéticos, como a iotização de /k/, foram, no seu entender, atribuídos indevidamente à influência indígena.

A discussão sobre a influência africana na obra de Mendonça (1973) é, na verdade um capítulo de um livro que inicia abordando aspectos da etnografia africana e persegue questões sobre a tipologia das línguas daquele continente. Depois disso o autor trata dos povos negros importados, da fonética e morfologia do quimbundo, uma vez que ele considera esta uma das línguas de maior presença no Brasil durante a colonização, ao que se segue o capítulo central do livro. O trabalho termina com uma discussão sobre elementos religiosos e culturais dos escravos trazidos para o Brasil e com o negro na literatura brasileira.

É dentro desse amplo quadro que o autor nega a existência de um processo consistente de formação de línguas crioulas no Brasil, mas considera inegável a influência de falares africanos, sobretudo na fonética brasileira, já que, para ele, “na morfologia o negro deixou apenas vestígios o que é explicável pela diferença profunda entre as línguas indo-européias e africanas” (MENDONÇA, 1973, p. 67) e, no campo da sintaxe, “a influencia africana é ainda menos sensível” (p. 69). Em que pese a abordagem rápida dos fenômenos que o autor considera como resultantes do contato entre línguas africanas e o português do Brasil, a obra de Mendonça (1973), apesar de não ser a pioneira nessa discussão, tem o mérito trazer o debate, num momento em que o tema não estava em evidência e de tentar coligir um vocabulário de termos africanos utilizados no Brasil.

Ao lado de Mendonça (1973), outro trabalho que inaugura o debate é o de Raimundo (1933 apud Lucchesi e Baxter, 2006), que também assume a posição de que

a maioria dos traços presentes no português popular do Brasil decorre de influência de falares africanos. Para Raimundo (1933 apud Lucchesi e Baxter, 2006), as maiores fontes dessas influências seriam o quimbundo e o iorubá.

Ainda numa fase em que os estudos não eram tão precisos e as posições, não raro, eram fortemente influenciadas por orientações ideológicas, como também reportam Lucchesi e Baxter (2006) e Bonvini (2008), estudiosos de renome como Elia (1979), Melo (1946) e Silva Neto (1963 [1951]) argumentaram que a presença de falares africanos no Brasil não influenciou no português, que passou imune ao contato linguístico, exibindo, no máximo, em alguns dialetos populares, marcas de uma aprendizagem precária por parte dos escravos. A linha de argumentação desses autores, que encontra sua grande expressão no trabalho de Silva Neto (1963 [1951]), em *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa*, buscava defender que o português, apesar da grande diversidade do território nacional, apresentava unidade surpreendente, fruto de sua superioridade enquanto língua de cultura escrita, frente a línguas ameríndias e africanas.

O trabalho de Silva Neto (1963 [1951]) reúne uma coleção considerável de dados demográficos e de testemunho sobre a situação da língua portuguesa no Brasil colônia. É talvez o trabalho que até hoje tenha reunido o maior número de fontes sobre a língua portuguesa nesse período. Apesar disso, algumas conclusões do autor parecem ser contraditórias, considerando o que foi defendido por ele em outras ocasiões. Um exemplo diz respeito a um fenômeno como o da síncope de vogais postônicas não finais em vocábulos proparoxítonos. Num texto de 1956, *Fontes de latim vulgar: o apêndice Probi*, o autor entende que o fenômeno é a continuação de um processo que aconteceu na passagem do latim vulgar ao português. Já em *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, na seção *Panorama atual da língua portuguesa*, o autor coloca a síncope ao lado de fenômenos como a flexão de número em *os livro* e *as mesa* e a simplificação do paradigma verbal como sendo “vestígios de um crioulo nacional”, uma “cicatriz do primitivo aprendido tosco da língua portuguesa” por parte dos escravos.

Em 1989, Gregory Guy, ao considerar a variação social como um dos aspectos mais notáveis do português brasileiro e ao observar que, no Brasil, os falantes do PPB – as classes trabalhadoras e a população rural e urbana de baixa classe – formam a maior parte da população do país, destacou que tais características são próprias de comunidades que tiveram uma história linguística de pidginização e crioulição e uma história social marcada pela escravidão. Considerando ainda que o Brasil foi a maior

sociedade de escravos do Atlântico (baseando suas observações em Curtin (1968 apud GUY, 1989)), Guy lança a hipótese da criouliização prévia do PPB para explicar as características estruturais do mesmo.

Guy (1989) aponta que o “problema básico” da questão situa-se no fato de que o PPB não é claramente distinto do português *standard*, além de não possuir traços típicos de línguas crioulas, como um sistema para marcar tempo, modo e aspecto. Além disso, várias características estruturais do PPB têm origem ambígua, podendo ser interpretadas tanto como fruto de uma história crioula como produto de uma evolução dialetal natural do português brasileiro. Guy (1989) argumenta ainda que o PPB não é marcado etnicamente, sendo falado por indivíduos de diversos segmentos étnicos do Brasil. Apesar disso, o autor defende que, depois de uma história crioula, o PPB descriouliizou-se em direção à gramática da língua-alvo, o português europeu (PE).

Fazendo referência ao fenômeno da concordância verbal, Guy (1989) observou que, na história do português *standard*, a aplicação da regra é categórica, o que não se observa no PPB. Porém, a não aplicação da regra sofre restrições interessantes. Segundo ele, se se observam as várias classes de verbo da língua portuguesa, pode-se notar que as taxas de concordância ou não concordância com o sujeito não são iguais. Tal restrição é determinada pelo princípio da saliência fônica (LEMLE; NARO, 1977¹⁷ apud GUY, 1989), segundo o qual os verbos cujos plurais são maximamente diferentes das suas formas singulares apresentam maior taxa de concordância, ao contrário dos verbos cuja oposição singular/plural é mínima, que são menos prováveis de concordar com o sujeito. Outros aspectos, como a simplificação dos paradigmas de conjugação verbal, a redução do uso dos clíticos e o uso invariável da partícula *se* reflexiva, são elencados por Guy (1989) como provas de uma história crioula do PPB, já que tais traços estruturais estão presentes também em línguas crioulas. Ele destaca também que a restrição e a saliência na concordância verbal e nominal são indicadores de uma situação de aprendizagem irregular de uma segunda língua seguida de uma descriouliização.

Embora admita que o PPB não possui todos os traços de um crioulo típico, Guy acredita que, em sua história, o PPB foi marcado pelo contato linguístico, bilinguismo e aprendizagem irregular de segunda língua, fatos que acompanharam o cenário da

¹⁷ LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

escravidão. Tal aspecto, dentre outros, define a formação do PPB: uma criouliização prévia, cujos parcos indícios só podem ser encontrados em dialetos rurais, uma vez que os dialetos urbanos sofreram uma descriouliização por terem tido um contato intenso com a língua alvo.

Em posição contrária, Tarallo (1993a) argumenta que, diferentemente do que afirma Guy (1989), o português do Brasil (PB) está se distanciando da gramática do português de Portugal (PP), o que invalidaria, pois, a hipótese da criouliização prévia seguida de descriouliização. Tarallo (1993a) sustenta sua posição afirmando a necessidade de se recorrer à história interna e externa da língua para poder chegar a uma hipótese conclusiva sobre as origens do PB. Para ele, no caso do PB, como a história social é pouco conhecida – o que enfraquece qualquer hipótese nela sustentada, por falta de evidências documentais e/ou empíricas – só a história interna poderia fornecer indícios para o entendimento da questão.

Em seu trabalho, Tarallo (1993a) analisa alguns fatos sintáticos do PB falado moderno: as cláusulas relativas e a ocorrência dos pronomes anafóricos. Identificando três tipos de estratégias de relativização – as de uso padrão, as que são formadas por um pronome lembrete e as relativas cortadoras –, afirma que estas, juntamente com a pronominalização, constituem-se em exemplos de mudanças aleatórias que distanciam o português brasileiro do PP. Tarallo (1993a) ainda apresenta outras características indicativas de que as duas gramáticas estão se distanciando: enquanto o português falado no Brasil favorece preenchimento do sujeito em detrimento do objeto, o PP favorece a retenção dos clíticos em detrimento do sujeito e evidencia uma redução no paradigma flexional, sendo, hoje, uma língua menos *pro-drop* do que o PP.

Com seus estudos, Tarallo (1993^a) chega a uma série de conclusões que se resumem no fato de que, embora o português do Brasil seja resultado de situações de contato com diferentes grupos étnicos e linguísticos, o que pode gerar diferenciação dialetal, não se pode afirmar que ele foi um crioulo. O autor apresenta ainda outro argumento: no que tange à assimetria sujeito-objeto nas duas línguas, seria necessário que o português brasileiro tomasse um rumo reverso para reencontrar o PP, algo que o autor considera impossível, embora a presença contínua e duradoura da tradição literária portuguesa no Brasil tenha mantido os dois dialetos bastante próximos.

Outro trabalho que também nega a hipótese da criouliização prévia é o de Naro; Scherre (1993), que, num texto *Sobre as origens do português popular do Brasil*, não aceita que as características estruturais do PPB sejam decorrentes exclusivamente de

um suposto *pidgin* ou crioulo de base lexical portuguesa. Esse artigo ganhou nova edição em 2007, quando foi republicado num volume intitulado *Origens do português brasileiro*, que reúne outros textos de Naro e Scherre nos quais os autores defendem que o que aconteceu com o português foi fruto de uma “confluência de motivos”.

Em sua “argumentação de caráter histórico”, os autores reconhecem que o quadro linguístico inicial no território brasileiro era de uma comunidade em que as diversas línguas de diversos grupos se influenciaram mutuamente, sobretudo através do aprendizado imperfeito de falantes não nativos adultos, de modo que a situação se configurava na confluência de um predomínio do *pidgin* tupi, na influência mútua de diversas línguas no contexto do aprendizado imperfeito, além de elementos pidginizantes vindos da Europa. Quanto à situação linguística dos africanos chegados ao Brasil, os autores argumentam que eles falavam línguas africanas e, em alguns casos, adquiriam conhecimentos da língua geral ou do português. Consideram também que seria improvável, todavia, que tenha existido no Brasil uma língua *pidgin* ou crioula de base lexical portuguesa associada com a etnia afro-brasileira ou ameríndia.

Os principais argumentos da hipótese de Naro; Scherre (1993 e 2007) situam-se nas chamadas “motivações históricas europeias” do português de Portugal, que estariam presentes também no português falado no Brasil e que teriam sido aceleradas pelas situações sócio-históricas da época em que o idioma foi implantado no país. Desse modo, os autores argumentam que é possível que a língua portuguesa já possuísse, por exemplo, o embrião do novo sistema de concordância verificado no PPB antes de sair da Europa. Eles entendem que a variação na concordância verbal – um dos fenômenos mais citados como sendo resquício de um crioulo prévio falado no Brasil – é, na verdade, um processo de perda da nasalização da vogal átona final, como em *comem/come*; *vendem/vende*, que acontece também nos nomes, como em *garagem/garage* ou *homem/home* e que seria indício de uma deriva européia secular. Naro (1981) entende que tal processo generalizou-se mais tarde, estendendo-se a outros ambientes, atingindo as oposições morfológicas de palavras como *comeram/comeu*, *são/é*, envolvendo toda a posição desinencial.

Ao avaliarem o papel da posição linear dos nomes no sintagma nominal para a concordância, que tem sido considerada a variável mais importante para a variação da concordância nominal, comparando-a com a posição da classe/relação dos nomes no sintagma, os autores concluem que o efeito da posição linear não tem a força que os estudos anteriores haviam mostrado, de modo que, ao contrário do que Guy (1989)

propõe, é temerário utilizar o argumento da posição como um traço de indicador de criouliização advindo de influência da estrutura de línguas africanas.

Em sua conclusão, Naro; Scherre (1993 e 2007) fazem uma “descrição do modelo de desenvolvimento do PPB”, destacando cinco aspectos:

- i. a língua falada em Portugal antes da colonização do Brasil já possuía uma deriva secular que a impulsionava ao longo de um vetor de desenvolvimento;
- ii. no Brasil, este vetor encontrou-se com outras forças que ora o reforçavam na direção original, ora o desviavam dessa direção;
- iii. no início, uma das forças era a pidginização, que exercia uma influência sobre o português através da língua tupi e da “língua de preto” europeia, revivificada no Brasil originalmente para uso com os ameríndios;
- iv. ao longo de toda a história do Brasil, o processo de aprendizado teve seus efeitos documentados parcialmente;
- v. se existiu uma verdadeira língua crioula de léxico português e gramática africana, esta desapareceu sem deixar indícios.

Assim, com os argumentos acima citados, os autores rejeitam a hipótese da criouliização prévia de Guy (1989); mas, diferentemente de Tarallo (1993a), argumentam que as mudanças no PPB, tais como o processo de queda do *-s* final, podem ter sido originadas no português da Europa, que, em sua dialeção, estava dando continuidade a uma deriva pré-românica. Com relação a essa última questão, os autores são categóricos em afirmar que o fenômeno fonético de queda de *-s* e de *-r* em coda silábica no português do Brasil, já prefigurados na România, são a origem da variação na regra de concordância no português de hoje. Desse modo, a queda de *-s* morfema de plural seria uma generalização do fenômeno da queda de *-s* em coda, eliminando, pois, a possibilidade de o fenômeno ser resultado do contato de português com línguas africanas.

Uma linha de interpretação para a questão, fortemente diversa da posição de Naro; Scherre (1993, 2007) vem sendo apresentada pelos autores Alan Baxter e Dante Lucchesi em diversos trabalhos, desde 1992. Como são muitos os trabalhos em que os autores defendem sua posição, serão resenhados a seguir apenas dois desses trabalhos.

Lucchesi (2001), ao fazer uma análise da realidade sociolinguística brasileira, defende que ela é bipolarizada, em que duas grandes vertentes – o português culto e o

português popular – estão passando por significativas mudanças que podem servir para o entendimento da história social do PPB. Segundo o autor, após a independência política do Brasil (em meados do século XIX), fatores como as manifestações de nacionalismo cultural e linguístico, a industrialização e o desenvolvimento dos centros urbanos, a democratização do ensino público e o crescimento dos meios de comunicação de massa consolidaram a tendência de enfraquecimento normativo e consequente mudança do português falado pelas pessoas consideradas cultas, que tende a se afastar do padrão prescrito pelas gramáticas normativas. Em contraste, as mudanças no panorama cultural e linguístico das camadas menos favorecidas da população brasileira, decorrentes de fatores como o deslocamento da população do campo para a cidade, a influência das grandes metrópoles sobre as demais regiões – em consequência do aumento da malha rodoviária e da expansão da comunicação em massa – e a massificação do ensino básico têm contribuído para a mudança do PPB em direção aos modelos da norma culta.

Apontando as mudanças que ocorreram no português culto, Lucchesi retoma os estudos de Tarallo (1993a) para argumentar que tais mudanças são resultantes da influência que o português culto tem sofrido devido ao contato com o português popular. Destaca a mudança da retenção pronominal de acordo com a função sintática na língua portuguesa entre 1725 e 1981, verificando que houve um aumento da retenção do pronome sujeito e redução de objetos diretos e sintagmas preposicionais. Extraindo dados da pesquisa de Duarte (1993), que estuda a ocorrência de sujeitos nulos no português, no período de 1845 a 1992, nota que os sujeitos nulos mudam de uma frequência de uso de 80% em 1845 para 26% em 1992. Outros dados são extraídos de Cyrino (1993), que notou que a ocorrência dos objetos nulos da primeira metade do século XVIII (14,2%) aumenta em relação à segunda metade do século XX (81,1%). Para o autor, esse panorama “reforça a ideia do condicionamento social das mudanças que se observam nos padrões de fala das camadas média e alta e a possibilidade de influência de baixo para cima, seja através do aumento do contato com os segmentos populares, seja pela ascensão social dos imigrantes europeus e asiáticos” (LUCCHESI 2001, p.112). Além disso, argumenta que, ao contrário do que Tarallo (1993) supunha, as mudanças do português falado culto implementaram-se não na virada do século, mas nas primeiras décadas do século XX, exatamente no período mais intenso das transformações sócio-históricas do Brasil moderno.

Ao discutir as mudanças no português popular, o autor menciona o trabalho de Amadeu Amaral (1955 [1920]), que aponta que as características mais marcantes do dialeto caipira já estariam desaparecendo em função da escolarização e da influência dos meios urbanos. Lucchesi (2001) analisa ainda alguns dados de Nina (1980¹⁸ apud LUCCHESI, 2001), que constatou que a tendência de aplicação da regra de concordância nominal entre falantes rurais analfabetos do Estado do Pará, segundo a variável faixa etária aumenta na proporção que diminui a idade dos informantes. Segundo o autor, a pesquisa de Nina Nina (1980 apud LUCCHESI, 2001) registra dados que apontam para uma mudança no sentido da implementação do uso da concordância no português popular rural do Estado do Pará, o que pode ser evidência da tendência geral do PPB de aproximação aos padrões da fala urbana culta.

Outro estudo indicativo dessa tendência, de acordo com Lucchesi (2001), é demonstrado por Vieira (1995¹⁹ e 1997²⁰ apud Lucchesi, 2001), que verificou a não-aplicação da regra de concordância verbal na fala dos pescadores do Norte do Estado do rio de Janeiro, também segundo a variável faixa etária. A autora encontrou os seguintes dados: na faixa etária 1 (de 18 a 35 anos), a frequência foi de 56%; na faixa 2 (36 a 55 anos), esse percentual aumenta para 59%; já na faixa 3 (56 anos em diante), o índice de não-aplicação da regra aumenta para 69%.

Para Lucchesi (2001), tal quadro pode ser interpretado como uma “atualização do processo de influência do modelo culto sobre a fala popular que se teria iniciado no início do século e se expandido e intensificado nas últimas décadas” (p.115). Além disso, no entendimento do autor, esses são indícios bem evidentes de uma descrioulização – num sentido lato do termo, já que ele defende não uma crioulização típica, mas *leve*, fruto do processo de transmissão linguística irregular por que passaram os escravos africanos e a maioria de seus descendentes no início da colonização do território brasileiro – do português popular em direção aos modelos do português culto, já que este goza de prestígio sociolinguístico no país.

Ao investigar a comunidade de Helvécia, situada no extremo sul da Bahia, constituída mormente por descendentes de escravos dos grupos linguísticos *kwa* e

¹⁸ NINA, Terezinha. **Concordância Nominal/Verbal do Analfabeto na Micro-Região Bragantina**. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1980.

¹⁹ VIEIRA, Sílvia Rodrigues. **Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte fluminense**. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.

²⁰ VIEIRA, Sílvia Rodrigues. A não concordância em dialetos populares: uma regra variável. **Grafos**, João pessoa, v. 2, n. 1, p. 115-134, 1997.

banto, trazidos para as plantações de café da antiga Colônia Leopoldina, instalada na região a partir de 1818 e que se manteve, devido às dificuldades de acesso, num relativo isolamento até os primeiros anos da década de 70, Lucchesi (2001) destaca alguns traços que podem ser interpretados como estruturas de um estágio anterior de drásticas simplificações e profundas modificações típicas de mudanças crioulizantes:

(1)

a. *eu não cunhece* ninguém.

b. *eu passou* com minha fia no faiado.

(‘eu passei com a minha filha no descampado’)

(2)

a. *Esses bebida assim manso* eu até que bebo, mas cachaça não.

b. Isso tudo era ainda no tempo do *firma do Cunha*.

As amostras evidenciam, segundo o autor, a variação na concordância verbal com a primeira pessoa do singular e a variação da concordância de gênero no interior do sintagma nominal, respectivamente. Segundo Lucchesi (2001, p.118):

O quadro de variação observado em Helvécia, relacionado com a dos demais dialetos populares, aponta, portanto, para um sistema anterior em que a deterioração do sistema flexional atinge o paradigma como um todo. Após essa drástica redução, se teria iniciado um processo de implementação da regra de concordância, a partir da primeira pessoa do singular. Situação semelhante foi observada por Emmerich (1984) no português pidginizado dos indígenas do Alto Xingu. Um outro paralelo interessante pode ser feito com crioulos de base portuguesa, como os de Cabo Verde e São Tomé, igualmente desprovidos de qualquer flexão de número e pessoa no verbo. Tanto num caso como no outro, fortalece-se a hipótese do processo crioulizante anterior.

Lucchesi (2001) argumenta, pois, que os estudos que indicam um afastamento do português culto falado no Brasil do padrão normativo europeu não devem ser entendidos como evidências contra a hipótese de mudanças crioulizantes na formação do PPB se se entende a realidade sociolinguística do Brasil como bipolarizada, com tendências específicas de mudança no português popular e no culto. O autor entende que

os traços mais marcantes do PPB estão em desaparecimento, desde o início do século XX, em função da influência dos modelos das variedades urbanas cultas.

Em *Processos de crioulização na história sociolinguística do Brasil*, Lucchesi; Baxter (2006) voltam a defender que o contato do português, sobretudo com línguas africanas, teve um relevante papel no desenvolvimento das variedades populares do português. Segundo os autores, a situação aqui no Brasil não deu ensejo à formação de crioulos típicos, com transferência de estruturas de língua de substrato para o português; entretanto, um processo de transmissão linguística irregular leve contribuiu para dar ao português, principalmente nos falares de comunidades rurais afro-brasileiras, uma feição bastante característica de variedades que passaram por algum processo de aquisição diferenciado.

No trabalho, os autores traçam um amplo panorama da história do contato entre línguas no Brasil começando por abordar a participação de línguas indígenas nesse processo. Os autores verificam, por exemplo, que, num cenário inicial do processo colonizador, uma política adotada pelos exploradores portugueses e jesuítas foi a adoção de uma língua geral, expressão que recobria diversas situações de interação: a) uma *koiné* tupi empregada na comunicação entre as tribos de línguas do tronco tupi da costa brasileira; b) uma língua franca usada por colonizadores portugueses e indígenas; c) uma versão nativizada por núcleos populacionais mestiços presentes no início do processo de colonização; d) a versão que foi gramaticalizada pelos jesuítas para servir de apoio ao processo de catequese; e) língua franca de base tupi usada como segunda línguas por índios falantes de língua não tupi.

Lucchesi; Baxter (2006) ainda destacam que até pelo menos o século XVIII a versão nativizada da língua geral perdurou como sendo variedade de uso majoritário, especialmente na sociedade paulista, que, por meio de bandeirantes, expandiu o uso dessa variedade pelo interior do país. Prosseguem descrevendo o cenário que deu ensejo à chegada de milhões de escravos africanos ao Brasil, o que gerou repercussões claras do ponto de vista linguístico no território, que acabara determinando o declínio da língua geral e ampliando o uso do português, ainda que não na sua variedade culta.

Nesse ponto, Lucchesi; Baxter (2006), que não apoiam a ideia de que houve um crioulo de base portuguesa estabilizado e difundido amplamente, mostram que diversos elementos explicam o fato de não ter se desenvolvido no Brasil um crioulo, dentre os quais estão: a) a proporção de escravos africanos em relação à população branca, que sempre foi bem maior do que a observada em lugares onde ocorreu a formação de

crioulos típicos; b) as condições de vida dos escravos com sucessivos deslocamentos e desagregação de núcleos familiares, que não propiciaram condições para a estabilização de um *pidgin* que serviria de base para a aquisição de L1 pelos filhos dos escravos; c) o uso de línguas francas africanas como instrumento de comunicação pelos escravos nas senzalas e quilombos; d) fatores de integração do negro (principalmente o urbano e o que exercia funções domésticas) que aumentavam o nível de exposição à língua-alvo; e) a miscigenação racial, que foi decisiva para impedir a criação de variedades crioulas, atuando antes como processo difusor da língua portuguesa no território brasileiro.

Lucchesi; Baxter (2006), entretanto, não afastam a possibilidade de que, em situações especiais, em pontos afastados da influência urbana, tenham emergidos crioulos de base portuguesa, que rapidamente desapareceram no conjunto de grandes transformações por que passou a sociedade brasileira, sobretudo as do final do século XIX e início do século XX.

Após a revisão do cenário social do Brasil e de efeitos sociolinguísticos de diversas situações por eles expostas, Lucchesi; Baxter (2006, p. 194), defendem que “as evidências apontam no sentido de terem ocorrido processos de transmissão linguística irregular, em níveis diferenciados”. Destacam ainda que, levando-se em conta os dados da história sociolinguística brasileira, “é possível que tenha havido diversas crioulições leves em diferentes períodos de tempo, mas as suas inovações teriam sido absorvidas e diluídas” (p. 195).

Finalizando sua abordagem, afirmam que a comunidade de Helvécia é um exemplo de dialeto rural fortemente afetado por processos de crioulição. Os dados linguísticos e sociais de Helvécia deixam claro que o português do Brasil passou por expressivas mudanças decorrentes de um processo de transmissão linguística irregular do tipo leve, que se caracteriza por levar à simplificação da estrutura gramatical do português, sobretudo no sistema flexão, sem que sejam observadas reestruturações originais da gramática da língua-alvo e/ou transferências de estruturas do substrato.

Novo reforço aos argumentos em favor da transmissão linguística irregular como processo decisivo na formação do português popular do Brasil é apresentado no livro *O português afro-brasileiro*, que apresenta um detalhado painel sociolinguístico do português falado por comunidades afro-brasileiras em quatro áreas rurais da Bahia: Helvécia (localizada no município de Nova Viçosa, extremo sul do Estado), Cinzento (no município de Planalto), Barra e Bananal (no município de Rio de Contas) e Sapé (no município de Valença).

Organizado por Lucchesi; Baxter; Ribeiro (2009b), o livro possui vários trabalhos que tratam de diversos aspectos da morfossintaxe das comunidades, que forneceram dados no âmbito do Projeto Vertentes, dirigido por Lucchesi. Uma vez que não é foco desta tese a abordagem de dados de morfossintaxe e que as linhas gerais da argumentação em favor da TLI contida no livro já foram expostas anteriormente, apenas alguns dos resultados gerais apresentados por Lucchesi na conclusão que ele faz no final do livro serão aqui trazidos. Os principais resultados destacados pelo autor são:

- os aspectos da estrutura linguística mais afetados pelo contato na fala das comunidades investigadas concentram-se na chamada gramática aparente. Nesse campo, estão os processos de variação na concordância de gênero e na concordância verbal de primeira pessoa do singular, as fronteiras sintagmáticas e as funções sintáticas dos constituintes;
- a variação na concordância com a 1ª pessoa do singular aponta para um quadro de erosão de todo o paradigma de flexão de pessoa e número que teria sido a marca de comunidades rurais afro-brasileiras até o século XIX. Assim, no que tange à morfologia verbal de pessoa e número as comunidades afro-brasileiras isoladas destacam-se como as que exibem maior processo de erosão da variedade padrão do português;
- apenas Helvécia, tida como a comunidade mais crioulezante, exibiu uma variação consistente na marcação de gênero do SN;
- é bastante difícil identificar os efeitos do contato em outros níveis da estrutura gramatical;
- não foi observada diferença significativa entre as comunidades e a fala urbana culta na frequência de uso do sujeito nulo – nesse caso, o autor considera que parece ter havido uma convergência nos usos das duas variedades em função da introdução de *a gente* no quadro pronominal do português;
- a preferência pelo uso da relativização com o operador universal *que* não pode ser vista como um caso particular das comunidades de fala afro-brasileiras, já que o processo é geral em diversos dialetos brasileiros;
- o estudo de construções clivadas e pseudo-clivadas e das construções de tópico mostra que essas construções não podem ser tomadas como ponto estrutural relevante para a discussão dos efeitos do contato linguístico nas comunidades analisadas;

Os resultados acima elencados mostram também que o processo de transmissão linguística irregular pode afetar diversas estruturas com resultados diferentes a depender de vários fatores estruturais e sociolinguísticos.

Assim, em que pese toda a dificuldade de estabelecer uma relação clara entre diversos processos linguísticos e o contato entre línguas na formação do português do Brasil, nenhum resultado houve que “contrariasse o diagnóstico de uma mudança em curso em favor da aquisição das marcas morfológicas presentes no padrão urbano culto” (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009b, p. 538) por parte das comunidades de falantes do português afro-brasileiro, que exibem padrões coletivos de comportamento linguístico que resultam de dois processos opostos: as implicações do contato, que ainda se fazem sentir em alguns campos do PPB, e as mudanças em direção aos modelos da norma culta, resultantes do maior contato dos falantes das variedades populares do português brasileiro com os modelos fornecidos por falantes urbanos da norma culta.

Como já foi destacado na *Introdução* deste trabalho, os dados que serão apresentados mais à frente, oriundos que são de uma comunidade que participou em sua origem por essa situação de escravidão e de contato linguístico, foram examinados levando-se em conta a proposta de Lucchesi (2001) acima descrita, por se assumir neste trabalho o princípio de que a história social da comunidade é também a história linguística da mesma e vice-versa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* que serviu de base para esta pesquisa faz parte do *Acervo de Fala Vernácula do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia*, constituído pelo *Projeto Vertentes*. A escolha dos informantes na comunidade foi feita levando-se em conta os princípios estabelecidos no âmbito da sociolinguística laboviana. Sendo assim, os falantes que forneceram as entrevistas para o *Projeto Vertentes* estão estratificados quanto a sexo (masculino/feminino) e idade (faixa I: de 20 a 40 anos; faixa II: de 40 a 60 anos; faixa III: mais de 60 anos)²¹.

A extensão do *corpus* que foi recolhido para análise neste trabalho foi fornecida por 12 entrevistas com falantes naturais do distrito de Helvécia (Município de Nova Viçosa). Esses informantes foram divididos nestas células: 6 homens e 6 mulheres, distribuídos em três faixas etárias. Assim, na faixa 1, há quatro informantes entre 28 e 38 anos; na faixa 2, quatro informantes com idades entre 44 e 60 anos; na faixa 3, quatro informantes ente 70 e 103 anos.

5.1 O PROJETO VERTENTES DO PORTUGUÊS POPULAR DO ESTADO DA BAHIA

Conforme se pode ler no *site* do *Projeto*, o *Vertentes* é vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia, sob coordenação de Dante Lucchesi. É ainda na página do Projeto que se pode notar que o objetivo principal do *Projeto Vertentes* é traçar um perfil sociolinguístico do português popular falado na Bahia, tendo como parâmetros a relevância do contato entre línguas na sua formação histórica e os processos de difusão linguística a partir de grandes centros urbanos.

Uma informação importante é que o fundamento teórico que guiou a recolha dos dados feita pela equipe do *Vertentes* se enquadra no aparato teórico-metodológico da sociolinguística variacionista. A fim de que se possam realizar análises no campo da morfossintaxe do português brasileiro, utilizam-se também aportes da Teoria Gerativa.

Constitui a base de dados do projeto cerca de 200 horas de fala informal de falantes com pouca ou nenhuma escolaridade de várias idades e de diferentes

²¹ Para uma descrição mais detalhada, veja-se a *home page* do *Projeto Vertentes*: www.vertentes.ufba.br.

localidades. Esse conjunto de dados tem sido constituído, ao longo da existência do projeto, seguindo um cronograma que abrange três etapas: 1) a coleta de registros de fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, algumas das quais remanescentes de quilombo, como é o caso de Helvécia; 2) registros da fala do português popular do interior, etapa em que foram coletadas entrevistas nos municípios de Poções e Santo Antônio de Jesus; 3) constituição de amostra do português de popular de Salvador, que representa a fase atual do projeto.

5.1.1 As comunidades e os informantes

Para a constituição do *Acervo de Fala Vernácula do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia*, o *Projeto Vertentes* visitou as seguintes comunidades: 1) Barra e Bananal (Rio de Contas-BA), 2) Helvécia (Município de Nova Viçosa-BA); 3) Cinzento (Município de Planalto-BA); 4) Sapé (Município de Valença-BA).

Sobre o procedimento de coleta das entrevistas, pode-se ler na página do Projeto:

Em cada comunidade, os pesquisadores do Projeto realizaram entrevistas com pelo menos doze de seus moradores escolhidos aleatoriamente, entre os que nasceram na comunidade ou que para lá tinham sido levados nos seus primeiros anos de vida. Nessas entrevistas, o pesquisador procurava desenvolver uma conversação a mais informal possível com o membro da comunidade por um período de no mínimo 40 minutos e no máximo uma hora. (<http://www.vertentes.ufba.br/1a-etapa/comunidades>).

Das 48 entrevistas que compõem a amostra de fala referente às quatro comunidades, 24 foram escolhidas para constituírem o *Corpus Base do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia*. Na página do Projeto, há também a informação de que algumas assimetrias não foram superadas na constituição do *corpus*: 1) há três homens semi-analfabetos na faixa I; 2) todas as mulheres da faixa III são analfabetas. A média de idade dos informantes por faixa etária é: faixa I: 29,5 anos; faixa II: 49,25 anos (19,75 anos de diferença sobre a faixa I); faixa III: 70,875 anos (21,625 anos de diferença sobre a faixa II). No caso de Helvécia, a distribuição dos 18 informantes que compõe a amostra da comunidade foi a seguinte:

QUADRO 1
Informantes da comunidade Helvécia

FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
HV-Inq01 – F – 29a – A – N	HV-Inq07 – F – 42a – A – E	HV-Inq13 – F – 85a – A – N
HV-Inq02 – M – 28a – S – E	HV-Inq08 – M – 44a – S – N	HV-Inq15 – F – 80a – A – N
HV-Inq03 – F – 35a – S – E	HV-Inq09 – F – 54a – A – N	HV-Inq19 – F – 103a – A – E
HV-Inq04 – M – 30a – S – N	HV-Inq10 – M – 50a – S – N	HV-Inq20 – M – 70a – A – E
HV-Inq05 – F – 38a – S – E	HV-Inq11 – F – 60a – A – N	HV-Inq22 – M – 80a – A – N
HV-Inq06 – M – 39a – S – N	HV-Inq12 – M – 57a – A – N	HV-Inq24 – M – 67a – A – N

(Fonte: <http://www.vertentes.ufba.br/1a-etapa/comunidades>)

Para este estudo, foram selecionadas 12 dessas entrevistas. Em cada faixa, foram escolhidos os informantes que menos tempo passaram fora da comunidade. Desse modo, foram escolhidos os informantes 01, 02, 04, 05 (faixa 1); 08, 09, 10, 11 (faixa 02); 15, 19, 20, 22 (faixa 03) – destacados em negrito no quadro. No capítulo 6, será feita uma descrição sócio-histórica de Helvécia.

5.2 O CORPUS

Como já se afirmou anteriormente, a análise sociolinguística adota como pressuposto o fato de que a variação linguística é um fenômeno passível de ser sistematizado. Ela não é aleatória: há um conjunto de circunstâncias sociais e linguísticas que podem estar influenciando no emprego de uma dada forma, configurando, o que Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) chamaram de *problema do encaixamento*, que diz respeito, basicamente, à análise de fatores linguísticos e fatores sociais que condicionam o emprego de uma ou mais variantes que estão em relação de concorrência no sistema. Tal tratamento pressupõe tanto uma análise qualitativo-interpretativa dos fatores associados ao fato linguístico que se está estudando, bem como uma análise quantitativa, estatística, acerca do grau de importância que cada fator realmente possui.

Para a constituição do *corpus* em estudo, foi selecionada uma quota de 200 ocorrências da variável <S> em cada uma das 12 entrevistas acima descritas, chegando-se a um total de 2.400 ocorrências, considerando as seguintes condições: a) foram

desprezados os trechos pouco claros da entrevista em que houvesse interrupções de qualquer natureza ou hesitações do falante que incidissem em vocábulos em que estivesse a variável; b) foram excluídos os casos em que <S> possuía valor de plural; c) foram excluídos os casos em que <S> encontrava-se no fim de um vocábulo seguido de vogal, já que esse contexto geralmente provoca a ressilabação, fazendo com que a consoante final de palavra em contato com a vogal da palavra que segue seja silabada como ataque da sílaba seguinte, como em [maj.'zɛ.lɐ] *mais ela* (BISOL, 1996; COLLISCHONN, 2005); d) foram excluídas as ocorrências de <S> quando a variável se encontrava antes de [s, z, ʃ, ʒ, h, ã], contextos em que, normalmente, há o fenômeno da assimilação entre as consoantes, simplificando-se os traços das mesmas, como em [majʃh'pajs] *mais rapaz* (MATZENAUER, 2005), o que dificulta a distinção entre a consoante que ocupa a coda e a que se segue.

Para minimizar o fato de que cada ocorrência foi anotada de ouvido, sem a utilização de recursos instrumentais para a definição de cada consoante da amostra, as ocorrências da variável foram registradas e transcritas em três etapas, num ambiente bastante silencioso e de modo bastante cuidadoso. Na primeira, procedeu-se ao levantamento das 200 ocorrências de <S> em cada entrevista. Após isso, um novo registro foi feito para cada uma das ocorrências. Num terceiro momento, foram buscados eventuais erros no registro e comparados os dois registros. Nos casos em que havia divergência nas anotações, os dados foram novamente checados.

Num primeiro momento, cogitou-se a possibilidade de usar o PRAAT, um programa muito utilizado para análise acústica em estudos de fonética experimental. Os primeiros exames mostraram que o PRAAT é um recurso muito útil para delimitar, por exemplo, a extensão de um som, fornecendo dados de sua frequência e sobre os formantes; no entanto, as gravações obtidas ao ar livre ou em meio a outras fontes de ruído, como acontece com muitas entrevistas do *Vertentes*, dificultam a identificação do sinal sonoro pelo programa. Apesar disso, os casos anotados para estudo estão identificados com muito boa margem de precisão, uma vez que os casos pouco claros e aqueles em que a variável <S> estava seguida de vogais e de realizações como [s, z, ʃ, ʒ, h, ã] foram descartados.

A esse respeito desse tipo de seleção de dados, Labov (2008 [1972], p. 34 e 35) comparou o registro impressionístico dos ditongos que ele estava examinando com a informação dada por espectrogramas. Os resultados indicaram que o registro

impressionístico foi muito semelhante ao que os espectrogramas indicaram. No mesmo texto, no capítulo em que discute *O estudo da língua em seu contexto social*, Labov (2008 [1972]), ao considerar o exame direto dos dados linguísticos e os problemas em lidar com a língua falada em situações cotidianas, lembrou que “nosso próprio trabalho em traçar mudanças sonoras em progresso por meio de medições espectrográficas confirma a notável precisão da fonética impressionística usada para comparar dois sons” (p. 236).

5.3 TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS

Para o tratamento quantitativo (que aqui é considerado como um auxílio para a interpretação dos dados em estudo), utilizou-se uma ferramenta de largo emprego em pesquisas sociolinguísticas, que é GOLDVARB 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). O programa, a partir de frequências totais de ocorrências de dados linguísticos selecionados, seleciona os fatores mais importantes que determinam a ocorrência de uma variante.

Conforme informam seus autores no manual do programa, o GOLDVARB 2001 é uma versão feita para operar em ambiente Windows, criada a partir do programa GOLDVARB 2.0 (RAND; SANKOFF, 1990 apud ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), elaborado para rodar nos computadores da Macintosh.

A utilização de recursos estatísticos em análises sociolinguísticas não é mero recurso metodológico; ela na verdade deriva do postulado teórico que Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) estabeleceram para o exame da mudança linguística: não há variação livre. Isso significa que toda variação presente no sistema linguístico será condicionada por fatores linguísticos ou sociais que deverão ser identificados pelo linguista. Em muitos casos, como mostrou Labov (2008 [1972]), esses fatores condicionantes não são facilmente identificáveis, diante da intrincada relação entre diversas forças que atuam no sistema. Como essas forças não se devem ao acaso, elas precisam ser identificadas com precisão – aí é que entram as análises estatísticas, já que elas permitem estabelecer os *padrões* de variação de cada comunidade de fala.

A definição de uma variável em sociolinguística implica a observação de que uma ou mais formas concorrem para expressar o mesmo significado. A resposta estatística acerca do conjunto de fatores que influenciam a ocorrência de uma ou de

outra variante, do ponto de vista estatístico, pode ser dada a partir dos chamados modelos de regressão. Como observa Oliveira (2009, p. 98), nesses modelos há sempre uma variável dependente (às vezes chamada de variável resposta) e uma ou mais variáveis explicativas, que podem ser chamadas de variáveis independentes ou covariáveis. Quando a variável que está sendo estudada possui caráter contínuo – como a modificação na altura de um segmento vocálico – o modelo estatístico mais apropriado é o de regressão linear. Para variáveis de caráter discreto ou categórico, com duas possibilidades (0-1) o modelo de regressão logístico é bem apropriado. Para os casos em que há mais de duas possibilidades de ocorrência dentro da variável dependente, o modelo multinomial ou de análise multivariada é o mais indicado.

Como não é o objetivo aqui proceder a um detalhamento do método estatístico que está na base do GOLDVARB 2001, utilizado para o exame dos dados aqui investigados, apenas alguns termos/conceitos que são utilizados ao longo deste texto serão rapidamente definidos. Sugere-se que o leitor interessado consulte as obras de Woods; Fletcher; Hughes (2003 [1986]), Tagliamonte (2006), Guy; Zilles (2007) e Oliveira (2009) para um estudo mais aprofundado desses métodos estatísticos na análise sociolinguística. Oliveira (2009), por exemplo, faz uma comparação entre as análises operadas pelo GOLDVARB X e pelo SPSS v 13.0 e mostra que há vários softwares à disposição do pesquisador capazes de fazer as mesmas análises feitas pelo GOLDVARB.

Como se disse antes, a análise da variação linguística em termos labovianos implica a definição de um fenômeno linguístico a ser estudado (*variável dependente*) e o estabelecimento de hipóteses sobre variáveis que determinam a ocorrência do fato linguístico em estudo (*variável independente*). Para cada hipótese que afirma que dado fator está relacionado ao fato linguístico em estudo, há uma chance de que ela seja falsa – em estatística isso é chamado de *hipótese nula*. Ou seja: sempre que se afirma que, por exemplo, que a palatalização de <S> é influenciada por determinado ambiente fônico, há uma chance de que esse fator não tenha força nenhuma e que, na verdade, outros elementos é que influenciam no fenômeno em jogo.

Diante disso, nos modelos chamados de logísticos, uma das tarefas é definir o grau de probabilidade de que a hipótese nula seja verdadeira. Essa probabilidade é chamada de *nível de significância*. O nível de significância é um valor aleatório que pode ser adotado pelo pesquisador como um limite que define até que ponto – a

probabilidade máxima – a hipótese nula pode ser rejeitada. Assim, quanto mais próximo de zero, mais confiável é considerado o resultado. Em sociolinguística, muitos trabalhos consideram $p < 0,05$ o nível de significância máximo para que a hipótese nula seja rejeitada pelo linguista. Em outras palavras, isso significa que a cada 20 eventos, a hipótese nula tem a chance de ocorrer uma vez (5%). Entretanto, cabe ao pesquisador a decisão de levar em conta ou não o resultado de uma análise em que a significância seja um pouco maior do que isso (GUY; ZILLES, 2007 e OLIVEIRA, 2009).

Outro conceito importante é o de *peso relativo*, que é um valor de referência que, com base no cálculo do desvio da média, determina a razão das chances de vários fatores que podem influenciar a ocorrência de uma variante. Assim, o peso relativo é um cálculo sobre o grau de relevância de um fator em relação a outros para a ocorrência de determinado fenômeno. Segundo Guy (2007 [1993], p. 41), o núcleo da análise da regra variável é obter uma estimativa dos efeitos restritivos e sua significância. Assim, esse valor é um número entre 0 e 1: se o peso relativo de dado fator for menor que 0,5, considera-se que ele desfavorece a ocorrência do fenômeno em questão. Se o peso é superior a 0,5 considera-se que o fator é favorecedor. 0,5 é um valor neutro. Quando o peso relativo atinge o valor máximo, significa que não há variação, pois determinado fator sempre ocorrerá quando o fenômeno em estudo acontecer, o que impede a análise da regra em termos variáveis.

Para chegar aos valores do peso relativo, o GOLDVARB opera fazendo rodadas de combinação dos diversos grupos de fatores. Numa primeira rodada (*step-up*), o programa testa os grupos, um a um, associando-os à variável dependente; num segundo momento, o programa segue retirando cada grupo e observando o peso dos demais grupos sem o que foi retirado (*step-down*), procedimento que é repetido várias vezes. Em resumo:

O programa começa fazendo uma análise em que se calcula só um valor de *input* e nenhum peso de fator. Para esse ‘nível zero’, calcula-se um logaritmo de verossimilhança. Aí, o programa passa a fazer, no chamado ‘nível um’, rodadas em que são usados o valor do *input* e um só grupo de fatores de cada vez. O programa faz uma rodada desse tipo para cada grupo de fatores existente no arquivo que está sendo analisado. [...] de todas as rodadas, escolhe o melhor grupo de fatores em termos de significância. (GUY; ZILLES, 2007, p. 164-165).

É importante dizer que, neste trabalho, cada conjunto de rodadas foi feito a partir de duas comparações: num primeiro momento, observou-se como os grupos de fatores se comportavam na comparação entre as variantes em que <S> se concretiza. Assim, num primeiro nível, a comparação se deu entre [s, z], [ʃ, ʒ] e [h]. Num segundo momento, estabeleceu-se a comparação entre a concretização de <S> (incluídas aí as três variantes apontadas acima) e o apagamento da variável (∅).

5.4 VARIÁVES ESTUDADAS

Conforme será visto na *Tabela 4*, abaixo, para serem submetidos à análise do GOLDVARB 2001, os dados foram separados em três arquivos: 1) <S> em posição interna de vocábulo; 2) <S> em posição final de vocábulo seguido de pausa, contexto chamado aqui de final absoluto e 3) <S> em posição final de vocábulo seguido de consoante que inicia a palavra posterior.

A **variável dependente** aqui examinada, indicada por <S>, inclui as seguintes variantes (ou realizações): 1) **alveolar** ([s, z]); 2) **palatal** ([ʃ, ʒ]); 3) **aspirada** ([h, fɥ]); 4) **zero fonético** (∅). A realização surda ou sonora das variantes alveolar e palatal é determinada pelo ambiente fonético em que ocorre <S>. Em função disso, <S> realizado como alveolar surda ou sonora foi considerado como uma só variante, assim como a palatal. A aspiração está aqui sendo tomada aqui para identificar as ocorrências de <S> em que o segmento pronunciado resulta num ruído devido à abertura do espaço glotal, anteriormente estreitado devido à produção de uma vogal, fazendo com que o ar atrite contra as paredes da laringe (DUBOIS *et al.*, 2004 [1973], p. 72, 73).

Alguns manuais de fonética e fonologia (FERREIRA NETTO, 2001; SILVA, 2002; CAGLIARI, 2007) registram [h] como uma consoante fricativa glotal surda (quando ocorre em palavras como “carta”, “mar”, “roda”) e [fɥ] como fricativa glotal sonora (quando ocorre em palavras como “carga” e “largo”).

5.4.1 Variáveis independentes

Para as rodadas preliminares, definiram-se as seguintes variáveis explanatórias: 1) *tonicidade da sílaba em que ocorre a variável*; 2) *dimensão do vocábulo*; 3) *nasalidade da vogal precedente à variável*; 4) *anterioridade e altura da vogal ou semivogal precedente*; 5) *modo de articulação da consoante seguinte*; 6) *zona de articulação da consoante seguinte*; 7) *sonoridade da consoante seguinte*; 8) *classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável*; 9) *valor morfológico da variável*; 10) *faixa etária dos informantes*; 11) *sexo dos informantes*; 12) *estada fora da comunidade*; 13) *escolaridade dos informantes*.

Essas variáveis correspondiam a hipóteses bem gerais acerca de que fatores influenciariam as variáveis, tomando por base o que diversos trabalhos demonstraram (CALLOU; MORAES, 1992; MOTA, 2002; SANTOS, 2009; LUCCHESI, 2009a, entre outros). Evidentemente que, após iniciado o tratamento dos dados, o GOLDVARB 2001 mostrou que algumas dessas deveriam ser descartadas ou reagrupadas em função de seu peso para a ocorrência de uma ou outra variante.

Os resultados que serão apresentados no capítulo seguinte dizem respeito aos seguintes grupos de fatores das **variáveis linguísticas independentes**: 1) **Tonicidade da sílaba** em que ocorre a variável – fatores do grupo: sílaba tônica e sílaba átona; 2) **Extensão do vocábulo** em que ocorre a variável – fatores: monossílabo, dissílabo e vocábulo com três ou mais sílabas; 3) **Características da vogal precedente** à variável: anterior alta /i/, anterior média-fechada /e/, anterior média-aberta /ɛ/, central baixa /a/, posterior alta /u/, posterior média fechada /o/, posterior média aberta /ɔ/, semivogal posterior /w/ e semivogal anterior /j/; 4) **Características da consoante que inicia a sílaba seguinte** à variável: Oclusivas labiais (/p/, /b/), Oclusivas alveolares (/t/, /d/), Oclusivas velares (/k/, /g/), Fricativas labiais (/f/, /v/), Africadas ([tʃ], [dʒ]), Nasal labial (/m/), Nasal alveolar (/n/) e laterais (/l/, /ʎ/); 5) **Sonoridade da consoante seguinte** à variável: sonora e surda; 6) **Classe morfológica do vocábulo** em que ocorre a variável: nominais (substantivos e adjetivos), verbos, adverbiais, determinantes, pronomes (incluídos só os pessoais) e conectivos (conjunções e relativos). As **Variáveis sociolinguísticas** consideradas foram: 1) **faixa etária dos informantes**: faixa 1, faixa 2 e faixa 3; 2) **Sexo dos informantes**: masculino e feminino. Além dessas variáveis, inicialmente foram levados em conta o tempo de estada fora da comunidade e a

escolaridade dos informantes. Uma vez que esses fatores se revelaram insignificantes para os resultados, eles foram desconsiderados nas rodadas definitivas.

Algumas observações sobre os critérios de definição das classes de palavras adotados neste trabalho merecem ser feitas. Como se sabe, a classificação das palavras em português ainda é um tema em debate. Perini (2006, p. 28-33), por exemplo, aponta diversos problemas da abordagem das classes feita pela Gramática Tradicional (GT). Para o autor, as principais deficiências da classificação das palavras encontrada na Gramática Tradicional são: o uso de critérios simples de classificação; a falta de critério nas subclassificações; classes do tipo “cesta de lixo” e rejeição de categorização múltipla.

Apesar da possibilidade de incorrer no risco de um tratamento pouco coerente à luz do que diversos autores vêm apontando, utilizou-se nesta tese uma abordagem que mescla princípios apontados em Perini (1995), Macambira (1999) e Rosa (2005) e naqueles que se encontram na Gramática Tradicional. Desse modo, foram classificados como *nominais* os substantivos e os adjetivos da GT, seguindo-se de perto o que aponta Perini (1995 e 1997). Na classe dos *adverbiais* figuram formas determinadas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (Macambira, 1999). Entre os *determinantes* incluíram-se aqui os numerais (PERINI, 1995) e pronomes (*este* e *esta*) com função adjetiva. No grupo dos *pronomes*, nesta análise, figuram apenas os pronomes que podem exercer funções substantivas. Entre os *conectivos* estão as conjunções e os pronomes relativos. A inclusão dos relativos no grupo dos conectivos se baseia na proposta de Bagno (2000), que observa que os relativos estão passando no português brasileiro por fenômenos de gramaticalização e estão deixando, em função disso, de “funcionar como pronomes (fenômeno indicado pela perda da marcação de caso por meio de preposição nas chamadas relativas cortadoras), reanalizando-se como nexos, como conjunções” (BAGNO, 2000, p. 86).

No capítulo que segue, serão apresentados os resultados da análise do *corpus* em estudo. Para cada variante de <S>, serão apresentados os fatores linguísticos e extralinguísticos favorecedores em função de cada uma das três posições em que elas podem ocorrer.

6 ANÁLISE DA VARIÁVEL <S> EM CODA DE SÍLABA NO PORTUGUES AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA

Neste capítulo serão apresentados os resultados da análise de <S> por meio da utilização do GOLDVARB 2001. O principal objetivo é verificar como as ocorrências da variável estão encaixadas no sistema fonético-fonológico e no contexto social do português falado em Helvécia. Uma discussão mais detalhada sobre o significado social da variação na comunidade será apresentada no capítulo seguinte.

6.1 A DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES NO *CORPUS*

Após a codificação dos dados, procedeu-se a uma rodada inicial em que se verificou a seguinte distribuição das variantes no *corpus*.

TABELA 3
Distribuição das variantes de <S> em coda silábica em Helvécia

Variantes	Nº / Total	%
[s / z]	1.076	44,83
[h / ħ]	537	22,37
Ø	432	18
[ʃ / ʒ]	355	14,80
Total	2.400	100

Os números da *Tabela 3* registram os índices totais de ocorrência da variável dependente. As variantes alveolares respondem por quase metade de todas as ocorrências do *corpus*, ao passo que as variantes palatais são as que menos ocorrem, totalizando pouco mais de 14% dos dados. Considerando que as palatais não ocorrem em final absoluto de palavra e que quase em sua totalidade ocorrem em contexto interno de palavra, conforme será detalhado mais à frente, uma primeira observação já permite afirmar que Helvécia é, atualmente, uma área em que a realização alveolar de <S> é a norma.

O predomínio da realização alveolar em outras áreas da Bahia foi documentado, por exemplo, por Mota (2002), que, verificou que: a) na década de 70, a realização predominante entre os falantes era a palatal, que atingia índices de 60%, ao passo que a

realização alveolar atingia apenas 34%; b) na década de 90, os percentuais se invertem e a realização predominante passa a ser a alveolar, que atinge 55%, ficando a realização palatal em apenas 36% dos casos. Lucchesi (2009a) encontrou, dentre as 10.753 ocorrências da variável, 36% de frequência da alveolar e 34% da palatal.

Esses dados permitem colocar Helvécia (situada que está no extremo sul da Bahia e culturalmente influenciada por cidades como Vitória-ES e Belo Horizonte-MG) no conjunto de falares que, conforme Noll (2008, p. 66), faz parte de um grupo em que predomina a realização alveolar: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás.

Como se pode ver também, a aspiração de <S> e o seu apagamento ocorrem em percentuais que se aproximam. Destaque-se ainda que as ocorrências da variável, inclusive os 432 casos de zero fonético do *corpus*, não possuem valor morfológico de plural. Se se considera o apagamento como o estágio final de um processo de enfraquecimento de <S> em posição de coda, cuja direção é a simplificação da sílaba em uma estrutura CV, como observam Gryner; Macedo (2000 [1975]), pode-se dizer, *a priori*, que Helvécia exibe uma taxa alta de enfraquecimento e conseqüente apagamento da variável dependente em questão, o que permite pensar que aspiração e apagamento são fenômenos relacionados.

Levando em conta apenas o apagamento, uma comparação com outros trabalhos dá a dimensão do que representa esse fenômeno na comunidade de Helvécia. Eis o que outros pesquisadores encontraram: Scherre; Macedo (1991) constataram 8% de apagamento numa amostra do Projeto Censo; Brandão (1995), observando a fala de pescadores do Rio de Janeiro, achou um total de 4%; Carvalho (2000), examinando dados de Belém do Pará, encontrou 5%; Mota (2002) observou que, para as amostras de 70 e 90 do NURC, o apagamento de <S> atingiu, respectivamente, 2% e 5%; Lima (2006), pesquisando dados do *Atlas Fonético da baía de Guanabara*, verificou uma taxa de 4,4%; Brandão (2008), analisando dados do acervo do Micro-AFERJ, achou uma taxa de 0,7%; Santos (2009), para as cidades de Petrópolis, Itperuna e Paraty, encontrou 3% de apagamento; Monteiro (2009), para o Amapá, encontrou 3,8%; Razky (2010) encontrou uma taxa de 10% para o Nordeste do Estado do Pará; Lucchesi (2009), estudando o português popular de Salvador, verificou que, sem valor morfêmico, o apagamento de <S> atingiu 4%. Excluindo os dados de Lucchesi (2009), os percentuais mostrados acima incluem os casos em que a variável <S> tem valor de plural, o que faz aumentar e muito o total de apagamentos tratados nesses estudos.

Como demonstrou Lucchesi (2009a), a variável <S> com valor de plural passa a ser uma variável morfossintática. Nos dados do autor, o apagamento de <S> com valor de plural atinge um total de 16%.

De um lado, uma explicação de ordem estrutural alinha esse cenário ao fato de que, na língua portuguesa, a coda é uma posição débil, sujeita a vários fenômenos fonológicos, entre os quais o apagamento de <S> é um exemplo. Conforme diversos autores têm proposto (SCHANE, 1975; BISOL, 1996), o apagamento de elementos pertencentes à coda silábica – caso em que se inclui a variável <S> no português do Brasil – é um fenômeno que reflete a tendência das línguas do mundo a buscarem estruturas silábicas simples, do tipo CV. Em outras palavras, o sistema atua de modo a impedir ao máximo que sequências que fujam ao tipo CV ocorram, isso inclui provocar a variação em certas posições, como é o caso da coda, sobretudo se em final de palavra.

Numa linha de raciocínio que busque integrar as especificidades do sistema linguístico às pressões sociais às quais esse mesmo sistema está sujeito, defender-se-á aqui que a distribuição atual de <S> em Helvécia é fruto da atuação conjunta de forças estruturais e sociais, estando estas vinculadas à história anterior e ao momento atual da comunidade. Isso significa dizer que a interpretação dada neste trabalho ao quadro acima mostrado se alinha com as hipóteses que apontam que, em comunidades com história de contato linguístico em contextos de escravidão, existe a tendência forte – mais do que em geral se vê em outras comunidades de fala – da simplificação e da redução de diversas estruturas linguísticas, entre as quais a coda silábica (nesse aspecto, em particular, veja-se: Guy, 2005, p. 20). Seguindo essa linha interpretativa, uma tentativa de explicação para o cenário de Helvécia no que tange à pronúncia de <S> em coda será feita com mais vagar no próximo capítulo, considerando que a comunidade tende a abandonar os traços mais marcados do seu falar e se alinhar a normas que gozam de maior prestígio.

A tabela a seguir evidencia a posição em que as variantes ocorrem no *corpus*.

TABELA 4Posição em que ocorrem as variantes de <S> em coda silábica no *corpus*

Posição	Variantes									
	[s / z]		[ʃ / ʒ]		[h / fi]		Ø		Totais	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Final absoluto de vocábulo /(C)V_#/	147	46	0	0	26	8	142	45	315	13,14
Final de vocábulo seguido de consoante /CV_#CV/	416	40	23	2	330	32	254	24	1.023	42,64
Interior de vocábulo /(C)V_#CV/	512	48	332	31	181	17	36	3	1.061	44,22

Os dados da *Tabela 4* permitem ver a predominância das variantes alveolares em relação às demais nos três contextos. Destaque-se que 45% das ocorrências de zero se dão em final absoluto, ao passo que a realização alveolar nesta mesma posição atinge 46%. Entretanto, como se verá adiante, a comunidade de Helvécia está avançando em direção às formas alveolares de <S>, ficando o apagamento, mesmo nos contextos mais favorecedores, concentrado na fala das gerações mais velhas. Percebe-se também que a variante palatal, como se disse antes, é minoritária no *corpus*. Evidencie-se o fato de que, em final de vocábulo seguido de consoante, <S> palatal ocorre em apenas 23 casos e em final absoluto não ocorre, o que impôs sua retirada das rodadas do GOLDVARB 2001 para essas posições.

Assim como em Mota (2002), em Brescancini (2003), em Brandão (2008a, 2008b, 2009) e em Hora; Pedrosa (2009), os dados deste trabalho evidenciam que a realização palatal é favorecida, sobretudo, em posição medial. Conforme a *Tabela 4* acima deixou ver, é em interior de vocábulo que a realização palatal atinge os valores máximos de sua ocorrência, chegando a representar 31% dos casos. Como se verá mais detalhadamente a seguir, uma explicação pode ser encontrada no fato de que, em posição interna, a realização de <S> está apoiada no contexto seguinte.

Os 26 casos de aspiração com a variável em posição final absoluto de vocábulo ocorreram com as seguintes palavras: *mais* (4 ocorrências), *mas* (6) *mês* (4), *demais* (3), *japonês* (2) *duas* (1), *nós* (1), *deus* (1), *atrás* (1), *trás* (1) *depois* (1), *faz* (1). Para exemplificar, abaixo estão transcritos trechos da entrevista de duas informantes, uma de

60 anos (faixa 2) e outra de 80 (faixa 3). A transcrição é grafemática e tenta evidenciar alguns aspectos da fala das informantes. Os grifos focalizam aspirações encontradas no *corpus*.

INF11, idade 60, mulher:

INF11: Era **dua[h]**... **dua[h]**... daqui assim, uma ficava de um lado e ôto ficava de ôto, aí...

DOC2: Hum! Chamava manivela né?

INF1: É, aí fica ralano, e ôta lá assim onde tá o senhô salvano. Era, é **trer** de nós. **Dua[h]** na roda, e uma lá na boca do butijo.

Informante 15, idade 80, Mulher

INF 15: Esses doi, aí... **trei[h]**...mai alegue; agora os ôto é mei assim...

INF 15: Gente, eu já tomô carrera de cobra **dua ve[h]** pra nunca mai.

6.2 A REALIZAÇÃO ALVEOLAR DE <S>

Na ordem de seleção dos fatores mais importantes para a realização alveolar em interior de vocábulo e em final seguido, aparecem em primeiro lugar o *contexto consonantal subsequente* e, em seguida, a *faixa etária*. Para os casos de <S> em final absoluto, as variáveis *faixa etária*, *sexo* e *contexto vocálico e semivocálico antecedente* foram selecionadas nessa ordem.

As análises mostraram que: 1) os fatores linguísticos só pesam mais que os fatores extralinguísticos para a realização de <S> em Helvécia nos contextos altamente favorecedores. Como se sabe, o contexto *consonantal subsequente*, como vários estudos têm demonstrado (RAZKY, 2010; GRYNER; MACEDO, 2000; HORA, 2007; BRANDÃO, 1998, para citar alguns), exerce um peso importante para a realização da variável; 2) ter sido o fator faixa etária selecionado nos três contextos, demonstra a importância de fatores extralinguísticos para a configuração de <S> em Helvécia. Um dos pressupostos em que se assenta o presente estudo é o de que as frequências e os pesos relativos dos fatores – sobretudo os extralinguísticos – que condicionam a variação de <S> em Helvécia apresentarão especificidades que a distanciam dos índices pertencentes às variedades populares do português do Brasil não marcadas etnicamente e de normas urbanas cultas do português do Brasil, ainda que a tendência em Helvécia seja a de aproximação, mudança, em direção a modelos das normas de prestígio.

6.2.1 <S> alveolar em interior de vocábulo

Conforme apontado anteriormente, a ordem de importância dos fatores selecionados pelo GOLDVARB 2001 para <S> alveolar em interior de vocábulo foi esta: 1º) *contexto consonantal subsequente à variável*; 2º) *faixa etária dos informantes*; 3º) *sexo dos informantes*; 4º) *extensão do vocábulo em que se encontra a variável*; 5º) *sonoridade da sílaba em que se encontra a variável*; 6º) *classe do vocábulo em que se encontra variável*.

Note-se aí que, entre os três fatores selecionados como mais importantes, aparecem, depois do contexto consonantal, variáveis de ordem extralinguística. Isso indica o grau de importância de jovens e mulheres na implementação da variante.

Para organizar a exposição, esses fatores serão comentados a partir de sua divisão em linguísticos e extralinguísticos, conforme a ordem em que foram codificados para serem submetidos à análise do GOLDVARB 2001.

6.2.1.1 Condicionamentos linguísticos de <S> alveolar em interior de vocábulo

Como já se disse anteriormente, a realização alveolar de <S> é predominante no *corpus* em estudo. Ela ocorre 512 vezes nessa posição, o que corresponde a 48% do total de variantes em interior de palavra, ao passo que as palatais ocorrem 332 vezes (32%) e as aspiradas 181 vezes (17%). Em função de as ocorrências do item *mesmo* terem representado quase um terço do total de dados <S> em interior de vocábulo, as rodadas foram realizadas em duas etapas: uma com o item e outra sem ele. Nas análises em que *mesmo* estava incluso, O GOLDVARB 2001 selecionou as seguintes variáveis linguísticas como condicionantes: 1) *extensão do vocábulo em que se encontra a variável*; 2) *contexto consonantal subsequente à variável*; 3) *sonoridade da consoante seguinte à variável*; 4) *classe do vocábulo em que se encontra a variável*. Nas rodadas sem o *mesmo*, os fatores selecionados foram: 1) *tonicidade da sílaba em que se encontra a variável* e 2) *contexto consonantal subsequente à variável*.

A *Tabela 5* apresenta os resultados para a primeira das quatro variáveis linguísticas independentes selecionadas pelo programa.

TABELA 5

Influência da variável *extensão do vocábulo em que se encontra a variável* para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P. R.
Três ou mais sílabas	283/455	62	0,609
Até duas sílabas	229/606	37	0,418
Totais	512/1.061	48	

(*Input*²² 0,507; *Log likelihood*²³ = -420,471; *Significance* = 0,015)

Como mostra a tabela, os vocábulos de maior extensão são os que favorecem a realização alveolar da variável <S>. Uma observação detalhada das rodadas no GODVARB 2001 mostrou que a escolha desse fator pelo programa aconteceu em quase todas as etapas do *step up* e do *step down*. Além disso, os valores do peso relativo não mudaram muito, o que dá uma pista da “certeza” do Programa sobre a importância do fator. Nas demais tabelas apresentadas abaixo, ver-se-á que o fator extensão do vocábulo só foi selecionado para os casos de apagamento de <S> em final absoluto.

A escolha pelo programa dos vocábulos com três ou mais sílabas para a realização alveolar de <S> pode estar relacionada, muito mais em virtude de outros fatores estarem operando, como o contexto consonântico, do que propriamente com o tamanho da palavra.

Comparando esses dados com os de Mota (2002, p. 250), percebe-se que “no confronto entre as quatro variantes, essa variável não se mostrou significativa para as

²² O *input* representa o nível geral de uso de determinada variante da variável dependente. Observe-se, por exemplo, que o uso de <S> alveolar atingiu 512 (48%). O *input* representa essa taxa básica e deve se aproximar dessa taxa geral, algo em torno de 0,50. Quando o valor do *input* se distancia da taxa geral, isso indica que a distribuição dos dados está desequilibrada. Assim, se o uso da alveolar por parte dos homens for muito superior ao uso das mulheres, “o *input* deve corrigir esse desequilíbrio, e, portanto, desviar-se da frequência calculada para a amostra total”, já que os pesos relativos de cada fator são calculados com relação ao nível geral do *input*, e não em relação à frequência (GUY; ZILLES, 2007, p. 238).

²³ O logaritmo de verossimilhança “mede a qualidade da aproximação entre o modelo (os fatores que caracterizam os contextos, os pesos associados com os fatores, o *input* e o modelo matemático logístico) e os dados observados. O valor absoluto do *log-likelihood* (l.l.) varia em função de duas coisas: a quantidade de dados (quanto maior o número de dados, tanto mais alto o valor absoluto do l.l.), e a aproximação entre as predições do modelo (número de aplicações esperado em cada célula, se o modelo for correto) e os dados observados (quanto pior ou mais distante essa aproximação, tanto mais alto o l.l.). portanto, os valores do l.l. de diferentes rodadas somente são comparáveis quando se mantém o mesmo número de dados nas análises” (GUY; ZILLES, 2007, p. 239). Simplificando, quanto mais distante de zero, melhor é a relação entre os dados (a realidade) e as predições do modelo.

coronais, alveolar e palatal, ao contrário do que ocorreu com relação à não-coronal e ao zero fonético”. Ainda segundo a autora,

a presença de laríngea e zero fonético em monossílabos e dissílabos relaciona-se a outras variáveis fônicas ou morfossintáticas do próprio vocábulo ou da estrutura mais ampla em que ele se insere, tais como a pauta acentual, o contexto segmental, a classe morfológica e a estrutura sintática, como se observa adiante. (MOTA, 2002, p. 252-3).

Com isso, uma questão que se coloca é sobre o papel da frequência de certos vocábulos para a realização de <S>. E aqui entra a questão de saber até que ponto o princípio da difusão lexical atua como organizador da configuração acima mostrada.

Na tabela que se mostra seguir, observam-se números referentes ao papel do contexto consonantal para a realização alveolar de <S>.

TABELA 6

Influência da variável *contexto consonantal subsequente* para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Oclusivas velares	118/119	99	0,99
Fricativas labiodentais	18/19	94	0,98
Nasal labial	107/295	36	0,77
Oclusivas alveolares	132/409	32	0,15
Africadas	4/85	4	0,02
Totais	379/927	40	

(Input 0,507; Log likelihood = -420,471; Significance = 0,015)

Como mostra a *Tabela 6*, as oclusivas velares e as fricativas alveolares favorecem a realização alveolar, com peso relativo de 0,99 e 0,98, respectivamente. A nasal labial também foi selecionada como altamente favorecedora, com peso relativo de 0,77. Nesse caso, cabe o parêntese de que, nos dados, dos 107 casos em que se encontra consoante /m/ seguindo o <S>, 105 envolvem o vocábulo *mesmo*; *desmancha* e *reumatismo* foram as outras duas palavras. Em rodada em que o item *mesmo* foi retirado, os resultados não mudaram muito.

TABELA 7

Influência da variável *contexto consonantal subsequente* para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia **sem o item mesmo**

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Oclusivas velares	118/119	99	0,99
Fricativas labiodentais	18/19	94	0,98
Nasal labial	7/11	63	0,85
Oclusivas alveolares	132/409	32	0,23
Africadas	4/80	5	0,02
Totais	261/617	42	

(Input 0, 496; Log likelihood = -149,454; Significance = 0,044)

Vê-se que, nesse caso, a significância atingiu seu melhor índice e os resultados não se alteraram muito: a nasal labial continuou sendo selecionada em função de 7 palavras (de um total de 11) como *cisma*, *desmamado*, *desmanchar*, *desmatamento*. Vê-se ainda que a retirada do item *mesmo* implica a perda de importância, para o Programa, do fator *sonoridade da consoante seguinte*.

As oclusivas alveolares e as consoantes africadas, por seu turno, desfavorecem fortemente a ocorrência de variantes alveolares. O único caso de consoante africada diante de <S> alveolar ocorreu com o vocábulo *satisfeito*, que, com a metátese de /S/, foi pronunciado [sastʃi'fejto], por um informante masculino da faixa etária 1.

Esses dados se assemelham aos encontrados em outros trabalhos. Em Mota (2002) e Lucchesi (2009), por exemplo, verifica-se que segmentos velares e labiais influenciam na pronúncia alveolar de <S>. Gryner; Macedo (2000) também observaram que consoantes não-coronais como /p, b, k, g, v, m/ favorecem a realização alveolar. Esses resultados mostram o condicionamento fonético que rege a escolha da variante alveolar: salvo os casos em que o ambiente conduz fortemente à palatalização ou mesmo à aspiração, a realização alveolar, por ser a norma da comunidade, será a mais provável.

TABELA 8

Influência da variável *sonoridade da consoante seguinte* para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Não-sonora	384/724	53	0,68
Sonora	128/337	37	0,15
Totais	512/1.061	48	

(Input 0,507; Log likelihood = -420,471; Significance = 0,015)

A tabela mostra que as consoantes desvozeadas, no *corpus*, favorecem a realização alveolar de <S>, com peso de 0,68. Vê-se ainda que não só peso, mas também a frequência de <S> alveolar com consoantes sonoras é bem inferior aos casos em que há uma consoante desvozeada. Entre esses dados, destaque-se que a) há 93 repetições do vocábulo *mesmo* recebendo a pronúncia alveolar e b) entre os casos em que a consoante seguinte é não-sonora, há 23 repetições do vocábulo *depois* recebendo, com metátese, a pronúncia [dejs'pojs]. Com isso, predomina no *corpus* a ocorrência de <S> alveolar antes de /p/, como evidenciam os vocábulos *hospital*, *espetáculo*, *desperdiça*, *desperdiçando*, *espero*, *respeito*, *espada*, *suspender*, *espinho*, *responde*, *cuspiu*, *espalhado*, *responso*.

Com a retirada do item *mesmo*, o fator sonoridade não é selecionado pelo GOLDVARB, que aponta apenas a tonicidade da sílaba em que se encontra <S> como fator favorecedor da realização alveolar, como se pode ver na tabela abaixo.

TABELA 9

Influência da variável *tonicidade da sílaba em que se encontra a variável* para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia **sem o item mesmo**

Consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Átona	323/503	64	0,56
Tônica	89/266	33	0,37
Totais	412/769	53	

(Input 0,496; Log likelihood = -149,454; Significance = 0,044)

Ao que parece, a retirada do item *mesmo* parece motivar a seleção do fator sílaba átona como favorecedor da pronúncia alveolar.

A seguir, apresentam-se dados referentes à seleção das ocorrências <S> alveolar em função da classe do vocábulo.

TABELA 10

Influência da variável *classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável* para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Classe	Apl. / Total	%	P. R.
Verbos	198/350	56	0,56
Advérbios	134/328	40	0,50
Nominais	179/369	48	0,45
Determinantes	1/13	7	0,12
Totais	512/1.060	48	

(Input 0,507; Log likelihood = -420,471; Significance = 0,015)

A tabela mostra que os verbos são a classe em que a variável <S> mais ocorre recebendo a pronúncia alveolar. Essa predominância pode ser explicada pela grande ocorrência de formas do verbo *gostar* e não propriamente por haver um aspecto estrutural que explique esses números. Hora (2003), verificou que, em seus dados, os vocábulos mais sujeitos à palatalização foram os verbos – justamente a classe que mais ocorreu em seu *corpus*. Citando Leslau (1969) e Hoper (1976), Hora (2003, p. 83) argumenta que a frequência é decisiva para a mudança fonética; assim, vocábulos menos frequentes seriam mais resistentes às mudanças foneticamente motivadas – nesse caso, está a palatalização.

Comparando esses dados com os de Mota (2009, p. 255), é possível notar que os vocábulos que têm peso maior para a realização alveolar de <S> na amostra II são os determinantes (0,35), os adjetivos (0,56) e os nomes (0,55). Na amostra I, só os determinantes são selecionados. Se a comparação for feita com os dados da palatalização, ver-se-á que em Mota (2009), os verbos não foram selecionados em nenhuma das duas amostras. Nos dados desta tese, na *Tabela 43*, foram selecionados como influenciadores da palatalização determinantes (0,95), nomes (0,68) e verbos (0,68). Em todos esses casos, chama atenção o fato de que os pesos aumentam, sempre, em função da frequência das classes. Ou seja: quanto mais frequente for um tipo de vocábulo, maior será o seu peso. Dessa forma, o que se observa é que não há uma classe típica para a realização alveolar ou palatal de <S>; há apenas a aleatoriedade das ocorrências em cada *corpus*, que determinará que a classe mais frequente terá peso maior para a realização em estudo.

Em síntese, tanto para as rodadas com o item *mesmo* quanto para as rodadas feitas sem ele, o fator contexto consonantal aparece com favorecedor. A variação nos resultados referentes aos outros fatores pode ser vista de duas maneiras: a) por um lado, o item *mesmo* exerce um peso grande, às vezes contribuindo para enviesar a análise, dado o seu alto número de ocorrências; b) uma vez que a realização alveolar é majoritária nos dados em todos os contextos analisados, ela só se mostra sensível, de fato, ao fator contexto consonantal, atuando os demais de maneira pouco importante.

6.2.1.2 Condicionamentos extralinguísticos de <S> alveolar em interior de vocábulo

Os resultados que serão apresentados a seguir dizem respeito ao peso de fatores como faixa etária e sexo dos informantes par a realização alveolar do <S>. Para além do peso que exercem determinando a ocorrência desta variante, esses fatores exercem um papel significativo na distribuição de todas as variantes no *corpus* em estudo. Conforme dito acima, a hipótese com que se trabalha aqui prevê que, sendo Helvécia uma comunidade marcada pelo contato massivo entre línguas e pelo resultante processo de Transmissão Linguística Irregular do tipo leve e que atualmente está mudando em direção a formas menos marcadas e aos padrões de prestígio ou menos estigmatizadas do português (BAXTER, 1997; BAXTER; LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 1994, 1998, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2006, 2008; LUCCHESI, 2009b), o reflexo disso ocorrerá na comparação entre as gerações da comunidade.

Helvécia tem sua formação ligada ao contexto de implantação das várias fazendas que compunham a antiga Colônia Leopoldina, iniciada a partir de 1821 – o que será melhor abordado no capítulo seguinte. Como mostra Carmo (2010), a utilização de mão-de-obra escrava, que não estava prevista inicialmente, começou a se efetivar a partir de 1850, o que fez da Colônia a maior área de *plantation* na Bahia depois do Recôncavo. No entanto, como mostra também Gomes (2009), não é adequado pensar Helvécia como um sítio arqueológico intacto da época da escravidão.

A antiga fazenda hoje é parte do município de Nova Viçosa, marcado até 1970 pela intensidade das operações da Ferrovia Bahia-Minas e, a partir de 1980, pelos conflitos decorrentes da eucaliptocultura. Em função disso, apesar de em 2005 ter sido reconhecida como localidade remanescente de quilombo, Helvécia mudou muito junto com seus moradores, que apesar de serem 80% descendentes das populações negras que migraram para lá no século XIX, não são unânimes em se identificar com processos de

pertença culturais e religiosos considerados típicos de populações afrodescendentes. Todas essas transformações, dentro do quadro teórico que assume esta pesquisa, estão também codificadas nos modos de falar dessas pessoas.

Esse breve panorama serve para enquadrar os dados que serão mostrados sobre os fatores *faixa etária* e *sexo* para todas as variantes estudadas neste trabalho num panorama geral de mudança da sociedade de Helvécia. Assim, a mudança encabeçada pelas gerações mais jovens é reflexo das características identitárias presentes atualmente na comunidade e também construídas ao longo desses dois séculos de existência da mesma.

TABELA 11

Influência da variável *faixa etária* para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Faixa etária	Apl. / Total	%	P. R.
1	255/394	64	0,71
2	151/377	40	0,46
3	106/290	36	0,25
Totais	512/1.061	48	

(Input 0,507; Log likelihood = -420,471; Significance = 0,015)

Os dados da tabela demonstram claramente a tendência de mudança implantada na comunidade. Não só para a realização alveolar de <S> nesse contexto, mas para as demais realizações em todos os outros contextos, os pesos mostram que as gerações mais novas exibem um comportamento que as distancia das gerações mais velhas. Em alguns momentos fica bem evidente que os usos das faixas 1 e 2 se distanciam fortemente da faixa 3. Ainda que se considere a rodada em que o item *mesmo* foi retirado e que aproximou bastante as faixas 2 e 3, percebe-se o grau elevado de distância entre os falantes que possuíam na época das entrevistas menos de 35 anos dos que tinham de 40 para mais. De algum modo, isso atesta, no campo da variação fônica, a rapidez dos processos de mudança por que passou a comunidade de fala de Helvécia.

Os resultados abaixo indicam dados referentes ao papel das mulheres no que tange à pronúncia alveolar de <S>.

TABELA 12

Influência da variável *sexo* para a realização alveolar de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Sexo	Apl. / Total	%	P. R.
Feminino	258/503	51	0,58
Masculino	254/558	45	0,42
Totais	512/1.061	48	

(Input 0,507; Log likelihood = -420,471; Significance = 0,015)

A tabela acima evidencia que falantes do sexo feminino preferem, em pouco mais da metade dos casos, a realização alveolar. Entre as mulheres, o peso dessa realização atinge 0,58, ao passo que, entre os homens da comunidade, a realização é desfavorecida, com peso de 0,42. Como será visto a seguir, as mulheres parecem liderar o processo de implementação da realização predominante de <S> alveolar. Uma explicação pode estar no fato de que, com a desativação da ferrovia e com a implantação da monocultura de eucalipto, muitas mulheres, perdendo seu campo de trabalho nas lavouras, passaram a atuar como empregadas domésticas e desenvolver ofícios ligados ao comércio de alimentos, artigos de artesanatos e a trabalhar em restaurantes, passando a ter um contato grande com falantes de outras localidades, passando a adquirir a realização alveolar, vista como prestigiada.

6.2.2 <S> alveolar em final de vocábulo seguido de consoante

Nesse contexto, o GOLDVARB 2001 selecionou como relevantes as variáveis: 1) *contexto vocálico e semivocálico antecedente à variável*; 2) *contexto consonantal subsequente*; 3) *sonoridade da consoante seguinte*; 4) *faixa etária*; 5) *sexo*.

6.2.2.1 Condicionamentos linguísticos de <S> alveolar em final de vocábulo seguido de consoante

Como mostra a tabela seguinte, /i, ε, w, e/ são as vogais que favorecem a realização alveolar.

TABELA 13

Influência da variável *contexto vocálico e semivocálico antecedente* à variável para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P. R.
i	44/52	84	0,91
ε	6/8	75	0,81
w	26/35	74	0,79
e	53/74	71	0,63
a	80/171	46	0,45
j	173/349	49	0,38
ɔ	18/41	43	0,33
Totais	134/160	83	

(Input 0,624; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

Inicialmente, o fato de as vogais anteriores terem sido selecionadas sugere que a realização alveolar de <S> parece guardar um aspecto assimilatório, já que as fricativas [s] e [z] são realizações anteriores. No entanto, a seleção de [w] e a rejeição de [j] pelo programa parece colocar a frequência global de palavras no *corpus* como mais um fator a ser considerado.

Assim, uma explicação para a escolha de cada fator dentro do grupo referente ao contexto vocálico e semivocálico subsequente pode estar relacionada à assimilação de traços da vogal pela variável <S>. Outra interpretação pode ser a de que, uma vez que a realização alveolar de <S> neste *corpus* é a norma, o tipo de vogal parece não apresentar uma restrição estrutural específica. Tanto é assim que, como será melhor visto abaixo, quando a variável <S> alveolar está em final absoluto as vogais antecedentes que tiveram os maiores pesos relativos foram a média-fechada anterior (0,73), a semivogal alta posterior (0,72) e a vogal central baixa (0,59).

Esses resultados parecem sinalizar que os traços articulatorios dessas vogais não são tão coincidentes a ponto de permitir uma afirmação categórica sobre sua relação com a variável. Mesmo se se pensa na proposta de Brescancini (2003), os dados aqui apresentados não parecem permitir esse tipo de generalização, já que as vogais /ε/ e /i/, selecionadas acima como influenciadoras da alveolar, foram selecionadas também como unicamente favorecedoras da palatalização de <S>, com pesos de 0,73 e 0,59, respectivamente, embora neste caso, o traço palatal de /i/ esteja em jogo (como será visto na *Tabela 46*).

A *Tabela 14* mostra os números referentes ao contexto consonantal subsequente para a realização alveolar de <S>. Os números da tabela evidenciam o que outros estudos têm encontrado (como em Mota, 2002 e Lucchesi, 2009, entre outros): o contexto consonantal favorecedor para a realização alveolar é o que tem como consoantes seguintes as fricativas labiodentais, as oclusivas velares e as oclusivas labiais.

TABELA 14

Influência da variável *contexto consonantal subsequente* para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Fricativas labiodentais	76/111	68	0,70
Oclusivas velares	139/157	88	0,69
Oclusivas labiais	60/74	81	0,68
Oclusivas alveolares	48/84	57	0,46
Nasal labial	40/94	42	0,45
Lateral alveolar	4/12	33	0,30
Nasal alveolar	31/132	23	0,28
Africadas	17/80	21	0,18
Totais	415/744	55	

(Input 0,624; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

Os números acima mostram que os contextos fortes para a realização alveolar são as fricativas labiais, as oclusivas velares e as oclusivas labiais. Scherre; Macedo (2000 [1975]) registraram que a fricativa alveolar é favorecida pelas consoantes oclusivas sonoras /b, d, g/, com peso de 0,68, pela fricativa /v/ (0,57) e pela lateral /l/ (0,69). Almeida (2008, p. 122) observou que as alveolares são mais frequentes diante de segmentos não-coronais, basicamente velares e labiais.

A *Tabela 15* mostra os resultados referentes à sonoridade da consoante seguinte para a ocorrência alveolar da variável dependente em discussão.

TABELA 15

Influência da variável *sonoridade da consoante seguinte* para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Não Sonora	258/297	86	0,77
Sonora	158/448	35	0,30
Totais	416/746	55	

(Input 0,624; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

A tabela mostra que as consoantes surdas favorecem a ocorrência de <S> alveolar. Como foi dito antes, apesar de trabalhos como o de Carvalho (2000) e Martins (2003) terem encontrado resultados divergentes, os dados aqui tratam especificamente de consoantes seguintes. Nos dados dos autores citados, por exemplo, a abordagem trata do elemento subsequente, o que inclui consoantes e vogais numa mesma rodada. Adicionalmente, o fato de a realização alveolar ser majoritária, pode minimizar o papel de condicionamentos linguísticos.

6.2.2.2 Condicionamentos extralinguísticos de <S> alveolar em final de vocábulo seguido de consoante

As tabelas seguintes repetem a tendência apresentada nas tabelas anteriores que tratavam dos condicionamentos extralinguísticos da variável dependente em discussão. A *Tabela 16* mostra que a realização alveolar de <S> encontra na faixa 1 o fator mais importante. As faixas 2 e 3 claramente se distanciam dessa tendência, desfavorecendo as realizações alveolares.

TABELA 16

Influência da variável *faixa etária* para a realização alveolar de <S> em final de vocábulo seguido consoante na comunidade de Helvécia

Faixa etária	Apl. / Total	%	P. R.
1	177/261	67	0,72
2	145/266	54	0,45
3	94/219	42	0,27
Totais	416/746	55	

(Input 0,624; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

A *Tabela 17* mostra que as mulheres usam numa frequência maior que os homens as variantes alveolares. Esses números são praticamente os mesmos que a variável exibe nas demais posições.

TABELA 17

Influência da variável *sexo* do informante para a realização alveolar de <S> final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Sexo	Apl. / Total	%	P. R.
Feminino	273/412	66	0,66
Masculino	143/334	42	0,30
Totais	416/746	55	

(Input 0,624; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

Como dado geral, acerca a realização alveolar de <S> pode-se dizer que ela é influenciada por fatores como a presença de consoantes oclusivas velares, labiais e fricativas labiodentais e pela dimensão do vocábulo. No plano social, duas constatações são que as gerações mais novas se distinguem claramente das gerações mais velhas, que usam predominantemente variantes palatais. Além disso, as mulheres (0,66) são as maiores responsáveis pela pronúncia alveolar de <S>.

6.2.3 <S> alveolar em final absoluto de vocábulo

Em final absoluto de vocábulo, uma primeira informação que se pode destacar é que é que o fator mais importante é a *faixa etária*. Depois desse, o GOLDVARB 2001 selecionou o *sexo dos informantes*; só por último o fator *contexto vocálico e semivocálico antecedente* foi selecionado. Isso demonstra que, em posição final, as restrições estruturais quase são nulas à realização de <S>, operando antes fatores extralinguísticos. Registre-se também que, nesta posição, não ocorrem variantes palatais.

Em função desse quadro, as análises binárias são rodadas em que as variantes alveolares foram analisadas em confronto com as variantes aspiradas, excluindo-se o zero, que ocorre 142 vezes. Assim, o total de ocorrências de alveolares e aspiradas é de 173 ocorrências. Isso talvez explique o fato de a significância dos dados não ser a ideal para a análise binomial. Destaque-se também que, como será visto abaixo, para a realização aspirada de <S>, os fatores favorecedores são exatamente os que

desfavorecem a realização alveolar. De algum modo isso tem uma conexão com o fato de que a realização alveolar é fortemente preferida por falantes mais jovens, em oposição à frequência de <S> aspirado utilizado por falantes mais velhos, sobretudo os da faixa 03.

6.2.3.1 Condicionamentos linguísticos de <S> alveolar em final absoluto de vocábulo

A *Tabela 18* mostra que a vogal /ε/, a semivogal /w/ e a vogal /a/ favorecem a pronúncia alveolar de <S>. O resultado visto a seguir é similar ao apresentado na *Tabela 13*, em que também /e/ e /w/ foram selecionadas.

TABELA 18

Influência da variável *contexto vocálico e semivocálico antecedente* à variável para a realização alveolar de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P. R.
ε	29/31	93	0,73
w	16/17	94	0,72
a	33/37	89	0,59
j	55/73	75	0,30
o	1/2	50	0,24
Totais	134/160	83	

(Input 0,091; Log likelihood = -53,311; Significance = 0,016)

Ter sido selecionado apenas esse fator linguístico como favorecedor de <S> alveolar em final absoluto de vocábulo, parece evidenciar que não há uma restrição estrutural específica para condicionar a pronúncia alveolar, norma da comunidade. Nesse sentido, em vez de buscar explicação para fatores que condicionam essa variante, a questão que, de fato, deve interessar mormente é a que busca entender que fatores operam quando a alveolar não ocorre, seja pelo processo de aspiração, seja pelo apagamento. Além disso, importa verificar, se, na comunidade, o quadro geral foi sempre esse.

6.2.3.2 Condicionamentos extralinguísticos de <S> alveolar em final absoluto de vocábulo

Como se pode observar, a *Tabela 19* mostra que a faixa 1 é altamente favorecedora da realização alveolar de <S>.

TABELA 19
Influência da variável *faixa etária* para a realização alveolar de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia

Faixa etária	Apl. / Total	%	P. R.
1	82/86	95	0,75
2	34/42	80	0,36
3	31/45	68	0,17
Totais	147/173	84	

(Input 0,091; Log likelihood = -53,311; Significance = 0,016)

A *Tabela 20* repete a tendência apontada pela *Tabela 15* para as realizações alveolares em interior de vocábulo.

TABELA 20
Influência da variável *sexo* para a realização alveolar de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia

Sexo	Apl. / Total	%	P. R.
Feminino	82/90	91	0,66
Masculino	65/83	78	0,32
Totais	147/173	84	

(Input 0,091; Log likelihood = -53,311; Significance = 0,016)

Esses dados, que serão mais bem discutidos no capítulo seguinte, mostram que a realização alveolar de <S>, nas três posições focalizadas neste trabalho, sofre influência forte da faixa etária e do sexo dos informantes, tendo nos mais jovens (0,75) e nas mulheres (0,66) os líderes do processo.

6.3 A REALIZAÇÃO ASPIRADA DE <S>

Do ponto de vista linguístico, uma observação que se afigura como geral está no fato de que o fenômeno da aspiração, neste *corpus*, nos contextos de interior de vocábulo e final seguido por uma consoante, é motivado por fatores como contexto vocálico e semivocálico antecedente, contexto consonantal subsequente e sonoridade da consoante seguinte. No que tange aos fatores extralinguísticos, a faixa etária e o sexo foram selecionados como importantes atuadores no processo. Em posição final absoluta, além do contexto vocálico e semivocálico antecedente, mostraram-se importantes para a aspiração a faixa etária e o sexo dos informantes.

Outra informação geral que importa para as análises que serão feitas a seguir é que a realização aspirada, conforme se viu na *Tabela 3*, é a segunda variante mais documentada, atingindo um total de 537 vocábulos, o que representa 22,4% do total de ocorrências da variável. Se se pensa no fenômeno da aspiração como o primeiro estágio de enfraquecimento em direção à simplificação da estrutura da sílaba rumo ao padrão CV, que culminaria com o apagamento, a terceira variante mais documentada no *corpus* (355 casos), esses dois processos atingem um percentual geral de 40,4%. Em relação ao que documentaram outros trabalhos, esse índice é bem superior (PALÁCIO, 1989; SCHERRE; MACEDO, 1991; AULER, 1992; BRANDÃO, 1995; GRYNER; MACEDO, 2000 [1975]; SCHERRE; MACEDO, 2000 [1996]; CARVALHO, 2000; MOTA, 2002; SANTOS, 2009a; MARTINS, 2010; LUCCHESI, 2009a).

A ser melhor discutida a seguir, uma interpretação que pode ser dada a esses resultados, sobretudo diante desses percentuais e da natureza dos mesmos, permite vincular essas ocorrências a uma característica sociolinguística específica de Helvécia e decorrente de seu processo histórico de formação.

6.3.1 A realização aspirada de <S> em interior de vocábulo

Em interior de vocábulo, os fatores selecionados, em ordem de importância, foram: *sonoridade da consoante que segue a variável, faixa etária, tipo de consoante e vogal que antecede a variável*. Como será visto, a importância dos fatores para aspiração não se altera muito, de modo que o contexto consonantal subsequente à variável é um condicionamento deveras importante quando o <S> aspirado não está em final absoluto. Depois desse fator, o mais importante é de ordem extralinguística.

6.3.1.1 Condicionamentos linguísticos da realização aspirada de <s> em interior de vocábulo

Para a variante aspirada, que ocorre 181 vezes (17%) nesta posição, o programa selecionou as seguintes variáveis linguísticas: *contexto vocálico ou semivocálico subsequente*, *contexto consonantal subsequente* e *grau de sonoridade da consoante seguinte*.

A tabela que segue reproduz os dados encontrados na rodada do GOLDVARB 2001 referente ao papel do contexto vocálico e semivocálico antecedente.

TABELA 21

Influência da variável *contexto vocálico e semivocálico antecedente* à variável para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P. R.
j	3/5	60	0,99
u	4/74	5	0,78
ɔ	2/105	1	0,72
a	3/76	3	0,60
e	163/384	42	0,57
o	1/76	1	0,56
ε	1/86	1	0,34
i	4/255	1	0,21
Totais	181/1.061	17	

(Input 0,027; Log likelihood = -236,864; Significance = 0,000)

Conforme evidencia a tabela, o Programa selecionou como importantes os contextos em que ocorrem antes de <S> /j, u, ɔ, a, e, o/. As palavras em que esses contextos ocorreram são estas: [kah'tʃigə] (*castiga*, falada uma vez), [sif'mej] (*cisme*, falada uma vez), [sif'madu] (*cismado*, pronunciada uma vez), [defi'dʒɪ] (*desde*, pronunciada oito vezes), [dɛf'mãʃə] (*desmancha*, pronunciada uma vez), [dʒifili'go] (*desligou*, pronunciada uma vez), [dʒifigo'to] (*desgastou*, falada uma vez), [ikɔh'tadu] (*encostado*, dita uma vez), ['gɔjhtu] (eu *gosto*, pronunciada, assim, três vezes), ['gɔhtu] (eu *gosto*, dita, dessa forma, uma vez), [ʒuh'tʃisə] (*justiça*, pronunciada quatro vezes), ['mefimə], (falada uma vez), ['mefimu] (*mesmo*, pronunciada 154 vezes), ['po'htu]

(*Posto da Mata*, pronunciada uma vez), [ʃahtʃi'fasu] (*satisfaço*, dita uma vez), [ʃahtʃi'fejtʊ] (*satisfeito*, falada uma vez).

Silva; Almeida; Guedri (2007), levando em conta substantivos e adjetivos pluralizados, investigaram, com base em modelos multirrepresentacionais (particularmente a Fonologia de Uso e a Fonologia Probabilística) e na Fonologia Articulatória, se o apagamento de <S> plural deixa vestígios no *continuum* da fala. Partindo do pressuposto de que os gestos articulatórios durante a produção da fala se sobrepõem e interagem entre si, as autoras encontraram resultados que sinalizavam para um alongamento compensatório da vogal antecedente ou da fricativa em palavras em que o plural apagado é formado com o acréscimo de –es, como em *meses*.

Embora o trabalho de Silva; Almeida; Guedri (2007) tenha se concentrado na lenição da fricativa com valor de plural, portanto no final da palavra, os resultados que elas encontraram podem servir para levantar a hipótese de que a aspiração de <S>, se vista como um processo de enfraquecimento da consoante fricativa, é um gesto de articulação com características de um alongamento compensatório mesmo quando a variante não possui valor de plural.

Nas rodadas em que foi excluído vocábulo *mesmo*, que ocorreu 154 vezes, os vocábulos mais frequentes foram *desde* (8), *justiça* (4) e a forma verbal *gosto* (4). Os outros nove vocábulos ocorreram apenas uma vez. Assim, em contexto de interior de palavra, 14 palavras diferentes receberam a aspiração de <S>. Esses resultados revelam que o vocábulo *mesmo* é responsável, sozinho, por 85% das ocorrências e que os demais itens, a maioria deles com menos de 5 ocorrências, não representam individualmente nem três por cento das aspirações.

Em função desses resultados, procedeu-se a uma rodada sem o item *mesmo*. A partir dessa nova rodada, o GOLDVARB 2001 revelou que a retirada do item não influencia no resultado das rodadas, já que os fatores selecionados foram os mesmos das rodadas anteriores: a) os grupos de fatores que determinam a ocorrência da aspiração, em ordem de importância, são *a sonoridade da consoante seguinte à variável, o tipo consoante que segue a variável, a vogal precedente, o sexo dos informantes*; b) o fator mais importante é a sílaba sonora, com 0,96 de peso relativo; c) o fator menos importante é o sexo dos informantes, em que os homens, com peso de 0,61 aparecem como favorecedores.

Outros trabalhos que tiveram as vogais antecedentes selecionadas como favorecedoras relataram o que segue: a) Martins (2003, p. 21) observou que, quanto ao grau e altura, vogais médias (0,67) e a baixa (0,61) favorecem as ocorrências da aspiração. Quanto à zona de articulação, o autor observou que vogais anteriores favorecem o fenômeno, com peso relativo de 0,57. Importa registrar que o autor não separou a ocorrência de <S> quanto à posição na palavra; b) Santos (2009a, p. 97) viu que em contexto interno, as vogais favorecedoras foram /ɔ/ (0,96), /ɛ/ (0,95), /e/ (0,57), /a/ (0,53). Lucchesi (2009a, p. 99) observou que vogais com traço [- alto] favorecem a ocorrência da variante aspirada, com peso de 0,72. Os números do autor não tratam exclusivamente de <S> em contexto interno. De alguma forma esses resultados se assemelham com os encontrados na *Tabela 18* e no *Quadro 2*.

A considerar a validade dos números encontrados pelo GOLDVARB 2001, parece ser possível afirmar que a aspiração não está ligada a algum traço vocálico específico. Antes, ela, por ser um fenômeno altamente influenciado por contextos sonoros, como será visto mais abaixo, sofre influência de vogais em geral, que são, obviamente, segmentos sonoros. Nesse caso, o tipo de vogal que está sendo escolhido pelo Programa é resultado, sobretudo, da frequência das palavras mais atingidas pela aspiração.

A seguir, apresenta-se o papel do contexto consonantal subsequente para a ocorrência da aspiração.

TABELA 22

Influência da variável *contexto consonantal subsequente* para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Africadas	15/85	17	0,85
Nasal labial	158/295	53	0,76
Oclusivas velares	1/119	1	0,25
Totais	180/908	19	

(Input 0,027; Log likelihood = -236,864; Significance = 0,000)

Conforme mostra a tabela, as consoantes africadas e a nasal labial favorecem a realização aspirada. Em outros trabalhos, o efeito dessas consoantes também é observado. Carvalho (2009, p. 73 e 77) analisou a influência do contexto fonológico posterior à variável considerando separadamente zona e modo de articulação das

consoantes. A autora observou que favorecem a aspiração consoantes bilabiais (0,76) e alveolares (0,61). Quanto ao modo de articulação, fricativas (0,63) e a nasal (0,89) são favorecedoras da aspiração. Gryner; Macedo (2000 [1975], p. 33 e 34) observaram que consoantes coronais altas favorecem o apagamento, com peso de 0,58. Quanto ao fator zona de articulação, as autoras controlaram o efeito de consoantes contínuas e não-contínuas. Os pesos relativos por elas encontrados foram, respectivamente, 0,51 e 0,49, o que mostrou não haver um favorecimento de um ou outro tipo de consoante. Por sua vez, Scherre; Macedo (2000, p. 55) destacaram que a aspiração ocorre em contextos em que o grau de sonoridade é alto: diante de /l/ (0,94), diante de nasais /m, n/ (0,87), de oclusivas sonoras /b, d, g/ (0,79), fricativa sonora /v/ (0,63) e fricativa surda /f/ (0,62). Scherre; Macedo (1991, p. 172) notaram que favorecem a aspiração: /l/ (0,73) e as nasais /m, n/ (0,62). Cabe informar que, nesses trabalhos, a variável <S> não foi abordada considerando-se separadamente os contextos de sua ocorrência.

Destaque-se que, entre os casos de aspiração antecedendo uma consoante nasal labial, estão muitas ocorrências do vocábulo *mesmo*, o que contribuiu para o peso da nasal. Na rodada em que o item *mesmo* foi retirado, apenas as consoantes africadas foram apontadas como favorecedoras da aspiração, com peso de 0,96. Em outras palavras, o fenômeno da aspiração no interior de palavras está condicionado à ocorrência de consoantes de vocábulo específico, como *mesmo* e *desde*. Santos (2009, p. 95) considerou os itens *mesmo* e *desde* como integrantes separados do grupo fatores natureza do vocábulo, no contexto interno do discurso semidirigido de seu *corpus*. Os resultados foram: para *mesmo*, 0,72; para *desde*, 0,94.

Na verdade, se se assume a hipótese da difusão lexical como princípio de explicação para a aspiração de <S> (AULER, 1992 e OLIVEIRA, 1992), o que estaria controlando a mudança de <S> alveolar para a variante aspirada seria o léxico, e não propriamente o som. Assim, as palavras *mesmo* e *desde*, ao que parece não só no *corpus* que aqui se examina, mas no PB em geral, são as responsáveis por desencadear a aspiração de <S> no interior de vocábulo. Em função de as consoantes seguintes a <S> nesses vocábulos serem propícias articulação aspirada, isso revelaria uma conjunção de três fatores que servem para disparar a alteração fônica em jogo, nos termos de Oliveira (1991, 1992, 1997), Chen; Wang (1975) e Phillips (1984): a frequência dos itens, o fato de eles serem itens comuns, compartilhados por falantes de qualquer nível sociocultural e o fato de apresentarem um ambiente fônico propício à alteração em destaque.

A tabela a seguir mostra os valores referentes à influência da sonoridade da consoante seguinte para a aspiração de <S>. A tabela mostra que consoantes sonoras favorecem fortemente o fenômeno.

TABELA 23

Influência da variável *sonoridade da consoante seguinte* para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Sonora	170/337	50	0,91
Não sonora	11/724	1	0,25
Totais	181/1.061	17	

(Input 0,027; Log likelihood = -236,864; Significance = 0,000)

Resultados similares foram encontrados em outros trabalhos. Scherre; Macedo (1991, p. 172) encontraram pesos relativos de 0,62 para /n, m/ e de 0,73 para /l/. Gryner; Macedo (2000 [1975], p. 34) viram que a aspirada é favorecida em contextos sonantes (0,79) e desfavorecida em contextos surdos. Scherre; Macedo (2000 [1996], p. 55) também verificaram a correlação entre a sonoridade e ocorrência de <S> aspirada, notando que quanto mais alto o grau de sonoridade, maior a probabilidade de aspiração, com índices que atingiram 0,94, por exemplo, quando a lateral /l/ estava envolvida. Mota (2002, p. 362) verificou o mesmo efeito da sonoridade, registrando o mesmo índice de 0,97 para as suas duas amostras. Martins (2003) observou que a aspirada é favorecida por consoante sonora interna com peso de 0,98. Em Santos (2009), no contexto interno do Questionário Fonético-Fonológico e no discurso semidirigido, o peso das consoantes sonoras atingiu, respectivamente, 0,98 e 0,93. Lucchesi (2009a, p. 100) encontrou um peso relativo de 0,78 para as sonoras.

6.3.1.2 Condicionamentos extralinguísticos para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo

O Programa selecionou apenas a variável faixa etária, conforme se pode ver na tabela abaixo.

TABELA 24

Influência da variável *faixa etária* para a realização aspirada de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Faixa etária	Apl. / Total	%	P. R.
1	96/394	24	0,73
2	58/377	15	0,39
3	27/290	9	0,31
Totais	181/1.061	17	

(Input 0,027; Log likelihood = -236,864; Significance = 0,000)

Um exame mais detido das ocorrências mostra que os falantes da faixa 1 foram responsáveis por 82 repetições do vocábulo *mesmo*; os falantes da faixa 2, por 51, e os falantes da faixa 3 foram responsáveis por 17 repetições. Se o item *mesmo* for retirado, as frequências mudam: faixa 1: 13 vocábulos (4,7%); faixa 2: 5 vocábulos (1,9%); faixa 3: 9 vocábulos (3,9%); no entanto, os pesos encontrados não são muito diferentes, ficando os falantes da faixa 1 com 0,72; os da faixa 2 com 0,32 e os da faixa 3 com 0,40.

Uma discussão mais detalhada será feita no capítulo seguinte sobre os resultados acima exibidos. Por hora, considere-se que, se se levam em conta como válidos os princípios da difusão lexical, esses resultados indicariam que a aspiração em interior de vocábulo é governada por fatores diferentes dos que parecem governar a aspiração em coda externa, já que as restrições parecem ser maiores quando <S> está no interior de um vocábulo.

6.3.2 A realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

A seguir, serão apresentados os resultados das rodadas para a análise de <S> em final de vocábulo seguido de consoante. Lembre-se de que, para essa análise, foram excluídos os contextos em que vogais se seguiram à variável. De modo geral, os fatores selecionados como favorecedores não foram muito diferentes dos selecionados quando a variável ocorre em interior de vocábulo. O Programa selecionou com importantes para a aspiração, nesse contexto: 1) *tipo de consoante seguinte*, 2) *sexo dos informantes* 3) *faixa etária*, 4) *sonoridade da consoante seguinte* e 5) *contexto vocálico e semivocálico antecedente*.

6.3.2.1 *Condicionamentos linguísticos para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante*

Conforme mostra a *Tabela 25*, as africadas, a nasal alveolar e a lateral alveolar favorecem muito fortemente a realização aspirada nesse contexto. Vê-se também que a nasal labial e as oclusivas alveolares, favorecem ainda que levemente, a realização aspirada.

TABELA 25

Influência da variável *contexto consonantal subsequente* para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Africadas	63/80	78	0,81
Nasal alveolar	101/132	76	0,71
Lateral	8/12	66	0,69
Nasal labial	54/94	57	0,54
Oclusivas alveolares	36/84	42	0,53
Oclusivas labiais	14/74	18	0,31
Oclusivas velares	18/157	11	0,30
Fricativas	35/111	31	0,30
Totais	329/744	44	

(Input 0,376; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

Esses dados não são diferentes dos encontrados por outros autores. Mota (2002, p. 245), por exemplo, observou que a aspiração encontrou os percentuais mais elevados diante de [l] 23% e 22%, respectivamente, nas amostras I e II –, e diante de [n] – 15% e 14%, na amostra I e na II, respectivamente, “na maioria dos casos, em final de vocábulo diante de consoante inicial do vocábulo seguinte, como em *materiai[ɦ]* novos, *especiai[ɦ]* né, *ma[ɦ]* não, *o[ɦ]* livros, *a[ɦ]* luas, *mai[ɦ]* longas”. Os resultados de Lucchesi (2009, p. 100) mostram que favorecem a ocorrência da variante aspirada os modos de articulação nasal (0,72), lateral (0,70) e africada (0,58). Assim, como se percebe, os traços de nasalidade e coronalidade figuram como os mais importantes para o condicionamento da variante aspirada. Ao lado desses traços, a sonoridade é também um fator importante, como revela a próxima tabela.

TABELA 26

Influência da variável *sonoridade da consoante seguinte* para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Sonora	290/448	64	0,69
Não Sonora	39/297	13	0,22
Totais	329/745	44	

(Input 0,376; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

A tabela mostra que as consoantes sonoras favorecem a aspiração. Como já foi comentado acima, diversos autores viram o favorecimento de consoantes sonoras para a ocorrência da aspiração: Scherre; Macedo (1991) Gryner; Macedo (2000 [1975]), Scherre; Macedo (2000), Mota (2002), Martins (2003), Santos (2009a) e Lucchesi (2009a). Nas rodadas de <S> nesse contexto, o programa selecionou a sonoridade da consoante seguinte como o segundo fator linguístico mais importante depois do tipo de consoante. Em outras palavras, vê-se, nitidamente, o peso da característica da consoante seguinte para a ocorrência da variante aspirada. O último fator linguístico selecionado como importante foi o contexto vocálico e semivocálico antecedente à variável.

TABELA 27

Influência da variável *contexto vocálico e semivocálico antecedente* à variável para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P. R.
o	23/41	56	0,66
j	176/349	50	0,61
a	91/171	53	0,54
e	21/74	28	0,36
w	9/35	25	0,20
ε	2/8	25	0,18
I	8/52	15	0,08
Totais	330/730	45	

(Input 0,376; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

Como se pode observar pelos números da tabela, contextos em que há uma vogal central e uma média posterior e uma semivogal anterior apresentam maior peso para o fenômeno da aspiração. Aqui também o que parece ter força não é propriamente um

traço vocálico específico, mas a existência de vogal em si, já que tiveram maior peso as vogais mais frequentes.

6.3.2.2 Condicionamentos extralinguísticos para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Os números da tabela que segue mostram que as faixas 2 e 3 preferem a realização aspirada. Esse resultado é similar com o que foi encontrado para o final absoluto de vocábulo.

TABELA 28

Influência da variável *faixa etária* para a realização aspirada de <S> em final de vocábulo seguido consoante na comunidade de Helvécia

Faixa etária	Apl. / Total	%	P. R.
3	125/219	57	0,72
2	121/266	45	0,54
1	84/261	32	0,27
Totais	330/746	44	

(Input 0,376; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

Os resultados da *Tabela 28* confirmam a tendência apresentada antes: os mais velhos são os que mais usam as variantes aspiradas.

TABELA 29

Influência da variável *sexo* do informante para a realização aspirada de <s> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Sexo	Apl. / Total	%	P. R.
Masculino	191/334	57	0,70
Feminino	139/412	33	0,33
Totais	330/746	44	

(Input 0,376; Log likelihood = -312,355; Significance = 0,000)

Como se pode perceber, a aspiração, que encabeça o processo de enfraquecimento de <S> em coda, ocorre predominantemente entre os homens e os falantes mais idosos da comunidade. Considerando que vários autores (PALÁCIO,

1989; GRYNER; MACEDO, 2000 [1975]; SCHERRE; MACEDO, 2000 [1996]) têm apontado que a aspiração é um fenômeno que ocorre em maior intensidade em variedades populares do português e que sua ocorrência é baixa em falantes cultos (MOTA, 2002), os dados em Helvécia confirmam essas observações. No entanto, mais do que isso, a frequência e a proporção dos pesos, considerando em cada faixa e colocando as ocorrências de <S> em final de vocábulo em um grupo diferente das ocorrências da variável no interior de vocábulo, talvez se possa considerar que as ocorrências da variante aspirada em Helvécia, comparadas com as demais normas, mesmo as populares, mostram o quanto a prevalência do fenômeno poderia ter marcado, no passado, sobretudo no auge da escravidão na antiga Colônia Leopoldina, uma distancia profunda entre o português falado na área e o português de falantes cultos ou mesmo semicultos dos centros urbanos. Nesse aspecto, é importante que se veja que o distanciamento forte entre a faixa 1 e a faixa 3 marcam uma ruptura significativa das novas gerações com a norma prevalente nos princípios do século XX – o que pode ser devido à maior disponibilidade dos modelos de alveolar que estão disponíveis na comunidade.

6.3.3 A realização aspirada de <S> em final absoluto de vocábulo

As análises de <S> nesse contexto foram feitas tomando-se como parâmetro as ocorrências de <S> alveolar *versus* <S> aspirada, já que a palatal não ocorre e os casos de zero não foram incluídos para as análises binomiais, uma vez que o propósito era estabelecer uma comparação no interior das taxas de concretização da variável dependente. Os resultados mostraram que o fator que mais pesa nesse contexto é a *faixa etária*. Na sequência aparece o fator *sexo dos informantes*. Por último foi selecionado o fator *contexto vocálico e semivocálico antecedente*. Isso mostra o quanto, em final absoluto, sua tendência ao enfraquecimento e queda aumenta e passa a ser controlada mormente por fatores extralinguísticos, tornando-se o falante o maior atuador no processo.

Até que ponto isso pode ser uma especificidade da área em estudo é uma questão interessante. Considera-se aqui que não é desarrazoado pensar que, se são altas as frequências da aspiração e a relação entre os pesos mostra uma polarização entre adultos jovens e os idosos da comunidade, talvez o processo tenha sido ainda mais radical nas

últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX entre a população africana e a crioula da Colônia Leopoldina como um todo, sendo Helvécia a fazenda onde o fenômeno tenha sido mais intenso, em função de ser a área com a maior proporção de escravos para brancos, conforme mostra levantamento de Carmo (2010, p. 98). A autora toma por base dados da seção colonial do Arquivo Público do Estado da Bahia, que mostra um levantamento em que Helvécia tinha 108 escravos e apenas quatro homens brancos.

6.3.3.1 Condicionamentos linguísticos para a realização aspirada de <S> em final absoluto de vocábulo

A única variável linguística selecionada pelo programa para a aspiração nesse contexto foi o contexto vocálico e semivocálico antecedente. Essa variável foi selecionada em todos os três contextos de ocorrência de <S>. Note-se que, além dela, os outros fatores linguísticos selecionados para a aspiração foram a sonoridade e o tipo de consoante seguinte.

TABELA 30

Influência da variável *contexto vocálico e semivocálico antecedente* à variável para a realização alveolar de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P. R.
o	1/2	50	0,76
j	18/73	24	0,69
a	4/37	10	0,40
w	1/17	5	0,27
e	2/31	6	0,27
Totais	134/160	83	

(Input 0,090; Log likelihood = -53,311; Significance = 0,016)

Como, obviamente, em final absoluto de palavra esses contextos estão excluídos da análise, o único fator linguístico selecionado haveria de ser o vocálico. Mesmo assim, o programa o coloca como tendo uma influência menos preponderante que os fatores sociais para a realização aspirada.

6.3.3.2 Condicionamentos extralinguísticos para a realização aspirada de <S> em final absoluto de vocábulo

As tabelas abaixo mostram que a realização aspirada de <S> é preferida por falantes masculinos das faixas etárias 2 e 3. Vê-se que, ao contrário do que acontece com a realização alveolar, a faixa mais jovem dos falantes se distancia fortemente dos demais falantes, que utilizaram a aspiração, nesse contexto, numa frequência muito pequena.

TABELA 31

Influência da variável *faixa etária* para a realização aspirada de <S> em final absoluto de vocábulo na comunidade de Helvécia

Faixa etária	Apl. / Total	%	P. R.
3	14/45	31	0,82
2	8/42	19	0,63
1	4/86	4	0,25
Totais	25/173	15	

(Input 0,090; Log likelihood = -53,311; Significance = 0,016)

TABELA 32

Influência da variável *sexo* do informante para a realização aspirada de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia

Sexo	Apl. / Total	%	P. R.
Masculino	18/83	21	0,67
Feminino	8/90	8	0,33
Totais			

(Input 0,090; Log likelihood = -53,31; Significance = 0,016)

A tabela mostra que a aspiração é preferida pelos homens. Nesse aspecto, ao que parece, quando se comparam os percentuais e os pesos das realizações aspiradas com os das realizações alveolares, as mulheres tendem a avançar na direção a um padrão que as opõe aos homens, tendo elas a predileção pelas variantes alveolares, a norma atual da comunidade.

Sintetizando o que foi visto até agora, a aspiração é um fenômeno que, do ponto de vista linguístico, é governado basicamente pelo ambiente fonético. Nesse caso,

contextos consonantais com alto grau de sonoridade estão vinculados à aspiração. Assim, linguisticamente, o fenômeno da aspiração coloca de um lado <S> em contexto interno e em contexto final seguido de consoante, em que interfere fortemente consoante seguinte e, de outro, o contexto de final absoluto, em que predomina a atuação de fatores extralinguísticos. Do ponto de vista extralinguístico o entendimento da aspiração parece exigir a separação de <S> em posição interna – e aqui parece atuar o princípio da difusão lexical – das ocorrências da variável em coda externa, em que faixa etária e sexo interferem com mais força – o que será aprofundado no próximo capítulo.

6.4 O APAGAMENTO DE <S>

O apagamento de <S> é a terceira variante mais documentada no *corpus* que está sendo estudado aqui. Conforme se pôde ver na *Tabela 3*, sua frequência total é de 18%, o que é altíssimo em comparação com outras áreas: Scherre; Macedo (1991) encontraram um taxa de 8% de apagamento para falantes do Projeto Censo; Gryner; Macedo (2000 [1975]) encontraram um percentual de 7,9% para falantes de Cordeiro-RJ. Scherre; Macedo (2000 [1996]) acharam 9% para falantes do Rio de Janeiro do Projeto PEUL; Mota (2002) encontrou nos falantes do Projeto NURC Salvador uma frequência de 2% para a amostra de 1970 e 5% para a amostra de 1990; Martins (2003) registrou 6% em Bragança-Pa; Carvalho (2009) encontrou 5% na fala de Belém; Santos (2009) encontrou 3% nas cidades de Petrópolis, Itaperuna e Paraty; Lucchesi (2009) achou uma frequência de 4% de apagamento para falantes do Português popular de Salvador. Recorde-se aqui, novamente, que os casos de apagamento que estão sendo estudados não incluem as ocorrências de <S> com valor de plural, por se entender que os fatores que governam o apagamento de <S> morfema de plural são de ordem morfossintática, como demonstrou Lucchesi (2009). Cabe lembrar ainda que, com exceção deste último autor, as frequências apresentadas pelos trabalhos acima mencionados não separam os casos em que o <S> ocorre com valor de plural.

Nas rodadas que serão apresentadas abaixo, serão confrontados os casos de apagamento com as ocorrências das outras variantes, sendo que os 12 casos de apagamento no interior de vocábulo (todos no vocábulo *mesmo*) foram excluídos das análises. Assim, as análises das ocorrências da variante zero limitam-se ao final de vocábulo, seguido de consoante ou de pausa.

Em termos gerais, os fatores selecionados como mais importantes para a ocorrência de zero nas duas posições aqui analisadas são os fatores extralinguísticos, especialmente a faixa etária. Do ponto de vista linguístico, o fator tonicidade do vocábulo em que se acha a variável <S> foi considerado pela análise estatística como o mais importante nas duas posições.

6.4.1 O apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Nessa posição, o Programa selecionou como relevantes para o apagamento os fatores *faixa etária dos informantes, tonicidade da sílaba em que se encontra a variável, classe do vocábulo em que se encontra a variável, contexto vocálico e semivocálico antecedente e sonoridade da consoante seguinte*.

6.4.1.1 Condicionamentos linguísticos do apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

O apagamento <S> tem sido associada à debilidade da posição de coda, sujeita a enfraquecimentos e cancelamentos. Em função disso, os contextos átonos finais têm sido apontados como motivador do processo. Como se pode ver na tabela abaixo, os dados de Helvécia confirmam essa tendência e as sílabas átonas aparecem como fortemente favorecedoras do apagamento, ao passo que as sílabas tônicas se mostram altamente desfavorecedoras.

TABELA 33

Influência da variável *tonicidade da sílaba em que se encontra a variável* para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Sílaba	Apl. / Total	%	P. R.
Átona	46/61	75	0,93
Tônica	208/962	21	0,45
Totais	254/1.023	24	

(Input 0,177 Log likelihood = -427,288; Significance = 0,000)

Gryner; Macedo (2000 [1975]) registram as sílabas átonas (0,60) como favorecedoras. Scherre; Macedo (2000 [1996]) viram que polissílabos com a fricativa em final de sílaba átona são favorecedores do apagamento, com peso de 0,69. Carvalho

(2009) registrou peso de 0,56 para sílabas átonas. Mota (2002) registrou que, na amostra I, a sílaba átona teve peso de 0,54, ao passo que a sílaba tônica, fortemente desfavorecedora, tem peso de 0,08. Na amostra II, a sílaba átona teve peso de 0,47 e a tônica, de 0,10.

Na tabela abaixo, estão os dados referentes à frequência e ao peso do fator *classe morfológica do vocábulo em que se acha a variável*.

TABELA 34

Influência da variável *classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável* para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Classe	Apl. / Total	%	P. R.
Pronomes	13/64	20	0,91
Verbos	54/122	44	0,73
Nominais	68/203	33	0,68
Conectivos	51/186	27	0,50
Determinantes	23/133	17	0,35
Adverbiais	45/315	14	0,25
Totais	254/1023	24	

(Input 0,177 Log likelihood = -427,288; Significance = 0,000)

Como se vê, pronomes, verbos e nomes, neste *corpus*, favorecem o apagamento. As 13 ocorrências de pronomes são exclusivamente da forma *nós*, que aparece acompanhada de verbos em primeira pessoa, como, por exemplo, [nɔ'vamʊ] ou [nɔkũvɛ'sẽmʊ). Entre os verbos, figuram, num total de 29 ocorrências, formas como *começamos* (1), *tomamos* (1), *usamos* (2), *estamos* (5), *passeamos* (2), *vamos* (6), *chegamos* (1) *temos* (2), *nascemos* (1), *atrasamos* (1, pronunciada [atra'zẽmʊ]), *trenamos* (1, pronunciada [trẽ'nẽmʊ), *pegamos* (1, pronunciada [pe'gẽmʊ]), *cheguemos* (3, pronunciada [ʃe'gẽmʊ]), *conversamos* (1, [kũvɛ'sẽmʊ). A forma verbal *diz* sofreu apagamento de <S> 17 vezes. Dessas, 16 foram na expressão *diz que*. No grupo dos nominais, ocorrem formas como *ônibus* (5), *rapaz* (11), *Deus* (19), *Carlos* (1), *Minas* (2), *Góis* (2), *mês* (2).

Observe-se que muitos verbos com a desinência *-mos* aparecem na lista. Scherre; Macedo (2000 [1996]) fizeram uma análise considerando à parte vocábulos com essa desinência e viram que ela favorece o apagamento. Na análise que se fez aqui,

optou-se por incluir as formas verbais de primeira pessoa, que totalizaram 122 ocorrências, por se considerar que a informação de plural não está propriamente no –s, sendo esse segmento, apenas um integrante da desinência como um todo. Numa rodada em que esses verbos foram retirados, o quadro de pesos não mudou muito, ficando os pronomes e os nomes como os segmentos favorecedores, já que são os vocábulos mais frequentes. Assim, o que se entende é que não é propriamente a classe em si que atua como favorecedora, mas a maior ocorrência de um ou de outro vocábulo. Para os verbos com desinência –*mos* pode ainda ser levado em conta o princípio da difusão lexical – nesse caso, um processo de regularização analógica entraria em jogo, fazendo com que o –s da desinência seja interpretado como um segmento a ser apagado, já que não possui informação morfológica, à maneira do que acontece com nomes em que <S> ocorre com valor de plural.

Na tabela abaixo estão os números relativos ao contexto vocálico e semivocálico antecedente.

TABELA 35

Influência da variável *contexto vocálico e semivocálico antecedente* à variável para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P. R.
j	103/459	22	0,69
u	42/58	72	0,58
a	56/229	24	0,51
w	21/57	36	0,39
i	17/69	24	0,25
ε	4/79	5	0,14
o	11/63	17	0,07
Totais	254/760	25	

(Input 0,177 Log likelihood = -427,288; Significance = 0,000)

Os números acima evidenciam que vocábulos que possuem uma semivogal anterior e uma vogal alta posterior favorecem o apagamento. No *corpus*, isso se deve também à frequência alta de apagamentos em vocábulos como *mas/mais* (63 ocorrências), *rapaz*, *ônibus* e *Deus*. Uma vez que itens como *mais/mas* e *Deus* (especialmente na expressão *Graças a Deus*) são bem frequentes, o apagamento nesses

itens pode ser devido à cristalização da pronúncia dessas formas, evidenciando, talvez, um efeito de difusão lexical, mais do que um processo fonético.

TABELA 36

Influência da variável *sonoridade da consoante seguinte* para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Não Sonora	133/447	29	0,58
Sonora	119/573	20	0,43
Totais	252/1.020	24	

(Input 0, 177 Log likelihood = -427, 288; Significance = 0, 000)

A tabela mostrou que as consoantes desvozeadas favorecem o apagamento, ao passo que as sonoras desfavorecem-no. Em outros trabalhos, a sonoridade tem sido apontada como favorecedora. Scherre; Macedo (1991) registraram que favorecem o apagamento as consoantes sonoras /b, v d, g/, com frequência de 15% e peso relativo de 0,60, e as nasais /m, n/, com frequência de 28% e peso de 0,69. Gryner; Macedo (2000 [1975]) observaram que as sonoras não sonorantes favorecem o apagamento com peso de 0,59, ao passo que as nasais /m, n/ tiveram peso de 0,73. Carvalho (2009) encontrou peso de 0,84 para os segmentos sonoros. Lucchesi (2009a) também registou o efeito de consoantes sonoras, com peso de 0,78.

Uma explicação para a divergência entre os resultados da *Tabela 36* e os trabalhos citados pode estar no fato de que, nesses trabalhos, a vogal que segue a variável <S> foi considerada, o que favorece a ressilabação, produzindo uma estrutura CV. Além disso, há nesses dados a presença de <S> com valor de plural. Nos dados da tabela acima estão considerados apenas os casos em que ocorrem consoantes depois do apagamento de <S> sem valor de plural. Observe-se, além disso, que o fator sonoridade da consoante seguinte foi selecionado como último em ordem de importância para o favorecimento do fenômeno.

6.4.1.2 Condicionamento extralinguístico para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante

Aqui está apresentado o fator mais forte para a ocorrência do apagamento. Registrado geralmente como um fenômeno ligado a falantes sem escolaridade (GRYNER; MACEDO, 2000 [1975]), em Helvécia, onde os informantes do *corpus* possuem nenhuma ou pouquíssima escolaridade, o fenômeno ocorre, sobretudo, em falantes mais velhos.

TABELA 37

Influência da variável *faixa etária* para o apagamento de <S> em final de vocábulo seguido de consoante na comunidade de Helvécia

Faixa etária	Apl. / Total	%	P. R.
1	33/299	11	0,21
2	57/335	17	0,44
3	164/389	42	0,76
Totais	254/1.023	24	

(Input 0,177 Log likelihood = -427,288; Significance = 0,000)

Como se vê, os falantes da faixa etária 3 aparecem como os maiores usuários do apagamento, distanciando-se fortemente dos falantes das faixas 1 e 2. Esse resultado dá mostras da mudança em direção a formas menos estigmatizadas que está assumindo a comunidade. Assim como as marcas de plural no SN têm aumentado entre os falantes mais jovens (LUCCHESI, 2009a), é nessa faixa etária que a taxa de concretização de <S> é maior, evidenciando o distanciamento em relação às formas mais estigmatizadas bastante frequentes entre os mais velhos.

6.4.2 O apagamento de <S> em final absoluto de vocábulo

Os fatores linguísticos selecionados pelo programa, em ordem de importância, foram esses: 1) *faixa etária*; 2) *contexto vocálico e semivocálico antecedente à variável*; 3) *extensão do vocábulo*; 4) *classe morfológica do vocábulo* e 5) *tonicidade da sílaba em que se encontra a variável*.

6.4.2.2 Condicionamentos linguísticos do apagamento de <S> em final absoluto de vocábulo

A seguir estão os dados referentes ao *contexto vocálico e semivocálico antecedente*, selecionado, após o fator faixa etária, como o mais importante.

TABELA 38

Influência da variável *contexto vocálico e semivocálico antecedente* à variável para o apagamento de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P. R.
u	29/33	87	0,74
j	60/133	45	0,66
w	24/41	58	0,64
a	20/57	35	0,23
e	4/35	11	0,17
i	5/14	35	0,10
Totais	142/313	45	

(Input 0,416 Log likelihood = -135,468; Significance = 0,006)

Conforme se observa, as vogais altas e as semivogais favorecem o apagamento. Esses dados parecem estar relacionados ao número de ocorrências de vocábulos como *mais/mas* e *Deus* que são bastante frequentes no *corpus*. A vogal /u/ está relacionada à ocorrência da palavra *ônibus* e a formas verbais de primeira pessoa, em que a vogal da desinência *-mos* sofre um alteamento antes da queda de <S>. A fim de observar o efeito das vogais sem os vocábulos *mais/mas*, *Deus* e *rapaz*, foi feita uma rodada, que apresentou o seguinte resultado:

QUADRO 2

Fatores favorecedores do apagamento em final absoluto – rodada sem os vocábulo *mais, mas, Deus e rapaz*

Fatores	P. R.
Sílaba átona	0,86
/j/	0,54
/u/	0,86
/w/	0,61
Faixa 2	0,57
Faixa 3	0,82

(Input 0,319; Log likelihood = -71,888; Significance = 0,006)

Como se observa, mesmo com a retirada dos vocábulo que têm uma frequência muito alta no *corpus*, as semivogais e a vogal alta posterior foram selecionadas como favorecedoras. Apesar de a vogal /i/ ter sido apontada como desfavorecedora, com peso de 0,32, o traço [+alto] parece influir no apagamento de <S>. Silva, Almeida; Guedri (2007) também encontraram uma correlação – não muito nítida, diga-se – entre a vogal alta e a taxa de lenição de <S> com valor de plural. Em virtude de não haver muita nitidez nos seus experimentos quanto a essa questão, os autores atribuíram colocaram a frequência como um fator que associa as maiores taxas de lenição aos vocábulo que tiveram maior número de ocorrência.

Na tabela abaixo, pode-se observar que há mais chances de o apagamento ocorrer se o vocábulo for composto de duas sílabas. Os monossílabos apresentam peso que desfavorece o apagamento (0,36), assim como os vocábulo de três ou mais sílabas (0,44).

TABELA 39

Influência da variável *dimensão do vocábulo em que se encontra a variável* para o apagamento de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia

Vocábulo	Apl. / Total	%	P. R.
Dissilábicos	58/91	63	0,77
Três ou mais sílabas	25/37	67	0,44
Monossilábicos	59/187	31	0,36
Totais	169/329	51	

(Input 0,416 Log likelihood = -135,468; Significance = 0,006)

Registre-se que, entre os vocábulos cujo <S> foi apagado, estão os seguintes monossilábicos *Deus, mas, duas, luz, vez, dez* e *diz*. Outros vocábulos em que a consoante sofreu apagamento são *rapaz, menos, depois, demais, Minas* e *atrás*. Registre-se também que em vocábulos como *mas, luz, vez, dez* o apagamento pode ser precedido de uma ditongação. Alguns exemplos encontrados no *corpus* estão na citação a seguir, que reproduz trechos das entrevistas transcritas pelo Projeto Vertentes. Os destaques se referem aos dados aqui comentados:

Informante 22, idade 80, mulher.

INF 22: Aí, quando cheguei, meu fio... aí, chegou ali, **rapá**, quando chego, inda 'judô embarcá trem desse pessoa lá no casa de Armanda, no ponto. Armanda, minha fia, foi... inté pó posto da mata, compro passage de ida, fico aí, fico aí, eu graças a **Deu**, graças a **Deu**...

Informante 19, idade 103, mulher.

INF 19: É, mas tem **vê**... eu digo a senhora, que **dua**, três senta numa cadera... de povo.

DOC 1: Dá muita cobra aqui também?

INF: ih Cobra?

DOC1: é.

INF. Vê em quando parece! Mai eu inda num... não tê vista porque eu tamém não sai.

É importante observar que, para além dos casos de apagamento do <S>, há outros fenômenos fonéticos que parecem colocar o fato que aqui se estuda num conjunto de fenômenos que tipificam a norma da comunidade. Note-se que há outros processos de variação que incidem justamente na coda silábica. Certamente que muitos desses fatos ocorrem em comunidades que têm uma história sociolinguística completamente distinta da de Helvécia; entretanto, considere-se aqui a hipótese de que a partir da abordagem do conjunto de certo número de fenômenos, bem como da interação

entre eles, seja possível a definição de uma espécie de “subsistema fonológico” que esteja diretamente associado às características que marcaram a constituição daquela comunidade de fala. Na rodada em que os vocábulos *mas/mais*, *Deus* e *rapaz* foram retirados, o fator dimensão do vocábulo não foi selecionado como favorecedor – isso pode indicar que, em Helvécia, o apagamento, em altas taxas, atingem qualquer tipo de vocábulo, independentemente de serem eles monossilábicos, dissilábicos ou polissilábicos e serem nomes próprios ou comuns.

A seguir, vê-se a tabela referente ao apagamento em função da classe morfológica do vocábulo. Os números favoráveis para o fenômenos são os de conectivos, pronomes, nominais e verbos.

TABELA 40

Influência da variável *classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável* para o apagamento de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia

Classe	Apl. / Total	%	P. R.
Conectivos	12/28	42	0,82
Pronomes	2/4	50	0,62
Nominais	89/163	54	0,58
Verbos	12/23	52	0,57
Determinantes	9/34	26	0,40
Advérbios	18/63	28	0,17
Totais	142/315	45	

(Input 0,416 Log likelihood = -135,468; Significance = 0,006)

No *corpus*, esses dados estão distribuídos como se segue. No grupo dos conectivos, estão 12 ocorrências da conjunção *mas*; entre os pronomes, as duas ocorrências são de *nós*, uma das quais sofre uma ditongação antes da queda de <S>. No grupo dos nominais aparecem: *rapaz* (37 vezes; pronunciado [xa'pa] ou [xa'paj]); *Deus* (17 vezes, 12 das quais na expressão *Graças a Deus*); *ônibus* (10 vezes); *Caravelas* (3 vezes); *mês*, *vez* e *cruz*, pronunciados uma vez cada. Entre os substantivos que sofrem o apagamento de <S> estão os nomes próprios que seguem, pronunciados uma vez cada um: *Carlos*, *Diógenes*, *Domingas*, *Elias*, *Freitas* (Teixeira de), *Góes*, *Ilhéus*, *Juarez*, *Luiz*, *Mateus*, *Minas* (Gerais) e *Soares*.

Como se pode perceber, o apagamento atinge uma variedade grande vocábulos, inclusive nomes próprios, em geral considerados como mais resistentes a mudanças desse tipo – ressalte-se que a retirada dos vocábulos mais frequentes fez com que o

programa rejeitasse o papel do fator classe do vocábulo, já que os itens retirados pertencem justamente às classes apontadas como favorecedoras na *Tabela 38*.

A tabela abaixo mostra que as sílabas átonas favorecem o apagamento da variável <S> em final absoluto de vocábulo.

TABELA 41

Influência da variável *tonicidade da sílaba em que se encontra a variável* para o apagamento de <S> em final absoluto na comunidade de Helvécia

Sílaba	Apl. / Total	%	P. R.
Átona	37/47	78	0,88
Tônica	105/268	39	0,41
Totais	142/315	45	

(Input 0,416 Log likelihood = -135,468; Significance = 0,006)

Conforme mostra a tabela, os contextos mais propícios ao apagamento são aqueles em que a variável está em sílaba átona final. Outros trabalhos têm confirmado essa tendência: Gryner; Macedo (2000 [1975]) observaram que a pausa favorece o desaparecimento do <S> final (0,59), assim como a posição final (0,60) e a sílaba átona (0,60); Carvalho (2009) viu que <S> tem grandes chances de ser apagado antes de pausa (0,63) e em sílaba átona (0,56); Mota (2002), para as suas duas amostras, notou que, em posição final absoluto os pesos atingem 0,65 (Amostra I) e 0,53 (amostra II). Além disso, as sílabas tônicas desfavorecem fortemente o apagamento; enquanto a sílaba átona obteve pesos de 0,54 e 0,47 (amostra I e II respectivamente), a sílaba tônica não passou de 0,08 (Amostra I) e 0,10 (Amostra II).

Esses resultados demonstram que o apagamento é um fenômeno que atinge largamente os contextos mais fracos, seguindo uma tendência universal das línguas. Se por um lado, nada há de específico, do ponto de vista estrutural, no apagamento de <S> em Helvécia, por outro, os níveis que o fenômeno alcança em Helvécia não podem ser devidos ao acaso, motivo pelo qual se propõe que a intensidade com que ocorre o fenômeno deva ser vista como um reflexo dos processos históricos por quais passou a comunidade.

6.4.2.2 Condicionamentos extralinguísticos do apagamento de <S> em final absoluto de vocábulo

Mais uma vez, pode-se observar o quadro em que os mais jovens se distanciam da norma linguística dos mais velhos.

TABELA 42
Influência da variável *faixa etária* para o apagamento de <S> final absoluto na comunidade de Helvécia

Faixa etária	Apl. / Total	%	P. R.
3	70/115	60	0,78
2	51/93	54	0,57
1	21/107	19	0,15
Totais	142/315	45	

(Input 0,416 Log likelihood = -135,468; Significance = 0,006)

Os números da tabela confirmam o quadro de mudança em progresso na comunidade Helvécia. Vê-se que os mais jovens se afastam claramente dos falantes da faixa 2 e, mais ainda, dos falantes da faixa 3. Como já se disse antes, esses resultados serão melhor discutidos no *capítulo 6*.

Uma visão geral sobre o apagamento de <S> nos dados acima apresentados permite dizer que o fenômeno está principalmente sujeito a fatores extralinguísticos, já que fica praticamente restrito aos falantes das faixas 2 e 3, evidenciando uma descontinuidade geracional na ocorrência do fenômeno. Do ponto de vista linguístico, está vinculado a contextos fracos, em sílabas átonas e em final de palavra, o que produz uma estrutura silábica em que a rima é simples – gerando um padrão que é o mais frequente em língua portuguesa.

6.5 A REALIZAÇÃO PALATAL DE <S>

A palatalização de <S> tem sido o tema bem recorrente nos textos que trabalham com a realização variável das consoantes fricativas em coda no PB. Em geral, os trabalhos se concentram na oposição que se estabelece na norma das comunidades entre a realização palatal, caracterizada como inovadora, e a realização alveolar, normalmente

considerada a conservadora, além de ser documentada como a mais antiga na língua portuguesa. Em Helvécia, ver-se-á que a realização palatal é minoritária e ocorre, sobretudo, em interior de vocábulo. Nessa posição, a palatal ocorreu 332 vezes, o que corresponde a 31% do total de ocorrências nesta posição, ficando atrás apenas da alveolar, que ocorreu 512 vezes, representando 48% do total de casos em interior de vocábulo (cf. *Tabela 4*). A palatal também ocorreu outras 23 vezes (2%) em posição final de vocábulo seguido de consoante. Em função de ter sido muito baixo esse número, foram submetidas à análise do GOLDVARB 2001 apenas as ocorrências de interior de vocábulo.

Dessa forma, o quadro geral apresenta indícios de que Helvécia, que hoje é de norma alveolar, outrora tinha palatais em maior número, e que essas palatais foram se perdendo nos contextos menos propícios, permanecendo apenas naqueles contextos fortemente favorecedores. A seguir, serão detalhados os aspectos que influenciam a ocorrência da variante.

6.5.1 A realização palatal de <S> em interior de vocábulo

Em posição interior de vocábulo, a variante palatal é a segunda mais documentada no *corpus*, ficando atrás da variante alveolar, que representa 48% das ocorrências nessa posição. No cômputo geral, as palatais são minoritárias no *corpus*, representando apenas 14,79% das ocorrências de <S>.

Para a realização palatal de <S> o programa selecionou as seguintes variáveis, em ordem de importância: 1) *classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável*; 2) *contexto consonantal subsequente*; 3) *faixa etária*; 4) *sonoridade da consoante seguinte*; 5) *sexo dos informantes*; 6) *contexto vocálico e semivocálico antecedente*.

Os resultados a serem detalhados abaixo mostram que a variante fica restrita a contextos muito específicos e altamente favorecedores e está sendo abandonada em favor da realização alveolar pelos falantes mais jovens da comunidade, reforçando a ideia de que Helvécia segue na direção de adquirir os traços menos marcados e menos estigmatizados do português falado nas áreas do entorno onde a comunidade está situada.

6.5.1.1 Condicionamentos linguísticos de <S> palatal em interior de vocábulo

O primeiro fator selecionado como importante para a realização palatal de <S> é a classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável. Conforme nos mostra a *Tabela 43*, os determinantes são a classe que apresenta maior peso no processo.

TABELA 43

Influência da variável *classe morfológica do vocábulo em que se encontra a variável* para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Classe	Apl. / Total	%	P. R.
Determinantes	8/13	61	0,95
Nominais	180/369	48	0,68
Verbos	140/350	40	0,68
Advérbios	3/30	1	0,14
Totais	164/321	51	

(Input 0,435; Log likelihood = -139,972; Significance = 0,005)

Todas as ocorrências de determinantes são das formas *isto*, *este* e *esta*. Entre os nomes estão diversos vocábulos, entre os quais os mais frequentes são estes: *festa* (21 vezes), *vista* (14), *agosto* (8), *posto* (8), *Sebastião* (7), *prestação* (6). Entre verbos, há uma frequência alta de formas relacionadas ao verbo *gostar*: 60 ocorrências. Como esses exemplos deixam ver e, conforme se pode conferir na tabela seguinte, a frequência de formas em que o contexto fonológico seguinte envolve uma africada desvozeada ou uma oclusiva alveolar desvozeada é bastante alta. Assim, a ocorrência da variante parece estar mais vinculada ao contexto fonológico do que propriamente ao tipo ou à extensão do vocábulo em que se encontra a variável.

Carvalho (2000) verificou que são favorecedores da palatalização advérbios (0,63), substantivos (0,79), verbos (0,59), numeral (0,60), artigo (0,69) e adjetivo (0,61). Os dados da autora não são apenas referentes ao contexto interno. Em trabalho publicado em 2003, estudando uma amostra de fala do VALPB, Hora observou que, em contexto interno, o verbo (0,56) favorece a palatalização, ao contrário de substantivos (0,45) e de adjetivos (0,35). Para o autor, a ocorrência de formas *estar*, *existir*, *estudar*, por serem muito frequentes nos dados, justificaria o peso da categoria para a regra de palatalização. Para Scherre; Macedo (2000, p. 62), as palatais ocorrem mais com classes que tendem a resistir a processos de enfraquecimento ou de cancelamento: substantivo próprio (0,68), substantivo comum (0,59), numeral (0,76) e verbos (0,70).

Mota (2002, p. 313) registra que a variável classe morfológica revelou-se pouco importante para o fenômeno da palatalização em seus dados. A autora ainda registra que, para as classes chamadas lexicais, o que interfere é a seleção vocabular feita pelo informante em decorrência do tema da conversa, o que determina a frequência de certos vocábulos. Razky (2009) analisando o <S> em coda interna nos dados do Nordeste do estado do Pará, com base nos levantamentos feitos por Carvalho (2000) e por Razky; Carvalho (2002), encontrou como classes favorecedoras a preposição (0,71), o numeral (0,67), o pronome (0,65) e o artigo (0,59).

O outro elemento selecionado como favorecedor pelo GOLDVARB 2001 para a palatalização em Helvécia é o tipo de consoante que se segue à variável. Importa registrar que, no *corpus* em estudo, as variantes palatais de <S> só ocorreram diante de das africadas [tʃ, dʒ] e das oclusivas alveolares [t, d]. Por si só isso demonstra o quanto, na norma em análise, as restrições à palatal atuam, permitindo apenas que ela ocorra em contextos que são foneticamente favoráveis.

TABELA 44

Influência da variável *contexto consonantal subsequente* para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Africadas	61/85	71	0,63
Oclusivas alveolares	271/409	66	0,47
Totais	332/494	67	

(Input 0,435; Log likelihood = -139,972; Significance = 0,005)

Como se vê, as consoantes africadas determinam muito fortemente a ocorrência de <S> palatal. Esse resultado se assemelha com o que vários trabalhos têm apontado sobre o processo de palatalização. Mota; Rollemborg (1989b, p. 673) viram que as variantes palatais de <S> ocorrem com percentuais elevados diante de constritivas palatais e diante de oclusiva dental não sonora. Para as autoras, a predominância de oclusiva dental não-sonora pode ser explicada por processos fonéticos contrários. Assim, diante de consoante palatal, a constritiva implosiva assimila o traço de anterioridade da zona de articulação da consoante seguinte; no outro caso, acontece uma dissimilação: a modificação do traço anterioridade da consoante implosiva diante de

uma consoante também anterior – a oclusiva dental não sonora –, de que resultam consoantes diferentes quanto à zona de articulação.

Outros trabalhos também encontraram resultados similares: Mota (1994, p. 233 e 234) notou que é em sílaba interna diante de consoante não-sonora seguinte (/p, t, k, f/) que se registram os mais altos índices de realização palatal. Ainda segundo a autora, em dados da área rural do ‘falar baiano’ (BA-SE) verifica-se a predominância da realização palatal, apenas diante de consoante oclusiva dental não sonora (/t/) – tanto em sílaba interna quanto em final de palavra. Brandão (1998) observa que, depois de /t/ ou de suas co-variantes palatalizadas e africadas, que têm em comum os traços [- cont] [+ cor], a primeira com peso do 0,84 e as últimas com 0,92, são grandes as chances de ocorrerem variantes palatais. Gryner; Macedo (2000 [1975], p. 33) consideram que palatais são favorecidas diante de coronais altas (0,70) e da coronal não alta (0,57) e é desfavorecida diante de não coronal (/p, k, b, g, v, m/), com peso de 0,24. Brescancini (2003), descreveu que, em seus dados, favoreceram a palatalização os contextos seguintes em que ocorrem uma consoante coronal [-ant] (0,67) e uma dorsal (/k, g/) (0,62). Hora (2007), estudando dados de <S> no VALPB em contexto interno, verificou que a consoante dental é um forte condicionador da palatalização (0,81), ao lado da oclusiva dental sonora (0,95). Na mesma direção, Brandão (2008a e 2009) registrou que a palatalização é favorecida, em contexto interno, por consoantes pós-alveolares (0,90) e alveolares (0,57). Almeida (2008), para <S> em coda interna, constatou que o ambiente mais propício à variante palatal é aquele em que ao /S/ se segue uma consoante africada. Por fim, Monteiro (2009, p. 61) notou que favorecem consoantes dorsais (0,71) consoantes coronais (0,60) e vogais labiais (0,63).

Na tabela a seguir, estão registrados os valores referentes à variável sonoridade da consoante seguinte a <S>.

TABELA 45

Influência da variável *sonoridade da consoante seguinte* para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Consoante	Apl. / Total	%	P. R.
Não-sonora	327/724	45	0,70
Sonora	5/337	1	0,13
Totais	332/1061	31	

(Input 0,435; Log likelihood = -139,972; Significance = 0,005)

A tabela mostra que consoantes não-sonoras favorecem fortemente a palatalização de <S>. Observe-se que até do ponto de vista da frequência isso se confirma, uma vez que só houve cinco casos de consoante sonora seguindo a variante palatal, com o vocábulo *desde*.

Entre os 327 casos acima citados, apenas para exemplificar, há 60 ocorrências de formas derivadas de *gostar*; 28 ocorrências de formas derivadas do verbo *vestir*; 25 ocorrências de *festa e derivados*; 8 ocorrências de *agosto*; 6 ocorrências de *bastante*; 6 ocorrências de *este, isto, esta*; 5 ocorrências de *justiça*; 5 ocorrências de *misto*; 4 ocorrências da forma contraída *destamanho*; 4 de formas derivadas de *estudar*; 4 de *posto*; 3 ocorrências formas derivadas de *acostumar* e *arrastar*; 3 ocorrências de *testemunha, besta*; 2 ocorrências dos vocábulos *sesta, mostrar, festa* e *custou*, além de ocorrências de outros vocábulos, como *destinou, distante, molesta, assustado, presta, existe, estreita, restaurante, destrói, estrada, resto, Sebastião, Sebastiana, castigando, pasto, registra, estragando, Gustavo, castanha, atestado, imposto, tostão, castanha, cristo*.

Scherre; Macedo (1991, p. 171) notaram que palatais ocorrem mais diante de surdas (0,72). Gryner; Macedo (2000 [1975], p. 33) já haviam observado que consoantes surdas (0,68) favorecem a palatalização. Carvalho (2000, p. 60) verificou que a palatalização, antes de consoante sonora, é desfavorecida, com peso de 0,28; já, diante de consoante surda, a probabilidade de palatal aumenta bastante: 0,67. Scherre e Macedo (2000 [1996], p. 55) comentam que a variante palatal expressa uma escala de ocorrência inversamente proporcional à escala de sonoridade: “quanto mais baixo o grau de sonoridade ou de sonância, mais a variante palatal (0,64 diante de oclusivas surdas); quanto mais alto o grau, menos variante palatal (0,15 e 0,18 diante de, respectivamente, lateral sonora e de nasais sonoras)”. Brescancini (2003, p. 305) explica ainda que, uma vez que o contexto de palatalização é tido como um contexto forte, produzido com maior esforço muscular (SCHANE, 1975, p. 42), as consoantes [-voz] são, por isso, situadas por Hooper (1976, p. 206 apud Brescancini, 2003) nos níveis mais altos de sua escala universal de força. “Diante disso, conclui-se que consoantes [-voz], mais fortes do que as consoantes [+voz], são mais propícias à palatalização, entendida como um tipo de articulação produzida com mais energia”.

A seguir, estão os dados referentes ao contexto vocálico e semivocálico antecedente. Como se pode ver, as vogais anteriores aparecem como favorecedoras das variantes palatais.

TABELA 46

Influência da variável *contexto vocálico e semivocálico antecedente* à variável para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P. R.
ɛ	55/86	63	0,73
i	92/255	36	0,59
e	24/384	6	0,47
a	35/76	46	0,42
ɔ	63/105	60	0,39
o	30/76	39	0,38
u	33/74	44	0,34
Totais	332/1056	31	

(Input 0,435; Log likelihood = -139,972; Significance = 0,005)

Para Scherre; Macedo (2000 [1996], p. 58) a palatalização no português do Brasil é frequentemente motivada pelos traços vocálicos [+alto, +anterior]. Brandão (1998) afirma que a palatalização é favorecida antes das vogais /i/ e /u/, bem como /a/ e /o/, que, com a última, compartilham o traço [+rec], com pesos 0,60 e 0,68. Mota (2002) encontrou os seguintes pesos para as vogais /o, ɔ, õ/: 0,57, na amostra I. Na amostra II, / u, w, ã, / e a semivogal alta nasal tiveram peso de 0,56; /o, ɔ, õ/ tiveram peso de 0,65.

Buscando uma motivação para a realização palatal, com base na Geometria de Traços (Clementes; Hume, 1995), Brescancini (2003) propõe que o traço palatal está associado a um som vocálico /i/. Assim, a palatalização seria induzida por consoantes com traço coronal [-anterior] ([tʃ] e [dʒ]), com peso de 0,67, e por dorsal (/k, g/), com peso de 0,62. Para o contexto vocálico e semivocálico, entretanto, os resultados mostraram que contexto precedente mais propício para a palatal é o que tem a vogal dorsal /a/ (0,62). Segundo a autora, dois movimentos articulatórios parecem ser fundamentais para a facilitação da produção palato-alveolar em posição de coda no dialeto florianopolitano: um certo grau de elevação da lâmina da língua, facilitada pela produção característica da vogal a nesse dialeto e a retração do corpo da língua, evidenciada pelo relativo favorecimento tanto de vogal e glide labial (/w, u, o ɔ/) (0,56) quanto de vogal /a/ (0,62). Haupt (2007) registrou em seus dados o favorecimento da vogal labial (*h[o]spital*), com peso de 0,62, da vogal dorsal (*c[a]stigo*), com peso de 0,60 e da semivogal /w/ (*de[w]s*), com peso de 0,57.

6.5.1.2 Condicionamentos extralinguísticos de <S> palatal em interior de vocábulo

O programa selecionou os grupos faixa etária e sexo dos informantes como importantes para a palatalização. Os dados da tabela abaixo mostram, para as palatais, a tendência inversa à registrada para as variantes alveolares:

TABELA 47
Influência da variável *faixa etária* para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Faixa etária	Apl. / Total	%	P. R.
1	41/394	10	0,07
2	163/377	43	0,83
3	128/290	44	0,79
Totais	332/1061	31	

(Input 0,435; Log likelihood = -139,972; Significance = 0,005)

Como se pode observar, os falantes mais velhos são os que mais usam as variantes palatais. Fica claro também que os falantes da faixa 1 se distanciam muito fortemente dos demais falantes. Esses números são bastante coerentes com o que se observou para as pronúncias alveolar e aspirada em todos os contextos.

TABELA 48
Influência da variável *sexo* para a realização palatal de <S> em interior de vocábulo na comunidade de Helvécia

Sexo	Apl. / Total	%	P. R.
Masculino	190/558	34	0,64
Feminino	142/503	28	0,34
Totais	332/1061	31	

(Input 0,435; Log likelihood = -139,972; Significance = 0,005)

As duas tabelas anteriores evidenciam o quadro de mudança em progresso segundo o qual o abandono das variantes palatais está bastante avançado, em que as mulheres e os jovens são os maiores responsáveis pela norma alveolar em Helvécia.

O quadro até aqui apresentado para a variação de <S> em Helvécia coloca algumas questões: por que, ao que tudo indica, o nível de palatalização em Helvécia teria sido bem maior do que hoje? De onde ela teria vindo, se a realização alveolar é

documentada como a forma mais antiga do português? Como explicar a situação atual da norma de Helvécia considerando o contexto regional em que vive a comunidade? As taxas de apagamento e aspiração entram no conjunto desses fatores?

As melhores tentativas de respostas a essas perguntas incluem um aprofundamento nas questões históricas, sociológicas e demográficas relacionadas à dinâmica do tráfico de escravos. Levantar a rota do tráfico bem como as etnias dos escravos que viveram na fazenda Helvécia seria também uma forma razoável de buscar respostas para essas questões. Entretanto, em função das dificuldades inerentes à localização desses registros, as respostas esboçadas para essas questões, neste estudo, serão apenas aproximativas.

7 A VARIAÇÃO FÔNICA EM HELVÉCIA NO CONTEXTO DE SUA FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA

O objetivo deste capítulo é abordar alguns aspectos históricos que levaram à formação do distrito de Helvécia e tentar relacionar dados dessa formação histórica aos resultados da análise das variáveis extralinguísticas que apresentamos no capítulo anterior. Com isso, pretende-se mostrar que os dados atuais da variação de <S> em Helvécia, no seu aspecto sociolinguístico, estão diretamente relacionados aos elementos que fazem parte da história da comunidade.

7.1 HELVÉCIA: DA COLÔNIA LEOPOLDINA À ATUAL COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO

Conforme indicado já na *Introdução* desta tese, Helvécia se originou a partir da fundação da Colônia Leopoldina²⁴, criada a partir do Decreto de D. João VI, de 25 de novembro de 1808²⁵, que doava terras a estrangeiros que quisessem formar colônias agrícolas no Brasil. Conforme demonstra Carmo (2010), em trabalho intitulado *Colonização e escravidão na Bahia: a Colônia Leopoldina (1850-1808)*, a criação dessas colônias estava situada na orientação política geral do Império de branquear a população brasileira, ocupar fronteiras àquela época inabitadas²⁶ e prover gêneros alimentícios para a população. Em 1818, foram doadas as primeiras terras. Duas condições para a constituição dessas colônias foram impostas pelo referido Decreto: elas deveriam se localizar em pontos distantes da capital do Império e de centros urbanos efervescentes e não deveriam utilizar o trabalho escravo, a não ser na derrubada

²⁴ O nome foi dado em homenagem à então Princesa Real e posterior Imperatriz Dona Leopoldina de Habsburgo. Segundo Oberacker Jr. (1975), a autorização foi obtida presumivelmente pelo naturalista Freyreiss, que deve ter tido boas relações com a princesa, que era interessada nas ciências naturais e na colonização europeia, como demonstram correspondências travadas entre os dois (Carmo, 2010).

²⁵ **Decreto de 25 de Novembro de 1808:**

“Permitte a concessão de sesmarias aos estrangeiros residentes no Brazil.

Sendo conveniente ao meu real serviço e ao bem publico, augmentar a lavoura e a população, que se acha muito diminuta neste Estado; e por outros motivos que me foram presentes: hei por bem, que aos estrangeiros residentes no Brazil se possam conceder datas de terras por sesmarias pela mesma fórma, com que segundo as minhas reaes ordens se concedem aos meus vassallos, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario. A Mesa do Desembargo do Paço o tenha assim entendido e o faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em 25 de Novembro de 1808. Com a rubrica do Principe Regente Nosso Senhor.” Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_48/dim251808.htm>.

²⁶ Naquele contexto, a presença, sabida pelo governo brasileiro, das várias aldeias indígenas não estava aí sendo considerada.

de matas quando de sua implantação, sob pena de serem descaracterizadas e, assim, deixarem de contar com os incentivos do Governo.

No Sul da Bahia, as primeiras experiências de colonização agrícola foram estas: a colônia do Rio Salsa, fundada em 1818 e extinta em 1827; a colônia São Jorge dos Ilhéus, fundada em 1822, em Ilhéus, por 28 casais alemães (em 1855, essa colônia já havia se transformado em um conjunto de propriedades produtoras de cacau); a colônia Santa Januária, fundada em 1828, em Taperoá, por irlandeses vindos do Rio de Janeiro, que, em 1857, abandonaram a região; colônia militar do Mercury (a 1ª colônia agrícola estabelecida na Bahia formada apenas com brasileiros), fundada em 1845 e dissolvida em 1849 (CARMO, 2010, p. 13-17).

A colônia Leopoldina, que estava anexa à pequena colônia Frankental (OBERACKER JR., 1975), foi fundada em fins de 1818, no município de Vila Viçosa, atual Nova Viçosa²⁷, e foi a primeira experiência desse tipo a dar certo na Bahia. Formada por colonos suíços e alemães e dedicada ao cultivo do café, teve relativa prosperidade. Como aponta Oberacker Jr. (1975), após longa viagem explorando a região, em companhia do príncipe Maximiliano von Wied-Neuwied, o cônsul hamburguês Pedro Peycke, que residia em Salvador, e os naturalistas George Wilhelm Freyreiss²⁸, considerado o primeiro administrador da colônia, e Morhardt, ambos de Frankfurt, receberam do governo da província a doação de Sesmarias nas margens direita e esquerda do rio Peruípe, a oito léguas de distância do centro de Vila Viçosa, situada no lado sul do curso inferior do Peruípe e a apenas oito milhas distante do mar (OBERACKER JR., 1975). Oberacker Jr. (1975, p. 462) informa ainda:

²⁷ A freguesia de Vila Viçosa pertencia à comarca de Caravelas e foi fundada em 1720, na foz do rio Peruípe, para abrigar portugueses e índios catequisados (CARMO, 2010, p 17).

²⁸ É novamente em Oberacker Jr. (1975, p. 456) que encontramos a indicação de que Freyreiss, que se deignava “naturalista de Sua Majestade o Imperador do Brasil”, publicou vários estudos de caráter étnico e científico-natural sobre o Brasil. Entre eles está o mais famoso, que ainda não foi traduzido para o português: “*Beiträge zur näheren Kenntnis des Kaiserthums Brasilien, nebst einer Schilderung der neun Kolonien Leopoldina und der wichtigstein Erwerbszweige für europäische Ansiedler, sowie auch eine Darstellung der Ursachen, wodurch mehrere Ansiedlungen missglückten* (Contribuição para o melhor conhecimento do Império do Brasil além de uma descrição da nova colônia Leopoldina e dos principais ramos de produção para colonos europeus assim como uma exposição das causas, por que essas colônias falharam), Tomo I (Frankfurt, 1824)”.

no primeiro quartel de 1821 apareceu nesta região da Bahia meridional o major Dr. Jorge Antônio von Schaeffer, a quem D. Pedro I e o seu ministro José Bonifácio de Andrada e Silva mais tarde, em fins de agosto de 1822, mandariam à Alemanha para angariar soldados e colonos. A Schaeffer e seus sócios, João Felipe Henning e João Martinho Flach, segundo um documento que também guarda o arquivo do Itamarati, fora adjudicado em 1º de setembro de 1821 pelo ministro Pedro Álvares Diniz uma légua quadrada de terras, ou seja uma sesmaria de campo (4.356ha) a ser colhida entre as terras devolutas do sul da Bahia.

João Martinho Flach²⁹ (que ganharia um terreno separado de Schaeffer e Henning, dando-lhe o nome de Nova Helvécia, que posteriormente substituiria o nome da colônia Leopoldina-Frankental) se tornaria mais tarde o administrador da colônia, quando Schaeffer, em 1822, a serviço do governo brasileiro, foi enviado à Alemanha.

Com base em diversos documentos que constam do Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), os estudos de Oberacker Jr. (1975) e Carmo (2010) dão conta de que, durante certo tempo, a colônia obedeceu ao que previa o Decreto de 1808, sendo uma experiência de colonização com estrangeiros bem sucedida.

A política de financiamento do governo permitia que quem adquirisse as sesmarias e levasse para ela outros compatriotas teria direito à metade das terras. O restante seria cultivado pelos demais colonos, que, em troca, deveriam fornecer metade dos produtos não alimentícios (não perecíveis), como o café. No entanto, a vinda de novos colonos europeus acabou não acontecendo como de início se havia determinado em função de o governo brasileiro ter decidido mandar os imigrantes para Nova Friburgo, no Rio Janeiro. Além disso, Carmo (2010) aponta que, ao que parecem indicar os documentos do APEB, os colonos já estabelecidos não estavam muito interessados em trazer novos compatriotas quando o empreendimento começava a prosperar.

Assim, segundo apura Carmo (2010), a falta de mão-de-obra estrangeira³⁰, a falta de um administrador após a morte de um dos seus fundadores, Freyreiss, em 1825, e a insatisfação dos colonos com o sistema de meação levaram os colonos a empregar mão-de-obra escrava, a repartir a terra em lotes particulares e investir na exportação de café. Dessa forma, em 1850, a colônia Leopoldina foi descaracterizada enquanto colônia

²⁹ Oberacker Jr. (1975, p. 463) nos informa que Flach, “nascido em Schaffhausen, Suíça, em 24-11-1787, emigrou com 16 anos para Lisboa, onde se tornou comerciante e comerciante de fazenda. Em 1809 seguiu para o Rio de Janeiro, exercendo primeiro sua profissão; posteriormente foi proprietário de uma tijolaria e olaria”.

³⁰ Para mais detalhes, ver Oberacker Jr. (1975) e Lyra (1982).

agrícola e passou a assumir, cada vez mais, a feição de uma grande área de *plantation*. Data de 1888 sua provável extinção.

Carmo (2010, p. 18) ainda relata que a colônia era ambígua: ora preservava características de colônia, cobrando ajuda financeira do governo, recebendo médicos europeus e educando seus filhos na língua alemã e na religião protestante, ora se comportando como um empreendimento totalmente independente, organizando sua exportação via Rio de Janeiro e desafiando autoridades locais.

Após a morte de João Martinho Flach, seu filho, o carioca João Flach³¹, passou a cuidar dos assuntos da colônia. A propriedade de Martinho Flach, bem como a fazenda Jacarandá, de Schaffer, passaram a fazer parte do conjunto de fazendas da colônia Leopoldina após a extinção da colônia Frankental, em 1838. A união entre a Frankental e a Leopoldina, em 1840, marca o fim das colônias agrícolas propriamente ditas e o começo de um empreendimento formado por capitalistas estrangeiros e mão-de-obra escrava, transformando-se num aglomerado de fazendas individuais de plantadores de café (OBERACKER JR., 1975; CARMO, 2010).

Quanto ao perfil dos residentes das fazendas da Colônia, cabe a observação de que franceses, alemães e muitos brasileiros se associaram aos primeiros colonos, fazendo com que se formasse uma longa cadeia de cafezais às margens do rio³². Quanto aos primeiros escravos levados à colônia, Oberacker Jr. (1975) informa que eles foram comprados quando ainda eram baratos, antes da proibição do tráfico, o que explica a quantidade numerosa de africanos que compuseram a mão-de-obra da colônia no auge de sua produção, por volta de 1850. Após isso, a procriação foi incentivada entre os escravos, já que os senhores visavam à adição de escravos crioulos aos que já estavam nas fazendas. Outra via de complementação da mão-de-obra vinha do tráfico interno, através da compra de escravos em fazendas de Sergipe, de Salvador e do Rio de Janeiro.

É interessante observar que a prosperidade da colônia, que, em 1839, já exportava quase metade de todo o café produzido pela Bahia (CARMO, 2010), causou a saída de grande contingente de moradores da Vila Viçosa, como relata Carmo (2010, p. 36):

³¹ João Flach nasceu no rio de Janeiro em 04/03/1818, como filho pré-nupcial de Martinho Flach e da açoriana Catarina Eusébia da ilha Terceira (OBERACKER JR., 1975, p. 475).

³² Avé-Lallemant, *viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe*, 1859, Belo Horizonte, E. Itatiaia, p. 152 (apud Carmo, 2010, p. 31).

Vila Viçosa era por volta da década de 1850 uma vila quase abandonada segundo relatos de viajantes e autoridades da região. Em relatório da Câmara Municipal de Caravelas ao presidente da província, em 1857, se lê que a vila “não representa hoje senão ruínas”, e o número de seus habitantes se acha muito limitado”. O motivo seria a retirada em massa dos agricultores para a Colônia Leopoldina, pois “os povos preferem sempre seu bem estar e suas comodidades a qualquer outra consideração”.

Dentre as fazendas da Colônia Leopoldina, a *Helvetia 1ª*, como era originalmente designada Helvécia, era uma das mais prósperas, como indica o inventário de João Flach, que gozava de prestígio político e grande poder econômico. Em 1839, sua fazenda, que possuía 145 mil pés de café e 96 escravos, exportou o maior volume de café entre os colonos (3.680 arrobas). Segundo Oberacker Jr. (1975, p. 476), “Flach fora dono de 151 escravos, sendo a grande maioria crioulos, isto é, negros nascidos no Brasil, e 79 do sexo masculino; do total 19 eram doentes ou aleijados. Das 72 escravas nove tinham um filho, ainda pequeno”.

No que tange ao número total de escravos que existiam nas 40 fazendas que compunham a Leopoldina, Carl August Toelsner (1858 apud Neesser, 1951, p. 4), que era médico da colônia, informa, em sua tese, que viviam, na Leopoldina, 200 brancos, na maioria suíços e alemães, alguns franceses e brasileiros e 2000 negros, a maioria nascida e criada na própria colônia. Esses números mostram a forte presença da mão-de-obra-escrava, mesmo após a proibição do tráfico.

Oberacker Jr. (1975) narra que a decadência da colônia Leopoldina começou com a diminuição da produção do café em função do esgotamento do solo, resultando na queda das exportações do produto. A situação se agravou com a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, período em que muitos fazendeiros quebraram, já que o governo brasileiro não concedeu indenização aos senhores dos escravos agora libertos. Oberacker Jr. (1975, p. 478) relata:

não resta dúvida de que a abolição foi a causa principal do golpe fatal à colônia; pois os escravos eram o fundamento da agricultura em Leopoldina e deles não havia falta até 1888, já que procriavam entre si, como foi dito. Entre os 151 escravos de João Flach, em 1868, havia somente 38 designados por africanos, o resto eram crioulos³³.

³³ Com base no que foi visto na *Introdução*, essa proporção é um dos fatores que explicam o não surgimento de uma língua crioula radical em Helvécia.

Tanto Oberacker Jr. (1975) quanto Carmo (2010) registram que, com a desintegração do sistema produtivo das fazendas da Leopoldina, que, em seu auge era o fundamento da prosperidade de Vila Viçosa e de Caravelas, muitos escravos que haviam aprendido um ofício vão às cidades da região, abandonando a colônia. Em outros casos, como a uberdade da terra era apenas média e os senhores já não tinham capacidade para pagar o que agora a mão-de-obra fazia jus, os fazendeiros acabaram parcelando suas propriedades e vendendo-as a prestação a seus antigos escravos, que passaram a se dedicar a uma agricultura de subsistência, em alguns casos bem sucedida, em outros não. Oberacker Jr. (1975) relata também que a maioria dos brancos livres da colônia e dos estrangeiros acabou indo embora, ficando o que restou da colônia sob a tutela de antigos escravos.

Foi essa conjuntura que permitiu que o grupo de fazendas mais tarde se transformasse no que hoje é Helvécia – um distrito de Nova Viçosa, que fica a 958 km de Salvador e tem como estradas de acesso a BR418 e a BR110, constituído, em sua maioria por negros descendentes dos antigos escravos, e que, desde 2005, passou a ser reconhecido como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, sob a Portaria n. 7, de 6 de abril de 2005, publicada no Diário oficial da União, de 19 de abril de 2005.

Com a desintegração da colônia Leopoldina, o distrito de Helvécia passaria por uma fase de estagnação econômica em razão da saída de muitas pessoas em direção a outras zonas economicamente mais prósperas. Aos que permaneceram isolados, em sua maioria negros, restou a agricultura de subsistência e um pequeno comércio dos víveres excedentes.

Mas Helvécia viveria mais um tempo de relativa prosperidade com a implantação da ferrovia Bahia-Minas, inaugurada em 1897. A ferrovia partia da Estação Ponta de Areia, km 0, situada em Caravelas, e se estendia até Arassuaí, no norte do estado de Minas Gerais. A estação Helvécia, que se localizava no km 74, resultou do empenho do então presidente da Província da Bahia, o Dr. Antônio de Araújo Aragão Bulcão, que, em relatório de maio de 1879, se pronunciava a favor da mesma, conforme relata Ralile (1949, p. 60 apud Gomes, 2009, p. 73):

A estrada de que vos falo, partindo de Caravelas, porá em fácil comunicação o sul de nossa província com o norte de Minas. Será incontestavelmente uma das mais importantes, e o seu custo ver-se-á em poucos anos resgatado, deixando ainda não pequena fonte de renda.

Durante o período em que funcionou, a ferrovia foi fonte de emprego para muitos dos descendentes dos antigos cativos de Helvécia, dinamizando a economia local, facilitando o comércio de produtos agrícolas e de outras mercadorias e viabilizando a exportação do excedente para outros pontos da região. Conforme relata Gomes (2009), num trabalho intitulado *Helvécia: homens, mulheres e eucaliptos (1980-2005)*, o significado da ferrovia está presente ainda hoje nas memórias dos antigos moradores que, em muitos casos, se referem ao tempo da ferrovia como um período de fartura e de emprego em Helvécia.

A desativação da ferrovia, em 1966, colocou Helvécia novamente em crise e a deixou à margem do desenvolvimento regional. Os relatos de dois moradores, colhidos por Gomes (2009), ilustra isso. O primeiro rememora a desativação da ferrovia:

Então quando foi no dia dezesseis de abril de mil novecentos e sessenta e seis o trem de passageiro saiu de Teófilo Otoni com os passageiros até Ponta de Areia, quando deu terça-feira, não, dia dezoito, só voltou com as pessoa que trabalhava nele, maquinista, guarda-freio, bagageiro e o chefe, mas outro passageiro mais não. O pai de Estela veio na reza da mãe dele que era minha avó, dia dezessete, quando deu dia dezoito para ele ir embora para Moreis na fazenda dele, foi obrigado a ir andando metade a pé, pegando carona, não é igual a hoje em dia que tem fartura de carro não, então até chegou na fazenda dele, também de lá para cá trancou mesmo, nunca mais, nunca mais aí depois apareceu uma firma por nome Rodocar arrancando os trilhos, depois que começou arrancar os trilhos aí a gente perdeu a fé memo. (GOMES, 2009, p. 81).

Em seu relato, o comerciante Kemmi Krull registra sua impressão referente ao que significou a desativação da estrada de ferro:

É dessa época depois que foi extinta a estrada de ferro Bahia e Minas aqui houve uma queda muito grande, o comércio fracassou muito, tornou muito difícil o transporte para as mercadorias. Aí foi que apareceu a BR 101; essa BR 101 tirou a vida daqui e aqui foi pela sorte, foi meio cruel aqui, mudou completo a vida daqui, o movimento comercial daqui caiu muito mesmo, foi parando, parando... aqui ficou numa época aí, acho que, por exemplo, de... na época de sessenta, setenta, oitenta, aqui ficou, foi ficando um comércio ruim, muito ruim, muito parado, os comerciantes daqui da época foi embora, todo mundo foi embora, um dos poucos que conseguiram resistir e ficar aqui foi meu pai. (GOMES, 2009, p. 82).

À desativação da ferrovia Bahia e Minas seguiu-se a implantação da BR 101, o que acentuou ainda mais a perda de importância do distrito de Helvécia naquela microrregião, já que a BR 101 deslocou o movimento comercial para distritos e cidades que agora margeavam a rodovia (GOMES, 2009, p. 83). Foi nesse contexto que se instalou a eucaliptocultura, dando a Helvécia novamente uma economia baseada na monocultura agro-exportadora³⁴, dessa vez com a forte presença japonesa. Esse cenário também é testemunhado por uma informante do *Projeto Vertentes*:

E daí ficou chato pra nós daqui. O comércio cabô. Naquele tempo lá [refere-se ao tempo da ferrovia Bahia e Minas], era comércio, mas agora acabô. Tá mais miozinho assim agora, porque trôxe acima de... Vera Cruz, Sul Bahia, assim, que tem uns povinho assim, mas, se não fosse não, acho que já tinha é morrido mesmo (Informante 11, mulher, 60 anos).

Conforme relata Gomes (2009)³⁵, a implantação da cultura de eucalipto na região, na década de 70³⁶, reacendeu a esperança dos moradores, que, em muitos casos, seduzidos pelas propostas das empresas de celulose, venderam suas terras e, na esperança de emprego nessas mesmas empresas, foram deslocados para área urbana de Nova Viçosa. No entanto, a oferta de emprego das empresas de eucalipto não atendeu à necessidade dos moradores de Helvécia, especialmente dos que venderam suas terras,

³⁴ Para uma visão detalhada de como se deu todo o processo de implantação da monocultura de eucalipto, incluindo as ações de convencimento da população por parte das autoridades locais e de toda a campanha publicitária das empresas, bem como das ameaças e do assédio que sofreram os moradores de Helvécia e a resistência de muitos deles, nesse período, ver Gomes (2009).

³⁵ O texto de Gomes (2009) é muito rico, tanto em apresentar relatos de moradores acerca desses e de outros períodos de Helvécia, quanto em fazer a análise dessas narrativas.

³⁶ Segundo Gomes (2009, p. 84): “o eucalipto, que hoje se faz viçoso no Extremo Sul da Bahia, ali chegou com o aval do Governo Federal, representado à época pelo presidente Ernesto Geisel, que assinou um acordo com o primeiro-ministro japonês, abrindo um ciclo de inauguração de grandes projetos de celulose”.

fazendo com que muitos fossem embora para as periferias de cidades como Vitória-ES, Salvador, Belo Horizonte e São Paulo.

Hoje, o distrito de Helvécia tem sua feição fortemente marcada pela cultura do eucalipto, que se faz presente desde as imponentes plantações que já à entrada do distrito se fazem notar até ações promocionais das empresas, estampadas em campanhas publicitárias. Como demonstra Gomes (2009) e como aparece nos relatos dos informantes entrevistados pelo *Projeto Vertentes*, muitos moradores de Helvécia ficaram em situação de miséria após terem vendido suas antigas posses às empresas plantadoras de eucalipto, engrossando as periferias de cidades grandes e médias da região. Há ainda os que alugaram sua propriedade às empresas, recebendo por isso pequenos subsídios, tornando-os ainda mais dependentes da eucaliptocultura. É ainda a Informante 11 do *Projeto Vertentes* que testemunha. Após ser perguntada pelo entrevistador se a cultura do eucalipto havia trazido benefícios, respondeu que não tinha emprego para todo mundo, mas “o que que nós vamo fazê? Porque nós tá tudo circulado, todo canto aí, nós tamo no meio do eucalípio. Para lá tem eucalipi, todo cantinho aí... esse comercinho tá no mei de eucalipio.”

Gomes (2009) pergunta-se se as transformações por que passou Helvécia com a cultura do eucalipto teriam contribuído para o processo de organização e formação de arranjos identitários outros por parte dos moradores do distrito. Uma resposta encontrada pela autora está na declaração da senhora Roseli Constatino Ricardo, líder comunitária da Associação Quilombola de Helvécia, proferida numa audiência em Brasília, em 18/10/2005, que discutia o impacto da expansão da eucaliptocultura no Brasil:

[...] Além da monocultura do eucalipto não ter trazido o progresso que tanto esperávamos, trouxe a destruição. Para onde Helvécia vai crescer? Uma comunidade com cinco mil habitante está completamente cercada pelo eucalipto, sem nenhuma perspectiva de crescimento, porque não tem para onde. O plantio não respeitou o espaço. [...] A nossa cultura, como comunidade remanescente quilombola, está se perdendo a cada dia. Havia dois meios de Helvécia crescer: pela monocultura do eucalipto na região e por intermédio da cultura. Pelo tempo que essas empresas estão instaladas na região, vimos que o progresso por intermédio do eucalipto não se dará. Estamos, então, tentando resgatar a nossa cultura, a nossa história. (GOMES, 2009, p. 174).

A declaração da líder comunitária ilustra uma nova fase na história da comunidade de Helvécia, que, não sem conflitos internos e disputas acirradas dos moradores entre si e entre eles e as autoridades locais e as empresas de eucalipto, deu início ao processo de busca pelo reconhecimento de Helvécia como remanescente de quilombo junto à Fundação Cultural Palmares. Como relata Gomes (2009, p. 178), em 21/09/2000, foi encaminhado o primeiro documento ao presidente da Fundação Cultural Palmares solicitando informações sobre o processo de reconhecimento da comunidade.

Todo o processo de busca pelo reconhecimento promoveu arranjos identitários novos em Helvécia, evidenciando que não havia/não há consenso quanto à busca pelo título de remanescente de quilombo. Mesmo após publicada a Certidão de Autorreconhecimento, expedida em 2 de março de 2005 e publicada no Diário Oficial da União em 19 de abril de 2005, esse confronto de identidades permanece ainda hoje em Helvécia. Uma das principais razões diz respeito à propriedade da terra, já que a nova situação de Helvécia impunha, entre outras coisas, uma limitação à atuação das empresas de eucalipto e havia proprietários de terra aliados aos interesses das empresas de celulose dispostos a defendê-los, o que resultou em vários embates jurídicos – isso evidencia o quanto as identidades são plurais e se vinculam ao contexto histórico em que estão situadas as pessoas (GOMES, 2009).

Todo esse panorama histórico feito até aqui serve para advertir aos que pensam em Helvécia como uma comunidade isolada, parada no tempo e portadora de uma língua em que transparece nitidamente a presença de falares africanos, ou até mesmo de um eventual falar crioulo, que essa não corresponde à atual realidade do lugar³⁷. Como qualquer comunidade, Helvécia mudou/muda, integrada que está na grande malha de empreendimentos e de movimentos culturais por que passou o Brasil em todo o século XX e nesta primeira década do século XXI. Evidentemente que a falta de políticas sociais de emprego e renda, sobretudo para os mais jovens, a falta de assistência à saúde, a precariedade das escolas e dos serviços de saneamento básico marcam a paisagem local, penalizando os habitantes do distrito. Desse modo, Helvécia não é um sítio arqueológico, em que se acham pessoas e coisas separadas de todo o contexto social em que vive o Brasil de hoje.

³⁷ Isso é interessante na medida em que, por ocasião do II Congresso Internacional de Linguística Histórica, realizado entre os dias 07 e 10/02/2012, na USP, fui perguntado por uma professora, quando apresentava uma comunicação, se os moradores de Helvécia ainda tinham uma fala crioula (sic) e se viviam isolados.

Diante disso, uma questão que logo aparece é se, diante de tantas transformações, é possível relacionar algum dado linguístico dos atuais moradores de Helvécia a eventos históricos de sua formação no século XIX, sobretudo àqueles relativos ao generalizado contato entre línguas naquela região. Uma resposta afirmativa a essa questão é o que este estudo pretende fornecer, tentando mostrar haver uma correlação entre fatores históricos e os dados da variação fônica no âmbito da coda silábica do português falado por moradores de Helvécia – e que será abordado na seção seguinte.

7.2 ABORDANDO O ATUAL QUADRO DE VARIAÇÃO DE <S> EM HELVÉCIA

O principal objetivo desta seção é verificar se o modelo proposto em Lucchesi (2000) também se aplica, em parte, aos resultados da variação de <S> na coda silábica, já que, na literatura que trata do contato entre línguas na formação do português popular do Brasil, dados da variação fônica, em geral, não são considerados como pertinentes ao debate.

Conforme propôs Lucchesi (2000), o português popular brasileiro – do qual o de Helvécia é uma variedade com especificidades em relação aos demais dialetos rurais – exhibe uma tendência de se aproximar aos modelos da chamada norma culta, ao tempo que ainda conserva certas marcas que são indiciárias da aquisição marcada pelos processos históricos de contato linguístico que caracterizou o período colonial brasileiro. Nesse sentido, os dialetos falados pelas camadas populares passam por um processo de mudança que consiste em deixar de empregar seus traços mais marcados em direção aos modelos exibidos pelos falantes de normas de prestígios em grandes centros urbanos. No entanto, sobretudo naqueles dialetos que ficaram isolados durante longos períodos do grande processo de urbanização por que passou o Brasil ao longo de todo o século XX e que tiveram sua história marcada pelo generalizado contato entre línguas, as marcas desse contato ainda estarão presentes na fala, refletidas por alguns traços linguísticos.

No caso de Helvécia, diversos têm sido os trabalhos, desde o pioneiro estudo de Ferreira (1994[1969]), que têm buscado explicitar as características que sinalizariam a existência de um processo de aquisição da língua portuguesa em moldes diferentes do que normalmente acontece em comunidades que não têm história de contato linguístico,

sobretudo em função dos fatos sócio-históricos ligados à grande empresa colonialista dos séculos XV a XIX.

Esses processos de aquisição, que devem ter sido muito frequentes no Brasil colonial, como apontam os vários estudos dos professores Alam Baxter e Dante Lucchesi, já mencionados acima, colocam os escravos africanos, falantes do português como segunda língua, como os principais fornecedores dos dados linguísticos primários a seus descendentes.

Se, por um lado, o crescimento da população de escravos crioulos e de mestiços ajudou a difundir a língua portuguesa nas diversas áreas em que se estabeleceu o empreendimento colonialista (MATTOS e SILVA, 2004³⁸), por outro, alijados que estavam de bens culturais e sociais valorizados pelos colonizadores, privados da participação do sistema educacional e, conseqüentemente, de um acesso pleno às estruturas da língua portuguesa, essas pessoas transmitiram a seus descendentes um português com feições marcadas pelo contato com suas línguas maternas, quer fosse uma língua geral de base indígena ou africana, quer fossem, caso tenha sido possível existir, línguas com aspectos criouliantes.

Quanto a este último aspecto, Lucchesi (2000), como já se reportou, demonstra que, se por um lado, não foi possível a estabilização de um crioulo ao menos para o cenário geral do Brasil, é possível que, em algumas áreas distantes do centro da colônia, o português tenha sido bastante influenciado pela ação dos processos de aquisição irregular de falantes africanos e seus descendentes – Helvécia seria então um caso representativo.

Para Lucchesi (2000), a transmissão linguística irregular designa, então, um conjunto de processos históricos nos quais, dentro de um contexto de massivo e prolongado contato entre línguas, a língua dos segmentos que detêm o poder político passa a ser tomada como um modelo de referência de aquisição pelos segmentos que estão subjugados.

No contexto histórico do empreendimento colonialista europeu dos séculos XV ao XIX, em áreas de *plantations* ou mineradoras, em que grandes contingentes populacionais de culturas e áreas etnolinguísticas diversificadas foram escravizados e forçados a interagir, o processo de transmissão linguística irregular conduz a dois

³⁸ Nesse aspecto, Mattos e Silva (2004), fornecendo uma interpretação para a generalizada difusão do português no território brasileiro vai atribuir essa expansão ao grande número de afrodescendentes da sociedade brasileira.

grandes resultados: 1) a formação de línguas crioulas típicas (conforme as circunstâncias em que ele ocorre), em que um processo de erosão da estrutura gramatical da língua-alvo é sucedido por uma operação de recomposição gramatical (regulada por mecanismos inatos de aquisição da linguagem conjugados com fatores sócio-históricos) que desencadeia, nas palavras de Lucchesi (2000, p. 115), uma legião processos de gramaticalização; 2) a formação de uma nova variedade histórica da língua-alvo, marcada, nessa situação, por uma gama de intensos processos variáveis, a exemplo do que acontece no português popular do Brasil.

Segundo Lucchesi (2000, p. 101-104), do ponto de vista sócio-histórico, a situação que é considerada típica para o surgimento de línguas *pidgins* e crioulas é do deslocamento forçado de populações para um novo contexto geográfico e cultural, distinto do seu contexto original. O autor ainda observa que, como um processo variável, alguns fatores sociais e demográficos são decisivos para a ocorrência de crioulização: (i) a proporção entre a população escrava e a população do segmento dominante; (ii) a homogeneidade ou heterogeneidade linguística da população escrava (o que determina a intensidade dos processos de transferência de elementos da(s) língua(s) de superstrato, a(s) língua(s) falada(s) pelos segmentos dominados); (iii) a chegada de novos escravos ao grupo já dominado e a taxa de natalidade na população escravizada durante o período de contato.

No que tange aos processos de gramaticalização resultantes das situações típicas que dão ensejo à redução na estrutura gramatical da língua-alvo, três grandes fatores seriam decisivos, segundo Lucchesi (2000, p. 99): (i) o difícil acesso dos falantes das outras línguas aos modelos da língua alvo, principalmente se o número de falantes dessa língua-alvo é muito inferior ao de falantes das outras línguas; (ii) o fato de os falantes dessas outras línguas serem, em sua grande maioria, adultos, o que impede o acesso aos dispositivos da *faculté du langage*, que atuam naturalmente no processo de aquisição da língua materna; (iii) a inexistência de ações que orientem e restrinjam o processo de aquisição/nativização da nova língua.

Para o português brasileiro, Lucchesi (2000) e Lucchesi; Baxter (2006) observam que não houve, em termos gerais, condições para o desenvolvimento de um processo típico de crioulização para o geral do Brasil; apesar disso, o português brasileiro foi afetado por processos que possuem paralelo com a formação de línguas crioulas. Alguns desses traços que seriam resultantes do processo de transmissão linguística irregular são resumidos pelo autor: a) redução/eliminação de morfologia

flexional do *verbo* e do *nome*; b) redução/eliminação de morfemas gramaticais livres, tais como *artigos*, *pronomes clíticos*, *conectivos preposicionais etc*; c) negação dupla descontínua (*pré-verbal + final de oração*) e simples (*final de oração*); d) processos de relativização com *que* multifuncional e com *cópia* pronominal; e) estrutura argumental de verbos com dois complementos sem preposição: *verbo + complemento indireto não preposicionado + complemento direto*; f) a não inversão da ordem *sujeito-verbo* nas orações interrogativas; g) a formação reduzida da estrutura passiva em construções do tipo *sujeito + verbo transitivo* em função de *paciente + ação* (LUCCHESI; BAXTER, 2006, p. 195).

Aprofundando a questão, Lucchesi (2009b, p. 70, 71) apontará que os fatores que não deram ensejo a “um processo de criouliização no Brasil em níveis socialmente representativos e com uma duração significativa” foram estes:

- (i) a proporção entre a população de origem africana e branca, que permitia um nível de acesso maior à língua alvo do que o observado nas situações típicas de criouliização;
- (ii) a ausência de vida social e familiar entre as populações de escravos, provocada pelas condições sub-humanas de sua exploração, pela alta taxa de mortalidade e pelos sucessivos deslocamentos;
- (iii) o uso de línguas francas africanas como instrumento de interação dos escravos segregados e foragidos;
- (iv) o incentivo à proficiência em português;
- (v) a maior integração social dos escravos urbanos, domésticos e das zonas mineradoras;
- (vi) a miscigenação racial.

Todos esses fatores arrolados vinculam as características do falar das comunidades afro-brasileiras à sua história, fazendo com que diversos aspectos da gramática aparente – mormente as marcas de flexão em verbos e nomes – do português passem a exibir uma característica bastante clara de uma aquisição irregular, que, se não chegou dar espaço a uma reestruturação original da gramática, não deixou de alterar nitidamente algumas estruturas da língua portuguesa na camada que forma a base da pirâmide social brasileira.

Diante do que foi exposto acima, destaque-se que a ideia básica presente na hipótese da transmissão linguística irregular aplicada ao português do Brasil é a de que após terem adquirido precariamente a língua portuguesa como segunda língua (L2), as populações escravizadas transferiram, em condições também pouco favoráveis, essa L2,

muito marcada pela interferência de suas línguas maternas (L1), para seus descendentes. Nesse caso, a transmissão é irregular no sentido de que os dados primários para aquisição de L1 pelos descendentes dos escravos africanos são resultantes dessa aquisição imperfeita de L2 pelos segmentos escravizados.

Como se observa, a proposta de Baxter; Lucchesi (1997) e de Lucchesi (2000) é que o conjunto de processos contidos no fenômeno transmissão linguística irregular desempenha um papel importante para explicar as características do português popular do Brasil. Tais características seriam ainda mais evidentes no português falado por comunidades rurais isoladas, cujos membros são descendentes de escravos africanos – Helvécia seria, então, uma comunidade representativa nesse sentido.

Como já se afirmou anteriormente neste trabalho, os estudos que até agora se debruçaram sobre o dialeto de Helvécia se dedicaram em demonstrar as marcas do contato linguístico da comunidade no campo da morfossintaxe, inexistindo, até onde se sabe, estudos que abordem, especificamente, dados de variação fonética no conjunto dessas marcas. Nesse sentido, a abordagem que será feita daqui para a frente, que é um esforço de interpretar dados da variação fonética em Helvécia com base nas discussões sobre a história social do PPB, é também uma proposição para que outros estudos nessa direção sejam feitos.

No que tange aos resultados extralinguísticos da variação de <S> em Helvécia, conforme apresentado no capítulo anterior, há, em termos gerais, uma configuração que pode ser resumida como se segue.

a) Quanto à concretização da variável:

- os falantes da faixa etária I, que preferem a realização alveolar de <S> em todos os contextos investigados, se distanciam fortemente dos falantes das faixas II e III, que, pelo que os resultados sugerem, ainda conservam a realização palatal de <S>, que teria sido o modelo de concretização de <S> entre os seus progenitores;
- as mulheres lideram o processo de implementação do novo padrão de concretização da variável na comunidade, orientado em direção ao modelo majoritário entre os falantes de prestígio provenientes de zonas de maior presença alveolar. A alveolar estaria sendo interpretada como um *indicador* sociolinguístico, nos termos de Labov (2008 [1972], p.

366), de inserção da comunidade num espaço geo-sociolinguístico mais amplo;

- a realização aspirada, que é vista como um processo de enfraquecimento em direção à coda simplificada quando está nas posições finais, é também preferida pelos falantes mais velhos e fortemente rejeitada pelos falantes da faixa I;
- as mulheres rejeitam o uso da variante aspirada, reforçando, assim, sua preferência por formas mais prestigiadas.

b) Quanto à forma zero da variável:

- os falantes mais velhos são os que mais usam a variante zero, em índices muito acima do que o que é geralmente registrado em outros trabalhos, reforçando a ideia defendida aqui de que os níveis dessa variação em Helvécia sugerem a existência de um processo bem mais radical no passado;
- a implementação de um padrão que se afasta desse quadro radical, a não concretização da variável <S>, começa pelos falantes da faixa II, que, embora exibam ainda índices altos da variante zero, já se mostram suscetíveis à realização fonética da variável;
- a variante zero teria sido tão generalizada, especialmente entre os falantes idosos, que a variável sexo não apresentou índices representativos, sendo descartada pelo GOLDVARB.

Pode-se, então, estabelecer dois subsistemas da variação de <S> do ponto de vista extralinguístico em Helvécia: 1) de um lado, há a adoção por parte dos falantes mais jovens e das mulheres de um padrão de uso que coloca a comunidade no conjunto da área em que a norma é alveolar, afastando, portanto, a comunidade da realização palatal, que deve ter sido geral entre os falantes da antiga colônia; 2) de outro lado, os mais velhos, ao usarem a variante zero em níveis bastante altos, juntamente com a variante aspirada em contextos finais, evidenciam o processo de enfraquecimento de <S> e simplificação da estrutura da sílaba, que deve ter sido a principal marca de aquisição da coda silábica por parte dos antigos escravos e de seus descendentes mais próximos. Uma análise mais detalhada desses subsistemas será feita a seguir.

7.3 DA REALIZAÇÃO PALATAL À ALVEOLAR EM HELVÉCIA

Assim como acontece com dados linguísticos da variação em nível de morfossintaxe, nem todos os fatos variáveis em nível fônico são aquilo que Labov (2008 [1972], p. 367) identificou como *marcadores sociolinguísticos*. Muitos fatos da variação fônica, de que é exemplo uma parte das realizações de <S> em coda silábica, não possuem uma significação social clara entre os falantes ao ponto de grupos diferentes da comunidade exibirem um sistema explícito em termos de um uso positivo ou negativo de uma variante alveolar ou palatal de <S>, especialmente em contextos em que o uso da variante palatal é fortemente condicionado por questões de ordem fonética, como a posição da variante no vocábulo ou a consoante que se segue à variável.

Muitos resultados da análise sociolinguística variacionista apresentam indicações de um quadro de mudança em uma comunidade de fala com fatos linguísticos cujos valores estão abaixo do nível da consciência dos falantes. Assim, o grau de percepção, diga-se assim, que as análises estatísticas apresentam ao linguista é tão detalhado e apurado que, ainda que a comunidade de fala não esteja esboçando uma reação clara sobre um fato linguístico, o instrumento de análise estatística acaba funcionando como um mecanismo de ampliação dos sentidos do linguista, a quem cabe avaliar se o quadro encontrado em teoria é pertinente ou não com o que apresenta a realidade linguística da comunidade investigada.

Dito isso, assume-se nesta tese que, embora os dados apresentados nesta seção não indiquem claramente uma avaliação negativa ou positiva por parte dos falantes de Helvécia e de seus vizinhos e o estudo não tenha contemplado testes de avaliação, elas indicam que a comunidade está mudando no sentido de adquirir marcas que se assemelham aos padrões de uso e de avaliação pertencentes à área de influência econômica e cultural a que se vinculam hoje Helvécia e seus moradores. Isso evidencia que a comunidade ruma, cada vez mais, para os modelos de aquisição que tornam as marcas de seu passado de contatos linguísticos intensos cada vez menos nítidas, num movimento que pode ser caracterizado como uma mudança de cima para baixo (conforme apontaram Labov (2008 [1972]) e Baxter; Lucchesi (1997) para o português brasileiro).

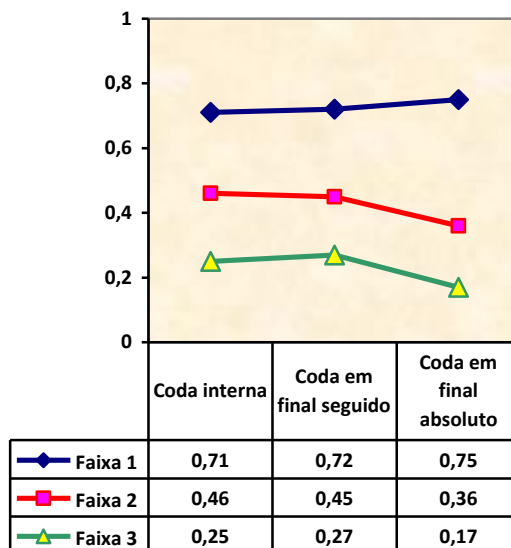
Um primeiro aspecto em que se pode identificar esse rumo da mudança em Helvécia está no uso das variantes alveolares, que hoje é majoritário na comunidade, como pôde ser demonstrado na *Tabela 3*. Como o *Gráfico 1* permite visualizar, os usos

dos falantes que, à época do contato com o *Projeto Vertentes*, estavam na faixa etária de 29 a 40 anos, é bastante diferente dos falantes que estavam nas faixas etárias 2 (42 a 57 anos) e 3 (67 a 103 anos). Se a comparação é feita considerando apenas os valores das faixas 1 e 3, pode-se perceber o quão acentuada é a mudança e como essas gerações exibem um comportamento tão distinto, que as linhas de tendência adotam sentidos opostos à medida que a variável <S> caminha para a posição final absoluta de palavra, como se vê no *Gráfico 1*.

Uma questão bastante geral, cujas respostas estão relacionadas aos detalhes da variação de <S> em Helvécia e que serão tratados mais adiante, é esta: como explicar o fato de só agora estar se implementando a realização alveolar de <S>, apesar de vários autores apontarem que ela é a variante mais antiga na língua portuguesa e é a majoritária no português do Brasil, inclusive nas maiores cidades que ficam no entorno de Nova Viçosa? Os gráficos mostrados a seguir, ajudam a esclarecer essas questões. Os valores que todos os gráficos exibem estão dados em peso relativo.

GRÁFICO 1

A realização **alveolar** de <S> em Helvécia segundo o **fator faixa etária** (valores em peso relativo)



Outras questões que se impõem diante desse quadro são estas: se a variante alveolar (que, inclusive, é geral hoje na área geográfica em que Helvécia está) só na fala dos mais jovens começa a se implementar em níveis mais representativos na

comunidade, a que se deve isso? Que outra variante, no que tange à concretização de <S>, teria sido o modelo de aquisição entre os falantes mais velhos da comunidade?

No que tange à implementação da realização alveolar de <S> há uma correlação entre esse uso e o novo contexto econômico e cultural produzido pela implantação da empresa de eucalipto na região, desde o início da década de 80 do século XX em Helvécia. Se, por um lado, como demonstra Gomes (2009), a economia da região, especialmente, a do distrito de Helvécia foi severamente abalada com desativação da Ferrovia Bahia e Minas, a construção da BR 101 e a instalação da monocultura de eucalipto, por outro, esses fatos acabaram forçando os moradores de Helvécia, agora desalojados da terra e obrigados a ressignificar sua relação com o uso do solo, a buscar outras estratégias de sobrevivência e outras referências sócio-culturais dentro da nova lógica de produção do capital e de bens de consumo que passaram a vigorar na região. Isso incluiu rearranjos familiares, em que homens e mulheres foram obrigados a migrar para cidades como Teixeira de Freitas, Teófilo Otoni, Belo Horizonte, Vitória (ES) e São Paulo. Como relata Gomes (2009), essa nova realidade forçou muitas mulheres, especialmente as que já não possuíam mais suas antigas propriedades, a buscar outras formas de sobrevivência, dentre as quais o trabalho doméstico nas casas dos funcionários mais bem posicionados que migraram para Nova Viçosa para ocupar cargos de chefia na produção de eucalipto.

Ora, considerando que são de norma fortemente alveolar as áreas para onde migraram muitos moradores de Helvécia e com as quais, mesmo os que não saíram, passaram a manter contato mais intenso seja através de viagens rápidas para visitar parentes, seja no trato diário com os “homens do eucalipto”, seja na relação de identificação cultural garantida pelas redes de televisão e rádio locais, é razoável considerar que o avanço das alveolares entre os mais jovens e entre as mulheres está pautado nesse cenário mais amplo. Os relatos de moradores de Helvécia colhidos por Gomes (2009) e os dos informantes do Projeto Vertentes, reproduzidos anteriormente, reforçam isso.

Na época em que a Ferrovia Bahia e Minas estava ativa, o mercado de trabalho era predominantemente ocupado pelos homens, que realizavam as tarefas mais pesadas e as mais elaboradas na empresa de viação férrea. Eram também eles os que mais saíam, trilhando as estações cobertas pela linha férrea. Às mulheres cabia principalmente a ocupação nas lavouras e nos afazeres domésticos. É interessante que, como relata Gomes (2009), está nas memórias dos moradores mais antigos de Helvécia que era esse

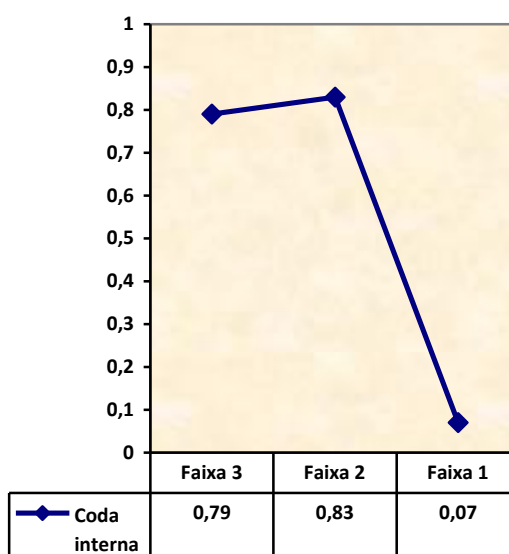
o período em que as folias tradicionais do distrito eram mais fortes – servindo, como aponta Hall (2002), de espaço de identificação e consolidação de identidades grupais mais solidárias.

Com a implantação da empresa de eucalipto, essas referências culturais mais tradicionais foram sendo ressignificadas ou abandonadas, já que a nova configuração desfez a coesão grupal e proporcionou experiências de vida cuja condição de sobrevivência já não estava mais orientada na permanência no lugar e no trato com a terra, como era antes. Agora, as referências culturais e as condições de sobrevivência estavam localizadas nas áreas mais prósperas ao redor de Helvécia. Essa nova orientação coincide com o momento em que a variante alveolar começa a se implementar e é reforçada pelo abandono forte, pelos mais jovens, de marcas mais desviantes, como a aspiração e o apagamento de <S>. Sendo assim, ao que parece, a força que a realização alveolar vem ganhando em Helvécia guarda uma motivação com panorama social do distrito a partir da década de 80 do século XX.

Os dados referentes ao uso das variantes palatais, como pode ser conferido no *Gráfico 2*, permite colocar outras questões: se a alveolar é a realização que tem sido documentada como a mais antiga na língua portuguesa e a majoritária no espaço sócio-econômico e cultural em que Nova Viçosa está situada, de onde teria vindo a palatal? Seria ela geral entre os falantes da Colônia Leopoldina? Se assim foi, por que ela hoje já não se realiza a não ser nos contextos estruturalmente mais favorecedores?

GRÁFICO 2

A realização **palatal** de <S> em Helvécia segundo o **fator faixa etária**



Como atesta o gráfico acima, a realização palatal de <S> restringe-se, em Helvécia, ao interior dos vocábulos em que a variável pode ocorrer. Conforme visto nas tabelas 44 e 45, no capítulo anterior, essa realização é fortemente condicionada pela posição interna da palavra e por contextos em que se encontram as consoantes alveolares /t/ e /d/ e as africadas [tʃ] e [dʒ]. Do ponto de vista sociolinguístico, propõe-se aqui que a presença da variante palatal de <S> apenas nesse contexto e, praticamente, apenas entre os mais velhos, é indício de que ela pode ter sido o modelo aquisicional de <S> no passado.

Assim, palatal seria menos frequente entre a população escrava nos contextos menos propícios a ela, como nas posições finais de palavra e em contextos foneticamente desfavoráveis como ambientes sonoros, permanecendo com mais força nos ambientes em que ela é mais resistente. De acordo com o que mostram pesquisas em aquisição da linguagem (MATZENAUER; MIRANDA, 2008 e BENAYON; GOMES, 2009), esse é o contexto em que mais cedo se estabilizam as fricativas do PB durante o processo de aquisição. Hoje, o abandono das palatais é radicalmente operado pelos falantes da faixa I, num período de tempo bastante curto, o que é devido ao forte avanço das alveolares nessa faixa, justamente a que estava mais vinculada social e economicamente às condições de emprego e renda impostas pelas empresas de eucalipto na ocasião em que as entrevistas foram feitas.

Resta agora a questão de saber como as palatais teriam sido implantadas na comunidade. Seriam as palatais um substrato resultante de uma língua africana ou mesmo suíça, francesa, inglesa ou alemã, decorrente do contato pretérito intenso do português L2 dos africanos com as línguas maternas faladas por esses escravos ou pelas línguas dos europeus que fundaram e dirigiram a Colônia Leopoldina? Neste estudo, essa última opção é considerada como sendo bem pouco provável, em função de um aspecto bastante geral: a língua-alvo não só a dos escravos africanos e dos crioulos, como dos imigrantes que aqui chegavam, era o português. Se, por um lado, é possível que Helvécia tenha oferecido condições à formação de um português com tons crioulistas, por outro, é também muito pouco provável que a realização palatal de <S> esteja no jogo de traços linguísticos oriundos dos substratos presentes durante processo de transmissão linguística irregular, já que a simplificação da coda – um traço que geralmente é citado na literatura crioulistica como tendo relação com processos de

crioulização – não estaria expressa na realização palatal, mas sim na não concretização de <S>, a variante zero. Sugere-se aqui, então, que <S> palatal é uma marca proveniente da língua-alvo, o português.

Ainda quanto à possibilidade de <S> ser resultante do contato dos africanos com as línguas maternas dos colonos europeus, há evidências históricas de que esses estrangeiros – assim como muito dos escravos africanos – já falavam o português, aprendido em Portugal, antes de vir ao Brasil. Apenas para ilustrar, é em Oberacker Jr. (1975, p. 463) que se encontra a referência de que João Martinho Flach, um dos fundadores da Colônia Leopoldina e proprietário da fazenda *Helvetia 1ª*, vivia em Portugal desde os 16 anos. Quanto ao seu filho, João Flach, que mais tarde, após a morte de seu pai, assumiria o controle da fazenda *Helvetia 1ª*, este era nascido no Rio de Janeiro, e sua mãe era dos Açores – uma área palatalizante, cujos imigrantes, como aponta Furlan (1980), foram os que levaram a variante palatal de <S> em coda silábica para Santa Catarina.

Com isso, assume-se aqui que a presença das palatais em Helvécia está relacionada com o estreito contato que guardavam tanto os administradores da colônia como os escravos com Portugal e com áreas brasileiras predominantemente palatalizantes àquela época, como o Rio de Janeiro, Salvador e Sergipe. Outra motivação para esse entendimento é que fatores sócio-históricos, tais como os arrolados por Lucchesi (2000, p. 22), assim como inibiram a formação de um crioulo radical em Helvécia, impediram que traços das línguas maternas dos colonos suíços e alemães que fundaram a colônia se fizessem fortemente presentes no português falado em Helvécia.

Há ainda outros aspectos relacionados a isso, extraídos dos dados levantados por historiadores que estudaram a fundação da Colônia Leopoldina (OBERACKER JR, 1975; CARMO, 2010).

- Segundo aponta Carmo (2010), relações afetivas entre administradores e feitores da fazenda não eram raras nas fazendas da colônia Leopoldina. Isso aproximava os escravos ainda mais dos modelos disponíveis da língua portuguesa. Estudando o perfil da população livre, Carmo (2010, p. 45-47) observou que muitos proprietários da fazenda eram absenteístas, vivendo em Salvador, no Rio de Janeiro ou na Europa. Sendo assim, eles designavam administradores, que geralmente eram estrangeiros parentes, atuando muitas vezes como procuradores, sendo, geralmente, o único senhor que escravos e trabalhadores

livres conheciam na fazenda; em muitos casos, esses administradores vinham do Rio de Janeiro e de Salvador e até mesmo da Europa para cuidar dos negócios dos familiares. Prosseguindo em sua investigação, Carmo (2010) observará diversos casos em que administradores e feitores mantinham um relacionamento amoroso com escravas, muitas vezes dando alguma atenção aos filhos nascidos dessas relações. A autora encontrou, por exemplo, em queixas-crime, vários casos ilustrativos: Carlos Poly, administrador da fazenda de Antônio Morel, era amásio da escrava Eduviges; o feitor Cesário Monteiro, da fazenda Mutum, era um homem livre e tinha filhos com a escrava Elisiária; Alexandre Cousandier, cunhado do proprietário suíço Pedro Augusto Cousandier, vivia havia 20 anos com a crioula Anna; a escrava Luísa vivia havia mais de 20 anos com seu senhor, Henrique Giroud, com quem teve cinco filhos, legitimados após a morte dele.

- Havia, na colônia, fazendas comandadas por portugueses, como João Batista Bacalhau, que acabou morrendo pobre em função de problemas com o alcoolismo, como relata Carmo (2010, p. 54). Embora não se tenha encontrado referências sobre a região de onde eram provenientes os portugueses que administravam fazendas na Leopoldina, é razoável pensar eles eram também responsáveis pelo modelo de <S> palatal a ser adquirido pelos crioulos da fazenda.
- Muitos dos escravos que foram para Helvécia eram provenientes de áreas em que a palatal era majoritária. Nos inventários do APEB, por exemplo, há o caso de um escravo que foi preso por matar a companheira. Nos autos do processo, foi apurado que ele estava em Helvécia havia três anos, tendo saído de Sergipe em 1869 (Carmo, 2010, p. 55). Como demonstram Mota (1994) e Mota; Rolemberg (1995), baseadas em dados do ALS, as palatais na área rural de Sergipe, tendo sido documentadas há bastante tempo, são bem frequentes, sendo majoritárias em contextos finais e interno diante de /t/, conforme resenha apresentada no *Capítulo 4* desta tese.
- A maioria dos escravos da Colônia era nascida no Brasil. Toelsner (1894 apud Neesser, 1951, p. 4) informa que, na Colônia Leopoldina, o fato de a maioria dos escravos ter nascido ali sugere a existência de um contingente crioulo muito superior ao africano e um número bastante elevado de núcleos familiares entre a população escrava. Nesse sistema, os escravos crioulos e os mestiços, devido ao

seu grau maior de ladinização, gozavam de certo prestígio, atuando em tarefas cuja proximidade com os feitores, administradores e senhores das fazendas era maior, a exemplo de tarefas domésticas – esse fato está entre uma das razões apontadas por Lucchesi (2000) para explicar o porquê de não ter se formado um crioulo radical estável no Brasil.

- Os escravos das diferentes fazendas mantinham contato entre si, havendo a possibilidade de união entre escravos de proprietários diferentes. Carmo (2010, p. 96) aponta que, embora isso não fosse comum em áreas de *plantations*, em Helvécia isso parece ter sido permitido pelos senhores, que, inclusive, compravam escravos em fazendas da própria colônia. A análise das possibilidades de união conjugal entre os escravos na propriedade da colônia, empreendida por Carmo (2010, p. 98), aponta para um sistema em que era incomum a união de africanos com crioulos. Os africanos preferiam parceiras africanas. Ao que tudo indica, havia um sistema de valores, que deve ter sido bem comum, segundo o qual os escravos africanos valorizavam mais as companheiras também africanas. Isso aponta para uma questão mais geral do ponto de vista sociolinguístico nas fazendas da Leopoldina: como o número de escravos africanos tendia à diminuição³⁹, a estabilização de um eventual falar crioulo ou mesmo de uma língua franca africana se tornava bem mais difícil. Esse quadro era reforçado ainda por outra “regra” do casamento escravo na Colônia Leopoldina: as mulheres, conforme apurou Carmo (2010, p. 99), faziam a escolha dos seus parceiros levando em conta o nível de ladinização e até os recursos do pretendente. Carmo (2010) também observou que outros historiadores que investigaram essa situação no Rio de Janeiro, entre 1790 e 1850, também verificaram essa prática. Segundo a autora, “os mais ‘experientes’ na vida e na terra dos brancos levavam vantagem, pois podiam possibilitar mais segurança às mulheres recém-chegadas”.
- Havia um número grande de crianças – 28% (CARMO, 2010, p. 106). As crianças escravas maiores eram utilizadas nos trabalhos domésticos, estando, portanto, em maior contato com seus senhores e com os filhos deles.

³⁹ As fazendas da Leopoldina tinham apenas 17% de escravos africanos (CARMO, 2010, p. 104). As maiores posses tinham um maior número de escravos crioulos, população essa, em sua maioria, descendente da população escrava da região.

- A prosperidade da colônia Leopoldina acabou atraindo portugueses, franceses e brasileiros, todos buscando o enriquecimento fácil (CARMO, 2010, p. 122).
- A colônia Leopoldina ficava muito próxima de um escoadouro, o que permitia aos fazendeiros escoarem a sua produção para portos do Rio de Janeiro ou de Salvador (OBERACKER JR., 1975, p. 464). Outro dado bastante interessante que coloca a colônia que deu origem ao povoado de Helvécia numa situação de bastante influência a modelos portugueses é relatada por Oberacker Jr. (1975). O historiador observou que a introdução de escravos na colônia Leopoldina foi motivada também pelo fato de que os vizinhos brancos de Vila Viçosa, Caravelas e Arredores desprezavam os imigrantes, cujo número era sempre baixo, por eles cultivarem o chão com as próprias mãos. Essa atitude, que não teria sido corretamente interpretada pelos agricultores estrangeiros, os levou a pedir proteção ao Ministro do Império, ao qual escreveram uma carta. Nela, os autores fazem uma alegação segundo a qual “acreditavam merecer tanto mais a proteção do governo que, em consequência do decreto-lei de 16 de março de 1820, se tinham tornado portugueses (sic!) por adoção” (OBERACKER JR., 1975, p. 469).

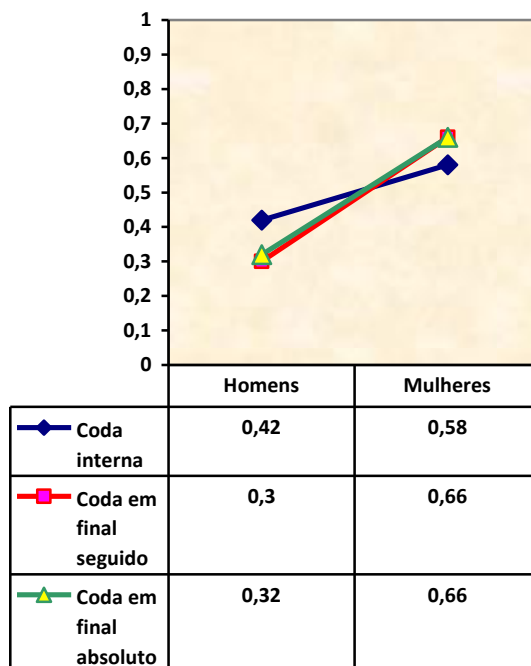
Todos esses fatores acima elencados sugerem que a adoção de <S> palatal por parte dos habitantes da colônia, que hoje se conserva apenas em contextos muito favorecedores entre os moradores de Helvécia entrevistados pelo *Projeto Vertentes*, decorre do fato de os escravos da colônia estarem numa zona em que, à época, o modelo mais acessível de realização de <S> em coda era a palatalização, resultante da influência de áreas em que as palatais eram características, como Salvador, Rio de Janeiro e, mais remotamente, Portugal. Outra questão está relacionada com a forma como se dá a aquisição das fricativas do ponto de vista distribucional, sendo as consoantes que ocupam a coda interna as que mais rapidamente se estabilizam, ficando, assim, a coda interna menos sujeita a interferências das formas de substrato no processo de aquisição do português L2, como pôde ser visto nos resultados de estudos que trabalham como modelos multirrepresentacionais de aquisição da linguagem – apresentados no terceiro capítulo.

Esse quadro hoje está em franca modificação. A mudança registrada no *Gráfico 2* mostra a força da realização alveolar entre os falantes mais jovens no período em que os dados de Helvécia foram coletados. Nos *gráficos 3 e 4* tem-se uma dimensão de

como a presença forte de alveolares e a existência já residual da realização palatal se distribui entre homens e mulheres.

GRÁFICO 3

A realização **alveolar** de <S> em Helvécia segundo o **fator sexo**



No *Gráfico 3*, é possível observar que as mulheres avançam na utilização de <S> alveolar nos três contextos fônicos em que se realizou esta análise. Vê-se que as posições finais são as que exibem maior nível de implementação, o que é coerente com o fato de ser a posição interna a que ainda guarda alguma presença de palatais e aspiradas.

Uma questão adicional é como esse quadro se relaciona com o contexto social em que Helvécia se encontrava no momento em que as gravações foram feitas. Na década de 90, as mulheres em Helvécia, representavam 49% da população, um total de 7.641, numa população total de 15.545, segundo dados do IBGE. Conforme observou Gomes (2009), a chegada das empresas de celulose, que passaram a ocupar 49% da área de Nova Viçosa (45.118 ha, de um total de 91.952 ha) (Koopmans, 2005, p. 74), representou para as mulheres a sua expulsão do campo, já que agora elas nem tinham suas glebas e não podiam trabalhar nas roças de outras pessoas, muitas vezes arrendadas a essas empresas. Gomes (2009) observa ainda, a partir de várias fontes e de relatos de

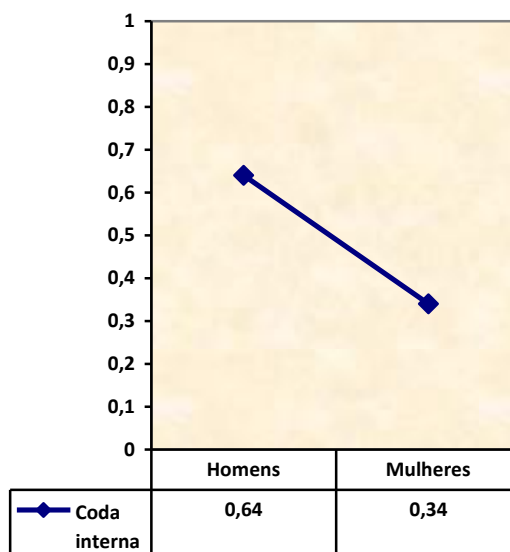
moradores de Helvécia, que as mulheres não tinham espaço no sistema produtivo da eucaliptocultura, pois as empresas empregavam quase exclusivamente homens. Assim,

não tendo mais o trabalho na roça sem oportunidade de emprego e tendo que improvisar a própria sobrevivência, elas se reinventaram, passaram a viver do fabrico de moqueca, doce feito de goma com coco e assado na folha de banana, para ser vendido nas feiras dos lugares próximos. Outras transformaram suas casas em pousadas e/ou restaurantes simples e improvisados para atender eventuais pesquisadores e visitantes que chegavam ao distrito. (GOMES, 2009, p. 134).

Diante desse novo quadro, é razoável pensar que esse novo posicionamento das mulheres na economia doméstica, que as obrigou a saírem de suas casas e irem buscar a sobrevivência nas ruas e nas casas de família de funcionários mais bem colocados nas empresas da eucaliptocultura, encontra paralelo com o quadro de avanço da realização alveolar de <S> mormente entre elas. Isso também se relaciona com o fato de os homens – justamente os que estavam incluídos no campo da eucaliptocultura, atuando diretamente no plantio e na extração da madeira, nas grandes fazendas de Helvécia e da região –, conforme mostra o *Gráfico 4*, serem os que mais conservam o uso da variante palatal de <S>.

GRÁFICO 4

A realização **palatal** de <s> em Helvécia segundo o **fator sexo**



Esse quadro mostra um conservadorismo dos homens no que tange ao uso da variante palatal de <S>. Evidentemente que o quadro social apresentado, especialmente no que tange à posição das mulheres na economia da região na época em que as entrevistas do *Projeto Vertentes* foram feitas, leva a perguntar se as mulheres que foram informantes do Projeto se enquadram nesse contexto.

É importante dizer que os informantes contatados pelo *Projeto Vertentes* ainda viviam em suas propriedades, na área mais rural do distrito, muitos vivendo do comércio de produtos cultivados em suas roças. A informante 2, por exemplo, que, na época das entrevistas, tinha 29 anos, relata que conheceu o eucalipto ainda menina e que agora trabalhava regularmente, nas sextas e sábados, na feira de Teixeira de Freitas, vendendo o excedente de sua plantação. A informante 05, com 38 anos, também relata que trabalhava na feira e conta que, logo após ter se separado do primeiro marido (que costumava trabalhar nas firmas de eucalipto), trabalhou em Teixeira de Freitas (6 meses), no Rio de Janeiro (6 meses) e em Teófilo Otoni (1 ano) como doméstica. A informante 9 (54 anos) também relatou que trabalhou por três anos numa pensão em Nanuque-Mg.

Esses casos são exemplo de uma situação que, como relata Gomes (2009), parece ter sido bastante geral. Ora, se se considera que a Teoria da Variação procura fazer uma abordagem que se pretende uma previsão sobre agregados (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968] e LABOV, 2008 [1972]), deve-se levar em conta que a amostra aqui estudada é representativa desse conjunto maior de indivíduos que participam da comunidade de fala de Helvécia, ainda que a amostra tenha sido coletada entre indivíduos que ocupam áreas mais rurais do distrito. Pense-se também que, se o cenário de mudança registrado na amostra aqui estudada se aproxima bastante do que é a realidade geral da comunidade Helvécia, os índices, hoje, podem ser ainda mais reforçadores do quadro de mudança encontrado neste estudo, especialmente entre as pessoas mais vinculadas à atual realidade cultural urbana do município de Nova Viçosa.

7.4 PROCESSOS DE ENFRAQUECIMENTO DA VARIÁVEL <S> EM HELVÉCIA COMO INDÍCIOS DE UM PROCESSO DE TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR

Dentre as quatro realizações de <S> que estão sendo analisadas aqui, a aspiração e o apagamento têm sido descritas na literatura sociolinguística brasileira como sendo

condicionadas, do ponto de vista extralinguístico, mais por fatores sociais do que geográficos. Assim, as variantes aspirada e zero (sobretudo esta) seriam estigmatizadas por falantes de variedades prestigiadas do português, estando aquelas realizações ligadas, sobretudo, ao nível de escolaridade dos falantes (cf., por exemplo, Palácio, 1989; Gryner; Macedo, 2000; Callou; Leite; Moraes, 2002). Estudos há, entretanto, que não colocam a aspiração das fricativas entre os fenômenos fonéticos estigmatizados do português do Brasil, registrando sua ocorrência em falantes de maior escolaridade (cf., por exemplo, Roncarati, 1999; Canovas, 1991; Mota, 2002; Pelicioli, 2008).

Para a discussão dos fatores de natureza sociolinguística que condicionam a realização aspirada de <S>, bem como o seu apagamento, partir-se-á de três princípios: 1) a aspiração e o apagamento podem ser vistos como um processo de enfraquecimento da concretização de <S>, cujo início é sua aspiração e o final é o apagamento; 2) fatores diferentes regem a aspiração de <S> conforme o segmento seja realizado em coda interna ou em coda final – que tem consequências sociolinguísticas importantes dentro do esquema interpretativo dado ao fenômeno analisado nesta tese; 3) os níveis de aspiração em coda externa, embora essa não seja uma questão pacífica (cf., por exemplo, Révah, 1963), podem ser interpretados como estando relacionados aos efeitos do contato linguístico por que passou Helvécia; 3) os níveis de apagamento de <S> em coda final de palavra em Helvécia serão tomados como efeito de um processo de aquisição precária do português pelos escravos de que descendem os informantes do *Projeto Vertentes*.

7.4.1 A aspiração de <S>

O enfraquecimento de uma consoante, do ponto de vista fonético, está ligado basicamente à modificação do seu ponto de articulação e à mudança na intensidade com que ela é produzida. No caso da variável em questão, seu enfraquecimento decorre da modificação do traço da variante que, sendo majoritária à época, foi o modelo de aquisição de <S> em coda mais disponível à aquisição de L2 por parte dos emigrantes europeus e dos escravos africanos e de L1 pelos escravos crioulos e pelos mestiços – a palatal.

Nesse quadro, o enfraquecimento se caracteriza por um processo de posteriorização do segmento, que passa a ser realizado no espaço glotal ([ʃ, ʒ] > [h, fi]).

Outra característica desse processo é a perda de intensidade do segmento, marcada pela diminuição da tensão das cordas vocais, ampliando o espaço glotal e provocando o efeito acústico de aspiração do segmento. O enfraquecimento de <S> é um fenômeno que atinge fortemente as consoantes que estão em posição pós-vocálica final.

No caso de <S> em posição de coda interna, os fatores que condicionam o enfraquecimento são diferentes dos que o determinam em posição final. Para o apagamento, o fator semântico é um dos fatores que têm sido apontados como importantes⁴⁰, já que a ausência do segmento forma pares mínimos com muitos vocábulos em que /S/ ocorre, especialmente nos casos em que /h, fi/ formam pares mínimos com /s/, principalmente se a consoante seguinte for uma alveolar surda como em *posto X porto; pasta X parta; custo X curto*. Para a aspiração, influenciam bastante a sonoridade da consoante seguinte bem como o tipo de consoante que ocorre após a variante. Além desse fator, o outro é relativo à frequência do vocábulo em que ocorre <S> aspirado. Nesse caso, já foi apontado antes que o enfraquecimento de <S> em coda interna está mais ligado à generalização de uma forma vocabular que, de tão frequente, passa a fazer parte do repertório lexical do falante, do que propriamente à modificação do segmento sonoro – o que se alinharia com o princípio da difusão lexical.

Nos dados de Helvécia, conforme pôde ser visto na *Tabela 3*, a frequência de das variantes aspirada e zero é bastante alta, sendo elas, ao lado da variante majoritária ([s]), as duas mais recorrentes, com os seguintes percentuais de ocorrência, respectivamente: 22,37% e 18%. Juntas, elas representam 40,37% do total de ocorrência do *corpus*, ou seja, quase a metade das realizações de <S>. Esses números tão expressivos não encontram paralelo em nenhum dos trabalhos resenhados no *Capítulo 3* desta tese, nem mesmo nos que têm dialetos populares, urbanos ou rurais, como escopo. Além disso, é muito comum que, mesmo nos trabalhos em que há uma taxa relativamente alta de aspiração e apagamento de <S>, elas não chegam a superar as ocorrências de variantes palatais de <S>, como ocorre em Helvécia. Outro dado é que, conforme já mostrado acima, esses números não incluem os casos em que <S> é

⁴⁰ Em comunicação pessoal, a professora Jacyra A. Mota apontou que uma objeção a esse raciocínio está no fato de que muitas palavras que ocorrem na comunicação cotidiana são homônimas e nem por isso o emprego delas segundo o sentido que o falante quer dar cria confusão entre os seus interactantes. Ou seja: a existência de pares homônimos é uma possibilidade que a língua oferece que é completamente dominada pelas pessoas – daí que a eventual criação de homonímia decorrente do processo de variação não seria um fato marginal.

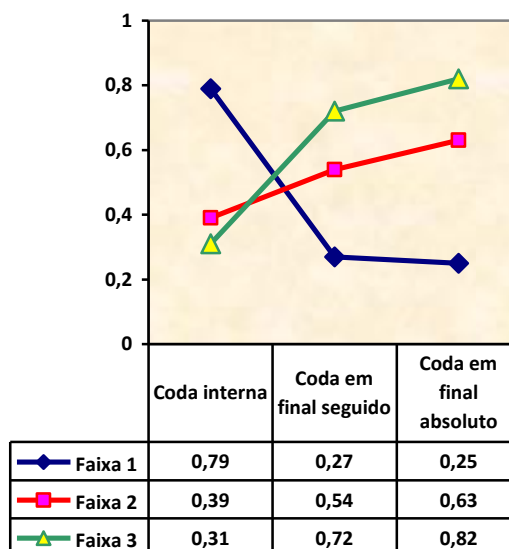
morfema de plural e não levam em conta realizações de <S> seguidas de vogais, como acontece em vários dos trabalhos estudados até aqui.

Por essas razões, vê-se que os resultados encontrados em Helvécia referentes à variante aspirada e zero de <S> sinalizam para um esquema em que a) em coda interna a aspiração de <S> é um fenômeno que pode ser visto como de difusão lexical de origem recente na comunidade; b) em codas finais, as variantes desenham um quadro de enfraquecimento que pode ser relacionado com o modo como a comunidade adquiriu preteritamente o português.

Para a aspiração, observe-se o que o gráfico ilustra.

GRÁFICO 5

A realização **aspirada** de <S> em Helvécia segundo o **fator faixa etária**



Considerando os dados do *Gráfico 5*, surgem algumas questões: como explicar o fato de que, em coda interna, a faixa etária 1 é a maior responsável pelo uso da aspiração? Não seria coerente, considerando o quadro que até agora vinha de se desenhando, esperar que o maior uso da aspiração estivesse sempre ligado às gerações mais velhas?

Conforme já afirmado nesta tese, fatores diferentes regem o fenômeno de aspiração de <S> em coda interna e em codas finais. Na coda interna, a formação de pares mínimos entre [s] e [h] pode ser tomado como inibidor do fenômeno em vocábulos em que a consoante seguinte a <S> não possua os traços [+nasal], [+sonoro], estando ligada sua ocorrência mais a consoantes com o traço [-contínuo], como /d/, /m/,

/n/ e às africadas (ver tabelas 19, 20, 21 e 22). Outro fator importante para o enfraquecimento do <S> em coda interna está ligado à frequência dos itens que sofrem a aspiração, o que faz crer que o fato de a faixa etária I ser a maior responsável pela aspiração em coda interna reflete um condicionamento diferente para o fenômeno nesta posição. Isso merecerá uma discussão mais detalhada a partir de agora.

7.4.1.1 A aspiração de <s> em sílaba interna em *Helvécia* e a hipótese da difusão lexical

Em *A difusão lexical num fenômeno de aspiração do português*, Auler (1992) analisa, numa perspectiva diacrônica, parâmetros do léxico e discute a possibilidade de atuação da hipótese da difusão lexical no fenômeno de aspiração de <S> pós-vocálico numa comunidade do Rio de Janeiro. Os dados estudados pela autora foram coletados de entrevistas concedidas por 20 falantes em dois momentos diferentes: 1982 e 1988. As ocorrências estudadas não incluem casos em que <S> tem valor de plural, casos em que <S> está sujeita a rressilabação e casos de percepção duvidosa. No total, a amostra de 1982 (amostra I) somou 1035 dados, e a de 1988 (amostra II), 1021. Foram controladas, nas duas amostras, as ocorrências das quatro variantes de <S> (alveolar, palatal, aspirada e zero), entre as quais se registrou um aumento da palatal e uma ocorrência reduzida da realização aspirada (6,4% e 4,35) e do apagamento (5,5% e 4,6%).

Dentre os fatores favorecedores da aspiração, Auler (1992) observou que: a) a categoria gramatical foi a mais relevante, tendo, nesse grupo, o item *mesmo* (colocado como uma categoria à parte), a maior frequência: 44% (amostra I) e 42,9% (amostra II); b) retirando-se as ocorrências de *mesmo*, a aspiração fica quase totalmente restrita à posição final, caindo a aspiração para 0,2% e para 0%, no que a autora afirma: “Esses dados indicam que, exceto pelas ocorrências no vocábulo *mesmo*, a aspiração é um fenômeno exclusivo da posição final de palavra” (p. 46). Na conclusão do trabalho, Auler (1992) destaca que i) os índices globais de aspiração de /S/ pós-vocálico sugerem uma variação estável; ii) pelo levantamento lexical, foi constatado que esta variação está localizada em poucos itens, o que sugere a atuação da difusão lexical; iii) a realização aspiradas “não é um marcador dialetal diatópico, mas indicador de uma fala mais relaxada, despreocupada com a norma culta, própria de indivíduos que não estão

sujeitos a pressões sociais sobre seu desempenho linguístico” (p. 51) – talvez essa última observação possa ser utilizada para explicar o fato de a geração mais nova do *corpus* em estudo ter apresentado o maior índice de aspiração em interior de vocábulo. Um fato análogo a isso pode ser observado no modo como os personagens da teledramaturgia brasileira pronunciam a palavra *mesmo*, especialmente em cenas em que eles aparecem numa interação coloquial e quando personagens cariocas são representados – considere-se que, sobretudo na última década, quase 90% dos domicílios brasileiros possui ao menos uma televisão, conforme apontou estudo do IBGE⁴¹. As telenovelas certamente que têm penetração muito forte nos lares brasileiros, tendo então um papel na difusão de certos hábitos linguísticos.

Outro trabalho que trata da aspiração de fricativas no português Brasileiro como um fenômeno ligado à difusão lexical é o de Roncarati (1999), intitulado *Variação fonológica e morfossintática na fala cearense*. Nesse estudo, a autora, revendo os resultados de pesquisa anterior⁴², explora a relevância de fatores lexicais no processo de enfraquecimento das fricativas sonoras e considera o problema da avaliação subjacente ao fenômeno.

Os dados revistos pela autora foram coletados na década de 80 do século, passado, no âmbito do Projeto Dialetos Sociais Cearenses (DSC). O *corpus* foi constituído com entrevistas com 10 falantes urbanos (6 homens e 4 mulheres) de 10 a 42 anos, com escolaridade de 1º e 2º graus, nascidos no Estado do Ceará. No total, foram registradas 4.066 realizações alveolares e palatais de <S>, que a autora chamou de “plenas”, 499 realizações aspiradas e 370 apagamentos, ficando assim a distribuição percentual global: realização plena: 82,39%; aspiração: 10,11% e apagamento: 7,49%.

A expectativa inicial que guiou o trabalho de 1988 foi a de que os fatores que controlariam o apagamento e a aspiração seriam de natureza discursivo-pragmática e lexical. Em sua revisão, Roncarati (1999) chega à conclusão de que “um confronto mais detido entre os fatores fonéticos postulados e os fatores lexicais à luz do difusionismo lexical evidenciaria mais acuradamente essa intuição de nossos colegas pesquisadores” (p.2). Com isso, ela decide empreender uma análise considerando a atuação de

⁴¹ Consulte-se <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/ibge-pela-1-vez-domicilios-brasileiros-tem-mais-tv-e-geladeira-d.html>>. Acesso em 18/07/2012. Ver também: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2010/default.shtm>>.

⁴² RONCARATI, C.N.S. et al. Enfraquecimento das fricativas sonoras. **Relatório Final**: Projeto Dialetos Sociais Cearenses - Fortaleza: FINEP/FCPC/UFC, 1988.

condicionantes linguísticos (distância da tonicidade antecedente e subsequente; contexto fonológico antecedente e subsequente, marca de desinência verbal) e a atuação do efeito do léxico em jogo no estudo das variantes observadas. A partir daí, as questões que guiaram o trabalho foram: a) a usualidade de um item lexical o torna candidato potencial ao enfraquecimento ou apagamento? b) fatores como relevância informacional e economia linguística podem influir o processo de enfraquecimento? c) o nível de informalidade exibido nas gravações pode influir na taxa de enfraquecimento e apagamento de itens lexicais?

Os resultados referentes à variação da fricativa pós-vocálica foram estes (RONCARATI, 1999, p. 3-10):

- a distância 1 da sílaba tônica antecedente favorece a aspiração (0,70) e o apagamento (0,75);
- as distâncias 4 (0,58) e 5 (0,53) da tônica subsequente favorecendo o apagamento estão associadas à usualidade do item lexical *me_zmo* (*gatinha me_zmo legal*);
- as consoantes com o traço [-contínuo] , /l/, /n/ e /d/, /m/, as mais favorecedoras da aspiração, com pesos relativos bastante aproximados (0,84/ 0,83/ 0,81/ 0,72) respectivamente), estão associadas à usualidade do item *mais* (*mai_h ligado, mai_h novo, gosta mai_h de ler*) e *mesmo* (*mais esses me_hmo*). Essa foi a variável linguística selecionada em 1º lugar em relação à fricativa sonora [z];
- o enfraquecimento de [z] é mais usual em itens lexicais com segmento enfraquecido antes da consoante nasal. Essa evidência corrobora o resultado do fator selecionado em 1º lugar pelo programa computacional (influência da consoante seguinte): *me_hmo* é o único item enfraquecido por todos os informantes das três amostras. No levantamento lexical relativo à fricativa [z] é o item de maior enfraquecimento na amostra básica (47,33%), em IMP (91,66%) e na amostra ALECE (89,28%);
- o enfraquecimento de *ma_h* (conjunção) e *mai_h* (advérbio) também atinge quase todos os informantes. Em certos casos, *mai_h* (advérbio) aparece não ditongado “*gosto ma_h de ler Carinho*”; *ma_h* (conjunção) pode vir ditongada como em “*Mai_h num devia*”. Foram registrados também casos do tipo “*porque noi_h na terra*” e “*e noi_h num tava mais comendo*”;

- o verbo *fazer* na amostra básica é mais usualmente enfraquecido na forma *fah* (e, note-se bem, em expressões onde o verbo *fazer* tem baixo nível informacional como, por exemplo, “*não fah muita diferença*” e “e os bordado dela *fah é gosto a pessoa ver*” e “*fah é muito tempo*”);
- o levantamento revela que os itens lexicais mais apagados são os mesmos que apresentam os maiores índices de enfraquecimento: *meØmo*, *maiØ* e *maØ*, sendo que, na amostra do interior, o percentual do apagamento de *meØmo* ($25/28 = 43,10\%$) é notadamente mais alto do que na amostra básica ($14/50 = 9,33\%$);
- “contudo, não podemos asseverar que o processo de enfraquecimento e apagamento já teria sido lexicalizado em um dado vocábulo. O único caso de lexicalização de que temos notícia é o da forma *desarnar* (com o sentido de ensinar, iniciar a escolarização de, tirar a burrice de)” (p. 6);
- “não nos foi possível afirmar uma relação sistemática entre enfraquecimento e formalidade” (p. 6);
- a usualidade dos itens lexicais tem importante peso no enfraquecimento. Os itens mais atingidos são os morfemas gramaticais, provavelmente não só pela frequência, mas, também, pelo baixo teor informacional;
- “os itens mais resistentes ao enfraquecimento são aqueles de maior relevância informacional — os morfemas lexicais, tanto mais resistentes quanto menor o seu uso. A continuação do estudo poderia revelar em que cenários interacionais tais morfemas tendem a enfraquecer. Por hipótese, repetições, reparos, hesitações e expressões cristalizadas devem favorecer o enfraquecimento” (p. 7);
- “os itens com mais segmentos apagados foram justamente os mais enfraquecidos, portanto os mais usuais” (p. 07);
- “o nível de formalidade e a fala mais relaxada e menos monitorada favorecem o enfraquecimento e apagamento de segmentos: em interações mais simétricas e informais, como as conversas espontâneas, os falantes se tornam menos sensíveis à avaliação da fala e à norma” (p. 10);
- “quanto maior a usualidade de um item lexical, maior parece ser a aceitação social dos itens enfraquecidos” (p. 10).

Exceto fato de que, nos dados estudados nesta tese, o apagamento praticamente não ocorre no interior de vocábulo, ficando restrita a oito ocorrências do item *meØmo*,

os resultados de Auler (1992) e Roncarati (1999), para a aspiração de <S>, se aproximam muito daquilo que foi encontrado em Helvécia.

Como se vê, a aspiração de um item como *mesmo* tem sido tratada em diversos trabalhos como um indicador de que a mudança aí estaria não vinculada primeiramente à unidade fonológica que varia, ao item morfo-lexical, tal como propõe a hipótese da difusão lexical da mudança sonora. Além disso, o fenômeno não parece estar sujeito à avaliação negativa de informantes escolarizados, especialmente no caso dos itens mais frequentemente modificados.

Uma vez que a aspiração nos dados de Helvécia ficou praticamente restrita ao vocábulo *mesmo*, pode-se compreender os resultados do *Grafico 5*, para a faixa 1, como indicadores de que o fenômeno da aspiração em coda interna começou a se implementar apenas recentemente naquela comunidade, o que explicaria o peso alto da primeira faixa em contraposição às outras duas.

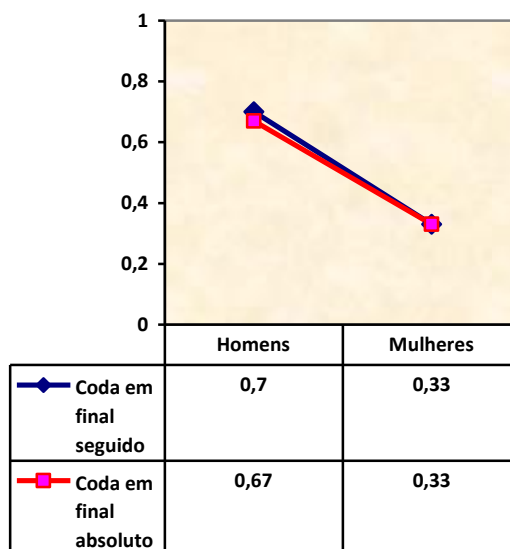
Outros dois aspectos fazem considerar que a aspiração em coda interna em Helvécia é um fenômeno de implementação recente, liderado pelas gerações mais novas: 1) em coda interna, fator sexo do informante não foi selecionado pelo programa, sendo o fator *faixa etária* o único de ordem extralinguística considerado importante, depois do fator linguístico *sonoridade da consoante seguinte* – isso sugere que outros fatores influenciam no fenômeno mais do que propriamente os de faixa etária e sexo. A não seleção do fator *sexo* pelo GOLDVARB indica também que a generalização do item que é mais afetado pelo fenômeno não tem uma barreira no que tange à avaliação de homens e mulheres, tendendo a expandir-se; 2) na rodada em que o item *mesmo* foi retirado, o fator faixa etária é excluído e o fator sexo do informante passa a ser considerado como importante, com os homens (0,61) influenciando e as mulheres (0,31) desfavorecendo a aspiração.

Nessa rodada, em ordem de importância foram selecionados os fatores *contexto vocálico e semivocálico antecedente*, *contexto consonantal subsequente*, *sonoridade da consoante seguinte* e *sexo*. Importa registrar que, com a retirada de *mesmo*, a aspiração ocorreu em apenas 27 casos, passando a representar 3% do total de concretização de <S>. Dessas ocorrências, 13 (4%) foram realizadas por informantes da faixa 1, 8 (1%) por informantes da faixa 2 e 9 (3%), da faixa 3. Isso, evidentemente, diminui a força da análise do GOLDVARB, tanto que a significância aumenta para 0,040. Ou seja: sem o item *mesmo* o fenômeno reduz-se muito, perdendo significância estatística.

Para as posições finais, a aspiração pode receber a interpretação de que, juntamente com o apagamento, se relaciona a uma história pretérita de contato linguístico da comunidade. Nessas posições, conforme mostra o *Gráfico 5*, observa-se que os informantes passam a se distribuir em dois polos bem marcados: de um lado estão os informantes da faixa etária 1, que desfavorecem fortemente a ocorrência da aspiração de <S>, com pesos relativos de 0,27 (coda em final seguido de consoante) e 0,25 (coda em final absoluto); de outro, estão os informantes das faixas 2 e 3 que, em ordem crescente, favorecem a aspiração, com pesos que variam entre 0,54 e 0,82. Outro aspecto da aspiração de <S> em codas finais em Helvécia é ilustrado pelo gráfico 6.

GRÁFICO 6

A realização **aspirada** de <S> em Helvécia segundo o **fator sexo**



O *Gráfico 6* evidencia que a prevalência das realizações aspiradas de <S> está na população masculina. Considerando que, como ilustraram o *Gráfico 3* e o *Gráfico 4*, as mulheres lideram o processo de implementação da variante atualmente majoritária em Helvécia, alveolar, e que são elas que rejeitam a variante de presença mais antiga na comunidade, é razoável esperar que elas rejeitem o uso das variantes de menor prestígio social: a aspiração e o apagamento. Os resultados exibidos no *Gráfico 6* parecem mostrar uma relação com o quadro mais geral da mudança apresentado até aqui, segundo o qual as mulheres e os mais jovens, estando mais integrados com a nova configuração socioeconômica do distrito e de Vila Viçosa, são os primeiros responsáveis pela implementação de uma variante que é característica da região que circunda o distrito de Helvécia.

Apesar dessas observações, é importante considerar que o fenômeno da aspiração de <S> no português do Brasil (assim como o apagamento) tem sido visto também por outra perspectiva. Em *La question des substrats et superstrats dans le domaine linguistique brésilien*, Révah (1963) faz uma análise das hipóteses que veem os traços típicos das variedades populares do português do Brasil como traços de substratos indígenas ou de línguas africanas. Para o autor, uma grande objeção a essa hipótese está na seguinte questão: como explicar a uniformidade dos falares populares do Brasil diante da grande variedade do povoamento conforme as regiões e conseqüentemente em relação à grande variedade de substrato, superstratos e adstratos dos quais se podem invocar alguma influência? (p. 435).

Para tratar da questão, Révah (1963) retoma as posições de Silva Neto (1951) e Gladstone Chaves de Melo (1946). Após uma crítica detida sobre os trabalhos dos mesmos, Révah (1963) passar a analisar os traços fonéticos e morfossintáticos que têm sido utilizados para apontar uma influência africana no português popular do Brasil. No que tange à redução da morfologia flexional, por exemplo, defenderá seu ponto de vista a partir da seguinte observação :

a base das teorias que nós criticamos é a ideia de que as simplificações (muito relativas, aliás) das flexões exigem, para sua explicação, massas aloglotas incapazes de compreender o delicado sistema morfológico do português. Essa ideia é muito provavelmente falsa (p. 443) (tradução nossa).

Após isso, o autor defende a ideia de que a simplificação em tela se “inscreve perfeitamente numa tendência fonética que é não somente portuguesa, mas ibero-romana”, designada por Bertil Malmberg (1948 apud Révah, 1963) como tendência geral a favorecer sílabas abertas – disso resultaria uma série de fenômenos análogos, entre os quais a aspiração de /S/. Quanto a esse aspecto, Révah (1963) destaca que em Barrancos, um substrato dialetal do espanhol, também ocorre a aspiração de /S/ em posição pós-vocálica, assim como em outros falares do espanhol meridional, no Uruguai. Desse ponto em diante, o autor negará que fenômenos de simplificação da morfossintaxe, bem como a aspiração e o apagamento de <S> sem valor de plural, sejam decorrentes de um substrato africano situando o fenômeno no desenvolvimento histórico de uma tendência ibero-romana de promover sílabas abertas. Isso serviria para explicar a “uniformidade” dos dialetos populares do PB.

A posição defendida por Révah (1963) encontra espaço também nos trabalhos de Naro; Scherre (1993 e 2007), para quem a variação na concordância verbal no PPB segue uma deriva românica e tem origem nessa tendência fonética de simplificação da coda.

Um problema dessas hipóteses, em que pesem algumas evidências históricas reunida a seu favor, está no fato de que elas não levam em conta a possibilidade de desenvolvimento independente (de inovação local mesmo) dos fenômenos investigados. Usar o argumento da tendência indo-europeia ou ibero-românica para explicar os fatos em questão não é suficiente para dar conta de como esses processos podem ter configurações diferenciadas no português do Brasil e no português de Portugal, por exemplo. Elas desconsideram a contingência dos fatos históricos. Outro problema é que elas conferem uma força muito grande à imanência do sistema linguístico, considerando a ação de fenômenos sociais ou históricos apenas como um acelerador da deriva. Adicionalmente, o fato de a coda silábica ser uma posição frágil, sujeita a simplificações, não é em si uma razão que explique o porquê de a variação nos sistemas flexionais e em outras palavras em que ocorre /S/ pós-vocálico acontecer de forma diferente conforme a língua em questão.

7.4.2 O apagamento de <S>

Encarado aqui como a etapa mais radical do processo de enfraquecimento de <S> em coda silábica, o apagamento de <S> provoca uma reestruturação no molde silábico da palavra atingida pelo fenômeno, que deixa de ter, nos termos de Selkirk (1982 apud Collischonn, 2005), uma rima ramificada (pesada) e passa a ter uma rima não-ramificada (leve). O resultado disso é que, foneticamente, uma sílaba que antes tinha o padrão CVC passa a ter um padrão CV, que é mais geral. No caso da língua portuguesa, a eliminação da coda mediante o apagamento de <S> adapta a palavra em jogo à estrutura silábica mais frequente na língua, em que a vogal nuclear fica livre.

Na literatura que trata dos aspectos linguísticos resultantes do contato entre línguas é comum a referência de que a simplificação da coda silábica é a marca fonética mais evidente de processos de crioulização. Guy (2005, p. 20), por exemplo, lembra que na fonologia das línguas que passaram por um processo de crioulização “parece haver

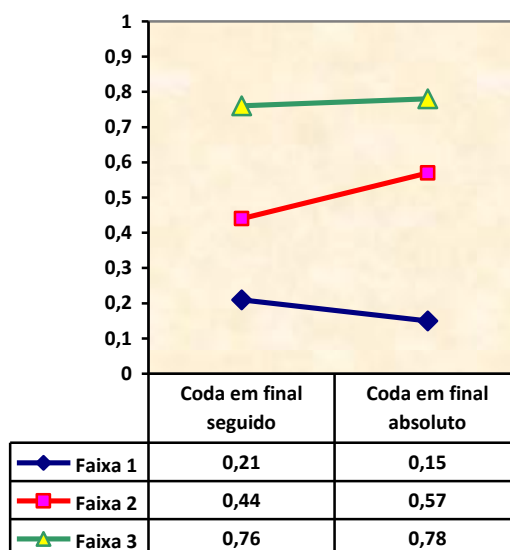
uma tendência geral na direção da simplificação ou eliminação das codas das sílabas, isto é, uma tendência na direção de estrutura silábica do tipo CV”.

No caso do português do Brasil, essa simplificação é uma via por onde passam vários fenômenos de variação envolvendo não só o /S/ pós-vocálico, mas também o /r/ e o /l/ finais e a desnasalização de vogais. No entanto, é importante dizer, um aspecto central das questões acerca das origens do português brasileiro é que esses e diversos outros fenômenos morfossintáticos comumente apontados como gerais em línguas crioulas não são exclusivos de processos de criouliização, o que impede que sejam feitas afirmações categóricas de que os processos acima arrolados são resultantes de uma história crioula do português, por exemplo. Apesar disso, é possível dizer que a análise da intensidade desses processos em dialetos populares, vinculada ao princípio teórico de que estruturas linguísticas não são constituídas num vácuo social (por mais que processos mentais ou biológicos guiem sua aquisição/construção), pode revelar indícios de um processo pretérito de formação dialetal marcado por efeitos do contato linguístico.

Nesse sentido, considerando a proposta de Lucchesi (2000) acerca dos resultados do processo de transmissão linguística irregular para o português do Brasil, desenhados com mais nitidez no português falado por comunidades afro-brasileiras, vale a pena considerar se o quadro atual de variação de <S> em Helvécia poderia ser considerado análogo ao quadro apresentado pela comunidade no âmbito da morfossintaxe. Para isso, considere-se o que mostra o *Gráfico 7*.

GRÁFICO 7

A variante zero de <S> em Helvécia segundo o fator faixa etária



Nitidamente, os resultados exibidos no *Gráfico 7* reforçam o quadro até aqui apresentado: em Helvécia, há um progressivo abandono das variantes mais características do português popular (aqui representadas pela variante zero) – em direção a modelos historicamente mais representativos dos falares da norma culta. No quadro, isso é demonstrado pelo fato de que a faixa 1 desfavorece bastante – especialmente quando a consoante está em final absoluto – o uso da variante mais marcada do PPB, o zero fonético. A forma de prestígio começa a se implementar pela faixa etária 2. Esse quadro encontra paralelo com o que Baxter; Lucchesi (1997, p. 81), com base em Labov (2008 [1972]), chamaram de influência de cima para baixo nas variedades populares do português brasileiro, já que

o crescimento da influência sócio-econômica e cultural dos grandes centros urbanos do país, devido à constituição da malha rodoviária e da ação dos meios de comunicação de massa, teve por consequência natural a propagação dos padrões linguísticos da norma urbana culta, neutralizando as marcas mais radicais da gramática dos segmentos vernaculares.

Lucchesi (2000, p. 121), considerando as implicações linguísticas do processo de transmissão linguística irregular afirma que duas etapas estão envolvidas na formação de variedades que passaram por um processo de transmissão linguística irregular do tipo leve, como o português do Brasil:

- (i) Fase inicial: variação, mais ou menos intensa, no uso dos mecanismos gramaticais, sendo mais rara a eliminação desses mecanismos; opacidade relativa nos estímulos-gatilhos que possibilitam a aquisição de valores diferenciados nos parâmetros sintáticos;
- (ii) Fases seguintes: manutenção do quadro de variação, em que se observa a concorrência entre as formas gramaticais reintroduzidas a partir da influência da língua alvo e potenciais processos de gramaticalização que emergem na heterogeneidade da fala; variação nas frequências de uso dos parâmetros sintáticos. (LUCCHESI, 2000, p. 121).

Avançando no seu raciocínio, Lucchesi (2000) destaca os cenários que poderiam resultar dessas fases do processo de transmissão linguística irregular:

- (i) Eliminação de certos dispositivos gramaticais mais abstratos e de uso restrito da língua alvo;
- (ii) recomposição da estrutura gramatical da língua alvo, eliminando a variação ou reduzindo-a a uma pequena escala;
- (iii) manutenção da variação no esquema presença/ausência do dispositivo gramatical da língua alvo;
- (iv) manutenção da variação no uso do dispositivo gramatical dentro de um esquema de variável ternária com a variante da língua alvo, uma variante oriunda de um processo original de reestruturação da gramática e a variante zero.
- (v) alteração nas frequências de uso relativamente à marcação de determinados parâmetros sintáticos. (LUCCHESI, 2000, p 123).

Diante disso, cabe perguntar se haveria espaço nesse cenário para inclusão de fenômenos de ordem fonético-fonológica, tal como a variação de <S> em coda silábica. Evidentemente que o estudo que aqui se faz não permite uma resposta categórica e suficientemente bem fundamentada a uma questão tão difícil. No entanto, uma hipótese a esse respeito será aqui levantada, com o fim de ser melhor estudada em investigações posteriores e de maior alcance. Com esse objetivo, a seção que segue é uma tentativa de relacionar o que foi visto até aqui a alguns aspectos da aquisição de fricativas em coda silábica no português brasileiro.

7.4.3 A variação em Helvécia e a aquisição fonológica com base em modelos multirrepresentacionais

O quadro de variação fônica apresentado até aqui para Helvécia permite estabelecer um paralelo entre o que Baxter; Lucchesi (1997) e Lucchesi (2000 e 2001) propõem para explicar as tendências de mudança da comunidade, que está se dirigindo para a aquisição de estruturas da norma culta. Um problema, entretanto, diz respeito a como enquadrar os dados apresentados – especialmente quanto aos processos de enfraquecimento – no esquema analítico da transmissão linguística irregular. Embora, conforme dito antes, o presente estudo não tenha fundamentos para formalizar isso de maneira mais consistente e profunda, considera-se que os achados de recentes propostas no campo da aquisição fonológica permitem formular uma hipótese que relacione os dados da variação de <S> de em Helvécia aos efeitos da transmissão linguística irregular.

Um ponto de partida para isso pode ser encontrado em pesquisas de aquisição fonológica de cunho não estruturalista. Na *seção 2.3 (Capítulo 2)*, foram apresentados os fundamentos gerais de modelos de aquisição que assumem uma perspectiva multirrepresentacional com base nas propostas de Le Calvez; Peperkamp; Dupoux (2007) e no que discutiram Silva; Gomes (2007). Além disso, foram resenhados trabalhos que trataram, por essa ótica, da aquisição das fricativas em coda silábica no português brasileiro.

Considerando os resultados encontrados por Matzenauer; Miranda (2008) e por Benayon; Gomes (2009) para a aquisição dos padrões de variação de consoantes fricativas em coda silábica em dialetos do português brasileiro, parece plausível levantar a hipótese de que, em contextos em que a L1 a ser adquirida é resultante da aquisição imperfeita de L2, os contextos em que a alofonia – é menos previsível (para usar as palavras dos autores) serão os mais afetados – o que equivale dizer que onde as regras de alofonia são menos nítidas para as crianças que adquirem L1, maior será a intensidade dos processos de variação e, conseqüentemente, de processos de enfraquecimento. Assim, enquanto em coda interna, por exemplo, essas pesquisas verificaram que a fixação de um modelo de realização é mais facilmente estabilizada, justamente pelas informações adicionais e as restrições mais claras que o contexto fornece, as demais posições serão mais propícias a sofrer alterações e apresentar

flutuações – aí é que os processos de enfraquecimento, principalmente o apagamento, podem se generalizar.

Com base nisso, num quadro de aquisição em que a transmissão de dados da L1 são passados pelos pais, falantes de L1, aos seus filhos, não é incorreto esperar que os moldes fonotáticos (*templates*, na terminologia de Vihman; Croft apud Silva e Gomes, 2007) em questão e os parâmetros distribucionais de <S>, por exemplo, sejam mais estáveis e mais facilmente derivados a partir dos dados linguísticos primários fornecidos pelos pais da criança. No caso de Helvécia, a considerar o quadro de aquisição precária de português L2 pelos escravos, tal como caracterizado em Lucchesi (2000), é possível imaginar que a estabilização desses moldes (tanto pelos escravos africanos quanto por seus descendentes), que seriam resultantes das abstrações da fala adulta disponível, seria comprometida pela pouca quantidade de dados, pela grande interferência de padrões fonológicos concorrentes, típicos das situações de contato, e mesmo pela falta de orientação normativa que acompanha todo o processo de desenvolvimento da proficiência em uma língua. Ou seja, os parâmetros referentes à organização distribucional dos segmentos ficam opacos, o que pode variar conforme a intensidade do contato linguístico, o acesso dos adultos falantes de L2 à língua-alvo, o nível de miscigenação *etc* – justamente os fatores que interferem na intensidade dos processos de transmissão linguística irregular, apontados por Lucchesi (2000).

Assim, seguindo o que propõem Silva; Gomes (2007) e admitindo que os moldes léxico-fonéticos servirão para a aquisição de parâmetros específicos da gramática de uma língua pela criança, é possível considerar que as circunstâncias em que o *input* fornecido para a dedução desses *templates* podem ter uma implicação direta na constituição da gramática da comunidade de fala no âmbito fonológico.

A ser verdadeira a proposição de Silva; Gomes (2007) de que o molde lexical é a unidade primária de representação fonológica e as categorias segmentais individuais são derivadas dela, a relativa “homogeneidade” dos dados que servirão de *input* para as crianças é que garantiria uma maior proximidade entre os padrões fonológicos da língua que serve de *input* e o sistema que está sendo adquirido. Em casos em que esse *input* é altamente fragmentário, como nas situações de contato, é de se esperar que certas unidades fonológicas sejam bastante afetadas, sobretudo se elas são unidades pouco marcadas ou pouco consistentes na língua-alvo, como a coda silábica.

Considerando também os resultados que Benayon; Gomes (2009) encontraram para a aquisição das fricativas, já se pode considerar que, nesses termos, parece ser

coerente a ideia de que a “sobrevivência” das palatais em Helvécia apenas na coda interna pode ser resultante justamente do fato de que nessas posições elas são mais propícias à aquisição, tornando-se mais estáveis mais rapidamente e se tornando mais resistentes às alterações que não estejam dentro do esquema mais básico da alofonia. Assim, num contexto de contato, em que a língua-alvo era o português, o modelo mais representativo de fricativas em coda e, portanto, o mais fácil de se generalizar – ou formar os *templates* fono-lexicais – seria a realização palatal, admitindo ser essa variante a mais geral entre os falantes de língua portuguesa na colônia.

Os resultados dos estudos acima focalizados podem ser tomados, pois, para pensar o quadro de variação de <S> encontrado em Helvécia. Como se pôde observar nos gráficos mostrados anteriormente, as posições de coda final são as que se revelam mais propensas às mudanças porque passa a comunidade de fala: é na coda final que os processos de aspiração e apagamento se intensificam. Foi visto também que a implementação da mudança também acontece pelas codas em posição final, já que a coda interna é mais resistente.

Num quadro de aquisição marcado por processos de transmissão linguística irregular do tipo leve, que, como propõe Lucchesi (2000, p. 121) seria o mais representativo do que ocorreu em Helvécia, um efeito é a “variação mais ou menos intensa no uso de mecanismos gramaticais e a opacidade relativa nos estímulos-gatilhos que possibilitam a aquisição de valores diferenciados nos parâmetros sintáticos”.

Do ponto de vista fonológico, considerando o papel das frequências e das informações distribucionais, tanto por meio de estratégias *bottom-up* quanto *top-down*, para a aquisição e levando em conta que os processos de contato linguístico (tal como os observados em Helvécia) afetam a configuração e estabilização dos *templates*, propõe-se aqui que o **processo de transmissão linguística irregular conduziria à redução do quadro de informações sobre as restrições fonotáticas da língua-alvo para a configuração da coda silábica, por exemplo** – isso é o que está na base do aumento da intensidade da variação em coda, por exemplo, e explicaria as altas taxas de apagamento, sobretudo, encontradas em Helvécia.

No caso de <S> em língua portuguesa, a concretização da variável, envolveria, para a gramática da norma culta, a realização alveolar e a palatal (surdas ou sonoras conforme o ambiente). Uma vez que a estrutura da sílaba em português envolve uma ampla gama de configurações e os modelos fornecidos para aquisição de L2 pelos escravos não eram tão nítidos, pode-se imaginar que as informações para a constituição

das restrições fonotáticas da coda silábica vão dificultar a escolha/aquisição daqueles segmentos que são mais representativos da língua-alvo. Assim, se, em princípio, as variantes de <S> a serem adquiridas eram [s, z] e [ʃ, ʒ], esse quadro de alofones – para usar a expressão clássica – sofrerá um alargamento com inclusão de [h, h̃] e ø, decorrente de diversos fatores, como a interferência de elementos das gramáticas que estão em competição no cenário da aquisição e a dificuldade de acesso aos modelos do sistema alvo, além de processos fonológicos que, nessa situação, encontram espaço para se intensificarem.

Logicamente que a inclusão de [h] e ø no rol de variantes de <S>, não é exclusiva de Helvécia e, no caso da aspiração, especificamente, já que há autores que a veem mais como fruto de um processo difusionista (por exemplo, Auler, 1992 e Roncarati, 1999). Na verdade, muitos dos fenômenos variáveis do PPB são encontrados em variedades que não têm uma história de contato entre línguas e isso é utilizado muitas vezes como argumento em favor das hipóteses imanentistas (RÉVAH, 1963; NARO; SCHERRE, 1993 e 2007). No entanto, é a intensidade desses processos e o amplo quadro de variação em comunidades de fala marcadas pelo contato entre línguas que pode ser resultante de processos como a transmissão linguística irregular.

Como se viu, em Helvécia, os índices de aspiração e apagamento são tão altos que, juntos, representam quase metade de todas as ocorrências do *corpus*. Dessas ocorrências, que, juntas, somaram 969, apenas 217 (22, 61%) acontecem em coda interna, e acrescente-se que só o vocábulo *mesmo* foi responsável por 164 aspirações de <S>. No caso do apagamento, sua ocorrência foi quase exclusivamente na posição final. Esses dados levam a considerar que a intensidade dos processos de enfraquecimento que a coda silábica, mormente a final, sofre, em Helvécia, não pode ser devida ao acaso; não pode ser decorrente de uma tendência do sistema a apagar consoantes finais, sem que aspectos sociolinguísticos tenham nenhuma influência direta.

A esse respeito, cabe uma última consideração sobre o que propuseram Naro; Scherre (1993). Para os autores, o processo de apagamento de <S> no português do Brasil pode ter tido início no português dialetal da Europa, que estaria dando continuidade a uma deriva pré-românica. Com isso, os autores supõem que fenômenos fonético-fonológicos podem ter sido o “impulso inicial do processo de perda de concordância nominal” (p. 444). Entre os fatos arrolados pelos autores (que, note-se,

admitem serem raros os registros de ausência de /S/ final no português europeu), para sustentar essa suposição, estão:

- a menção de Leite de Vasconcellos de que /S/ era enfraquecido diante de consoante surda e no final de palavras no Centro e no Norte de Portugal; era frequentemente trocado por /r/ em sílabas átonas diante de uma consoante sonora em Estremadura;
- nos dialetos itálicos pré-românicos e na “escrita latina primitiva”, a omissão da consoante é frequente (p. 443);
- ocorria a variação no latim clássico, o que autorizaria considerar que no latim vulgar isso seria ainda mais intenso – aqui cabe a observação de que é, no mínimo, curioso que os reflexos disso no português de Portugal tenham sido tão pequenos;
- no francês a indicação do plural se faz através dos artigos, dos possessivos, dos números, dos demonstrativos e de outros elementos da porção inicial do sintagma. “Estas mesmas características de localização de marca de plural no início do sintagma nominal também se encontram em diversos pidgins e crioulos, bem como em algumas línguas africanas” (p. 443).

Uma argumentação bem geral (além de vários outros de natureza morfossintática) utilizada por Lucchesi (2000) para contestar a hipótese de Naro; Scherre (1993), que situam na fonologia a origem para os processos de variação na concordância do português brasileiro, é a de que a base empírica utilizada por eles é muito limitada, já que a variação encontrada, para falantes de origem rural do português europeu, não chega a 1% dos casos estudados.

Outro contra-argumento, também de cunho geral, pode ser encontrado no fato de que o desenvolvimento do quadro variável em questão pode ter acontecido independentemente nos dois sistemas, sem que se tenha que postular a continuação do embrionário apagamento <S> como fonte do que se observa hoje no português do Brasil.

Se se levam em conta as proposições dos modelos de aquisição fonológica que foram apresentados aqui, pode-se acrescentar outro contra-argumento ao que propõem Naro; Scherre (1993). Inicialmente, deve-se considerar que, em *gosto*, *lápiz*, *mês* e *Deus*, por exemplo, o fonema /S/ tem um *status* diferente de /S/ (morfema de plural) em

as meninas, livros e aquelas bolas, por exemplo. Enquanto nos primeiros exemplos a coda silábica é ocupada por um elemento que fornece informações apenas sobre a configuração da sílaba, no segundo grupo de exemplos, /S/ carrega também uma informação de cunho morfossintático; é propriamente um morfema, para usar a terminologia estruturalista – tanto que os fatores que condicionam o seu apagamento são diferentes dos que determinam o apagamento de <S> sem valor de plural, conforme observou Lucchesi (2009a).

Se se assume que informações distribucionais e representações de modelos lexicais fornecem dados para a aquisição fonológica, é possível enxergar a aquisição da estrutura silábica como sendo decorrente da informação passada por /S/ quando esse segmento apenas “diz” algo sobre suas restrições posicionais tanto na coda interna quanto na coda final, sem as informações ligadas ao sistema de flexão nominal. Ou seja: a criança deve ser capaz de mapear as “codas verdadeiras”, obrigatórias, aquelas em que os segmentos apenas integram a constituição da sílaba, das “codas eventuais”, aquelas que são feitas apenas quando se quer adicionar uma informação sintática, cuja fonte é a sintaxe e não a fonologia; “coincidentalmente” essa informação está também em um segmento como o /S/. Tanto é assim que, como se viu em Matzenauer; Miranda (2008) e em Benayon; Gomes (2009), a primeira posição em que a fricativa se estabiliza é a coda interna, justamente a que apresenta maior previsibilidade e as maiores restrições de ocorrência de <S>. Nesse sentido, as crianças seriam capazes de “descartar” do quadro de alofonia de /S/ para a sílaba em português, os casos em que a consoante tem valor de plural.

Nesse sentido, em palavras como *Deus, lápis, luz*, /S/ seria categorizado como um constituinte “nato” da estrutura da sílaba com rima ramificada, nada dizendo sobre a noção de plural, que estará centrada em outro recurso morfossintático (o acréscimo de um artigo no plural, por exemplo). Assim, o que se propõe é que, durante a constituição do molde silábico que gerará a coda, as informações de /S/ significando plural são descartadas, já que sua ocorrência não é governada pelas restrições posicionais de cunho fonológico. Como então explicar os fenômenos de enfraquecimento em um /S/ que carrega uma informação extra (o valor plural)? Como se viu, diversos processos fonológicos envolvendo a posição, a sonoridade, o ponto e o modo de articulação de segmentos acontecem em toda a cadeia fônica – e em português, a coda é um constituinte bastante sujeito a processos dessa natureza. Sendo assim, é possível considerar que, se um elemento oriundo da morfossintaxe entra nesse espaço, ele

também estará sujeito a esses processos, embora isso não seja obrigatório e não forneça moldes para outros processos fonológicos.

Desse modo, a origem do apagamento de marcas de plural não pode ser a coda silábica, mas mecanismos de ordem morfossintática, já que mesmo quando um processo de enfraquecimento atua no segmento que marca o plural em *o[h] menino*, gerando a aspiração de /S/ presente no artigo, esses mecanismos bloqueiam o apagamento, evitando a perda de informação sintática. Em outras palavras, se a origem da não aplicação da regra de concordância nominal estivesse nos processos que envolvem a coda silábica em português, o esquema presença *versus* ausência de <S> também seria aplicado com frequência ao elemento que encabeça o sintagma nominal. Não é isso, por razões lógicas, que os diversos estudos sobre a concordância têm apontado. Adicionalmente, pode-se pensar que, em função de as informações do sistema de flexão nominal serem muito abstratas, estando muito sujeitas aos processos da transmissão linguística irregular (LUCCHESI, 2000) e serem muito dependentes do tipo de *input* para se estabilizar, não é absurdo considerar que a dificuldade em captar essa informação sintática ocasione um processo de reanálise em que os falantes de L2 passem a apagar /S/ final sempre que ele ocorra em palavras cujo sintagma não apresente a marca de plural no elemento inicial do sintagma. Ou seja: o falante pode categorizar a informação de que, em fim de palavra, /S/ só deve aparecer quando estiver inequivocamente informando plural (no caso do português adquirido em situações de contato, seria nos elementos da posição inicial do sintagma artigo), o que o faria apagar /S/ em palavras como *Deus, luiz, lápis*, e naquelas que ganham /S/ plural, fazendo, pois, o percurso inverso ao que propõem Naro; Scherre (1993).

7.5 UM RESUMO DAS TENDÊNCIAS DE MUDANÇA LINGUÍSTICA EM TEMPO APARENTE EM HELVÉCIA

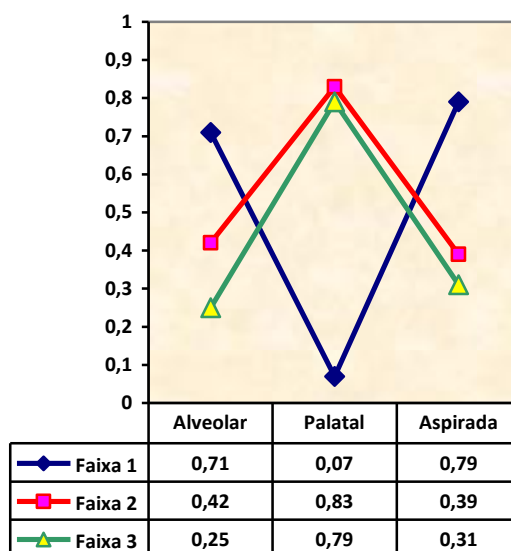
Nesta última seção, far-se-á uma síntese do quadro de variação apresentado em Helvécia, destacando-se as variantes conjuntamente conforme as posições em que elas ocorrem no *corpus*.

7.5.1 A coda interna

O *Gráfico 8* evidencia o uso das variantes ao longo de cada faixa etária.

GRÁFICO 8

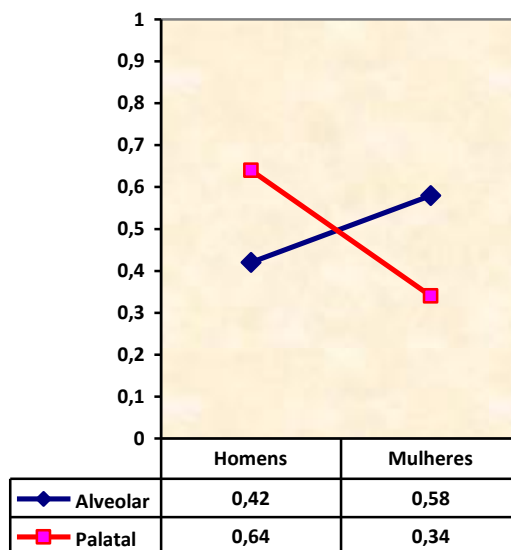
As variantes de <S> em *Helvécia* em coda interna segundo o **fator faixa etária**



Nesse Gráfico, se pode observar que a faixa 1 exibe um padrão oposto ao das outras duas faixas no que tange ao uso das variantes alveolar, palatal e aspirada em coda interna: os mais jovens utilizam basicamente a alveolar, ao passo que rejeitam a palatal, indo em direção à aquisição da marca padrão. Quando à aspiração, observa-se que, em coda interna, só mais recentemente ela se implementa na comunidade.

GRÁFICO 9

As variantes de <s> em **Helvécia em coda interna** segundo o **fator sexo**



Ainda em contexto interno, os dados referentes ao fator sexo mostram que homens e mulheres se opõem no uso de <S> alveolar e <S> palatal. Elas avançam em direção à norma alveolar, característica da grande área em que Helvécia está inserida; eles ainda conservam o uso de <S> palatal, a variante mais antiga no distrito.

Os dados em coda interna refletem o fato de esse contexto ser mais resistente aos processos de variação e ser o que se estabiliza antes no processo de aquisição, tanto que, em sua configuração geral, a variação em coda interna restringiu-se à regra mais básica de alofonia e distribuição posicional dos alofones de /S/ em coda – /S/ → [s, z] ou [ʃ, ʒ].

7.5.2 A coda em final de vocábulo

Os dados da variação de <S> em coda final mostram de forma mais evidente o quadro de mudança da comunidade em direção aos modelos da norma culta, se se considera que <S> alveolar é a variante que predomina nas áreas urbanas de maior influência econômica e cultural sobre Nova Viçosa e, conseqüentemente, sobre Helvécia. Os gráficos 10 e 11, abaixo, expressam isso.

GRÁFICO 10

As variantes de <S> em **Helvécia** em coda em final de vocábulo seguido de consoante segundo o fator **faixa etária**

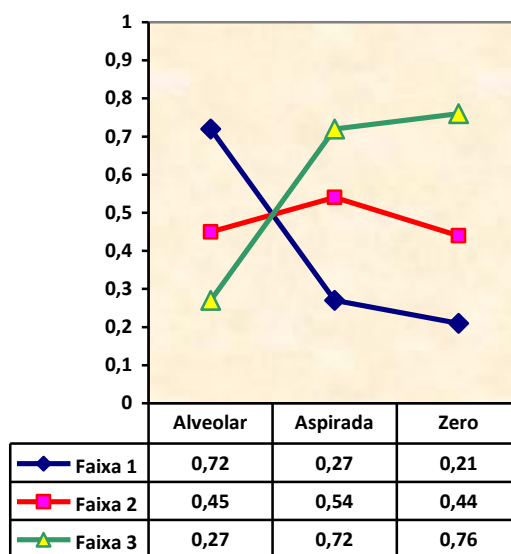
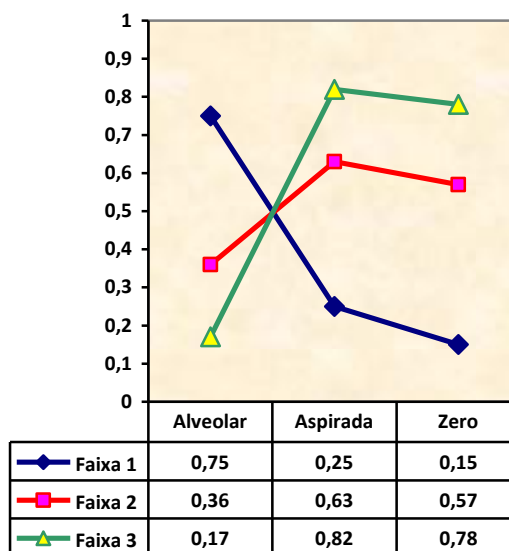


GRÁFICO 11

As variantes de <S> em **Helvécia** em coda em final absoluto de vocábulo segundo o fator **faixa etária**



Como mostram os gráficos, o uso dos falantes da faixa 1 apresenta um padrão descendente quando se consideram as variantes aspirada e zero. Os falantes da faixa 2 estão a meio caminho entre a faixa 1 e a 3, mas exibem uma tendência de uso que também se afasta da faixa 3, em que o emprego da variante zero é maior. Pode-se

observar ainda que a maior distancia entre as faixas 1 e 2 se dá na posição final absoluta, justamente a que é o contexto mais fraco e propício ao enfraquecimento e simplificação.

GRÁFICO 12

As variantes de <S> em **Helvécia em coda em final de vocábulo seguido** de consoante segundo o **fator sexo**

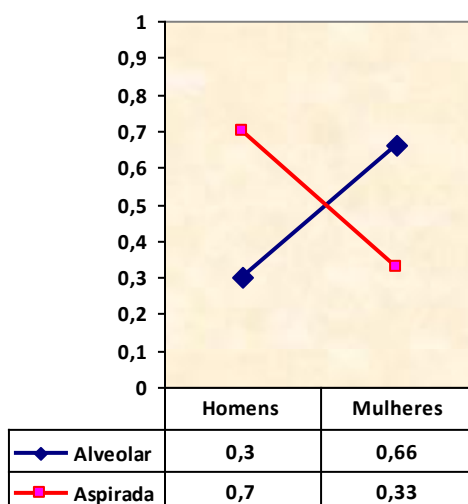
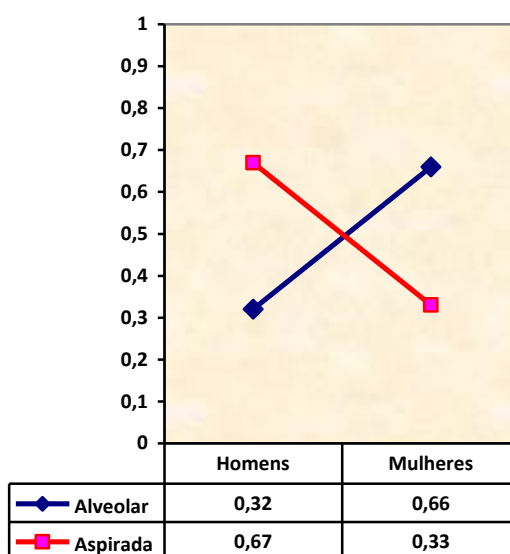


GRÁFICO 13

As variantes de <S> em **Helvécia em coda em final absoluto** de vocábulo segundo o **fator sexo**



No que tange ao fator sexo, o quadro de variação de <S> em coda em final de vocábulo seguido de consoante ou em final absoluto, mostra que o uso de homens e mulheres se opõe. As mulheres, nos dois contextos, apresentam predileção pela realização alveolar, ao passo que os homens são os grandes responsáveis pelo uso da variante aspirada. Importa lembrar que, no que tange à variante zero, o GOLDVARB não apontou ser relevante a distinção entre homens e mulheres. Uma vez que essa variante é, de fato, favorecida pelos informantes mais velhos da comunidade, que são os que estão mais próximos dos efeitos do processo de transmissão linguística irregular, o apagamento era geral entre homens e mulheres.

8 CONCLUSÃO

A análise apresentada neste estudo tentou compreender os padrões da variação de <S> em posição pós-vocálica no português falado em Helvécia e fornecer uma interpretação para o fenômeno considerando sua relação com o atual contexto social da comunidade e como o seu passado histórico, marcado pela escravidão e por um processo intenso de contato entre o português, as línguas maternas dos escravos africanos e as línguas dos imigrantes europeus que fundaram a antiga Colônia Leopoldina. Outro objetivo do trabalho era incluir os resultados da análise da variação fônica observada no debate sobre a constituição histórica do português brasileiro.

Partindo do princípio teórico de que a variação é um aspecto inerente às línguas e que ela é condicionada tanto por fatores internos ao próprio sistema linguístico quanto por fatores sociais, históricos, culturais e cognitivos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; LABOV, 1994; LABOV, 2010 [1994]), a principal hipótese previa que os aspectos sociais e históricos da comunidade de fala estudada se refletem na variação fônica em estudo. Sendo isso verdadeiro, outra tarefa da análise foi verificar até que ponto seria possível enquadrar os resultados encontrados em princípios da hipótese da transmissão linguística irregular, formalizada em Baxter; Lucchesi (1997) e Lucchesi (2000) e testada a partir de diversos aspectos da morfossintaxe do português falado por comunidades rurais afro-brasileiras.

Em termos gerais, viu-se que a variante que predomina atualmente em Helvécia é a alveolar, respondendo por quase 45% das ocorrências de <S>, seguida pela variante aspirada (22,37%), pela variante zero (18%) e pela variante palatal (14,79%). Um aspecto que sobressai nesses dados, é que as variantes [h] e \emptyset atingem um percentual que é muito próximo ao atingido pela variante majoritária: 40,47%. Esses números não encontram paralelo em nenhum outro dialeto do português brasileiro que não tenha história similar ao de Helvécia. Lucchesi (2009a, p. 104), por exemplo, estudou a variação de <S> no português popular de Salvador e encontrou 14% de ocorrências de [h] (incluindo os casos de <S> plural) e apenas 4% para \emptyset (sem as ocorrências de <S> plural). Nos casos aqui estudados, a aspiração e o apagamento afetam uma ampla lista de itens lexicais, incluindo substantivos comuns de uma ou duas sílabas e nomes próprios, geralmente apontados como mais resistentes a alterações desse tipo.

Do ponto de vista do encaixamento linguístico da variável, notou-se que a variante alveolar de <S> é sempre majoritária nas três posições analisadas (interior de vocábulo, final de vocábulo seguido de consoante e final absoluto de vocábulo), ao passo que a variante aspirada é mais frequente em final de vocábulo seguido de consoante e menos frequente em interior de vocábulo, contexto em que ela fica praticamente restrita ao vocábulo *mesmo*. As ocorrências da variante zero concentraram-se, sobretudo, em final absoluto de vocábulo. Apenas 3% dessas ocorrências, 24 casos, aconteceram em interior de vocábulo, todas no item *mesmo*. As palatais não foram observadas em final absoluto de vocábulo e só ocorreram 23 vezes em final de vocábulo seguido de consoante, ficando suas ocorrências restritas ao interior de vocábulo, quase que somente em contextos altamente favorecedores.

Quanto aos fatores linguísticos que influenciam a escolha de cada variante pela comunidade de fala, foi possível perceber que, para <S> alveolar, em interior de vocábulo e em final seguido de consoante, o contexto consonantal é o grande influenciador, em que têm maior papel as consoantes oclusivas labiais, as oclusivas velares, as fricativas labiodentais e a nasal labial. Em final absoluto, essa variante é tão geral que praticamente não há condicionamentos linguísticos para sua ocorrência. Para a aspiração de <S>, influenciam muito fortemente ambientes fônicos em que ocorrem consoantes seguintes africadas, nasais, laterais e alveolares e nos quais essas consoantes são sonoras. As vogais altas também parecem desempenhar algum papel para a aspiração de <S>. A variante zero, marca de posições finais e de contextos foneticamente fracos, é condicionada principalmente por ambientes em que a sílaba em que <S> está é átona e, quando é o caso, é seguida por uma consoante surda. A variante palatal, restrita, na análise variável, ao interior de vocábulo se apoia na consoante africada seguinte à variável, sobretudo se esta é surda.

Esses condicionamentos linguísticos revelam a propensão estrutural que ajuda a regular a variação de <S>. Assim, a escolha que o informante faz de cada variante, do ponto de vista linguístico, está associada, sobretudo, a tendências assimilatórias, em que o ambiente fônico aparece como o principal motivador. Ao lado disso também, viu-se que, do ponto de vista histórico, a predominância de cada variante em cada grupo etário é explicada pela interferência de parâmetros aquisicionais que governam a fixação dos padrões de variação das fricativas em coda silábica que atuaram em conjunto com circunstâncias que marcaram a transferência dos dados linguísticos primários de pai para filho. Os parâmetros de aquisição que foram levados em conta aqui são aqueles

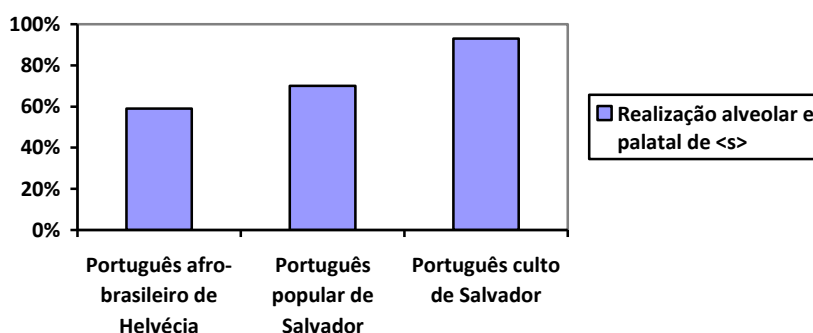
fornecidos por modelos multirrepresentacionais de aquisição, conforme propostos em Le Calvez; Peperkamp; Dupoux (2007), Silva; Gomes (2007), Matzenauer; Miranda (2008) e Benayon; Gomes (2009).

No que tange ao encaixamento social do quadro de variação de <S> em coda silábica, Helvécia, hoje, se aproxima dos modelos das normas cultas, já que os mais jovens são os que mais empregam a variante alveolar e rejeitam fortemente as variantes não-padrão. Esse movimento acompanha o que Mota (2002) verificou para falantes da norma culta de Salvador a partir da década de 90 do século passado, que recuperam a variante alveolar, invertendo a tendência que era predominante até meados dos anos 70. É um quadro que também se assemelha ao que Lucchesi (2009a) identificou para o português popular de Salvador, em que os mais jovens e as mulheres lideram o processo de implementação da forma padrão (<S> alveolar).

Uma maneira didática de visualizar o que acontece nessas três normas, do ponto de vista da realização <S>, considerando as duas formas que, no geral, gozam de maior prestígio entre falantes escolarizados do português brasileiro, pode ser vista no gráfico abaixo, que faz referência aos dados encontrados por Mota (1992, p. 160) e por Lucchesi (2009a, p. 88).

GRÁFICO 14

Taxas gerais de realização alveolar e palatal de <S> em três variedades do português brasileiro

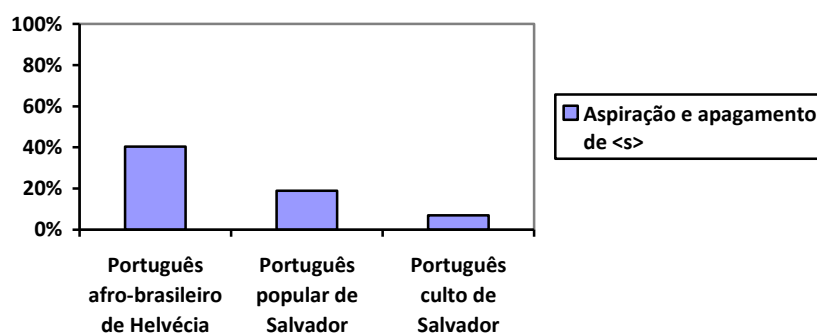


Levando-se em conta a relação histórica que o português popular de Salvador guarda com o português afro-brasileiro, vê-se que ambos parecem se aproximar do português culto no sentido de adquirir as marcas consideradas referência para a realização de <S>. Os percentuais representados no gráfico são, respectivamente, 59%, 70% e 93%.

Por outro lado, se Helvécia hoje se aproxima dos modelos da norma culta, numa situação de mudança sociolinguística de cima para baixo (LABOV, 2008 [1972]), a comunidade ainda exibe marcas não-padrão numa intensidade muito maior do que a exibida em outros dialetos populares, conforme resenhado no *Capítulo 3*. Uma comparação com outros dialetos dá a noção do quanto, em termos de frequência, aspiração e apagamento de <S>, juntos, representa para cada norma:

GRÁFICO 15

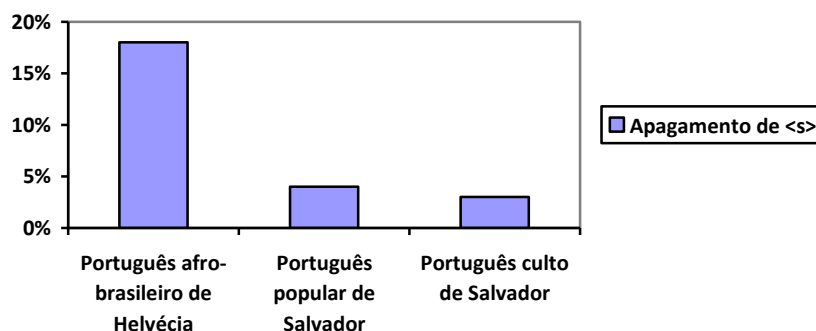
Taxas gerais de aspiração e apagamento de <S> em três variedades do português brasileiro



Como se vê a tendência inversa à apresentada no *Gráfico 14* ocorre: no que tange às realizações não-padrão de <S>, como esperado, o português culto se distancia fortemente dos demais, com apenas 7% de ocorrências, ao passo que no português popular de Salvador elas atingem 19% e, em Helvécia, os dados somam 40,37%. Se se observa o apagamento isoladamente, a distância entre Helvécia e os demais dialetos é ainda mais radical, já que o distrito exibe 18% de apagamento, ao passo que o português popular de Salvador exibe 4% e a norma culta dessa cidade exibe 3% (leve-se em conta que, neste último caso, o percentual inclui ocorrências de <S> plural, que não entram na conta dos percentuais das outras duas normas).

GRÁFICO 16

Taxas gerais de apagamento de <S> em três variedades do português brasileiro



Como se disse antes, mais do que simplesmente a frequência, é a qualidade desses processos que dá a Helvécia uma condição diferenciada no âmbito da variação de <S>, já que eles, em altas taxas, afetam todo tipo de item lexical (mesmo os considerados mais resistentes, como os monossilábicos e os nomes próprios), independentemente do condicionamento linguístico que antecede a variável <S> e são bastante generalizados entre os falantes com mais de 60 anos na comunidade.

Como pôde ser visto no capítulo anterior, a “ida” da comunidade em direção aos modelos da norma culta está representada no avanço das alveolares, sobretudo entre os jovens e as mulheres. Socialmente isso está em consonância com o novo contexto de rearranjos familiares e novas formas de sobrevivência dentro da nova lógica que governa as relações sociais, econômicas e culturais em que Helvécia agora se insere, decorrente da implantação, desde a década de 1980, da eucaliptocultura.

Como mostrou Gomes (2009), a instalação das empresas ligadas à produção de celulose acabou empurrando para a periferia de Nova Viçosa, ou para outras cidades, antigos donos de terras de Helvécia. Sem terra para plantar e sem condições de ingressar nos postos mais rentáveis da eucaliptocultura, já que, ainda sofrendo os efeitos da escravidão de seus antepassados e historicamente alijados de bens culturais hoje considerados básicos, como a escolarização, restou a muitos dos homens de Helvécia os postos precários na lavoura do eucalipto (ou a saída em busca de novas formas de ganhar a vida). Às mulheres, que não mais possuíam suas terras para o cultivo, impedidas de atuar na eucaliptocultura, a alternativa básica foi a atuação como empregadas domésticas, muitas vezes em cidades como Belo Horizonte e Vitória do Espírito Santo. Aos moradores que ainda possuíam suas terras, a comercialização de

excedentes do plantio na feira de Teixeira de Freitas e, eventualmente, o arrendamento de suas terras para as empresas de celulose se tornaram as novas formas de sobrevivência. Esse novo contexto, que resultou numa rede de interação maior entre Helvécia e falantes de outras cidades da região, juntamente com um acesso maior a rádio e televisão, são os outros condicionantes da preferência atual do distrito pela norma alveolar.

Considerando os resultados do uso das variantes não-padrão, ficou demonstrado que esses processos de enfraquecimento e apagamento de <S> – e sobretudo este último – são intensos entre as faixas 2 e 3 (e nesta muito mais) e, ao que tudo indica, teriam sido ainda mais radicais no passado, quando a comunidade estava submetida ao obscuro regime de escravidão e, devido às circunstâncias impostas por tal evento histórico, estava mergulhada numa situação de intenso contato entre línguas, ao tempo em que a aquisição da língua portuguesa era marcada pela precariedade do acesso aos dados dessa língua.

Nesse quadro, os escravos africanos, obrigados a aprender – em condições aviltantes – uma língua e um conjunto de referências culturais estranhas à sua constituição sócio-biológica, foram os maiores responsáveis por transmitir os dados linguísticos primários para a aquisição de L1, a língua portuguesa no modo como conseguiram aprender, aos seus descendentes. Baxter; Lucchesi (1997) e Lucchesi (2000) designam esse processo de transmissão linguística irregular, já que falantes (nada fluentes) de L2 transmitem, do jeito que podem, essa língua como modelo L1 para seus filhos. Os autores consideram que esse foi o processo que marcou a constituição das variedades populares do português do Brasil, especialmente das que, como Helvécia, passaram por situações de escravidão.

A análise empreendida mostrou ainda que, pelo menos em relação ao apagamento de <S>, é possível associar, em alguma medida, o quadro visto em Helvécia ao esquema analítico da transmissão linguística irregular, na medida em que, no campo da aquisição de <S>, é possível imaginar que, em Helvécia, a estabilização dos modelos de realização das fricativas em coda silábica (resultante das abstrações da fala adulta disponível naquele momento histórico) tanto pelos escravos africanos quanto por seus descendentes, seria comprometida pela pouca quantidade de dados, pela grande interferência de padrões fonológicos que estavam em concorrência, típicos das situações de contato entre línguas, e pela falta de orientação normativa que geralmente acompanha todo o processo de desenvolvimento da proficiência em uma língua em

situações consideradas normais ou em contextos escolares. Ou seja, do ponto vista da aquisição, os parâmetros referentes à organização distribucional dos segmentos-modelo (<S> palatal, basicamente) que podiam ocupar a coda silábica no português de Helvécia eram opacos (o que pode variar conforme a intensidade do contato linguístico, o acesso dos adultos falantes L2 à língua-alvo, o nível de miscigenação etc), o que gerou uma repercussão na formação da estrutura silábica, expressa no quadro de variação apresentado nos capítulos anteriores.

A essa altura, é importante ressaltar algumas limitações que a análise empreendida neste trabalho apresenta e apontar alguns rumos que a investigação pode tomar. Em primeiro lugar, este é um estudo que se debruçou, tanto por opção quanto pela exequibilidade decorrente do tempo para o término da pesquisa, apenas sobre um dos segmentos que podem ocupar a coda silábica em português, não estabelecendo um paralelo entre os dados de <S> e os resultados dos outros elementos que podem aparecer em posição pós-vocálica no português do Brasil. Em segundo lugar, o estudo diz respeito apenas a uma comunidade de fala do português afro-brasileiro, o que pode limitar a abrangência da interpretação fornecida, já que a base de dados não é grande, embora se considere que esses resultados são análogos aos que marcam outras comunidades com história similar à de Helvécia. Finalmente, uma vez que o estudo propõe um ingresso no debate da constituição histórica do português do Brasil, cujas polêmicas têm na base uma possível história crioula do português, uma investigação mais consistente incluiria a comparação com sistemas fonológicos de línguas crioulas de base portuguesa ou mesmo com o português falado em países do continente africano, o que não se perseguiu aqui.

Os limites acima mencionados representam também os passos seguintes que esta investigação, de certa forma inicial, terá que tomar para ampliar as bases do conhecimento sobre processos fonético-fonológicos que podem estar mais diretamente relacionados com o generalizado e intenso contato entre línguas que marcou a constituição e a difusão da língua portuguesa no território brasileiro.

Finalmente, uma última reflexão mais geral se impõe. Ela diz respeito aos reflexos no campo escolar dos efeitos linguísticos do processo de constituição histórica do português brasileiro, dos quais a variação fônica estudada neste trabalho é somente um pequeno exemplo. Embora não tenha sido a proposta deste trabalho fazer uma discussão sobre as repercussões pedagógicas da variação linguística, esse tema merece alguma referência, já que alguns fenômenos que ocorrem na coda silábica são objeto de

trabalho na escola; como é o caso do apagamento dos róticos (COSTA, 2010), a vocalização da lateral (TASCA, 2002) e o próprio apagamento de <S>, principalmente quando este tem valor de plural – e essa já é uma polêmica clássica da escola brasileira, já que aí entra em jogo o fenômeno da concordância, que é fruto de julgamentos sociais explícitos, não raro discriminatórios.

Num artigo intitulado *Variação, mudança e norma (movimentos no interior do português brasileiro)*, Mattos; Silva (1996, p. 42) fez a observação de que cada vez mais a criança brasileira no processo de aquisição da língua portuguesa estará exposta a uma gramática inovadora em relação ao português padrão e cada vez mais será difícil à escola interferir e implementar o uso de variantes conservadoras. A observação de Mattos e Silva põe em evidência um dado com o qual, cada vez mais intensamente, professores de língua portuguesa, sobretudo em escolas públicas, entram em contato: a dificuldade dos alunos em utilizar, mesmo em eventos de forte letramento, a norma linguística da escola. Essa dificuldade se apresenta de maneira muito evidente quando o aluno se expressa oralmente e no momento em que ele é solicitado a produzir um texto escrito. Ainda que possa parecer estranho, essa situação hoje já faz parte do cotidiano dos cursos universitários, mesmo entre os alunos de Letras. É cada vez mais comum, nos textos de estudantes de Letras – futuros professores de língua portuguesa –, desvios à norma-padrão que, se bem analisados, são indicadores da penetração, ainda que fragmentária, em virtude do alto grau de monitoração por que passa o texto escrito, de marcas de um vernáculo que claramente se distancia daquilo que a tradição escolar tenta preservar, sobretudo no campo da sintaxe de concordância e regência e na utilização de pronomes clíticos.

Para alguns professores, a situação acima apresentada é apenas reflexo das deficiências do sistema educacional do país; para os de postura mais normativista, a situação é muitas vezes um claro indício da displicência dos educandos em relação ao que a escola tem para ensinar, em termos gerais, e em relação ao “bom” uso da língua portuguesa, em particular. Acrescente-se a isso que, nos últimos anos, diversas políticas de reparação social têm dado condição de ingresso à universidade a segmentos historicamente marginalizados do sistema educacional brasileiro. Se, por um lado, essas políticas representam uma conquista muito grande, especialmente para os afrodescendentes, e um avanço importante na luta contra o preconceito racial que ainda impera no Brasil, por outro, o efeito, do ponto de vista linguístico, é colocar nos bancos da universidade normas conflitantes com o padrão cultuado na academia.

A partir do que a sociolinguística brasileira tem produzido nos últimos anos (consulte, por exemplo, Bagno (2000, 2011); Bagno, Stubbs; Gagné (2002); Bortoni-Ricardo (2004, 2005 e 2011); Faraco (2008), Mattos e Silva (1996, 2005, 2006); Santos (2006) e tantos outros) e das análises desenvolvidas neste trabalho, é importante considerar a importância de fatores historicamente mais remotos, relacionados ao processo de implantação e difusão da língua portuguesa no Brasil, como elementos cuja relevância não deve ser desprezada se se pretende entender o atual “embate” de normas presentes na nossa realidade escolar.

Um passo metodológico importante que a escola brasileira precisa dar no que tange ao direcionamento pedagógico do ensino de língua portuguesa deve estar voltado para compreensão da realidade brasileira como sendo pluridialeto e diretamente resultante da formação sócio-histórica da língua portuguesa falada no Brasil, que determinou as características sociolinguísticas da clientela que passou a frequentar as cadeiras escolares, sobretudo com a democratização da escola e até mesmo com o recrutamento cada vez mais amplo e menos seletivo de professores (SOARES, 2002).

Esse passo, no ideal, mais do que aceitar teoricamente a existência da variação linguística, implica um posicionamento por parte de gestores e professores sobre o conhecimento da realidade social e histórica da clientela escolar e de suas repercussões nas normas linguísticas – só assim, um trabalho realmente inclusivo e eficaz no que tange à consecução dos objetivos oficiais do ensino de língua portuguesa será possível.

Dessa forma, pode-se assumir que os problemas relativos ao ensino de língua portuguesa na escola pública – para onde vão as massas herdeiras da massa escravizada no Brasil de outrora – se relacionam diretamente com o fato de que a clientela que ocupa os bancos escolares tem em seu vernáculo a herança de uma situação sociocultural que determinou seu impedimento aos bens culturais – entre os quais a língua em seu uso prestigiado – usufruídos pelas camadas dominantes.

Tal imposição se configurou por várias proibições impostas aos afrodescendentes: a de frequentar a escola, a de assumir cargos e profissões de prestígio, a de frequentar como participantes os ambientes em que certos fazeres culturais como as artes eram cultivados etc. E isso teve várias consequências para esse segmento étnico, tanto do ponto de vista linguístico quanto sociocultural, já que,

Particularmente no Brasil, a partir da desagregação do regime escravocrata, a sociedade passa a cobrar do negro o fato de ele não se ter preparado para as novas formas de trabalho que se foram definindo, ao longo da história, pelas

formas hierárquicas e autoritárias que permaneceram após a escravidão (Carvalho, 1998, 79). Este foi o alto preço que o negro teve de pagar por ter sido libertado dos antigos senhores e não [ter sido] assumido pelo capitalismo emergente e pela modalidade do trabalho livre implantada no país. Visto muitas vezes como selvagem embrutecido e como dotado de raciocínio curto, o negro entra na era pós-abolicionista para ocupar oportunidades residuais e ocupações degradantes e mal remuneradas. Livre de escravidão, mas vitimado por intensa pobreza e preconceitos e não protegido por qualquer política de integração à sociedade, ficou à margem dos projetos de identidade nacional ou neles só pôde figurar enquanto força de trabalho, que sustenta a mesma ordem que o exclui. (FONSECA, 2000, p. 89).

Embora as reflexões da autora estejam vinculadas a uma interpretação histórica e social da situação dos afro-brasileiros, não é demais dizer que tal situação está diretamente relacionada à forma com que esse grupo teve acesso à aprendizagem da língua portuguesa.

Como Mattos e Silva (2004) destacou e como a análise de um fenômeno particular nesta tese permitiu ver, a população negra e mulata que se multiplicou e se tornou majoritária e também responsável pela própria expansão da língua portuguesa no território brasileiro, herdou de seus pais escravizados uma variante da língua portuguesa aprendida de oitiva e sem controle escolar, resultante de um acesso precário e que determinaria mais tarde as características do português popular brasileiro.

Tais condições podem ser tomadas como causa para uma situação que é paralela à apontada por Fonseca e, ao mesmo tempo, explica o porquê de o negro, como destacou Fonseca (2000) não ter se preparado para as novas formas de trabalho e daí passar a ocupar oportunidades residuais e ocupações degradantes e mal remuneradas, por exemplo. Em outras palavras: as altas taxas de evasão e repetência escolar da escola brasileira são encontradas exatamente na população de menor poder aquisitivo, que é, não por acaso, a população afrodescendente – e isso se relaciona diretamente aos usos da linguagem; ou seja, como os alunos desse grupo adquiriram em seu cotidiano uma norma que apresenta traços bem marcados e divergentes em relação à norma-padrão (empregada quase que exclusivamente nos eventos de letramento no contexto escolar) terão sérias dificuldades em se adequar aos usos exigidos pelo sistema escolar, uma vez que esses se configuram como bem distantes das práticas culturais que lhes são cotidianas, que muitas vezes não são tolerados no ambiente escolar e na sociedade em geral.

Portanto, além da situação de heterogeneidade dialetal presente no ambiente escolar frequentado por aqueles alunos, não raro há a situação de choque cultural, em

que os professores, muitas vezes inconscientemente (e, em outras, nem tanto...), agem de modo discriminatório (o que se manifesta de forma mais evidente quando efetuam a correção dos usos linguísticos dos alunos, muitas vezes em nome de um ensino do correto), acentuando ainda mais os fatores que determinarão o fracasso escolar desse grupo. Certamente que o conhecimento das questões sócio-históricas que determinaram as características do vernáculo dos seus alunos, tornará o professor mais consciente e melhor preparado para encarar a realidade variável e heterogênea com a qual ele vai se deparar.

Diante disso, só uma mudança de posição, a começar pelos professores que lidam com os falantes do PPB, poderá produzir um modo de a escola cumprir com sua tarefa de ensinar a norma-padrão sem diminuir, sem discriminar os que possuem um vernáculo diferente. Essa mudança de posição vai também na direção de tornar os falantes do PPB conscientes da conotação social de sua norma e da norma escolar, a fim de realmente habilitá-los a fazer um uso – muitas vezes político e estratégico, mesmo – de certos recursos linguísticos nas situações em que os mesmos são uma exigência social e um imperativo para uma interação simétrica com seus interlocutores, seja por via escrita ou falada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ):** uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. Volume I, 163 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, 2v.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira.** São Paulo: Anhembi, 1955 [1920].
- AULER, Mônica. Difusão lexical num fenômeno de aspiração do português. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 1, v. 1, p.43-51, jul./dez., 1992.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa:** tradição gramatical, mídia & exclusão social. São Paulo: Loyola, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2011.
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna:** letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAXTER, Alan Norman. Creole-like features in the verb system of na afro-brasilian variety of portuguese. In: SPEARS, Arthur K.; WINFORD, Donald (Eds.). **The structure and status of pidgin and creoles.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997. p. 265-288.
- BAXTER, Alan N.; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 19, p. 65-84, 1997.
- BENAYON, Aline Rodrigues; GOMES, Christina Abreu. Aquisição da fricativa em coda no português brasileiro: variação e propriedades distribucionais. In: XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 2009, Lisboa. **Textos selecionados.** Lisboa, APL, 2009. p. 125-139.
- BISOL, Leda. O sândi e ressilabação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 159-168, 1996.
- BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; Petter, Margarida. **África no Brasil:** a formação da língua portuguesa. São Paulo: Parábola, 2008. p. 15-62.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemo na escola e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; GOMES, Cristina A; MALVAR, Elisabete. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Revista de Estudos da Linguagem**, n. 1, Faculdade de Letras da UFMG, p. 9-30, 1992.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. S em coda de sílaba à luz da geo e da sociolinguística. **Signum: Revista de Estudos linguísticos**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 103-122, jul., 2009.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Variação em coda silábica na fala popular fluminense. **Revista da ABRALIN**, v.7, p. 177-189, jan.-jun., 2008a.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Estudo variacionista sobre a palatalização de S em coda silábica na fala fluminense. **Anais do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, Universidade Estadual do Oeste do Paraná**, Cascavel-PR, 2008b, p. 1-8.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Sobre a palatalização num dialeto brasileiro. **Actes du XXII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes**. Bruxelles, 23-29 juillet, v. III., 1998.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Aspectos sociolinguísticos de um dialeto rural. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 61-69.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. O Atlas Etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro (Região Norte). **Atti del XXI Congresso di studi filologici e linguistici siciliani**, Università di Palermo, 18-24 settembre. p. 299-307, 1995.

BRESCANCINI, Cláudia Regina . A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano (SC): variáveis Região e Faixa Etária. In: II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, Paraíba. **Anais do II ECLAE**, 2004.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano: variáveis linguísticas. In: COLLISCHONN, Gisela; HORA, Dermeval da (Orgs.). **Teoria Linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Universitária, 2003. p. 291-326.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João Antônio. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: **Gramática do Português falado**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2002, v. 7. p. 537-556.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João Antônio. Variação dialetal no português do Brasil: aspectos fonéticos e morfossintáticos. In: **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n.14, Associação das Universidades de Língua Portuguesa. p. 106-118, dez., 1995.

CALLOU, Dinah; MARQUES, Maria Helena Duarte. O –S implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. **Littera, Revista para Professor de Português e de Literaturas de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ano V, nº 14, julho/dezembro, p.9-137. Grifo Edições, 1975.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio. A norma de pronúncia do –S e –R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, Suzana (Org.). **Diversidade lingüística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 133-147.

CALVET, Luis-Jean. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CANOVAS, Maria Irene Francisco. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala da cidade de Salvador**. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1991.

CARMO, Aline Fraga. **Colonização e escravidão na Bahia**: a Colônia Leopoldina (1850-1888). 139f. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2010.

CARVALHO, Rosana Siqueira. **Variação do /s/ pós-vocálico na fala de Belém**. 121f. Dissertação (Mestrado em Sociolingüística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2000.

CASTRO, Yeda Pessoa de. O português do Brasil, uma intromissão nessa história. In: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa. **África-Brasil**: caminhos da língua portuguesa. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2009. p. 175-184.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A matriz Africana no português do Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 81-116.

CHEN, Matthe Y.; WANG, William S-Y. Soud change: actuation and implementation. **Language**, vol.51, n.2, p. 255-281, jun., 1975.

CLEMENTS, Nanci. G.; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John A (Ed.). **The Handbook of phonological theory**. Oxford: Blckwel, 1995. p. 245-306.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ª ed. Porto Alegre; EDPUCRS, 2005. p. 101-133.

COSTA, Geisa Borges da. **O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses**. 141 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: KATO, Mary; ROBERTS, Ian (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, SP: EdUNICAMP, p. 163-175.

DITTMAR, Norbert. **Sociolinguistics: a critical survey of theory and application**. London: Edward Arnold Publishers, 1976.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 19-34.

DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de Lingüística**. 7ª ed. Tradução de Frederico Pessoa de Barros, Jesúna Domenica Ferretti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elisabeth Leuba Salum e Valter Khedi. São Paulo: Cultrix, 1999.

ELIA, Sílvio. **A unidade linguística do Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: _____ *et al.* **Diversidade do português do Brasil**. Salvador: UFBA, 1986. p. 21-32.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Influência Açoriana no português do Brasil em Santa Catarina**. Florianópolis: EDUFSC, 1989.

GOMES, Liliane Maria Fernandes Cordeiro. **Helvécia: homens, mulheres e eucaliptos (1980-2005)**. 2009. 229f. Dissertação (Mestrado e História Regional) – Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus-Ba, 2009.

GOMES, Luciana. **Atlas Fonético do Entorno na Baía de Guanabara – AFEBG**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

GRYNER, Helena; MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. A Pronúncia do –s pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ. In: MOLLICA, Maria Cecília; MARTELOTA, Mario Eduardo (Orgs.). **Análises Linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2000. p. 26-51.

GUY, Gregory Riordan. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no cone Sul**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2005. p. 15-38.

GUY, Gregory Riordan. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history**. 1981. PhD Dissertation. University of Pennsylvania, Ann Arbor. University Microfilms International, 1981.

GUY, Gregory. On the nature and originis of popular brasilian portuguese. **Estudos sobre el Español de América y Linguística Afro-americana**, Bogotá: Instituto Caro y Cuervom, p. 227-245, 1989.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Sao Paulo: Dp&a, 2006.

HAUPT, Carine. As fricativas [s], [z], [ʃ] e [ʒ] do português brasileiro. **Estudos Lingüísticos XXXVI**, n.1, janeiro-abril, 2007. p. 37-46.

HAUPT, Carine; BERRI, André. O processo de palatalização na fala de florianopolitanos nativos em corpus de fala espontâneo e controlado. **Revista Letrônica**, Porto Alegre, v. 2 , n. 2 , p. 02- 21, dezembro, 2009.

HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói, RJ: 7Letras, 2003. p. 69-89.

HORA, Dermeval da. Processo de palatalização das fricativas na língua portuguesa. **Revista do GELNE**, ano 1, n.2, 2007. p. 34-36.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes R. Comportamento da fricativa coronal pós-vocálica. In: RIBEIRO, Silvana Soares; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa; homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 111-128.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. Reanálise da consoante em final de palavra: coda ou ataque de núcleo vazio? In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói, RJ: EDUFF, 2008. p. 79-92.

HORA, Dermeval; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; CARDOSO, Walci. *Status* da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou *onset* com núcleo não preenchido foneticamente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 71-79, jan.-mar., 2010.

HOUAISS, Antônio. **O português do Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

KHRISHNAMURTI, Bh. Areal and lexical diffusion of change: evidence from Dravidian. **Language**, vol.54, n.1, p.1-20, mar., 1978.

KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Eds.). **The handbook of pidgin and creole studies**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2008.

LABOV, William **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**: internal factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010 [1994].

LABOV, William. **Principios del cambio lingüístico**. Volumen 2: Factores sociales. Trad. Espanhola de Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 2006 [1994].

LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, vol.57, n.2, p. 267-308 (jun.), 1981.

LADEFOGED, Peter; JOHNSON, Keith. **A course in phonetics**. Boston, Ma-USA: Wadsworth, 2001.

LE CALVEZ, Rozen.; PEPPERKAMP, Sharon.; DUPOUX, Emmanuel. Bottom-up Learning of Phonemes: A Computational Study. **Math. & Sci. hum. / Mathematics and Social Sciences**, 45, n.180, n.4, p. 99–111, 2007.

LIMA, Luciana Gomes de. 2006. V.1, 80 f. **Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara – AFEBG**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LIRA, Henrique Jorge Buckingham. **Colonos e Colônias, uma avaliação das experiências de colonização agrícola na Bahia na segunda metade do século XIX**. 1982. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1982.

LOBO, Tânia Conceição Freire; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Índícios de língua geral no sul da Bahia na segunda metade do século XVIII. In: LOBO, Tânia Conceição; RIBEIRO, Ilza; ALMEIDA, Norma (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Volume VI: Novos dados, novas análises. Tomo II. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 609-630.

LUCCHESI, Dante. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, Silvana Soares; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Dos sons às palavras**: nas trilhas da língua portuguesa; homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 83-110.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 41-73.

LUCCHESI Dante. Aspectos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói, RJ: EDUFF, 2008. p. 366-390.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói, RJ: 7Letras, 2003. p. 272-284.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-92.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil, **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 17, vol. 1, p. 97-130, 2001.

LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

LUCCHESI, Dante. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (Eds.). **Substandard e mudança linguística no português do Brasil**. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p.73-100.

LUCCHESI, Dante. Variação, mudança e norma: a questão brasileira. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). Diversidade linguística e ensino. **Anais do Seminário Nacional sobre a Diversidade Linguística e o Ensino de Língua Materna**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 69-80.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n.12, p. 17-28, 1994.

LUCCHESI, Dante; Baxter, Alan Norman. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan Norman. Processos de criouliização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyrá Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**. São Paulo: Pioneira, 1999.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTINS, Arlon. A pronúncia do fonema /S/ pós-vocálico no Português do município de Bragança-PA. In: RAZKY, Abdelhak (Org.). **Estudos Geo-Sociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Grafia, 2003. p. 33-53.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **“O português são dois...”** Novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola, 2006.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2005.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma (movimentos no interior do português brasileiro). In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). **Diversidade lingüística e ensino**. Salvador: EdUFBA, 1996. p.19-43.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2005. p. 11-81.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Aquisição de fonemas e alofones: *bottom-up* ou *top-down*? **Veredas on-line – Psicolinguística**, Juiz de Fora, n. 2, p. 112-124, 2008.

MELO, GLADSTONE Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MENON, Odete pereira da Silva; LAMBACH, Jane Bernadete; LANDARIN, Noely R. X. Nazareno. Alternância *nós/ a gente* nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 96-105.

MOLLICA, Maria Cecília. Difusão lexical em sintaxe. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 1, v.1, p. 79-84, jul./dez. 1992.

MOLLICA, Maria Cecília; MATTOS, Paula Barreto de. Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 1, n.1, v.1, 53-64, jul./dez., 1992.

MONTEIRO, Renata Conceição Neves. **A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá**. 84f. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MOTA, Jacyra Andrade. **O –s em coda silábica na norma culta de Salvador**. 455 f. 2002. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

MOTA, Jacyra Andrade. Consoantes constrictivas implosivas e vogais pretônicas no Nordeste. **ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, n.15, jul, p. 233-237, 1994.

MOTA, Jacyra Andrade; JESUS, Cláudia Santos de; EVANGELISTA, Grace Kelly Souza. O <S> em coda silábica em capitais brasileiras: dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). **Estudos Linguísticos e Literários**, n.41, p. 189-288, jan-jul, 2010.

Mota, Jacyra & Vera Rollemberg. Variantes africadas palatais em Salvador. In: Dermeval da Hora. (Org.). **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. pp. 131–140.

MOTA, Jacyra Andrade; ROLLEMBERG, Vera. Constrictivas implosivas em área nordestina. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 17, p. 79-86, jul, 1995.

MOTA, Jacyra Andrade; ROLLEMBERG, Vera. Consoantes implosivas: áreas conservadoras no ‘falar baiano’. **ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Linguística**. V1, n.1. p. 439-448, Maceió: Imprensa universitária/UFAL, 1989a.

MOTA, Jacyra Andrade; ROLLEMBERG, Vera. Constrictivas implosivas: alveolares ou palatais? **Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas**. Universidade de Santiago de Compostela, 1989b. p. 671-679.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**. LSA, 57(1):63-98, 1981.

NARO, Anthony Julius. Crioulização e mudança natural. **Estudos diacrônicos**. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 97-110.

NARO, Antony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

NARO, Anthony; SCHERRE, Marta. Sobre as origens do português popular do Brasil. **D.E.L.T.A.**, v.9, Número Especial, p.437-454, 1993.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NEESER, Herman. A Colônia Leopoldina (1858). **Publicação do Centro de Estudos Baianos**, Salvador-Ba, p.1-9, 1951.

NOLL, Volker. O mito da origem portuguesa do chiamento carioca. In: RIBEIRO, Silvana Soares; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa; homenagem a Jacyra**

Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 305-319.

NOLL, Volker. **O português brasileiro**: formação e contrastes. Tradução de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

OBERACKER JR. Carlos H. A colônia Leopoldina-Frankental na Bahia meridional: uma colônia européia de plantadores no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.148, n.355, p. 455-479 abril/junho, 1987.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. Análise quantitativa no estudo da variação linguística: noções de estatística e análise comparativa entre Varbrul e SPSS. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.17, n.2, p. 93-119, jun./dez., 2009.

OLIVEIRA, Marco Antônio. O léxico como controlador de mudanças sonoras. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 4, n.1, p. 75-91, jan.-jun., 1995.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da difusão lexical. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano1, n1, p. 31-41, jan-jun, 1992.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.31-58, jul./dez., 1997.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. The neogrammarian controversy revisited. **International Journal of the Sociology of Language**. Berlin, vol. 89, p. 93-105, 1991.

PAIVA, Maria da Conceição de. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo Real. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003. p. 31-46.

PALÁCIO, Adair P. Um caso de permuta consonântica no dialeto do Recife. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: EDUNICAMP, 1989. p. 25-33.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. **Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro**: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio? 149 f. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; Hora, Dermeval. Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Edição Especial, n.1, p. 1-16, 2007.

PELICLIOLI, Ronaldo. **A rênti tarra em carra mermo**: a aspiração de fricativas na fala de Salvador. 46 f. 2008. Monografia (Licenciatura em Letras Vernáculas) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

PERINI, Mário A. Fatos e hipóteses. In: _____. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo, Parábola, 2006. p. 27-34.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 1997.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.

PETTER, Margarida Taddoni. A influência africana no português brasileiro. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, 2011. p. 255-276.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. O *continuum* afro-brasileiro do português. In: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa. **África-Brasil: caminhos da língua portuguesa**. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2009, p. 159-174.

PETTER, Margarida Tarddoni. Línguas africanas no Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 117-142.

PHILLIPS, Betty. S. Word frequency and the actuation of sound change. **Language**, vol. 60, n. 2, p. 320-342, jun., 1984.

RAZKY, Abdelhak. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do *status* da variável <s> em contexto pós-vocálico no Nordeste do Estado do Pará. **Estudos Linguísticos e Literários**, n.41, p.169-188, jan-jun, 2010.

RÉVAH, I. S. La question des substrats et superstrats dans le domaine linguistique brésilien. **Romania**, n.84, p. 433-450, 1963.

RIBEIRO, Ilza. A crise Brasileira no ensino da norma culta. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, n. 3, p. 101-122, dez., 1999.

ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S. A. **GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for windows**. User's manual. October 2001.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 143-162.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. As línguas gerais sul-americanas. **Papia, Revista de Crioulos de Base Ibérica**, v. 4, n. 2, p.6-18, 1996.

RODRIGUES, S. H. A. **O –S pós-vocálico na fala da região Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro**. 100 f. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

RONCARATI, Cláudia. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In: ARAGÃO, M. S.; BARROS, K. S. M. (Orgs.). **Linguística**. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 1999, v. 1, p. 5-6.

ROSA, Maria Carlota. Revisitando as partes do discurso. In:_____. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 85-131.

ROSSETI, A. **Introdução à fonética**. Tradução de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Europa-América, 1999.

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U; DITTMAR, N. e MATTHEIER, K. J. (eds.) **Sociolinguistics – An international handbook of the science of language and society**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANTOS, Deisiane Rodrigues. **A variação do /S/ pós-vocálico na fala de Petrópolis, Itaperuna e Paraty**. 149f. 2009a. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009a.

SANTOS, Gredson dos. Modelação de dados e produção de “realidades” na análise sociolinguística. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 85-103, 2009.

SANTOS, Gredson dos. **Variação fonética em estudantes residentes em áreas rurais da Bahia**. 215f. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHANE, Sanford A. **Fonologia gerativa**. Tradução de Alzira Soares da Rocha, Helena Maria Camacho, Junéia Mallas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira Verthein de. Restrições fonético-fonológicas lexicais: O –s pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: MOLLICA, Maria Cecília; MARTELOTA, Mario Eduardo (Orgs.). **Análises Linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2000. p. 52-64.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira Verthein de. Variação e mudança: o caso da pronúncia do S pós-vocálico. **Revista da Associação Brasileira de Linguística**, n. 11, p.165-179, 1991.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do latim vulgar: o Appendix Probi**. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963 [1951].

SILVA, Taís Cristófar. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Taís Cristófar. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, Taís Cristófar; ALMEIDA, Leonardo; GUEDRI, Christini. Perda da Marca de plural no português brasileiro: contribuições da fonologia. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.15, n.2, p. 207-228, jul./dez., 2007.

SILVA, Thaís Cristófar; GOMES, Christina Abreu. Aquisição fonológica na perspectiva multirrepresentacional. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 179-191, março, 2007.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística**: teoría y análisis. Madrid: Alhambra, 1988.

SMITH, Norval S. H. Creole phonology. In: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Eds). **The handbook of pidgin and creole studies**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2008. p. 98-129.

SOARES, Magda Becker. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 155-178.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing sociolinguistics variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas, SP: UNICAMP, 1993a. p. 35-68.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas, SP: UNICAMP, 1993b. p. 369-106.

TASCA, Maria. **Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WOODS, Anthony; FLETCHER, Paul; HUGHES, Arthur. **Statistics in language studies**. London: Cambridge University Press, 2003 [1986].

